

Robert Charroux

O LIVRO DOS SENHORES DO MUNDO

DIFUSÃO EUROPEIA DO LIVRO

ENIGMAS
DE TODOS
OS TEMPOS



ROBERT CHARROUX

O Livro
dos
Senhores do Mundo

Tradução
de
ANA DA COSTA



LIVRARIA BERTRAND
APARTADO 37 — AMADORA

DIFUSÃO EUROPÉIA DO LIVRO
SÃO PAULO — BRASIL

«Os nossos ouvidos, habituados desde os primeiros anos a ouvir as suas histórias falsas, e os nossos espíritos, imbuídos desses preconceitos desde há séculos, conservam como um depósito precioso essas suposições fabulosas... de tal forma que fazem aparecer a verdade como uma extravagância e dão a lendas adulteradas a aparência da verdade.»

**Escrito por Sanconiaton
há 4000 anos.**

Este livro é dedicado a Sanconiaton, pioneiro das verdades primeiras.

Título da edição original:

LE LIVRE DES MAÎTRES DU MONDE

Capa de José Cândido

© 1967, by Robert Laffont

*Todos os direitos reservados para a publicação desta obra
em língua portuguesa pela
LIVRARIA BERTRAND, S. A. R. L. — Lisboa*

Composto e impresso nas Oficinas Gráficas da
Livraria Bertrand (Imprensa Portugal-Brasil)
Rua João de Deus • Venda Nova-Amadora

Acabou de imprimir-se em Janeiro de 1973

Agradeço aos meus amigos da Table Ronde que me ajudaram com os seus conhecimentos e aos meus correspondentes e amigos, a quem devo uma preciosa documentação: Jeannine Bausant; arqueólogo Michel Danguy; escritores Roger Delorme, Jean-Albert Foëx, Jimmy Gieu, Guy Laclau e Michel Ponge-Helmer; historiadores Jean Roy, Michel Simkine e M. Stark.

O meu reconhecimento vai também para a minha fiel colaboradora Yvette Charroux, e para Catherine Krikorian pela sua documentação fotográfica.

OS SENHORES DO MUNDO

INTRODUÇÃO

Os homens habituam-se mal ao fantástico do seu tempo e recusam dar atenção às consequências que, lógicamente, daí derivam.

Da mesma forma, têm repugnância em imaginar o passado fora das imagens estereotipadas da biblioteca cor-de-rosa dos velhos livros da escola.

No entanto, avizinha-se a colonização da Lua, e este primeiro passo conduzi-los-á, inevitavelmente, à conquista dos outros planetas.

É a verdade de amanhã.

Quando os homens da Terra estiverem em Vénus, em Marte ou mais longe ainda, é possível que encontrem uma humanidade aos olhos da qual serão os verdadeiros senhores do mundo.

Ora, o que provavelmente existirá amanhã foi certamente vivido pelos nossos antepassados, há alguns milénios.

Temos inúmeras provas da vinda, outrora, ao nosso globo, de seres extraterrestres que foram chamados deuses, anjos, iniciadores ou demónios.

O homem do século xx já não acredita nesses fantasmas, nos deuses que participavam na vida social, nos

anjos que ensinavam a fusão dos metais e a agricultura, que traziam o trigo, a bebida da iniciação... e que seduziam as mulheres belas.

Já não acredita nas nuvens, nos carros celestes habitados por criaturas etéreas e imortais.

O seu tempo, as suas experiências, as suas realizações técnicas e a sua inteligência ordenam-lhe que racionalize estas imagens antigas, que dê uma identidade humana a esses deuses, a esses demónios, uma consistência às suas visões.

Um ser que vem do espaço é um cosmonauta.

Um objecto que se propulsiona na nossa atmosfera é um avião.

Uma «revelação» secreta é um ensinamento transmitido do homem para o homem.

É esta a verdade do século xx, tal como era na história dos tempos antigos, antes que os factos fossem encerrados na ganga das lendas, ou deteriorados por razões políticas ou religiosas.

Os acontecimentos tomam então um sentido razoável: vieram cosmonautas dum outro planeta, os *autênticos Senhores do Mundo*.

Evidentemente, nós entendemos por mundo o nosso planeta, mas os poderes deles eram talvez mais vastos do que pensamos.

De qualquer modo deixaram nessa época as suas marcas nas civilizações da Terra, visto que se pode encontrar na origem de todas as línguas uma raiz universal, decifrável no sânscrito.

Do mesmo modo, surgiram símbolos, repentinamente, em todo o globo: a *serpente alada* ou dragão, insígnia do foguetão espacial, o *cavalo*, para os senhores do mundo

antes do Dilúvio, e o *touro*, atributo dos senhores pós-diluvianos e do seu planeta de origem: Vénus.

Os primeiros senhores, aqueles que identificamos aos anjos bíblicos, vieram há mais de 12 000 anos e constituíram dois blocos antagónicos, um na Atlântida, o outro na Terra de Mu. Eram os *nefilim* citados pelos Hebreus, o que significa: gigantes magníficos autores de prodígios.

A sua rivalidade degenerou em guerra atómica e provocou a destruição da humanidade por um dilúvio universal.

Depois houve novo ciclo, ainda marcado pela chegada de estranhos ao nosso planeta.

Há 5000 anos, deu-se um grande fenómeno meteorológico no nosso céu e os «deuses» reinaram nos países civilizados.

Os mais comuns tinham por nome: Viracocha, no Peru; Quetzalcoatl, no México; Baal, na Ásia Menor; todos se identificavam ao planeta Vénus, todos tinham vindo numa serpente voadora, todos ostentavam o sinal do touro.

Foi nessa época que, como no Egipto e na Índia vários milénios antes, e pelo mesmo fenómeno, floresceram cinco civilizações: os Fenícios, os Assírios, os Babilónicos, os Incas e os Maias.

Será possível negar a evidência dos factos?

Os «vindos à Terra», como lhes chamaram mais tarde os profetas, tinham a onipotência que lhes davam os seus conhecimentos científicos, os seus aviões e armas, que tudo indica eram atómicas, visto que destruíram Sodoma, Gomorra e outras cidades.

Os Hebreus, os Hindus e os Gregos referiram-se às suas nuvens, carros volantes, e Ezequiel descreveu-os como tendo visto «seis homens, cada um com um enge-

nho de morte», tornarem-se senhores de Jerusalém, que, no entanto, devia ter milhares de habitantes e soldados armados!

Assim, puniam, recompensavam, ensinavam, deslocavam-se à vontade pelo espaço e comandavam as nações.

Incontestavelmente, eram eles os Senhores do Mundo e só se tornaram deuses e demónios muito depois de terem desaparecido — partida ou morte —, à medida que os homens lhes prestaram justas honras, ou, pelo contrário, quiseram apagar a sua memória em benefício dum outro senhor mais absoluto: Deus.

É esta história dos Senhores do Mundo que vamos evocar através da nossa história oculta, referindo-nos aos documentos que deixaram, aos acontecimentos que suscitaram, aos testemunhos que dão da sua vinda: manuscritos, tábuas e livros.

A verdade do passado é tão fantástica como o será a verdade de amanhã.

CAPÍTULO PRIMEIRO

A CENTRAL DA CONTRAVERDADE

A história autêntica das civilizações é proibida. Conspirações poderosas velam para que seja estritamente observada uma versão alterada, a única que é permitido exprimir.

Homens que se crêem emancipados de qualquer preconceito, por serem livres-pensadores, anarquistas ou franco-mações, estão na realidade profundamente enfeudados a psicoses, ou submetidos a um poder ditatorial que condiciona as suas actividades e comportamento.

A nossa história social e religiosa é deturpada desde há milénios... desde que os Egípcios, esquecendo ou querendo esquecer as verdades transmitidas pelos antepassados, se outorgaram o título de iniciadores primeiros e de primeiros homens do nosso planeta.

Os Gregos, por sua vez, esqueceram-se de citar as suas fontes, de prestar homenagens aos antepassados celtas e egípcios, e fizeram da sua pátria o berço da humanidade.

Depois vieram os Hebreus. Foi o golpe de misericórdia.

A empresa só podia ter êxito se fosse mantida pela força de dogmas imperativos de carácter religioso. Assim foram lançados e impostos novos mitos e religiões cuja

função foi a de hipnotizar as massas e desviá-las das verdades originais.

Dois mil milhões de seres humanos, nos nossos dias, têm uma formação intelectual e psíquica moldada nos arquétipos bíblicos. Podem ter livre arbítrio sobre uma grande quantidade de assuntos, como, por exemplo, ciência, comércio, indústria; mas recusam-se a tomar atitudes racionais sempre que se trata de génese, pré-história, história e religião.

Para permitir a libertação e o despertar desses espíritos hipnotizados é necessário encontrar e apresentar provas:

1. Da existência de conjuras de contraverdade;
2. Que a história ensinada é *ao contrário* da realidade dos factos.

É o que vamos tentar fazer.

As palavras que é proibido pronunciar

A palavra «anjo» é de tal modo perigosa¹ que os rabis a baniram do rito e os cristãos, no Concílio de Laodiceia, em 366, proibiram que «se designassem os anjos pelo seu nome»!

Desde há 2000 anos, um outro nome aterroriza os historiadores encarregados de ressuscitar a história fenícia e assírio-babilónica, o nome do planeta mais brilhante do céu: Vénus.

Os redactores da Bíblia e os exegetas evitam, igual-

¹ Ler a este respeito a obra do mesmo autor *O Livro dos Segredos Traídos* (*Le Livre des Secrets Trahis* na edição original), que brevemente será incluída nesta colecção. A importância deste livro na bibliografia de Robert Charroux pode aquilatar-se pelo número de referências que aqui lhe são feitas. (N. do E.)

mente perturbados, escrever ou deixar subentender o nome execrado!

Porquê? Porque essa palavra, intimamente ligada à palavra «anjos», é a chave da génese dos homens, da verdadeira génese, aquela que precisamente a conjura tem a missão de fazer esquecer.

Em resumo, há 5000 anos, os deuses da humanidade eram estrangeiros vindos do espaço. Eram mortais e foram eles os civilizadores dos nossos antepassados, como provaremos neste livro. Esta revelação, evidentemente, opõe-se à História tal como querem fazer po-la crer.

A designação de Vénus como pátria original dos deuses explica-se facilmente pelo facto de que há 5000 anos este planeta de brilho particular veio intercalar-se no nosso sistema solar entre a Terra e Mercúrio. Antes, ele não existia no nosso universo visível.

A história da Ásia Menor é dirigida por Vénus, ao qual se identificam os deuses principais: Baal, Astarte, Istar, Marduc, Bel, Achur...

As civilizações das três Américas — Planície do Norte, Peru, México-Iucatão — estão sob o mesmo signo, tendo como deuses respectivos a Estrela da Manhã ou «Grande Estrela», Orejona, Viracocha, Quetzalcoatl e Kukulcan.

Podemos, portanto, dizer que todas as civilizações do globo posteriores ao ano 3000 antes da nossa era são tipicamente venusianas, com iniciadores ou homens deificados, que passavam, com verdade ou não, por serem originários de Vénus e terem vindo numa máquina voadora.

Inculcou-se o princípio do mito solar a uma humanidade hipnotizada para que ela não pudesse imaginar que os «anjos» eram homens, o que afastava a ideia da viagem sideral e das civilizações desaparecidas, verdades que iriam destruir a extravagante lenda construída pelas con-

juras egípcias, gregas, hebraicas e cristãs, desejosas de provar a sua anterioridade sobre os outros povos.

Nos nossos dias, a psicose subsiste: os livros escolares, as mitologias gerais e os dicionários escondem a verdade e só apresentam a versão clássica e obrigatória.

Nós vivemos na Ásia

É curioso estudar como o continente Europa tomou este nome, em contradição com os dados etimológicos mais naturais.

Esta palavra deriva do hebreu *oreb* ou *ereb* = noite, crepúsculo, ou do grego *europê* = lugar sombrio.

Portanto, seria adequado para os países do Oriente, mas falso para a América, que nos situa em pleno sol-nascente.

Moisés chamava à Europa «a Ilha das Nações», e os escritores sagrados chamavam-lhe *Japetia*. A palavra é empregada pela primeira vez num hino homérico dedicado a Apolo, onde se opõe a Europa do crepúsculo às ilhas gregas e ao Peloponeso.

Seja como for, a etimologia da palavra «Ásia» interessa-nos muito mais porque está na linha das nossas tradições mais antigas.

Ásia viria do fenício *asir*, que significa: central, derivado do escandinavo *ase* = deus.

Esta raiz é a mais segura, porque os Fenícios descendiam dos Pelasgos, «antepassados vindos dos mares do norte», cujos deuses eram chamados *Ase*s.

Isto é de tal forma provável que os povos fenícios, frígios e assírio-babilónicos davam aos seus deuses e deu-

sas nomes onde se encontrava a raiz celto-escandinava: Astarte, Astaroth, Asmodeu, Ascherá.

Quando falam de Osíris, os Egípcios dizem foneticamente o deus Asar!

O que é também o nome (Asari) do grande deus dos Babilónicos: Marduc.

Será bom lembrarmo-nos também que no *Livro de Henoch* o anjo-cosmonauta que iniciou os homens tinha por nome Azazel.

O que seria justo era que a Europa, da Gália ao Cáucaso, fosse chamada Ásia.

Segundo Estrabão e Ptolomeu, o povo dos Ases habitava junto do Cáucaso, na região do mar de Azov e de Astracã, primeira pátria da raça branca quando desceu do planalto do Irão depois do Dilúvio.

Os povos dos Ases não têm nada a ver com a raça amarela.

Nos velhos poemas escandinavos e na mitologia do Ocidente a terra sagrada onde habitam os deuses é *Asgard* ou *Asaland*.

Os antigos deuses dos Franceses

Desde os seus inícios, a História partiu portanto de bases falsas, visto que o branco se tornou amarelo, o bom foi substituído pelo mau e vice-versa.

Por razões religiosas muito louváveis, dada a natureza dos tempos, os Hebreus, desejosos de impor o deus único, tiveram de satanizar os deuses ancestrais.

Ora, uma vez que a raça branca tinha feito surgir a sua civilização mais antiga entre os Celtas, os deuses dos nossos antepassados foram particularmente visados.

Esses deuses ou Ases eram Cernuno, Eso, Teutates, Tor, mas na época em que ia exercer-se a segregação o inimigo mais temido era o Baal dos Fenícios, ao mesmo tempo deus do planeta Vénus e senhor do Norte, visto que este nome lhe tinha sido dado em homenagem aos deuses celtas Bel, Belin, Belenus e Belinus, sem esquecer a deusa Belísama, «semelhante à chama»².

O segundo adversário era, evidentemente, *Astarte* (o próprio planeta Vénus), assim chamada em homenagem aos Ases, muito provavelmente vindos do céu, porque foram também raiz da palavra «astro»: *aster*, *astrum* = estrela, quer dizer, Vénus.

Na Antiguidade, o astro não era estrela nem qualquer outra coisa, mas simplesmente Vénus.

Os antigos deuses dos Hebreus

Nesse tempo, os Hebreus, que Moisés queria converter, adoravam portanto Baal e Belenus, deuses dos seus antepassados arianos.

De resto, é do que se lamenta Oseias no Antigo Testamento: o Senhor acusa as esposas dos Hebreus de serem adúlteras.

«Levantai-vos contra a vossa mãe», diz ele, «que as suas fornicações não voltem a transparecer no seu rosto, nem os seus adultérios entre os seus seios...» (Oseias, II-2.)

«Vingar-me-ei dela pelos dias que consagrou a Baal...

² Belísama, semelhante à chama, é o planeta Vénus «de crina de fogo», como diziam os Antigos, que o viram vir sob forma de cometa. Belísama, deusa celta, é, portanto, muito mais recente que Belinus, Eso ou Teutates, o deus único.

nesse dia, ela chamar-me-á esposo e não me chamará já Baali...» (II-16.)

Falando dos homens, o Senhor acrescenta:

«Eles sacrificam no alto das montanhas... *assim como*³ sob os carvalhos, sob os plátanos e sob os pinheiros...» (Oseias, IV-13.)

Sacrificar sob os carvalhos... eis uma alusão clara à fogueira celta, druídica, tal como a expressão deve ser interpretada.

Por isso se torna fácil compreender por que razão os nossos demónios, os nossos diabos, têm nomes que começam por As, Az Bal ou Bel.

É o caso de Azazel, demónio misterioso que os Hebreus transformaram em bode expiatório, Astarte, Astaroth, ávidos de sacrifícios humanos, Asima, semelhante ao burro ou ao bode... e Baal, identificado a Moloch, devorador de crianças, Belial, demónio da pederastia, Belfegor, deus fálico, Belzebu, príncipe dos demónios, Baaltis, demónio dos amores licenciosos e deusa da prostituição.

Como poderemos agora fazer crer que todos estes deuses vilipendiados foram vítimas inocentes? Como poderemos reformar a História?

Os Hebreus são arianos puros

Não é um paradoxo: os Hebreus eram arianos puros, quer dizer, brancos provindos do planalto do Irão, donde se dispersou a nossa raça depois do Dilúvio.

O berço ancestral deslocou-se em seguida para a antiga

³ Estas palavras estão sublinhadas na Bíblia.

Céltia — a necessidade atávica dos primeiros homens de regressarem à origem atlante —, depois desenvolveu-se na Europa e na Ásia⁴.

A mais jovem das nações ocidentais, visto que só data de 1500 a. C., foi a dos Hebreus.

Anteriormente, este povo era formado por tribos de fenícios, babilónicos, frígios, caldeus, assírios e árabes.

A julgar pelos seus costumes, escrita e religião eram na maioria de origem fenícia.

Os Fenícios descendem, diz a tradição, dos «filhos do vento», que eram sem dúvida os Pelasgos, mas sabemos que veneravam um deus venusiano com nome celta: Baal, cujo culto se celebrava, não num templo, mas *num bosque de carvalhos*, segundo diz Oseias.

Tinham mesmo dado à estrela de Baal e de Astarte oito raios em memória do número 8, sagrado entre os Druidas e os Celtas, onde floresceu a primeira cavalaria do mundo.

O cavalo, símbolo do Posídon dos mares, era de tal forma considerado entre os Gauleses que não era permitido utilizá-lo senão para trabalhos nobres, entre os quais a guerra.

Quando Vercingétorix se rendeu a César, lançou aos seus pés as armas e o escudo, mas não entregou o cavalo, que considerava como fazendo parte do seu próprio corpo.

Mais tarde, os Templários, herdeiros da bravura e da lealdade célticas, conservarão o carácter sagrado do número 8.

Quanto aos Frígios, eram pelasgos puros, portanto escandinavos, francos.

⁴ Foi entre os Druidas, herdeiros das tradições mais sábias, que Pitágoras foi encontrar a iniciação.

Ollivier de la Marche, cronista do século xv, escreveu nas suas *Memórias* que Francio, filho de Heitor, exilado e expulso de Tróia, depois da tomada da cidade pelos Gregos, veio para uma terra do Ocidente chamada hoje França, e fixou-se em Lutécia, a que chamou Paris, do nome do seu tio Páris de Tróia.

Esta relação está longe de ser tão fantasista como se possa pensar.

Segundo Claude Fouchet, nas suas *Antiquités Gauloises*, os Druidas garantiam que a população da Gália era constituída, em parte, por homens que tinham fugido aos Gregos depois da destruição de Tróia.

Além disso, é curioso notar que o lírio dos pântanos, a nossa flor-de-lis, insígnia da realeza, depois de ter sido a da raça franca dos pântanos de Yssel (Francos-Salianos), foi também antecessor do barrete frígio, símbolo da liberdade, que adoptaram misteriosamente os revolucionários de 1789.

O historiador Laurence Talbot, que recorda estas tradições⁵, acrescenta que os Frígios, ao virem fixar-se no Norte e Oeste da Europa, não faziam mais que executar um regresso às suas terras ancestrais.

Quanto à palavra Israel, a sua raiz está ligada aos deuses Ases, visto que *as* e *is* se permutam facilmente, o que explica os nomes da cidade de Ys, de Yssel, de Isere, etc., assim como da deusa Ísis, irmã e esposa de Asar (Osíris).

Estes dados permitirão compreender por que razão Stanislas de Gaita escrevia a Péladan:

«Afirmo que Saint Yves d'Alvèdre (na *Mission des Juifs*) estabeleceu duma forma irrefutável, inegável, a

⁵ *Les Paladins du Monde Occidental*, de Laurence Talbot.

origem comum e procéltica dos Semitas, dos Arianos e dos Celtas da Europa.

Os Semitas são originàriamente arianos... de resto, o sábio filólogo Eugène Burnouf classifica os Semitas entre os Indo-Europeus.»⁶

Os historiadores pré-históricos procuram em vão encontrar-nos um antepassado símio donde teriam provindo todas as raças. É de uma desfaçatez tão grande como querer operar uma discriminação, e portanto uma segregação, na raça branca, o que automaticamente conduz aos terríveis excessos que se conhecem.

O facto de a História ter sido deturpada outrora, desde os deuses até às raças, deve ser atribuído a quem?

Aos Hebreus? Não! Mas a uma conjura de iniciados, dos quais faziam parte Moisés e o faraó Akhenaton, que, no intuito de evitar calamidades, lançaram a operação «Deus Único».

Não podemos saber se se evitaram calamidades, mas talvez possamos acusar esse Deus, no fim de contas responsável por tantas desgraças e cuja história, tal como no-la contam, é muito sujeita a caução.

No princípio Deus criou o Mundo

A primeira linha da Bíblia (Cap. I, vers. 1) constitui sem dúvida o versículo mais conhecido do mundo e o dogma mais absoluto:

No princípio Deus criou o Céu e a Terra

* O puro tipo judeu representado por Jesus e pela casta dos Asquenazes tem os olhos azuis e os cabelos louros ou ruivos.

São estes os primórdios; Deus é o criador dum universo que teve um começo, o que parece razoável.

No entanto, parece haver um triste quiproquó na primeira frase do grande livro sagrado, ou talvez um erro de tradução e de interpretação.

O hebraísta J. M. Vaschalde imputa este erro ao «complexo divino» que até hoje tem afectado os tradutores da Bíblia, e apresenta uma versão que submetemos aos exegetas.

בְּרֵאשִׁית בְּרָא אֱלֹהִים אֶת

הַשָּׁמַיִם וְאֶת הָאָרֶץ :

Traduz-se geralmente esta primeira frase por «No princípio, Deus criou os céus e a Terra.»

Ora, «no princípio» é uma palavra composta que pode ter dois sentidos (como é hábito na primeira palavra de muitos dos textos herméticos ou para iniciados). Decompondo-a, obtemos com efeito a partícula e o substantivo, que significa «princípio».

Mas a partícula pode significar «em» ou «com», o que se pode traduzir ou «no tempo do princípio» (tradução usual), ou «com o que restava de outrora» (tradução mais próxima duma verdade histórica).

A terceira palavra, «Elohim», traduz-se «Deus».

É curioso que, para um povo monoteísta, o nome de ELOHIM esteja no plural, enquanto todos os outros

nomes de Deus estão no singular. Não se trata portanto de Deus, mas mais propriamente de «seres divinos».

Deve-se notar também que os Elohim são construtores de universos, deuses operários, criadores, ao passo que o deus encolerizado e vingador tem sempre o nome de IHWH, que os Judeus nunca pronunciam e que na maior parte dos *thoroth* se encontra escrito, não em aramaico, mas em fenício, tal é o terror que inspira o nome sagrado.

Restabeleçamos agora o primeiro versículo da Bíblia, na sua segunda tradução gramaticalmente possível, e obteremos:

«Utilizando o que restava (depois do cataclismo?), seres do céu (re)criaram os Céus e a Terra.»

E assim tudo se altera!

A *Génese* (Cap. I, vers. 1) só conta uma fase recente — com apenas alguns milénios — da recriação do mundo por seres celestes ou vindos do céu (os Elohim), que não se devem confundir com Deus (IHWH).

A recriação fez-se provavelmente depois dum cataclismo, visto que foi com «o que restava de outrora», quer dizer, com os vestígios dum mundo anterior, que tinha sido destruído.

Elohim em máquinas voadoras

J. M. Vaschalde, continuando a sua tradução, nota que se faz alusão, dois versículos a seguir, «ao sopro dos reactores das máquinas intergalácticas utilizadas pelos Elohim».

Traduz-se habitualmente esse versículo por: «e o espírito de Deus pairava à superfície das águas», passagem

pouco inteligível, visto que as mesmas palavras significam também:

*e o sopro dos seres divinos
agitava a superfície das águas,*

o que é menos de admirar quando se fala de físicos ou de cosmonautas.

Não podemos a partir daqui acreditar no fenómeno conhecido nos nossos dias sob o nome por vezes abusivo de «discos voadores», mas todas as mitologias e os textos sagrados levar-nos-ão inelutavelmente a estudar o mistério destes engenhos que serviram de «nuvens», de «carros», de «discos alados», em suma, de veículos voadores, aos anjos e aos deuses, quer dizer aos Senhores do Mundo.

Até se escondia que a Terra era redonda!

Durante os primeiros mil anos da era cristã, os escribas empenharam-se em fazer desaparecer todas as obras de história autêntica.

Foi nessa época que os antigos deuses benfeitores tomaram a reputação de diabólicos, cruéis e pornográficos.

As massas não esclarecidas não tinham nem meios intelectuais nem o direito de reagir, mas o fenómeno mais espantoso foi o silêncio inqualificável das castas cultivadas: sábios, clérigos, escritores e padres.

Os manuais de História enfeudados aos conjurados fizeram crer ao homem que a Terra era plana.

Ainda nos nossos dias, alguns «historiadores» asseguram que, contrariamente às crenças da época, Cristóvão Colombo, em 1492, sabia que a Terra era redonda!

Da mesma forma, todos se tomam de piedade diante do infeliz Galileu, obrigado a proclamar, de acordo com as declarações da Bíblia, que a Terra não se movia! ⁷

A verdade histórica é muito diferente. No século xv, *todo o mundo culto, em todas as latitudes do globo, sabia que o planeta Terra era redondo, tanto Cristóvão Colombo como a rainha da corte de Espanha!*

Igualmente no tempo de Galileu, sabia-se que a Terra girava em volta do Sol. Sabiam-no mesmo desde há dois ou três mil anos, mas todos se calavam, por ordem, por medo, por cobardia.

O historiador grego Museu, que viveu por volta de 1400 a.C. (há portanto trinta e três séculos), foi autor dum tratado — que não chegou aos nossos dias — intitulado *A Esfera*.

Museu, que foi um grande sacerdote dos Mistérios de Elêusis, era um grande iniciado e os espíritos da época não compreendiam que tivesse escrito uma tese sobre a esfera sem saber que a Terra era redonda.

Três séculos antes da nossa era, o poeta grego Arato, autor dum tratado de astronomia intitulado *Os Fenómenos*, tinha descrito as esferas com precisão bastante para concluirmos que ele não tinha qualquer dúvida sobre a esfericidade da Terra e sobre a gravitação universal.

Arato não era um desconhecido; era, pelo contrário, uma personagem célebre. Viveu na corte de Ptolomeu Filadelfo, rei do Egito, que mandou traduzir para o grego a Bíblia hebraica (versão dos setenta).

⁷ Sabe-se que Galileu em 1633 teve de abjurar de joelhos diante dos inquisidores o sistema de Copérnico, que provava que a Terra girava à volta do Sol. Foi nesta ocasião que ele pronunciou as célebres palavras: *Eppur si muove!* (E no entanto ela move-se!)

Arato foi comentado ou traduzido por Eratóstenes, Hiparco, Cícero, César, Ovídio, etc.

Vários séculos antes, os Hindus*, os Mexicanos e os Incas tinham provado que possuíam excelentes noções de cosmografia e, duzentos anos antes de Arato, os filósofos Pitágoras e Platão tinham ensinado a esfericidade e a rotação terrestres*.

O escritor árabe Maçoudi, no século x, escrevia no seu livro *As Planícies de Ouro*:

«A esfera executa a sua rotação à volta de dois eixos ou dois pólos, que se podem comparar às ferramentas do carpinteiro ou do torneiro que fabricam bolas, malgas e outros objectos de madeira...»

No ano 1000, o papa mais sábio de toda a cristandade, Silvestre II (de nome Gerbert, nascido em Cahors, Lot), demonstrava *experimentalmente, com o auxílio de três esferas por ele inventadas, que a Terra era redonda e girava à volta do Sol*.

Copérnico, por volta de 1500, Tycho Brahé e Kepler, no século xvi, tinham publicado obras e enunciado leis

* O matemático e astrónomo hindu Aryabhatta, que viveu no início da nossa era, conhecia as verdadeiras causas dos eclipses, o movimento diurno da Terra em volta do seu eixo e a duração do ano, afirmando que a luz estelar e lunar provinha do Sol. Mas os Vedas 2000 anos antes de Aryabhatta tinham enunciado estes dados, assim como os livros sagrados da maior parte das antigas civilizações. Os Druidas ensinavam uma cosmografia muito precisa e diziam que o Universo tinha sido formado por uma onda vibratória primordial (representada pela serpente pairando sobre as águas). Segundo Estrabão, «eles (os Druidas) pretendiam sondar os mistérios da Natureza e predizer as revoluções que o Universo vai sofrer ainda». Só os povos negros de África ignoravam a gravitação universal e a esfericidade da Terra. Os ateus, não sem humor, tinham concluído daí que só os deuses negros, Jeová e Jesus, eram ignorantes no panteão dos deuses terrestres. Sabemos no entanto que os rabis iniciados tinham todos os conhecimentos de Aryabhatta e de Copérnico, mas ocultavam-nos ciosamente.

* Por volta de 450 a. C., Pitágoras ensinou aos sábios do Egipto «que a Terra executava rotações sobre si própria e à volta do Sol», o que é relatado por Ovídio no último capítulo das *Metamorfoses*.

que sem dúvida fizeram escândalo, mas que se sabia serem baseadas numa verdade científica.

Como podiam os prelados que julgaram Cristóvão Colombo e Galileu ignorar estes factos?

Incontestavelmente, a casta culta tinha esses conhecimentos elementares de cosmografia, mas, durante séculos e séculos, o mundo inteiro calou-se, e tudo se passava como se ninguém o soubesse, como se todos estivessem de boa-fé!

Que poder prodigioso tinham pois as conjuras para impor esta hipnose?

Moisés não escreveu o «Génese»

O *Génese*, segundo a tradição, foi revelada por Deus e escrita pelos patriarcas hebreus; diz-se que também por Moisés.

Esta explicação escapa a toda a crítica racional e é provável que o Livro I da Bíblia se tivesse inspirado na *História Fenícia*, escrita por Sanconíaton muito antes de os Hebreus serem conhecidos e terem escrito o Antigo Testamento.

Evidentemente, seria muito vantajoso para alguns negar a grande antiguidade deste livro tão precioso para a história humana, ainda que ele deite por terra alegações consideradas como sagradas.

Se o *Génese* é um documento falso, ou uma cópia, a Bíblia não tem qualquer valor, os Hebreus não passam de amáveis inventores de lendas e o Senhor é um fantasma ao qual é inútil invocar, orar ou temer.

Por aí se vê o interesse capital que tiveram os cren-tes de alegar que o livro de Sanconíaton era ou uma

pura invenção literária ou uma obra mais recente que a Bíblia.

Como se tornava perigoso provocar um debate público sobre este enigma, a melhor política foi a de mergulhar o livro no esquecimento. Foi o que se fez.

Já tínheis ouvido falar de Sanconíaton?

A ordem para que ele fosse esquecido foi bem seguida! Os ateus, muitas vezes pouco versados em conhecimentos históricos, negligenciaram o autor fenício, e os historiadores cultos que pudessem falar dele tomaram precauções para não terem de enfrentar a implacabilidade da justiça cristã.

A *História Fenícia* não chegou até nós. Foi traduzida no século I por Fílon de Biblo, tradução que desapareceu misteriosamente, como misteriosamente desapareceram durante os primeiros séculos da nossa era todos os livros de História autêntica que pudessem ser contrários à História segundo o Antigo e o Novo Testamento.

Nada teria ficado da obra de Sanconíaton se, no século III, uma controvérsia célebre não tivesse oposto o sábio filósofo grego Porfírio (de origem síria) a Eusébio, bispo de Cesareia.

Um deles, Porfírio, baseando-se na tradução de Fílon (que ainda existia), declarava que Moisés tinha copiado da *História Fenícia* o essencial dos textos da *Génesse*.

O outro, Eusébio, refutava Porfírio, reproduzindo as principais passagens do livro¹⁰.

Em quem acreditar, naquele que, formalmente, acusava Moisés de plágio, ou naquele que afirmava que a *Génesse* era o fruto duma revelação divina concedida ao grande patriarca?

¹⁰ Daremos estas passagens no capítulo II.

Eusébio, para destruir os argumentos de Porfírio, publicou primeiro textos da *História Fenícia*, depois assegurou que Sanconíaton nunca tinha existido, e que o livro tinha sido escrito por Fílon para combater o cristianismo. De repente, a querela mudava de tom: o bispo de Cesareia, implicitamente, reconhecia portanto que um fragmento do texto fenício era idêntico à *Génesis* da Bíblia, mas alegava que Fílon era um falsificador.

Foi uma tática desastrosa, porque vários autores antigos tinham falado do historiador fenício e, referindo-se às suas citações, o gramático Suídas pôde mesmo revelar os títulos de três das suas obras, das quais uma parte foi recolhida nos *Fragmenta Historicorum Græcorum*, de C. Müller.

Eusébio não manteve a sua acusação e contentou-se em baralhar as cartas para semear a dúvida.

De resto — citamos o historiador Ernest Renan —, «Porfírio não era um falsificador, mas um bibliófilo erudito.

O seu carácter, tanto quanto se pode julgar pelos próprios escritos, foi o de um polígrafo consciencioso... começando por nos surpreender o seu tom de boa-fé... Expõe com simplicidade o desejo que tinha de conhecer a verdade, os trabalhos por que passou para o conseguir, a grande quantidade de livros que leu, as dúvidas que lhe causaram divergências de certos testemunhos...»

Entre o honesto Porfírio e o piedoso Eusébio, há que escolher!

Para complemento de informação, devemos assinalar que Eusébio, ainda que seja o precioso escritor da *História Eclesiástica*, tem uma reputação extremamente duvidosa no que se refere aos factos que relata.

O historiador inglês Eduardo Gibbon censura-o por

não ter passado do papel de cortesão do imperador pagão Constantino e por ter dado provas constantes de falta de boa-fé na exposição dos acontecimentos que relata.

Segundo Gibbon, Eusébio estende-se com complacência sobre tudo o que pode manter a honra do cristianismo e suprime sistematicamente tudo quanto for de natureza a comprometê-lo.

A parcialidade de Eusébio em relação a Constantino é efectivamente notória¹¹.

Por outro lado, um capítulo da sua *Demonstração Evangélica* tem um título sobre o qual o menos que se pode dizer é que é curioso: *Até que ponto é permitido empregar a mentira como remédio para aqueles que este método pode converter!*

Não queremos fazer o processo da fraude piedosa, mas torna-se agora fácil escolher entre o honesto Fílon e o bispo de Cesareia.

Apesar de tudo, tentemos ser justos: Eusébio era um bom homem, que, embora cego pela sua fé, nos merece uma imensa gratidão porque foi através dele que nos foi transmitido o único fragmento da história autêntica da nossa civilização.

Ousamos crer que o leitor reticente, mas de boa-fé, depois desta exposição, ficará um tanto ou quanto abalado quanto à existência positiva duma central de contraverdade.

¹¹ Contrariamente à lenda transmitida, o imperador Constantino (séculos III e IV) era pagão. Só protegeu os cristãos e só reconheceu o cristianismo por razões de Estado. Converteu-se apenas quando estava prestes a morrer. Na altura da sua luta contra o rival Maxêncio, teria visto no céu uma cruz luminosa com esta inscrição: *In hoc signo vinces* (Com este sinal vencerás). O prodígio só foi contado por... Eusébio.

CAPÍTULO II

O MANUSCRITO MAIS ANTIGO DO MUNDO OCIDENTAL

A *História Fenícia* é a documentação escrita em linguagem clara mais antiga dos nossos arquivos históricos.

Além disso, ela é particularmente preciosa pelo facto de o seu autor ter sido um homem livre, que não se poupou a esforços para denunciar os mitos.

Eis o que afirmam os enciclopedistas sobre Sanconíaton: «Segundo os fragmentos da *História Fenícia*, teria sido contemporâneo de Semíramis, vinte séculos antes de Cristo, e o seu livro remontaria portanto a uma antiguidade fabulosa...

Admite-se que Sanconíaton, como Vgâsa na Índia, foi o compilador de documentos teogónicos e históricos extremamente antigos, transmitidos até ele, ou pela tradição, ou mesmo pela escrita...»

Lamentamos que o texto integral não tenha chegado até nós, porque é certo que Eusébio não reproduziu as partes plagiadas, e que o essencial, quer dizer, o início dos tempos históricos, falta na totalidade.

Quanto à *Génese*, seja ela copiada ou não, não é excepção às «regras» habituais, visto que temos mil provas de que a própria História foi falsificada!

PARA ERUDITOS E LEITORES CURIOSOS

A *História Fenícia* é um documento capital da cultura humana, impossível de encontrar em livraria, de difícil acesso nas grandes bibliotecas, e por isso pensámos que os nossos leitores eruditos ou curiosos da verdade nos ficariam gratos por lhe darmos a versão da obra quase *in extenso*.

É a sua única possibilidade de ler e de possuir este frágmento inestimável, que corre o risco de se «perder» pela terceira vez!

Reproduzimo-lo portanto tal como o extraímos da obra de Eusébio, onde está intercalado por longos comentários e em vários capítulos, o que explica uma certa falta de coerência.

A PREPARAÇÃO EVANGÉLICA

por EUSÉBIO, bispo de Cesareia

Tradução de M. Séguier de Saint-Brisson
Membro do Instituto, Academia das Inscrições, Paris,
Gaume Frères, Libraires, 1846

Atenção: Os subtítulos, as notas em fim de página, as notas entre parênteses e os comentários são nossos.

Sanconíaton, personagem da mais alta antiguidade, visto que se diz que viveu mesmo antes do tempo de Tróia, como se conclui geralmente pela exactidão e sinceridade com que relatou a história da Fenícia, conta as mesmas coisas.

Eusébio queixa-se de ter sido caluniado

O autor do escrito caluniante escrito contra nós, Porfírio, no quarto livro da sua obra, faz menção a estas coisas, dando, palavra por palavra, o testemunho seguinte de Sanconíaton: «Sanconíaton de Béryte», diz ele, «conta com a maior verdade tudo o que se relaciona com os Judeus, porque não altera nem os lugares, nem os nomes, tendo tido em suas mãos as memórias redigidas por Jerombal, sacerdote do deus Jeú...

Este Jerombal dedicou a sua história a Abibal, rei de Béryte, e ela foi recebida por este e por aqueles que tinha encarregado de a examinar sob a garantia da veracidade.

A época desses homens é anterior à guerra de Tróia e aproxima-se muito do tempo em que viveu Moisés, como o demonstram as sucessões dos reis da Fenícia.

Quanto a Sanconíaton, que quer dizer Filalete, ou amigo da verdade na língua dos Fenícios, tendo recolhido toda a história antiga dos monumentos que existem em todas as cidades, para deles formar uma obra, viveu sob Semíramis, rainha dos Assírios, que se calcula reinou nos anos que precederam, ou pelo menos coincidiram, com os acontecimentos de Ílio.

Finalmente, Fílon de Biblo interpretou em língua grega os escritos de Sanconíaton.»

O mesmo, continuando, não nos fala do Deus Supremo, nem mesmo dos deuses celestes, mas de *homens e mulheres mortais*, e nem mesmo daqueles que uma notável urbanidade de costumes torna dignos de serem admirados pelas suas virtudes ou tomados como modelo pelo seu espírito filosófico, mas de seres que acumularam

em si tudo o que a depravação tem de perversão e vergonhoso. No entanto, afirma que são esses mesmos que, desde então e ainda hoje, foram considerados como deuses por todos os homens, segundo as cidades e os lugares...

Fílon, que distribuiu em nove livros toda a colecção de Sanconíaton, dá-o a conhecer nestes termos, no prefácio do primeiro livro:

Taautes era Thot

«Sendo assim as coisas, Sanconíaton, personagem muito estudioso e muito activo, desejando acima de tudo saber quais são os princípios das coisas e a partir do que tudo quanto existe se formou, procurou com a mais perseverante aplicação os escritos de Taautes: tendo sabido que, de todos os homens que apareceram à face da Terra, Taautes é o primeiro a conceber a invenção das letras e a abrir o caminho dos monumentos escritos. Foi nesse facto portanto que fundou todo o seu discurso.

Foi a ele que os Egípcios chamaram TOYT, os Alexandrinos THOT, o que os Gregos traduziram por HERMES (Mercúrio)».

Depois de ter dito estas coisas, Fílon indigna-se contra os que, tendo vindo depois destes escritos, introduziram, violentamente e contra toda a verdade, alegorias, exposições físicas e teorias nas fábulas referentes aos deuses.

Fílon acrescenta: «Mas os mais recentes hierólogos destruíram qualquer vestígio dos acontecimentos advindos desde a origem das coisas, inventando alegorias nas fábulas, combinando-as de maneira a confundi-las com os movimentos do universo.

Foi assim que instituíram os mistérios, e espalharam trevas tão espessas sobre todas as coisas que se tornou difícil separar dessa confusão o que realmente aconteceu. Mas este (Sanconíaton), tendo descoberto nos santuários onde estavam depositados os escritos secretos dos *Amoneus*, que poucas pessoas conheciam, dedicou-se ao estudo de tudo (o que eles continham) e, tendo levado a bom cabo este trabalho, realizou o seu plano afastando a fábula baseada em elementos e em alegorias; até que apareceram, nos tempos posteriores, sacerdotes que quiseram dissimular a verdade e reabilitar esta fábula, origem do mistério que ainda não tinha penetrado entre os Gregos.»

(Depois de novas observações, Fílon acrescenta no seu prefácio:)

«É necessário declarar primeiramente, para maior clareza e para conhecimento parcial de tudo o que se segue, que os bárbaros mais antigos, e nomeadamente os Fenícios e os Egípcios, que serviram de guias a todos os outros homens, consideravam como os maiores deuses os que fizeram descobertas para vir em socorro da nossa existência, ou que espalharam benefícios de qualquer natureza sobre as populações; chamando-lhes benfeitores (Evérgetas) pelos bens inúmeros que lhes deviam, adoravam-nos como deuses, e com esse fim consagraram-lhes, por translação, templos já existentes, elevaram-lhes colunas e ramos, adorando estes objectos com a maior devoção¹.

Os Fenícios atribuíram-lhes as maiores festas e particularmente denominaram as constelações com o nome

¹ Diz-se claramente que os deuses são invenções humanas. Na cosmogénese da ilha Havai (ver capítulo «Iniciação»), afirma-se também que os homens nasceram antes dos deuses.

dos seus reis, dos quais alguns eram já considerados como deuses.

Porque eles só reconheciam como deuses naturais o Sol, a Lua, os planetas, os astros e tudo quanto entra nesta ordem de ideias: de forma que tinham deuses mortais e deuses imortais.»

Teologia dos Fenícios

«Supõe ele que um vento sombrio, ou um sopro de ar escuro e um caos lamacento e infernal eram infinitos em tempo como em extensão, quando este vento—diz ele—se tomou de amor pelos seus próprios princípios, donde resultou uma conjunção, e esta união foi chamada *νόθος*, desejo.

Tal foi o princípio da criação de todas as coisas.

Este vento não tinha o conhecimento daquilo que tinha produzido.

Desta coabitação do vento proveio o MOT. (Há quem defina este termo como resíduo; outros interpretam-no como putrefacção duma mistura aquosa.)

Tal (*sic*) foi o único germe da criação e da origem de todas as coisas.

Vieram animais, mas desprovidos de sensibilidade; estes deram origem a animais racionais chamados Zofasemin, quer dizer, observadores do céu.

O MOT tinha a forma dum ovo quando se formou: tornou-se luminoso e fez o Sol, a Lua, as estrelas e as grandes constelações.»

É esta a cosmogonia dos Fenícios (escreve Eusébio), que introduziu abertamente o ateísmo.

(Depois, segue a geração dos animais: o macho e a fêmea espalharam-se pela terra e pelo mar.)

«Estas coisas», escreve Fílon, «foram encontradas escritas na cosmogonia de Taautes e segundo as suas *Memórias*, baseadas mais nas conjecturas e convicções que pela sua penetração, Sanconíaton tinha-as apercebido e feito conhecer.»

(Fílon acrescenta, depois de ter falado dos ventos Noto e Bóreas, que foram deificados:)

«Tais eram as invenções de culto religioso então conformes à fraqueza e à pusilanimidade dos seus autores...»

Nascimento dos homens mortais de raça divina

«Do vento Kolpia e da sua esposa Baau, que interpreta pela palavra «Noite», nasceram os homens mortais Éon e Protogone.

Éon descobriu o alimento que fornecem as árvores. Estes foram os pais de Genos e Geneia, que habitaram a Fenícia.

Vieram grandes secas e estenderam as mãos para o céu e para o Sol.»

Diz que consideravam este último como o deus senhor do céu e lhe chamaram Beelsamen, o que, entre os Fenícios, significa o senhor do céu.

É o Zeus (Júpiter) dos Gregos. Depois do que Fílon ataca o erro dos Gregos:

«Não é sem fundamento que damos a conhecer esta distinção, é para estabelecer a verdadeira aceitação que desprezamos destes nomes aplicados aos objectos; o que os Gregos não conhecem, tomaram segundo um outro valor, enganados pela incerteza da tradução.»

«De Genos, filho de Éon e de Protogone, nasceram novos filhos mortais, que se chamaram Fos, Pir e Flox (luz, fogo e chama). Foram eles que inventaram o fogo, esfregando pedaços de madeira um contra o outro, que ensinaram como se deviam usar; tiveram filhos dum tamanho e duma superioridade marcadas e que deram o seu nome às montanhas de que eram soberanos.»

Foi deles que tomaram nome o Cásio, o Líbano, o Antilíbano e o Brathy. Foi destes que nasceu Samemroumos, o mesmo que Hipsurianos (altura celeste).

«Ele (Sanconíaton) observa que os homens eram chamados segundo as mães, visto que as mulheres se entregavam então sem pudor a qualquer um...»

Em seguida, diz: «que Hipsurianos habitou Tir e inventou as cabanas de canas, de junco e de papiro.

Entrou em disputa com o seu irmão Usus, que foi o primeiro a pensar em juntar as peles dos animais que conseguia caçar para delas fazer uma cobertura para o corpo.

Depois de chuvas excessivas e ventos impetuosos terem devastado Tir e quebrado as árvores, fez-se fogo na floresta, que a incendiou; Usus pegou numa árvore, despojou-a dos ramos e foi o primeiro a aventurar-se no mar; consagrou dois monumentos ao Fogo e ao Vento, e adorou-os, aspergindo-os com o sangue dos animais que caçava...»

«Muitos séculos se tinham passado desde a idade de Hipsurianos, quando Agreus e Alieus, inventores da pesca e da caça, nasceram. Foram eles que deram as suas armas a estas artes. Deles provieram dois irmãos inventores do ferro e todas as fabricações que dele se servem, dos quais um, Crisor, se entregou à composição de discursos, de sortilégios e predições.»

É o mesmo que Hefestos (Vulcano), que descobriu o anzol e a isca, a linha de pescador e o remo.

Foi o primeiro de todos os homens a navegar, e é por isso que depois da sua morte recebeu o culto da divindade. Chamaram-lhe Zeus Michius (*Júpiter maquinista. Para Fílon, Zeus = um «didu», termo genérico*).

Nascimento dos homens de raça terrestre

«Em seguida, ele diz que desta raça saíram dois jovens, dos quais um foi chamado Tecnités, artesão; e o outro, terrestre, Autóctone².

Estes pensaram em misturar argila com feno, fazê-la secar ao sol, para daí obter tijolos; inventaram também a construção dos tectos...»

Vieram outros depois deles, entre os quais Agros, assim chamado, depois Agroeros ou Agrotés, cuja estátua e templo portátil são muito venerados na Fenícia.

Os habitantes de Biblo consideram-no sobretudo como o maior dos deuses.

Foram eles que conceberam a ideia de fazer pátios em frente das casas, formar recintos e grutas. É deles que descendem os caçadores com cães. Chamam-lhes tribos errantes e Titãs.

Estes procriaram Amunon e Magon, que traçaram as povoações e os currais, dos quais nasceram Misor e Sidic, o que quer dizer desprendido e justo; descobriram o uso do sal.

² Facto significativo. Tecnités era duma raça extraterrestre, visto que só Autóctone era terrestre! O problema de terem vindo de um outro planeta está portanto posto.

De Misor nasceu Taautes, que descobriu a escrita e foi o primeiro a formar as letras.

Os Egípcios chamaram-lhe Thoor, os Alexandrinos Touth, e os Gregos Hermes³.

De Sidic nasceram os Dioscuros ou Cabiros ou Coribantes ou Samotrácios. Foram os primeiros a inventar o navio.

Destes nasceram outros homens, que descobriram os simples, para curar as mordeduras envenenadas, e as palavras mágicas.

Foi no tempo deles que nasceram um chamado Elioum Hipsistos⁴ e sua esposa, chamada Bérouth, que se fixaram no país de Biblo.

Foi deles que nasceu Epigeios ou Autovhton, que se chama hoje Úrano (o Céu)...

Úrano casou-se com a sua irmã Geia de quem teve quatro filhos, Ilus, ou Crono (*traduzido em latim por Saturno, é chamado Bel ou Baal pelos Orientais*⁵), Bétyle, Dágon, a quem chamam Síton (peixe), e Atlas...

³ Trata-se evidentemente de Thot. Cf. Tor, deus germânico.

⁴ Hipsistos; o Muito Alto. É Júpiter Hipsistos Hesichius (Melquisedech, segundo Valckenaer).

⁵ Saturno devorou a pedra mitológica, como Vénus em chamas devorou a sua crosta. Saturno é Belinus, Baal, Bel. Hil ou Hel é o nome de Saturno em fenício, nota M. Séguier de Saint-Brisson. Acrescenta algo de importância considerável: «Hil, Hel ou Saturno não têm qualquer relação com o Sol. Estamos em crer que a cidade de Heliópolis é uma derivante grega do deus Saturno Hilo ou Heliópolis, assim como Elgabal de Émeso = montanha Saturno, deus-montanha, deus Saturno!»

O Elgabal de Émeso era uma pedra negra cuja analogia com Saturno é misteriosa mas evidente. Por que razão, senão com o objectivo de enganar, se falsificou este nome mudando-o para Heliogabal (de hélios = sol)? Foi experimentado com êxito o mesmo processo no Peru e no México para transformar os cultos venusianos em cultos solares.

O céu primitivo, dizem os documentos consultados por Sanconiaton, tinha quatro filhos: Saturno, Júpiter, Marte e Mercúrio. O quinto filho, Astarte = Vénus, nascerá mais tarde. Mais uma prova de que o planeta Vénus não existia há 5000 anos no sistema solar.

Crono era um mortal

Crono teve por filhas Prosérpina e Minerva. A primeira morreu virgem e, por conselho de Minerva e de Hermes, Crono fabricou com ferro uma foice e uma lança...

Por essa época, os descendentes dos Dioscuros, que tinham combinado todas as partes das jangadas e dos navios, puseram-se a navegar. Tendo sido arrastados para o monte Cásio, consagraram aí um templo. Os aliados de Hel (Crono) foram cognominados Elohim o que corresponde a Cronianos. Foram eles que assim foram chamados em memória de Crono...⁶

(Diz-se no relato de Fílon que Úrano, descendente de Hipsistos e de Bérouth, sua esposa (região de Biblo), foi combatido por Crono e exilado. Onde? Não no-lo é dito.)

«Com a continuação dos tempos, Úrano enviou do seu lugar de exílio a filha Astarte com duas das suas irmãs, Reia e Dione, para dar a morte a Crono.

O deus Úrano inventou e compôs bétilos ou pedras animadas (abadir em fenício).

Dágon, depois de ter descoberto o trigo e a charrua, foi chamado Júpiter Lavrador.

Eis pois os feitos deste Crono e os veneráveis tratados desta vida sob Saturno, tão celebrada pelos Gregos, que afirmam ter sido a primeira idade, a idade de ouro dos homens dotados com o órgão da voz e a época daquela felicidade dos antigos, de que tanto se faz o elogio.»

⁶ Os Hebreus foram iniciados pelos Egípcios e os Fenícios, cujos mitos adoptaram, alterando-os. Os criadores do mundo, os Elohim ou Deuses, seriam os heróis fenícios de que fala Sanconiaton.

Vinda de Astarte

Astarte, a Grande, Júpiter Demarun e Adade, rei dos deuses, reinaram na Terra com o consentimento de Crono⁷.

Astarte colocou sobre a cabeça, em sinal de realeza, uma cabeça de touro.

Tendo percorrido o universo, encontrou um astro que corta o ar e, tendo-o segurado, consagrou-o na santa ilha de Tir.

(Trata-se efectivamente dum aerólito. O templo de Tir, como a maior parte dos templos fenícios, possuía uma pedra negra ou verde, por vezes de forma cónica, representando um astro — Vénus. Astaroth, deusa síria — Astarte —, teve primeiramente a forma duma pedra cónica. A lembrar o símbolo de Tanit. O Elgabal, ou pedra sagrada de Êmeso, na Fenícia, era a pedra de Vénus, fraudulentamente utilizada para o culto solar sob o nome adulterado de Heliogabal.)

Aquela que os Fenícios chamaram Astarte é para nós Vénus.

⁷ Então eles poderiam ter reinado noutro sítio? Esta relação evoca o problema da chegada de seres vindos de um outro planeta, como o fizeram os que deram origem à Bíblia. É por essa razão que Astarte aparece com uma cabeça de touro? Astarte quer dizer Vénus, precisa Sanconiáton. Vénus, o planeta e a rainha que vai percorrer o universo num engenho espacial do qual encontraremos adiante a descrição. Não devemos esquecer, e Sanconiáton disse-o muito expressamente, que Astarte não era uma deusa, mas uma criatura mortal. Precisa portanto duma máquina espacial para ir explorar o céu.

Esse astro que corta o ar de que ela fala será um aerólito? Uma pedra radioactiva ou com poderes extraordinários?

Ou, muito simplesmente, devemos entender por «universo» o globo terrestre e por astro que corta o ar (astérius) uma águia de grandes dimensões?

Crono, ao percorrer o universo, deu Atenas à sua filha Minerva, assim como o reino da Ática.

(Nota: A Minerva fenícia, introduzida na Grécia por Cadmo, chamava-se *Ουρα* ou *Ουρα* (Ops?) Esta Minerva constituiu o famoso *palladium* roubado a Tróia por Ulisses.

A este respeito, Pausânias faz notar que Cadmo era fenício e não egípcio.)

Tendo surgido uma peste e uma grande mortandade, Crono imola em holocausto o seu pai, Úrano, e seu filho único, Jeud. Circuncisa-se e obriga os aliados a fazerem o mesmo. Pouco tempo depois, consagrou, já morto, o filho que teve de Reia e Plutão, chamado Mouth; é assim que os Fenícios chamam a morte e Plutão.

Depois disto, Crono entregou à deusa Baaltis, a mesma que Dione, a posse de Biblo; Béryte a Posídon (Neptuno) e aos Cabiros lavradores e pescadores. Foram eles que consagraram as relíquias de Pontus na cidade de Béryte.

Antes destas coisas, Taautes, que tinha iniciado Úrano, traçou em relevo as expressões do rosto dos deuses Crono, Dágon e outros que são os caracteres sagrados das letras.

Imaginou também em favor de Crono o emblema da realeza: são quatro olhos distribuídos nas partes anteriores e posteriores do corpo, em que dois se fecham lentamente; depois, sobre os ombros, quatro asas, das quais duas estão abertas e duas fechadas.

O sentido deste símbolo é que Crono via a dormir e dormia acordado; igualmente para as asas, porque voava quando repousava e repousava a voar.

Quanto aos outros deuses, colocou-lhes duas asas sobre os ombros para indicar que eles acompanham Crono

no seu voo. Atribuiu-lhe ainda duas asas na cabeça, uma para assinalar a inteligência, que comanda, outra indicando a sensação⁸.

Quando Crono foi para as regiões do sul, deu todo o Egipto ao deus Taautes, para que ele fosse o seu império.

Os sete Cabiros, filhos de Sidic, foram os primeiros homens a registar estes factos para conservar-lhes a memória, assim como o oitavo irmão, Asclépio, como lhes tinha ordenado o deus Taautes.

A História está deturpada

Em seguida, o filho de Tabião é o primeiro hierofanta de todos quantos existiram na Fenícia que, tendo interpretado estes factos alegoricamente no seu conjunto, e tendo-os misturado com os movimentos físicos do universo, os transmitiu aos fomentadores das orgias e aos profetas dos mistérios.

Estes, querendo aumentar a obscuridade de todas estas tradições, juntaram-lhes novas invenções, que ensinaram aos seus sucessores e àqueles que iniciaram.

Entre eles estava Isíris, o inventor de três letras, irmão de Chná, o primeiro a alterar o seu nome para o de Fenício.

«Os Gregos, que excedem todos os povos pela sua brilhante imaginação, apropriaram-se primeiramente da

⁸ Sanconíaton é muito explícito; duas asas são símbolos e ele explica porquê. Quanto às outras asas, servem para voar porque, não o esqueçamos, estes «deuses» são criaturas mortais, como já se disse várias vezes. Foram deificadas depois de mortas, devido às invenções úteis que deram a conhecer à humanidade. É isso mesmo que nos diz Sanconíaton no princípio. Portanto, Crono voava... e Astarte percorria o céu.

maior parte destas coisas, que sobrecarregaram de ornamentos diversos para lhes dar uma forma dramática e, propondo-se seduzir pelo encanto das fábulas, metamorfosearam-nas completamente.

A partir daí, Hesíodo e os poetas cíclicos, tão gabados, fabricaram as teogonias, as gigantomaquias, que lhes são próprias, e mutilações que expandiram por toda a parte e extinguiram toda a verdade.

Os nossos ouvidos, habituados desde os primeiros anos a ouvir as suas histórias falsas, e os nossos espíritos, imbuídos desses preconceitos desde há séculos, conservam como um depósito precioso essas suposições fabulosas, tal como disse no princípio.

O tempo, que veio ainda corroborar a sua obra, tornou essa usurpação quase imperturbável, de forma a fazer aparecer a verdade como uma extravagância e dar a lendas adulteradas a aparência da verdade.

Limitemos aqui a citação da obra de Sanconíaton, interpretada por Fílon de Biblo e reconhecida como verdadeira, depois de examinada, pelo testemunho do filósofo Porfírio.

(Um pouco mais longe, lê-se:)

«Fílon, no seu escrito sobre o povo judeu, relata de Crono o que se segue:

“Taautes, que os Egípcios chamam THOTH, superior em engenho a todos os fenícios, foi o primeiro a organizar entre eles o culto religioso, que depurou da inexperiência vulgar para fazer dele uma experiência esclarecida.”»

A serpente misteriosa

(Página 42, Tomo I)

O mesmo Fílon, falando das letras fenícias e traduzindo Sanconíaton, diz:

«Vejam só os répteis e os animais que lançam veneno e que não prestam aos humanos qualquer serviço útil, ocasionando pelo contrário a morte e a privação dos membros àqueles que inocularam com o funesto e terrível veneno.»

(Nota: Conclui-se desta exposição que, para Sanconíaton e para os Fenícios, as serpentes, dragões e outros répteis são uma espécie odienta e malfetora. Donde vem portanto a veneração que se dedicou universalmente às serpentes no mundo antigo?

Sanconíaton vai no-lo explicar: não se trata da serpente venenosa, da víbora ou da boa, mas duma certa espécie de «serpente» luminosa, que voga pelas nuvens, bramindo e rápida como o relâmpago.)

«Taautes e, depois dele, os Fenícios e os Egípcios divinizaram a *espécie* dos dragões e das serpentes, como sendo de todos os répteis aquele cuja respiração é mais forte.

Declara que pertence à matéria ígnea, porque há nele *uma velocidade que nada pode ultrapassar por causa do seu sopro*⁹.

Com efeito, sem pés, sem mãos e sem qualquer dos meios exteriores de que são providos os outros animais, exerce todos os movimentos e toma as formas mais variadas.

⁹ Fílon não compreendeu o sentido que Sanconíaton dava à «serpente», ao sopro (bramido) poderoso que a propulsionava no ar «a uma velocidade que nada pode ultrapassar por causa do seu sopro» (a reacção).

Alcança a celeridade que deseja pelas hélices¹⁰ que descreve na sua marcha. É isso que faz que este animal participe como parte essencial nos templos e nos mistérios.»

«...Este animal não morre de morte natural... Os Fenícios chamam-lhe Agatodemon¹¹, o bom génio, e os Egípcios chamam-lhe Knep; acrescentam-lhe uma cabeça de falcão por causa da *energia deste pássaro.*»

Epeis, aquele que, assim chamado entre eles, foi o primeiro dos hierofantas e dos hierogramatas, e que foi traduzido em língua grega por Areius de Heracleópolis, fazendo alusão a este facto, diz textualmente o que se segue:

«A primeira e a mais eminente divindade é a serpente com cabeça de falcão (toda cheia de graça), que, assim que abre os olhos, enche de luz toda a extensão da terra protógona ou primeiro engendrada; se vier a fechá-los sucedem-se as trevas.»

¹⁰ É o que escreve textualmente Eusébio, p. 42, última linha.

A serpente na mitologia fenícia, como de resto em todas as mitologias, é mais frequentemente uma serpente voadora, por vezes com cabeça de carneiro. Encontra-se também em muitos obeliscos, baixos-relevos e capitéis, na Fenícia, na Assiro-Babilónia, na Frígia, no Egipto, na Grécia, no Peru, no México, na Guatemala, na Colômbia e nos E. U. A.

É sempre apresentada como um símbolo importante, mas com um significado que aos arqueólogos custa a admitir.

Quando não é voadora, a serpente fala. É o iniciador, transformado pelos Egípcios, por deterioração do sentido primitivo: gruta de iniciação em forma de serpente encurvada.

É ele que dá bons conselhos a Eva no Paraíso Terrestre. É Satã, o bom anjo amigo dos homens, o Iniciado vindo à Terra numa serpente voadora com hélices ou de reacção (ou as duas coisas), o que é representado de forma muita exacta por um avião com turbo-reactor!

¹¹ Agatodemon = divindade benfazeja entre os Gregos (agatos = bom, daimon = génio). É também o nome grego do deus egípcio Knep, génio da fecundidade e do bem, símbolo do Nilo. Knep é representado no antigo Egipto sob a forma duma serpente cuja cabeça está coroada com uma espécie de diadema e cuja cauda termina em flor de lótus ou em ramo de espigas.

Epeis empregou esta linguagem enfática para fazer compreender que, *sendo brilhante, iluminou tudo*.

Com efeito, é próprio da luz iluminar¹².

Ferecides, que recebeu dos Fenícios todas as noções elementares, celebrou na sua teologia o deus Ofioneus¹³ e as Ofionidas, de que falaremos mais tarde.

Os Egípcios, traçando o universo segundo a mesma concepção, gravam um círculo aeriforme e incendiado; no meio inscrevem uma serpente estendida com uma cabeça de falcão, e toda essa figura se assemelha ao nosso Teta.

Interpretam o mundo como um círculo, e a serpente que ocupa o centro como um génio bom (Agatodemon).

(Nota: Da mesma forma, os Celtas colocavam a serpente ao meio dum círculo ou sobre círculos concêntricos, o que significava a criação do universo, ou dum universo estacionário, por uma onda vibratória.

O Agatodemon será uma onda? A electricidade? Parece-nos que o agatodemon-serpente é qualquer coisa análoga à energia-matéria primordial. É talvez o *nwyvre* (*vouivre*... serpente) dos Celtas.)

Zoroastres, o mago, no santo ritual das práticas dos Persas, diz textualmente:

«O deus com cabeça de falcão é o primeiro, eterno,

¹² Como poderia tratar-se duma verdadeira serpente? A serpente é brilhante, luminosa, capaz de iluminar pela simples presença? Ou será então esse «engenho mais brilhante que o Sol» de que fala Garcilaso de la Vega a propósito da máquina extraterrestre que levou ao Peru Orejona, a primeira mulher terrestre?

¹³ *Ofioneus*: Titã que reinava no céu com a esposa, Eurínoma, antes de Saturno e Reia. Saturno venceu-o e precipitou-o no Tártaro.

No canto religioso que Apolónio de Rodes (*Argon*, 1, 503) pôs na boca de Orfeu, Ofion, o rei-serpente, é precipitado no oceano por Crono. Esta tradição era conhecida de Ferecides de Siro, mestre de Pitágoras. Vemos nesta imagem o cometa Vénus precipitado no oceano celeste.

indivisível, sem igual, o guia para tudo quanto é belo,) que não se deixa subjugar por presentes... etc.

Ostanes diz as mesmas coisas dele na obra intitulada *As Oito Orações*.

É daí que partem os fisiologistas para organizarem o seu sistema como foi relatado: representaram nos santuários dos templos que consagravam os primeiros astros (?) sob a forma de serpentes.

Ofereceram sacrifícios a esses répteis, celebrando festas e mistérios, e consideravam-nos os maiores deuses e os moderadores de todas as coisas.

Tais são as tradições de Sanconíaton sobre as serpentes.»

(Página 162, Tomo I)

(*De Filon:*)

Era uso entre os antigos, em casos de perigos graves, que, em vez duma destruição universal, os dominadores da cidade ou da nação entregassem o mais querido dos seus filhos—para ser imolado como resgate junto dos deuses vingadores: era estrangulado secretamente.

Portanto Crono, que os Fenícios chamam Il (Hel, Bel) e reinava neste país, o mesmo que, depois de morto, foi consagrado no astro que tem o seu nome, tendo um filho único... Jeud... enfeitou-o com os atributos da realeza e imolou-o sobre o altar que tinha feito erguer para esse efeito...

(Tomo II, Livro X, Cap. IX)

(De Eusébio:)

«Se Sanconíaton nasceu sob o reinado de Semíramis e se esta, como estamos de acordo, viveu numa época muito anterior à de Tróia, Sanconíaton será também mais antigo que esses mesmos tempos; mas diz-se que este recebeu memórias redigidas por escritores mais antigos que ele, e esses mesmos homens mais antigos que ele diz-se que viveram num tempo que os aproxima de Moisés.» Ora Porfírio, no quarto livro da sua diatribe contra nós, escreve as palavras que se seguem:

“Sanconíaton de Béryte conta com a mais exacta verdade tudo o que se relaciona com os Judeus, estando de acordo com eles tanto quanto aos lugares como quanto aos nomes. Tinha tido em seu poder memórias escritas por Jerombal, sacerdote do deus Jeú que, tendo dedicado a sua história a Abibal, rei de Béryte recebeu, tanto da sua parte como da dos críticos a quem o príncipe tinha mandado examinar a obra, o testemunho duma inteira veracidade.

Os tempos em que esses homens viveram precederam os de Tróia e aproximam-se bastante dos de Moisés, como o demonstram os esquemas de sucessão dos reis da Fenícia.

Sanconíaton, cujo nome no idioma fenício significa *amigo da verdade* e que recolheu e compôs toda a história antiga a partir de documentos tirados dos arquivos das cidades e a partir dos anais conservados nos tempos, nasceu sob o reinado de Semíramis, rainha dos Assírios.”»

FIM DO FRAGMENTO DE SANCONÍATON

COMENTÁRIOS

A serpente com hélices

A relação mais importante do fragmento da *História Fenícia* é, a nosso ver, aquela em que se descreve a serpente com hélices:

«A sua respiração é a mais forte e tem uma velocidade que nada pode ultrapassar por causa do seu sopro... dá a velocidade que deseja às *hélices* que descreve na sua marcha... tem uma energia excepcional. É representada com cabeça de falcão... sendo brilhante, iluminou tudo...»

— É incontestável, e Sanconíaton explica-o, que não se trata duma serpente-animal, mas duma serpente-máquina voadora, visto que é ultra-rápida e que a representam com cabeça de falcão.

Este engenho voador dá a celeridade que deseja às *hélices* que descreve.

A frase é enigmática, mas pelo menos ressalta da descrição geral que a serpente se move no espaço por meio dum sopro na retaguarda, que é a própria imagem da reacção, e por meio dum sistema helicoidal à frente.

A palavra hélice vem do grego *helix*, de *helissein* = enrolar... que deu *ilinx* = turbilhão.

É este «turbilhão» o que mais impressiona a nossa imaginação. Encontra-se à frente da serpente, mas a serpente propriamente dita não constitui um turbilhão, porque, se assim fosse, não haveria sopro propulsivo na retaguarda.

O conjunto poderia ser uma espécie de parafuso de

Arquimedes, mas o paralelo com a aeronáutica do século xx identifica a serpente voadora descrita: um avião turbo-reactor, propulsionado por reacção com uma hélice à frente¹⁴.

Notamos ainda a aparência brilhante do avião, cuja fonte de energia é excepcional, segundo se esclarece, e pertence à matéria ígnea... representada visualmente sem dúvida como o fogo vomitado da tubagem de reacção, cujo rugido (o sopro) tanto impressionou Sanconíaton.

Esta «serpente» era conhecida dos Fenícios e dos Egípcios e corresponde efectivamente à definição que lhe foi finalmente dada: máquina voadora extraterrestre, pilotada por Iniciadores.

Porque ela é simultâneamente o engenho e os cosmonautas. De resto, ela é representada muitas vezes com uma cabeça de carneiro, ou seja, de guia.

«Quando abre os olhos, enche de luz toda a terra protógena ou primeiro engendrada; se chega a fechá-los, sucedem-se as trevas...»

Esta frase e a espécie de cosmogénese que se segue, onde o universo é figurado por um círculo aeriforme com uma serpente no meio, contêm grandes ensinamentos, apesar da confusão que estabelece Fílon, introduzindo o pensamento de Zoroastres no circuito.

Temos aí a revelação da nossa génese: a terra protógena formou-se, talvez se tenha mesmo povoado de homens autóctones, mas estes homens só se tornam conscientes e esclarecidos se os Iniciadores do espaço lhes trouxerem o conhecimento.

¹⁴ Sanconíaton diz «serpente com hélices e de propulsão»; os Egípcios diziam «víbora-chama».

É curioso verificar que os aviões tomam cada vez mais a forma alongada dos foguetões e das serpentes.

Quando estes homens deixam de ajudar os humanos, as civilizações periclitam e desaparecem.

Não se trata de Deus—toda a descrição da serpente se refere evidentemente a um objecto material—, mas talvez dos deuses, e sabe-se que Sanconíaton denominava assim os civilizadores, os inventores.

A serpente no meio do círculo, que se descreve em seguida, é parente próxima da onda eléctrica primordial conhecida dos Celtas, que identificamos a Agatodemon: a electricidade.

A *História Fenícia* de Sanconíaton lança-nos portanto na aventura extraplanetária e, fenómeno extraordinário, o mesmo se passa no princípio da Bíblia (os anjos iniciadores), assim como no *Livro de Enoch*, nos manuscritos maias e tibetanos, e com os Vedas.

Não sabemos se actualmente devemos acreditar nos misteriosos discos voadores que nos visitam. Os índices são fracos e, de qualquer modo, não se pode dizer que seres extraplanetários tenham contribuído de qualquer modo para a nossa civilização, apesar dos conhecimentos que supomos terem.

Pelo contrário, podemos assegurar que todas as civilizações nascidas há cinco mil anos continham em si a marca das influências extraplanetárias.

Primeiro, porque os deuses eram os representantes legítimos de um planeta; em segundo lugar, pelo facto de terem sido reveladas à humanidade invenções extraordinárias para a época e que duraram apenas algumas gerações, ou seja, enquanto os iniciadores estiveram entre nós.

Há 5000 anos os deuses voavam

Há cinco mil anos, a Ásia Menor e a América conheceram civilizações prestigiosas, como as dos Assiro-Babilónicos, Fenícios, Maias e Incas.

Ao mesmo tempo, as civilizações dos Persas, dos Hindus e dos Egípcios, mais antigas, registaram um avanço de tal forma que o mundo inteiro se preparou para uma era nova, a dos deuses estrangeiros vindos do céu.

Esses deuses são representados por um símbolo misterioso, igual em toda a parte: a serpente voadora ou dragão.

No Egipto, Ísis, Horo, Hátor, Thot e Khonsu-Ptah são representados sob o signo do disco alado com dois *uræus* laterais.

Na Pérsia, o grande deus Ahura-Mazda é representado num esquife voador com forma de helicóptero; na Assíria e na Babilónia, Achur, esposo de Ishtar, tem o mesmo símbolo que Mazda.

Na Fenícia, os dois grandes deuses populares são Baal ou Baal Tsaphon, senhor do Norte, cujo símbolo é o touro procriador.

Em Cartago, eminente colónia fenícia, a grande deusa associada a Baal é *Tanit* (face de Baal). Desenham-na sobre as estrelas com um símbolo enigmático chamado «o signo de Tanit», sobre o qual os historiadores não se atrevem a pronunciar-se.

Este «signo de Tanit» na versão mais perfeita é *um disco que sobrevoa um corpo de cone ou pirâmide*.

Por vezes, debaixo do disco vê-se traçado uma espécie de escaler semelhante a dois braços levantados sobre uma perpendicular.

A deusa branca voadora

Nas Honduras, o mito modifica-se mas conserva as suas características principais: raça extraterrestre, deuses de pele branca, máquina voadora.

Conta a lenda que outrora chegou a este país, vinda do céu, uma mulher jovem de pele branca, de beleza indizível.

Aterrou na cidade de Céalcoquin, onde mandou construir um palácio ornamentado com estranhas figuras de homens e animais.

No templo foi depositada uma pedra verde, que apresentava em três faces desenhos tão misteriosos como os gravados nas muralhas do palácio.

Era uma pedra mágica e um verdadeiro talismã que dava ao reino da deusa branca o poder de vencer todos os inimigos.

Um dia, sentindo que a sua beleza se desvanecia, a deusa branca partilhou o Estado entre os filhos e mandou transportar a sua cama voadora para o terraço mais alto do palácio.

Cedo desapareceu no céu, sob a forma dum belíssimo pássaro.

No Peru, na Bolívia, na Colômbia, e no antigo reino dos Incas, encontram-se vestígios evidentes de máquinas espaciais, em particular no friso da Puerta del Sol, em Tiahuanaco.

Também aí os deuses utilizavam máquinas voadoras: Viracocha está intimamente ligado às da Puerta del Sol. Orejona, a primeira mãe da humanidade, veio de Vénus num «engenho voador mais brilhante que o sol», escreve Garcilaso de la Vega.

Cosmonautas em todo o globo

Em 1965, arqueólogos russos descobriram na Sibéria Oriental, num muro de pedra, gravuras representando personagens com corpo de homem e cabeça de pássaro.

O professor Alexandre Lipsky observou que estas representações tinham uma grande analogia com o Toth e o Horo dos Egípcios. As gravuras datam de 3000 anos a. C.; pertencem portanto à época em que a psicose dos deuses e das máquinas voadoras condicionava as religiões em todos os continentes do mundo.

Descoberta ainda mais importante foi a de Perghana, no Usbequistão (república soviética da Ásia Central), onde o professor G.V. Chatzky, do Instituto de Samarcanda, encontrou, próximo duma gruta, um desenho representando uma espécie de cosmonauta pré-histórico, com um capacete hermético provido de antenas na cabeça e trazendo às costas um aparelho semelhante aos que serão adoptados pelos futuros «caminheiros do espaço».

Na Índia, os deuses deslocavam-se em *vimanas*, máquinas voadoras movidas pelo *rasa* (mercúrio), e o Ramayana conta que o herói Kubera viajava habitualmente num carro voador.

Finalmente, as tradições célticas relatam que no tempo de Belísama (semelhante à chama), em quem se reconhece facilmente o cometa Vénus ao entrar na nossa atmosfera, o rei Bran, navegador das regiões misteriosas, vogava para ocidente a bordo dum carro alado que não tocava as águas.

Sob todas as latitudes, na mesma época, produziu-se portanto um fenómeno que determinou o aparecimento de novos deuses, considerados extraterrestres, o que não nos permite duvidar da autenticidade dos factos.

CAPÍTULO III

AS CÓLERAS DO CÉU

PROCURANDO e seleccionando as verdades prováveis, eliminando as adultrações provadas, pode-se estabelecer a ordem dos grandes acontecimentos que identificam o passado.

Mas a História é também uma questão de datas e nós não possuímos limites cronológicos que situem com exactidão estes acontecimentos no tempo.

É duma maneira muito empírica que se delimitam os vastos períodos proto-históricos, neste século em que as distâncias são medidas até ao milionésimo de micron e o tempo até ao milionésimo de segundo.

Uma data: Vénus no ano 3000 a. C.

O marco que é o nascimento de Jesus Cristo não tem qualquer rigor científico, visto que é impossível saber o ano ou década sequer em que o acontecimento se deu.

Nenhum documento, nenhuma relação da época atestam de resto que Jesus tenha existido.

Em épocas mais recuadas, situa-se mais ou menos Pitágoras, Buda, mas com Homero e a guerra de Tróia en-

tra-se no nevoeiro das idades ditas do «ferro e do bronze», que são farsas gentis imaginadas pelos pré-historiadores.

Evidentemente, a nossa civilização, altamente científica e racional, já deveria ter estabelecido um calendário astronómico, coisa que terá de ser feita obrigatoriamente um dia, talvez por volta do ano 2000.

No entanto, há duas épocas que poderiam ser datadas com uma certa precisão: as dos dois acontecimentos que motivaram o pequeno e o grande dilúvio.

O pequeno dilúvio, sobre o qual possuímos múltiplas relações, deu-se por causa do planeta Vénus, que, ao entrar na nossa atmosfera, tal como um cometa, foi atraído pelo sistema solar e estabeleceu-se nele como planeta.

Dados astronómicos sérios, como a tábuia hindu de Tirvalur, as tábuas astronómicas caldeias, o testemunho das tradições do globo, as chegadas simultâneas de vários deuses venusianos, são mais que suficientes para que não possamos duvidar da autenticidade do fenómeno¹.

A data, que poderia ser calculada com precisão, situa-se a uns 5000 anos do nosso século, quer dizer, por volta do ano 3000 a. C.

O segundo acontecimento que nos interessa, o grande dilúvio, chamado universal, está fixado no tempo, mas, sem que a maioria dos sábios o negue, contraria de tal forma os relatos pré-históricos e os astrónomos que seria precipitado considerar a data correcta.

Ora, de há anos para cá, a geologia e sobretudo a glaciologia registaram progressos espantosos e trouxeram não só provas da autenticidade do dilúvio universal, mas ainda elementos que permitem datá-lo.

¹ Apresentamos as provas deste fenómeno meteorológico em *O Livro dos Segredos Traídos*, capítulos VIII e IX.

A tábuia de Tirvalur encontra-se sequestrada algures em França.

Os pré-historiadores não estão inclinados a tornar clássico este cataclismo, que foi um verdadeiro fim do mundo, porque contraria as teorias por eles próprios construídas sobre uma obscura filiação do homem no macaco e sobre as eras ditas do Paleolítico e do Neolítico, cuja interpretação provamos matematicamente ser abusiva².

Os astrónomos, por seu lado, decretaram que a ordem planetária não tinha sofrido qualquer alteração notável desde há muitos milénios; a irrupção de Vénus no nosso céu perturba portanto profundamente essa quietude.

De resto, os historiadores, enfeudados numa mitologia religiosa sem fundamento científico, mas dogmática por essência, não podem, sob pena de passarem por heréticos, admitir relações não expressas na Bíblia. No entanto, visto que a história dos homens nos aparece falsificada desde o dilúvio até à era cristã, é nosso desejo, honestamente, efectuar algumas rectificações, e apresentar teses novas de acordo com os factos, tal como se teriam passado.

O ponto de partida destas teses é o dilúvio que modelou uma nova configuração do globo e foi o verdadeiro ano I da humanidade actual.

Luz sobre a questão das grutas de Lascaux

O mundo culto conhece esta maravilha n.º 1 do globo que são as grutas de Lascaux, na Dordonha, onde se encontram admiráveis pinturas rupestres, que datam do Magdaleniano.

² O Livro dos Segredos Traídos, capítulo IV.

O desenho é sóbrio, nítido, preciso, e denota uma ciência da observação e do movimento, que nem mesmo os pintores da Renascença possuíam.

As crinas dos animais são pintadas «à pistola» ou, mais exactamente, por pulverização de cores através dum tubo oco.

Ora foram os «minus», os trogloditas do Magdaleniano, que criaram esta exposição de pintura, com o único intento de provar o seu saber e dons artísticos.

Estes frescos têm 25 000 a 30 000 anos, diziam os sabichões nos primeiros folhetos publicitários de propaganda às grutas de Lascaux.

Depois, as pinturas magdalenianas foram-se aproximando da nossa época: 15 000 a 20 000 anos... e agora 12 000 anos apenas!

Meu Deus, errar é próprio do homem e nós desculpamos de boa vontade esta liberdade de datação; mas o que é inadmissível é que se tenha escamoteado o ensinamento da descoberta.

Um facto salta à vista de qualquer homem sério: estes magdalenianos capazes de desenhar e pintar com tanta arte não eram primitivos nem estúpidos.

Há um princípio bem estabelecido em etnologia, a de que a noção de arte, e nomeadamente da pintura sem fins utilitários (os frescos de Lascaux não têm qualquer carácter mágico decifrável), prova que uma civilização chegou ao ponto crucial em que vão nascer as grandes invenções: máquinas agrícolas, organizações de cidades, indústria de armamento, etc.

É incontestável que os homens de Lascaux, autores de frescos prodigiosos, sabiam *pelo menos* construir um muro de pedra, uma casa com fogão!

É incontestável que, em um ou dois séculos, chegariam à fusão dos metais, à prática da agricultura, da criação de gado, da edificação de cidades construídas com pedra.

Em 1000 anos, deveriam chegar à construção de carros de transporte, da pólvora de canhão, da imprensa... Em 2000, em 3000, deveriam adquirir o nosso saber: organizar corridas de automóveis, desafios desportivos, lançar foguetões espaciais...

Ora, quando tudo faria prever o desabrochar próximo duma civilização e o início duma era de grandes invenções, *nada disto aconteceu!*

E não só os homens de Lascaux não inventaram a pólvora de canhão e a bicicleta, como *desapareceram*.

Este fenómeno espantoso não teria atraído a atenção dos nossos doutos pré-historiadores? Sim. Mas aí tornava-se necessário reconhecer a verdade, confessar a autenticidade dum acontecimento primordial que se queria negar a todo o preço: o *dilúvio universal*³.

Porque só uma razão explica a suspensão súbita, total, da civilização magdaleniana destes homens que usavam chapéu, casaco, calças, sapatos, e cujos «minus» pintavam nas grutas: um cataclismo gigantesco que os destruiu!

Não estaremos diante da evidência?

³ Houve muitos dilúvios desde a era primária, e tudo leva a crer que estão submetidos a ciclos universais, alternando-se dum pólo a outro.

Desde o ano 1248, o nosso hemisfério boreal começou a arrefecer, ao passo que o hemisfério austral começou a aquecer. A periodicidade deste ciclo é de 21 000 anos, pelo que podemos pensar que haverá um novo dilúvio no ano 11 748.

Provas irrefutáveis

As tradições das cinco partes do mundo, tanto no Ocidente Europeu, entre os Escandinavos, Celtas e Gregos, como entre os Hebreus, os Caldeus, Hindus, Iroqueses, Sioux, Maias, Incas, negros de África e mestiços da Oceânia, referem-se longamente a um grande dilúvio.

Uma tal unanimidade torna altamente improvável o facto de que homens isolados nas ilhas e em continentes tão afastados uns dos outros tivessem podido inventar uma lenda cujos pormenores são análogos, senão idênticos.

Negar que o nosso globo tenha sido, nos tempos pré-históricos, perturbado, e por muitas vezes, por cataclismos internos ou cósmicos, equivaleria a afirmar que o arrefecimento do planeta se operou mágicamente, que as montanhas se elevaram lenta e sábiamente e que os abismos se abriram de forma a não perturbar o sono dos peixes.

Teríamos então de admitir também que os cometas não podem encontrar os planetas, que as novae não explodem... enfim, que o universo é um relógio em perfeito funcionamento, em que é impossível dar-se qualquer fenómeno explosivo.

Nenhum sábio se atreveria a sustentar tal tese.

Houve portanto modificações, como de resto revela o estudo de diferentes fenómenos cósmicos, meteorológicos e geológicos.

As «quasars» e o dilúvio

As *quasars* ou semiestrelas são corpos celestes relativamente pequenos cuja importância em volume se situa geralmente entre a estrela e a galáxia, mas que emitem uma energia colossal muito mais intensa que a da nossa Via Láctea.

As variações de luminosidade da *quasar* 3C273 parecem provar que as semiestrelas dilatam-se e contraem-se periodicamente, como para compensar as perdas ou os aumentos do nosso universo, tendo portanto um papel de reguladores cósmicos.

Este fenómeno levou o astrofísico inglês Fred Hoyle a formular uma tese fantástica, que no entanto está de acordo com a tradição, e que o escritor científico André Schubnel explica assim:

«Desde há mais de dez mil anos, o universo teria progressivamente atingido níveis cada vez maiores de organização: galáxia, estrela, planeta, vida. Mas um dia toda esta matéria se transformaria em poeiras de átomos e tudo recomeçaria sem nós... A uma fase de arquitectura, seguir-se-ia uma fase de autodinamitagem, e assim consecutivamente...»

Nesta teoria, a massa de qualquer corpo depende do conteúdo global do universo, o qual seria submetido a flutuações (expansão, explosão, reorganização).

Neste caso será de admirar que o nosso globo terrestre, tão pequeno, sofra dilúvios e alterações *periódicas*, de acordo com as flutuações cósmicas?

«O estudo dos fenómenos geológicos mostra a existência dos ciclos», escreveu o pré-historiador Furon, e o glaciólogo Milankovitch atribui ao fenómeno glacial uma causa extraterrestre: os ciclos das radiações solares.

Os meteoritos e o dilúvio

Caem todos os anos no nosso globo milhares de meteoritos cujo peso varia entre poucos gramas e algumas toneladas.

As estatísticas indicam que um meteorito com vários milhares de toneladas pode perturbar a tranquilidade terrestre de oito mil em oito mil anos.

Portanto, as causas do dilúvio são muitas!

Calculou-se que um meteorito de 50 km de diâmetro, que caísse ao largo de Cabo Verde, provocaria uma maré capaz de submergir as instalações portuárias do Oceano Atlântico.

Se caísse em terra, determinaria um cataclismo em todo o globo e poderia modificar a posição dos pólos, que não estão—sobretudo o Pólo Sul—em equilíbrio muito estável, na ponta da pêra terrestre!

Acima de 100 km de diâmetro... seria automaticamente o dilúvio universal.

De resto, devemos ter também em conta a possibilidade de encontro dum cometa ou um asteróide com o nosso planeta.

O facto não é tão raro como se pensa, visto que em 1966 alguns astrofísicos, entre os quais S. T. Butler, professor da Universidade de Sydney, exprimiram inquietude acerca duma possível colisão com a Terra por parte do asteróide de nome «Ícaro».

O desastre, que, devemos confessar, é bastante improvável, poderia verificar-se em Junho de 1968, se não se encontrasse uma solução para desviar o curso do bólido.

Ícaro não é muito grande, a sua trajectória passa

a cerca de 7 milhões de km da Terra, mas a potência explosiva é igual à de mil bombas atômicas H.

Houve incontestavelmente muitos Ícaros na vida do nosso sistema solar, alguns passaram despercebidos, mas alguns devem ter provocado terríveis colisões.

Finalmente, note-se que à volta da Terra gravitam asteróides provavelmente provenientes dum planeta que explodiu:

Hermes—diâmetro 1200 metros.

Adónis—rochedo errante em forma de salsicha: 400 metros de comprimento.

Amor—rochedo errante com algumas centenas de metros.

Eros—em forma de halter, com 40 quilómetros de comprimento.

O Cometa de Halley, que passará perto da Terra em 1986.

Será admissível que algum outro asteróide, particularmente percutente, tenha embatido na Terra na altura do cataclismo?

Pedras misteriosas e meteoritos

É difícil identificar os meteoritos maiores do globo, ou porque se encontram no fundo do mar, ou porque tomaram a forma de colinas ou massas rochosas dificilmente reconhecíveis, ou ainda porque estão debaixo de terra, no fundo das crateras que formaram.

As grandes crateras são:

O Chubb de Ungava (Labrador): 3350 m.

Meteor Crater (E. U. A.): 1300 m.

Wolfe Crater (Austrália): 853 m.

Aouelloul (Mauritânia): 250 m.

Henbury (Austrália): 220 m.

Os meteoritos maiores foram encontrados em:

Cap York (Gronelândia): 36 000 kg.

Bacubirito (México): 27 000 kg.

Otumpa, perto de Tucuman (Argentina), massa de 15 000 kg que se pensava ser parte dum jazigo metálico.

Villamette (E. U. A.): 14 000 kg.

Bendego (Brasil): 9000 kg.

Krasnoiarsk (U. R. S. S.): 375 kg.

Paragould (E. U. A.): 338 kg.

Molina (Espanha): 116 kg.

As pedras misteriosas que caíam na Terra eram chamadas pelos Antigos *ceraunia*, *pedras de raio*, *bétilos* ou *pedras animadas*.

Atribuía-se-lhes a propriedade de «flutuar na água ao som da trombeta», ou uma outra, ainda mais maravilhosa, a de se afundarem assim que se pronunciassem palavras ímpias.

Dizia-se que eram habitadas por deuses, e por essa razão eram conservadas nos templos ou eram-lhes prestadas honras divinas nos locais onde estivessem.

Os mais célebres aerólitos do mundo são:

As pedras negras do *Templo do Sol*, na ilha do lago Titicaca, na Bolívia.

Estas pedras teriam sido trazidas por Orejona, a mãe dos homens, vinda do planeta Vénus.

As três pedras negras da *Kaaba*, em Meca, trazidas do céu pelos anjos.

A *Pedra de Apolo*, negra, dura e pesada, que se pensa ser um aerólito.

Helénio, filho de Príamo e célebre adivinho grego, tinha, segundo se diz, a faculdade de prever o futuro por

magia duma pedra que lhe tinha dado Apolo. Segundo a lenda, Helénio, para obter o oráculo dos deuses, sacudia a pedra por cima da cabeça pronunciando invocações. Então a pedra falava com uma voz estranha, surda e fraca, anunciando o futuro.

A *Pedra de Cíbele*, no monte Ida (Frígia, a leste da antiga Tróia). Massa de ferro que se pensa ser um aerólito.

A *Mãe dos Deuses*, em Pessinonte (Frígia), mas também em Creta e em Tebas, nas Sete Portas. Culto de Cíbele-Astarte.

A *Pedra de Diana*, no Éfeso.

Segundo a tradição, a estátua da deusa e as pedras do Templo teriam caído do céu. Prestava-se culto a Diana-Ártemis, quer dizer, à estrela Vénus e não à Lua, como se quis fazer crer.

Diana (diano = estrela da manhã) era a irmã de Apolo, que por sua vez era o Gwyon e o Bel-Heol dos Celtas e o Hermes dos Egípcios.

A *Âncila* dos Romanos, massa de ferro meteórico caído durante o tempo de Numa Pompílio (por volta de 700 a. C.). Segundo uma profecia dos Livros Sibilinos, a queda de Roma seria iminente se ela se perdesse.

A *Pedra de Argos*, caída em 465 a. C., na província da Trácia, fez pensar ao filósofo Anaxágoras que a abóbada do céu era constituída por uma parede de pedras que por vezes perdia uma parte dos seus ornamentos.

A *Elagabale* de Émeso, na Síria. Era uma pedra negra e cónica, chamada Elagabale, que os Fenícios adoravam.

Vário Avito Bassiano, enquanto imperador, tomou o nome de Heliogábalo, em memória do templo onde, segundo se diz, o Sol era venerado.

Também aí houve uma falsa identificação voluntá-

ria; a pedra de Émeso não pertencia ao culto do Sol (Elah Gabala), mas a um culto desconhecido, indubitavelmente o mesmo que se rendia a *Asima*, divindade da cidade próxima de Hamath.

Além destes aerólitos célebres—ou talvez em ligação directa com eles—convém citar as montanhas magnéticas, cujo ferro pouco oxidado, dum negro brilhante, compacto, tem dois pólos e funciona como um íman natural.

As mais conhecidas são a de Dannemora (Suécia), ao norte do lago Watter, a de Taberg, ao sul do mesmo lago, e a de Utoë (Finlândia).

Os glaciólogos: dilúvio há 12 000 anos

Há quinze anos, supunha-se que a última era glacial terrestre—a de Würms—se tinha arrastado, com degelo muito lento, de 100 000 a 150 000 anos.

Se nos fundamentarmos nos trabalhos mais recentes de grandes glaciólogos como S. Jelgersma, V. Romanowsky e André Cailleux, poderemos hoje esclarecer certos pontos essenciais que explicam melhor as coisas tal como se passaram⁴.

1. O último degelo (último glacial máximo) deu-se há cerca de 12 000 anos (com uma aproximação de 2000 anos).

2. Foi extremamente brutal, e provavelmente causado por uma colisão com o nosso planeta, ou por um fenómeno de ordem cósmica com efeitos semelhantes; por exemplo, a passagem dum cometa.

⁴ Ler a interessante obra de M. de Nanteuil *Un Raz de Marée Mondial*.

3. A catástrofe teve um carácter universal, porque todos os glaciares dos pólos se derreteram ao mesmo tempo. O globo terrestre foi varrido e transtornado por uma gigantesca maré.

Paralelamente, os geólogos estão hoje certos, baseados em provas científicas⁵, que por volta do ano 10 000 a. C. (há 12 000 anos) a velocidade de sedimentação no fundo do mar diminuiu consideravelmente, ao mesmo tempo que todo o globo era afectado por uma brusca mudança de clima.

A tese dum dilúvio universal causado pelo degelo brutal e a deslocação do maciço polar é portanto um facto bem estabelecido e bem datado no tempo.

Com esta chave de ouro da História, da Pré-História e da geologia, podemos daqui em diante entreabrir a porta proibida do passado, e pôr termo às divagações de certos pontífices que querem inventar a nossa génese a todo o custo.

Cruel ironia, o bom do abade Breuil, sumidade mundialmente conhecida pelos seus estudos da Pré-História, fabricou imensas teorias sem qualquer valor, por não ter prestado crédito à Bíblia e à história de Noé: não compreendeu a lição de Lascaux e procurou durante toda a sua vida elos darwinianos.

Na fossa marinha de Cadiaco (Venezuela), 350 km a leste de Caracas, sondagens feitas revelaram que os sedimentos do fundo tinham estado à superfície há 12 000 anos.

⁵ Estudos do fundo do mar e exame ao microscópio das dimensões dos animais que formam o plâncton. Sabe-se que essas dimensões são função directa da temperatura das águas do mar à superfície. Estudo também das variações isotópicas do oxigénio nos organismos e varvas (depósitos sedimentares com alternâncias estacionais), as quais são 12 000, segundo o geólogo sueco De Geer, desde o degelo do glaciar europeu.

Isto seria uma prova de que nesse local se abateram vagas de 1500 metros de concavidade, cujos 1500 metros de imersão devem ter escalado as montanhas até cerca de 2000 metros de altitude.

Ora um dilúvio destes tem uma intensidade suficientemente grande para destruir a humanidade da maior parte das regiões do globo, com excepção dos grupos disseminados pelos altos planaltos, que a subida das águas não atinge.

CAPÍTULO IV

AS CINCO ILHAS DO GLOBO

PORTANTO o dilúvio não é apenas uma hipótese; tornou-se uma certeza histórica. Poderíamos chamar-lhe o *diluvium* (dilúvio em latim) se os geólogos, para melhor marcar a sua hostilidade à realidade do cataclismo, não tivessem ligado o termo aos aluviões quaternários dos nossos rios.

Imaginemos o ano 10 000 a. C.

Por volta do ano 10 000 a. C.¹, o *inlandsis* (glaciar das calotes), muito menos importante que hoje em dia, passa próximo das margens da Gronelândia ou Hiperbórea, onde, segundo a tradição, se desenvolveu uma civilização extremamente avançada.

Extremamente, porque, de facto, tinha-se chegado ao limite, e os homens, sábios, insolentes e perigosos, iam transformar-se na argila do seu estado original.

Garantem-nos as tradições: o cataclismo começou por um gigantesco incêndio do planeta. Os homens foram

¹ Salientamos novamente: 10 000 a. C. representa uma duração de 12 000 anos, acrescentando os 2000 anos da era cristã.

queimados vivos ou afogaram-se, e alguns foram metamorfoseados em animais².

Esta chuva de fogo que precedeu a invasão das águas pode ter tido pelo menos quatro causas:

1. Passagem dum cometa, ligeira colisão, afloramento, chuva de meteoritos ou explosão de asteróides.

2. Erupções vulcânicas.

3. Explosões nucleares ou guerra atômica provocada por habitantes da Terra.

4. Sinal extraterrestre. Manifestação (demasiado) brutal de civilizações do cosmo para chamar a atenção dos Terrestres. Choque de um enorme foguetão espacial que tivesse embatido nos E. U. A. ou na Mongólia. Em suma, explosão da Taiga, de 1908, multiplicada por 1000 ou por 100 000.

O *inlandsis* quebra as amarras de gelo, faz tremer as montanhas da Escandinávia, arrasa os continentes, mergulha nos oceanos.

A Céltica—o que se encontrava no local geográfico

² «Os homens tornaram-se macacos», diz o *Popol Vuh*. Lembremo-nos também das metamorfoses da mitologia grega e dos seres fabulosos, meio homens, meio animais, que abundam em todas as outras mitologias (e também na Bíblia) com particular insistência. Estas mutações sugerem a ideia de irradiação. Em *O Livro dos Segredos Traídos*, capítulos II e III, expomos a tese da guerra atômica Mu contra Atlântida, atestada pelos Vedas e citada pelo *Popol Vuh*, livro sagrado dos antigos mexicanos.

De qualquer maneira, se não houve guerra atômica pré-diluviana, deve-se admitir como provável a existência dum fenómeno análogo à passagem dum cometa, o que teria sido suficiente para provocar graves perturbações atmosféricas e afectar os círculos de Van Allen.

Teria havido portanto um intenso bombardeamento de partículas cósmicas (irradiações) e mutações aceleradas nos homens, nos animais e nas plantas. Estes fenómenos produziram-se milhares de vezes, pelo menos, durante os milhões de anos de existência do nosso planeta.

Não há dúvida de que já se especulou de mais sobre a evolução lenta das espécies. A evolução não se faz sempre, como imaginam os antropólogos clássicos, durante lapsos de tempo imensos, mas, por vezes, devido a circunstâncias imponderáveis, através de mutações bruscas.

da Céltica—fica partilhada pela Mancha, com a Inglaterra, a ilha de Man e a Irlanda ao norte, e a Gália ao sul.

Uma grande parte da Bretanha e da Aquitânia fica submersa. O resto do planeta sofre profundas alterações; emergem continentes dos abismos, outros desaparecem, engolidos pela matriz terrestre ou arrasados pelas montanhas à deriva. Em plano geral, o globo é um magma fumegante e indefinido, um inferno onde, entre mugidos, troares e caos, se modela a geografia dos tempos futuros.

Não queremos passar por visionários, mas não foi assim que os Antigos descreveram o cataclismo? Não terá sido assim que ele se desenrolou aos olhos atónitos dos sobreviventes?

No entanto, desse globo terrestre em que a invasão das águas dá por findo o trabalho do fogo, emergem algumas ilhas mais ou menos poupadas ao fogo e às ondas, ao arrasamento e à ressaca.

E estas ilhas são os cinco grandes planaltos do globo cuja altitude média e os picos atingem respectivamente 2000 e 4000 metros.

As vagas sobem a 2000 metros

Calculamos entre 2000 e 4000 metros—segundo as latitudes—a altura do desabar das águas durante o dilúvio.

Vários elementos de apreciação militam a favor desta avaliação:

1. Dado que a humanidade foi quase totalmente destruída, mas que houve no entanto alguns sobreviventes, devemos supor que as águas pouparam os altos planaltos,

onde habitavam uns tantos desprotegidos da vida: caçadores, pastores, lenhadores. Em suma, os «minus» da civilização antediluviana.

2. Só escaparam os que puderam escalar as altas montanhas, dizem as tradições. Ora, não é crível que os homens dos vales tenham tido tempo de efectuar uma ascensão que exigia geralmente várias horas senão vários dias de marcha penosa, visto que nós sabemos que a subida das águas foi brutal.

3. A Bíblia fala do monte Ararat referindo-se à salvação de Noé; Xisuthrus, na Caldeia, pouso a sua arca no monte Korkoura; o Manu dos Hindus dirige-se para os planaltos do Himalaia; Bochica, na América do Sul, refugia-se no altiplanalto dos Andes, e Coxcox, o Noé mexicano, faz o mesmo em Sierra Madre. Os índios da América do Norte citam o planalto etíope como ponto de reunião dos sobreviventes.

Todas estas montanhas têm picos que ultrapassam 4000 m de altitude.

4. Elefantes surpreendidos pelo brutal desabar das terras foram encontrados congelados a 4000 m de altitude na Ásia Central. Temos portanto de admitir que o cataclismo diluviano provocou gigantescas rachas na crusta terrestre. Os elefantes morreram devido a isso, e acabaram por ficar retidos pelos gelos pós-diluvianos.

Emergem cinco ilhas

Se considerarmos um globo terrestre e se o imaginarmos inundado e batido pelas vagas que sobem e arrasam as montanhas até 4000 m de altitude, que veremos emergir, fora do alcance do cataclismo?

Pois bem, veremos cinco altos planaltos:

- o planalto mexicano,
- o altiplano do Peru,
- o planalto da Abissínia,
- o planalto do Irão,
- o planalto do Himalaia.

Sem dúvida que houve ainda algumas outras ilhas ou picos que puderam servir de refúgio a alguns homens —e pensamos na Gronelândia, onde a maré foi menos ampla, visto que partiu do Pólo Norte³, mas praticamente só os cinco altos planaltos do globo foram poupados pelo dilúvio.

Ora, donde pensam os geólogos e os arqueólogos que vieram as raças humanas?

- Do Peru e do México, a raça dos Peles-Vermelhas⁴.
- Da Abissínia, a raça negra.

³ Os montes da Gronelândia ultrapassam à vontade os 3000 m, e como o dilúvio partiu do norte e se encaminhou para o equador, tomando cada vez mais amplitude, podemos pensar que aquelas montanhas, relativamente pouco elevadas, mas situadas perto do Pólo, foram excepcionalmente salvaguardadas.

As águas devem ter subido até cerca de 4000 metros na América, a 3000 apenas à latitude do Cáucaso, e seria lógico pensar que no princípio as montanhas de 2000 metros não foram cobertas.

Esta consideração, de acordo com as leis físicas, torna verosímil a tradição que situa Hiperbórea e Tuleia «num oásis temperado, no meio de montanhas de gelo de aspecto feérico», o que se justificaria pelo exemplo da Islândia com os seus géisers, verdadeiros caloríferos de água quente, e pelo facto de que, antes da inclinação do globo para o plano da eclíptica, não havia estações.

Portanto, um grupo de habitantes da Hiperbórea poderia ter sobrevivido ao dilúvio e ter legado os seus conhecimentos de iniciados aos Escandinavos e aos Celtas, povos de origem iraniana.

⁴ O que é em parte um erro. Os antigos índios ou mexicanos da América do Norte não são originários do planalto mexicano (com apenas 2000 metros de altitude), mas das montanhas Rochosas, como bem o provam as tradições, os códices e a etnologia. Os Mexicanos emigraram, quer dizer, deixaram os actuais E. U. A. depois dum grande cataclismo. Guiados pelos chefes religiosos, fundaram o México num local marcado por sinais proféticos.

—Do Irão, a raça branca.

—Do Himalaia, a raça amarela.

Foi daí e de mais nenhum sítio.

Nunca dos vales, onde, em boa lógica, a humanidade deve ter tido o seu berço. Algo nos perturba neste facto.

Deve haver uma razão de força maior para que os homens não se tivessem estabelecido de início nas ricas planícies dos Eyzies, da Touraine, da Ucrânia ou da Florida, e tivessem começado a desenvolver-se a partir das montanhas íngremes e estéreis.

Só um dilúvio universal pode ser a explicação plausível deste fenómeno, e esta verificação é a prova evidente dum cataclismo, que só deixou subsistir alguns indivíduos, como conta a tradição.

Muito poucos sobreviventes

O dilúvio universal, que corresponde ao dilúvio de Ógiges⁵, destruiu quase todo o género humano, visto que as tradições referem-se a:

—8 sobreviventes segundo a Bíblia.

—2 depois do dilúvio de Deucalião na mitologia grega.

—2901 salvos na mitologia persa.

—2 a 6 sobreviventes no dilúvio assiro-babilónico (atribuído a Vénus).

—10 a 100 no dilúvio caldeu de Xisuthrus.

—1 no dilúvio de Manu (o mais antigo), do Catapatha-Brâhmana.

⁵ O dilúvio de Ógiges é o mais antigo da mitologia grega. O dilúvio de Deucalião está ligado a Prometeu-Vénus, e coincidiria portanto com a aparição de Vénus no nosso firmamento.

—4 ou 5 numa versão grega onde o dilúvio de Ógiges é mais antigo que o de Deucalião.

—8 no dilúvio de Manu (Mahabharata).

—8 no dilúvio de Satyavrata.

—2 no dilúvio de Kymris (celtas belgas).

—2 nos Edas dos Escandinavos.

—2 no dilúvio dos Lituanos.

—2 segundo as tradições dos Canaris do Equador.

—5 a 100 no dilúvio de Bochica (Colômbia).

—50 a 100 no dilúvio dos Chichimèques na primeira idade chamada atanutiuli (sol das águas). É chamado exactamente *dilúvio universal*.

—2 no dilúvio mexicano de Coxcox.

—4 nas tradições do Brasil.

—Alguns sobreviventes no dilúvio da Nova Califórnia, dos Incas, etc.

Sem que nos queiramos limitar formalmente à tradição, os números que ela menciona dum pólo ao outro, e de leste a oeste, provam que os sobreviventes foram em número extremamente reduzido.

A maior parte das espécies animais salvou-se, e é provável que tivesse pressentido o perigo.

Esta pré-ciência não é explicável racionalmente, pois escapa à observação da análise científica, mas é um fenómeno comprovado.

A lenda da arca de Noé, ainda que não seja desprovida de qualquer fundamento, não é suficiente para explicar a sobrevivência dos animais.

É certo que esta arca, se tivesse existido, seria concebida de forma tão científica quanto os nossos mais modernos navios laboratoriais ou meteorológicos.

Para preservar uma grande quantidade de espécies sensíveis ao frio e ao calor excessivos, à humidade e à

secura, para separar os carneiros dos lobos, e garantir a cada um uma temperatura ideal, uma alimentação apropriada, seria indispensável recorrer à utilização da electricidade, e até mesmo da electrónica.

O caso egípcio

Um outro enigma, mas desta vez relativo à humanidade, ocupa a nossa curiosidade: trata-se do «caso egípcio».

Até ao ano 4000 a. C., a única civilização notável que se desenvolveu no mundo foi a do Egipto.

Em tempos mais recuados não houve vestígios architecturais — excepto nas cavernas —, visto que o dilúvio arrasou uma parte da superfície da Terra, e em primeiro lugar os vales, onde se situavam as cidades e os testemunhos da actividade humana.

O cataclismo, citado frequentemente pelos Hindus, os Babilónicos, os Caldeus, os Hebreus, os Nórdicos e os Ameríndios, quase não é mencionado pelos Egípcios, facto que incitou talvez os estudiosos da Pré-História a refutar a sua existência.

*Tudo parece ter-se passado sem que as populações do Nilo tivessem tido conhecimento do dilúvio*⁶. E, com efeito, não souberam dele, porque o vale do Nilo só tem 12 000 anos; antes, o rio não desaguava no Mediterrâneo!

Foi portanto num país muito novo que nasceu, há

⁶ Na realidade, a tradição do dilúvio perpetuou-se no Egipto, mas, tendo peregrinado ao longo de milénios (os primeiros, os de 10 000 a 6000 a. C.), fundiu-se com o mito religioso. As desgraças de Osíris = série de cataclismos. Derrotas de Tífon = retirada do mar. Vitória de Horo e Ísis procurando os membros de Osíris = porções de terras egípcias reconquistadas às águas.

cerca de 8000 anos, a mais antiga das nossas civilizações históricas, o que permite afirmar que, pouco depois do dilúvio, habitantes da Hiperbórea⁷ ou Atlantes se estabeleceram nos vales altos do Nilo.

Vieram do céu, como os «anjos» da Bíblia? Não encontramos qualquer menção na mitologia egípcia, mas, no entanto, convém notar que o disco alado simbólico, como entre os Assiro-Babilónicos, é o sinal misterioso que se encontra na maior parte dos templos⁸.

Por conseguinte, os iniciadores só poderiam ter vindo do planalto etíope próximo, habitado por negros, mas é improvável que estes sobreviventes, que eram pastores, lenhadores e caçadores, possuíssem os recursos intelectuais necessários para reinventar a civilização desaparecida.

Havia portanto sábios entre eles, o que só se explica pela existência na Etiópia duma base estratégica ou científica análoga aos laboratórios que as grandes nações do século xx construíram em vários locais de grande altitude: no monte Wilson, no monte Palomar, no pico do Midi, etc.

Esta base devia ser equipada e auto-abastecida, de forma a subsistir pelo menos alguns meses.

Quando o globo recobrou a sua tranquilidade, os sobreviventes desceram a terras menos hostis e fixaram-se naturalmente nos vales altos do Nilo.

Evidentemente, tiveram de enfrentar problemas ter-

⁷ Chamamos Hiperborianos ao núcleo de raça branca estabelecido antes do dilúvio entre a Gronelândia e a Florida. Por Atlantes entendemos as populações de peles-vermelhas estabelecidas numa parte da América do Sul e no continente imerso da Atlântida, em pleno oceano Atlântico.

⁸ Este símbolo terá apenas uns 5000 anos, o que quer dizer que existe desde a época em que os deuses que se moviam por meio de serpentes voadoras aterraram na Fenícia e na Assíria.

ríveis, a começar pelos da irradiação, sem dúvida, e certamente epidemias e falta de alimentos frescos⁹, mas é quase certo que houve sobreviventes do dilúvio e os da Etiópia se encontravam numa situação no fim de contas privilegiada.

O «milagre egípcio» nas artes e nas ciências só se pode explicar por uma razão desta ordem.

Depois de cinco ou seis mil anos de vida social durante os quais a civilização floresceu no vale do Nilo, de Tebas a Sais, os Egípcios tinham esquecido quase totalmente o pesadelo do dilúvio, o que é tanto mais lógico quanto, para eles, as inundações eram bênçãos do céu.

Uma mulher para repovoar o mundo

Os sobreviventes do planalto da Etiópia pertenciam, segundo a nossa hipótese, a duas classes sociais: a dos sábios e a dos autóctones negros, pouco evoluídos.

Se não tivessem previsto o dilúvio, os sábios atlantes seriam todos homens, e teriam de engendrar com uma negra, para assegurar a continuidade da raça.

Visto que as tradições do dilúvio só mencionam ho-

⁹ Os flagelos mais temíveis durante e depois duma inundaçãõ são: primeiro, a falta de água potável; depois, as epidemias, tifo, peste, cólera, febre tifóide, etc. Se morressem afogados três ou quatro mil milhões de homens no ano 2000, a epidemia daí resultante daria muito poucas probabilidades de sobrevivência aos restantes. No matadouro pestilencial que constituiria a Terra depois da evacuaçãõ das águas, a vida humana tornar-se-ia praticamente impossível.

Em Agosto de 1966, foram detectados casos de cólera depois do tremor de terra na Anatólia Oriental, apesar das vacinações preventivas e o auxílio prestado a nível internacional. Pode-se calcular que, numa cidade de dez mil habitantes em que um sismo causasse a morte de duas mil pessoas, os oito mil sobreviventes, sem auxílio exterior, estariam condenados a morrer devido a uma epidemia de cólera.

mens, pensamos que as mulheres foram extremamente raras entre os sobreviventes. Talvez até tenha havido apenas uma em cada continente; daí o valor inestimável que para os primeiros homens pós-diluvianos representava a mulher, a Mater donde iria surgir de novo a humanidade¹⁰.

Este fim do mundo faz coincidir de forma fantástica a deterioração moral dos homens, afirmada pelos textos, o fogo do céu e a invasão das águas.

Mas precisamente estas coincidências espantosas inscrevem-se nas normas universais às quais está ligada a nossa aventura humana.

Quando se aproximam épocas de cataclismo cósmico, as civilizações estão demasiado avançadas e são demasiado perigosas (ou inversamente), e então produz-se a destruição inelutável.

Assim como o fruto e a casca, quando se aproxima o cataclismo do Inverno, também o homem apodrece e rebenta quando se aproxima um novo ciclo cósmico.

Esta tese está de acordo com as leis da evolução, visto que até a própria natureza se submete a ela.

Seria estúpido, segundo o nosso senso humano, que a revolução se desse quando as civilizações não estivessem maduras. Seria ilógico e fora da ordem normal, e por isso é razoável pensar-se que tudo está orquestrado — inclusivamente o imponderável — por leis por vezes obscuras, mas sempre científicas e universais.

¹⁰ Se a Mater foi uma mulher negra (autóctone terrestre), temos aí uma explicação natural para o culto das virgens negras, que, entre os Egípcios, se tornou o culto de Isis. Tese tanto mais verosímil quanto os historiadores tradicionalistas, e nomeadamente o excelente escritor Marcel Moreau, garantem que nos santuários subterrâneos — Chartres, Le Puy, Paris, etc. — as estátuas de Isis-Virgem Negra precederam sempre as estátuas das virgens brancas.

A EVOLUÇÃO HUMANA DO DILÚVIO ATÉ À NOSSA ÉPOCA

Quadro sinóptico e resumido

1. Antes do ano 10 000 a. C., o planeta Terra está sob o domínio de dois blocos antagónicos: a Atlântida e a Terra de Mu.

Por volta do ano 10 000 a. C.: chuva de fogo e dilúvio universal.

Os homens são irradiados, e quase todos morrem afogados.

Salvam-se alguns nos 5 altos planaltos do globo. Desaparecem continentes, engolidos, e outros emergem dos abismos.

A humanidade antediluviana compreendia: os Atlantes e os habitantes da Terra de Mu, descendentes dos iniciadores n.º 1; os «Anjos» da Bíblia ou Hiperborianos, dos quais uma pequena colónia vivia talvez na Groenlândia.

A estes dois grupos principais vinham juntar-se os autóctones terrestres (sem dúvida os Negros).

A nova humanidade vai partir dos 5 pontos afastados do globo:

— os *Peles-Vermelhas* (Atlantes) das montanhas Rochosas e da cordilheira dos Andes;

— os *Negros* (autóctones) do planalto da Etiópia;

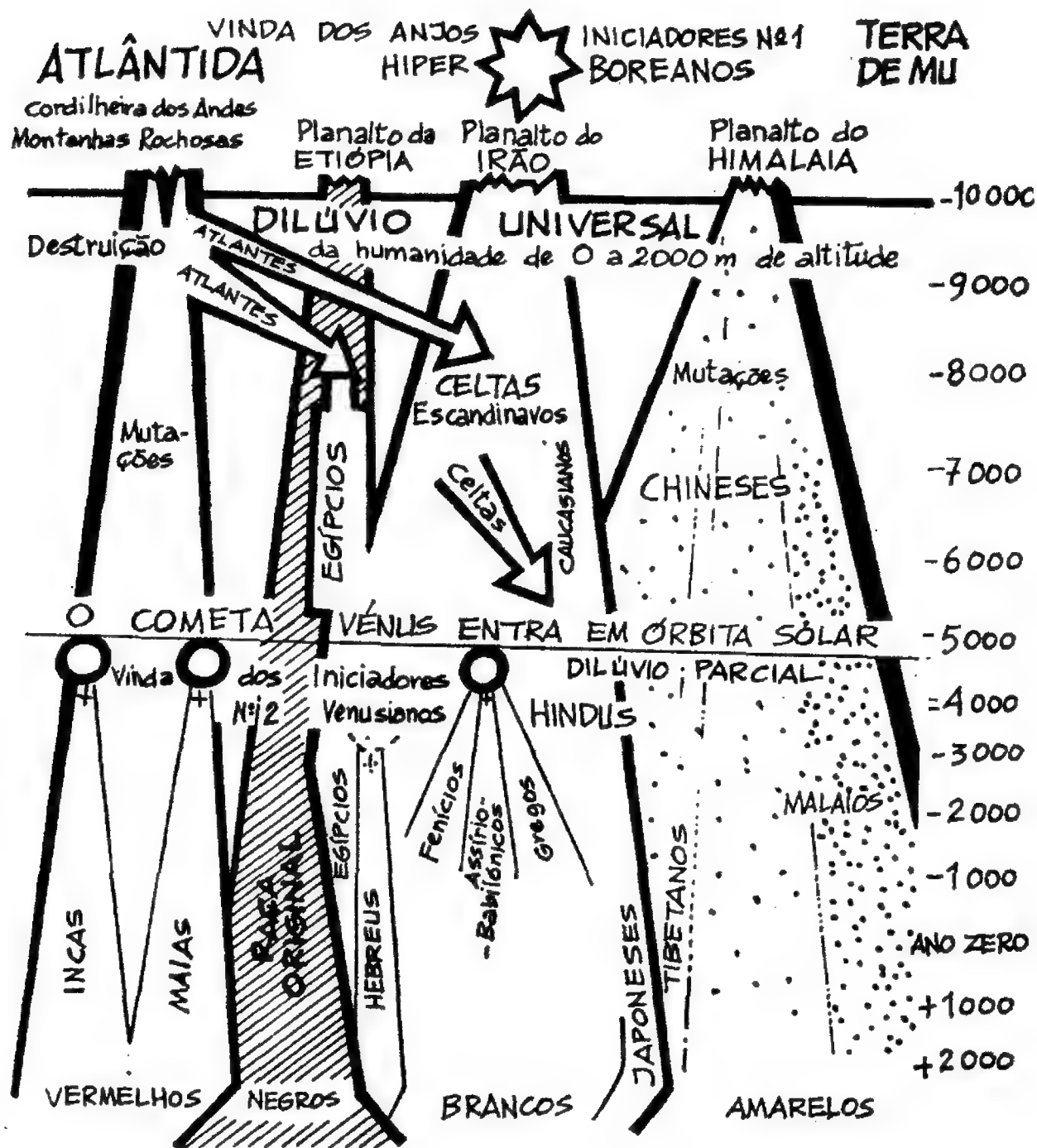
— os *Amarelos* (Terra de Mu) do Himalaia;

— os *Branços* do planalto do Irão.

2. No ano 3000 a. C., um cometa é atraído para a órbita solar e transforma-se no planeta Vénus.

O LIVRO DOS SENHORES DO MUNDO

Os iniciadores n.º 2, Viracocha, Quetzalcoatl, Kukul-kan, Baal, vêm à Terra. Talvez sejam transfugas do planeta Vénus, que abandonaram antes que ele se afastasse da órbita original. Talvez venham do planeta não identificado que, ao explodir, formou os asteróides.



Neste campo, temos de nos limitar às hipóteses, mas há um facto comprovado: houve um cometa que foi atraído pelo sistema solar e passou a constituir o planeta Vénus. Coincidindo com este acontecimento cósmico considerável, mas talvez em relação com ele, os iniciadores manifestaram-se na Fenícia, na Assíria, na Babilónia, no Peru e no México.

CAPÍTULO V

AS VIRGENS NEGRAS

A Bíblia e as tradições contam que depois do dilúvio universal deram-se acasalamentos monstruosos que fizeram surgir seres híbridos meio homens, meio animais e os quais quase levaram ao desaparecimento da nossa raça.

Esta miscigenação seria conforme às leis secretas universais? Devemos ter a coragem, sob pena de sermos acusados de racismo, de encarar esta hipótese¹.

Evidentemente, os Negros e os Amarelos são irmãos dos Brancos, mas porque não também o macaco, a vaca, o tapir, o leão, o carvalho e a couve?

¹ O racismo é a lei dominante das civilizações e de todos os grandes acontecimentos históricos. Os seus defensores mais exaltados são pseudo-«anti-racistas». Os casamentos consanguíneos entre irmão e irmã ou entre mãe e filho são proibidos pelas leis de todos os países, porque favorecem o aparecimento de taras genéticas presentes na família. Trata-se portanto de impedir a degenerescência da raça. Qualquer um de nós sabe como é racista, quer seja branco, negro ou amarelo. No entanto, parece provável que o anti-racismo tenha a última palavra num futuro em que a espécie humana poderá tornar-se híbrida, não só por acasalamento com animais, mas também com o reino vegetal, com o fim de criar uma super-raça ou uma outra raça, com a qual, evidentemente, praticará em seguida o racismo de modo mais exacerbado!

Anti-racismo cósmico

Não estaremos nós à beira de sofrer este drama que viveram os homens pós-diluvianos, vencedores dos monstros que eles próprios tinham suscitado?

Os nossos formidáveis foguetões espaciais estão prestes a lançar a sua carga de homens e mulheres na Lua primeiramente, e depois em Vénus e Marte.

Não há hipótese de virmos a encontrar seres humanos nos planetas visitados, e poucas de que os cosmonautas possam aclimatizar-se e procriar fora da nossa atmosfera terrestre.

Baseando-se nesta hipótese, os serviços especializados americanos e russos prepararam um programa de hibridação que consiste em fazer vingar num meio heterogénico — vulva animal ou receptáculo vegetal extraplanetário — uma semente ou um feto humano trazido directamente da Terra.

Não é impossível, antes pelo contrário, que a semente assim depositada possa desenvolver-se até à formação duma criatura viva, desde que se forneça ao meio de incubação os elementos químicos considerados indispensáveis.

Evidentemente, também se efectuaria a operação inversa: aniquilamento no meio de incubação das secreções naturais susceptíveis de serem prejudiciais ao desenvolvimento da semente.

Não tenhamos ilusões: convençamo-nos de que, depois das experiências *comprobativas* realizadas em 1964, ao nível da célula, pelo professor inglês Henry Harris e pelo Dr. J. F. Watkins, de Oxford, num futuro próximo serão

criadas raças novas por acasalamento entre os diversos reinos da natureza.

Para um biólogo, não há nenhuma diferença fundamental entre a matéria e a energia, entre o mineral e a matéria viva superiormente organizada. Pigmalião dedicava o seu amor a uma estátua de mármore, e não é certo que os poetas amam com todos os sentidos o carvalho secular que assistiu ao desabrochar dum idílio, o rio, o prado de flores, o mar ou a montanha, por razões que se aproximam visivelmente do amor carnal?

Não é certo que os zoófilos adoram os cães familiares, os gatos e os macacos que têm em casa? Para eles, não existe qualquer repulsa física na perspectiva do acasalamento, mas apenas uma barreira moral que se designa racismo, quer dizer, perpetração dum crime contra as leis naturais da vida.

Eva, Isis e as filhas de Loth

Não houve qualquer problema racial quando os Terrestres se deixaram fecundar pelos «Anjos», e o Senhor, do mesmo modo que os redactores da Bíblia, não viu nisso qualquer imoralidade.

A Virgem Maria concebeu do «Espírito Santo»; no Egipto, a deusa Nout uniu-se ao irmão, imitada por Ísis, que teve mesmo um filho (Horo) pelo contacto com o cadáver do esposo; o Zeus grego nasceu da virtuosa Atena... Encontram-se na História, na lenda e na mitologia muitos exemplos de uniões estranhas, que vão do incesto ao casamento com seres extraterrestres.

Mas quando está em jogo o destino da raça humana, todos os escrúpulos se dissipam, cedendo à lei superior

da reprodução indispensável. Eva só teve filhos homens; a sua descendência foi assegurada por relações sexuais que teve com os filhos.

As filhas do patriarca Loth, depois da destruição de Sodoma e Gomorra, pensaram que o mundo tinha desaparecido (*Génese*, XIX-31); a mais velha disse à mais nova: «O nosso pai está velho... mas embebedemo-lo e durmamos com ele para que possamos conservar a sua raça...»

Mais tarde, na história hebraica, o Senhor mostrar-se-á mais moralista, mais apegado aos princípios, e dará mesmo uma missão racista ao seu «Povo Eleito»!

Compreenderemos melhor depois desta exposição o problema que se apresentou aos homens depois do dilúvio e como foi resolvido.

Alguns pensaram ser os únicos sobreviventes do globo e acasalaram-se com animais até que obtiveram nascimentos de seres aproximados aos humanos. Nessa altura fez-se uma experiência biológica em grande escala, infinitamente mais comprovativa que as escassas inseminações artificiais tentadas ilegalmente e a medo pelos biólogos do século xx².

Estas experiências foram coroadas de êxito, e nasceram monstros contra os quais os homens de raça pura tiveram de lançar uma guerra de exterminação.

² A crermos nas tradições, a hibridação teria sido obtida com o tapir, a vaca e a mula. Moisés, falando dos hebreus idólatras, diz no *Ha'azinu*: «Sacrificaram aos Sheidim, que não vêm do alto.» Relacionar também com a história de Esaú, o da pele fedorenta e coberta de pêlos, e com as declarações formais do Senhor acusando os Hebreus de se «terem conspurcado com animais». (*Levítico*, capítulo XVIII, 23-24.)

A Senhora Negra das cavernas

O culto da Virgem Negra foi contemporâneo dos primeiros homens pós-diluvianos, no caso de entre os sobreviventes não se ter encontrado uma única mulher branca para reconstituir a humanidade.

Esta hipótese, já o dissemos, não deve ser de forma alguma posta de parte no que se refere à etnia do planalto etíope que se estabeleceu no Egipto.

Ora, foi no Egipto que surgiu o culto das Virgens Negras, cuja repetição em todo o mundo parece, no entanto, implicar uma causa de carácter universal.

A Mãe está tão intimamente ligada à vida e à afectividade dos homens que o seu culto é provavelmente o primeiro dos que foram celebrados pela humanidade consciente.

Para os ocultistas, a Mãe Negra tornou-se a divindade do universo oculto e do trabalho subtil que se elabora clandestinamente. Neste sentido, ela é a Virgem Negra e, paradoxalmente, diferencia-se da *Mater*, negra também, das cavernas e santuários subterrâneos, pela criança que esta traz nos braços.

Os cultos da Mãe, branca ou negra, e das Virgens Negras acabaram, no entanto, por se identificar no decorrer dos anos, depois da severa «depuração» levada a cabo pelos cristãos nos primeiros séculos da nossa era.

Os amantes insólitos

A mãe da humanidade entre os Celtas tinha por nome *Dana*, *Danu* ou *Ana*³ e era associada ao carneiro voador, que veio do céu para a Arménia: virgem negra terrestre + cosmonauta = mutante.

Ela era também a *Mama Quilla* do Peru, a *Mã* da Ásia Menor, mas também a *Maia* dos Gregos, que deu ao mundo Hermes no «seu antro tenebroso». Nos Mistérios de Elêusis, os símbolos da Mãe, da serpente e da gruta estavam associados fundamentalmente ao culto de Deméter, e Dioniso (o Iniciador) era ressuscitado sob a forma duma serpente com cabeça de carneiro⁴ na mitologia grega.

Esotèricamente, quer dizer, em significado profundo, o mito está directamente ligado ao problema da nossa génese e da hibridação.

O professor André Bouguenec nota que na maior parte das espécies vegetais—em que a evolução é de longe a mais rápida—a fecundação exige a vinda dum *estrangeiro*⁵, agente exterior que transporta o pólen: vento, insecto, homem, etc., na maior parte das vezes pelo ar.

³ Danu ou Donu na Irlanda e Don na Grã-Bretanha. *Dam*, na «língua desconhecida» donde partiu o sânscrito. A serpente criocéfala (com cabeça de carneiro) era o iniciador voador. Veja-se a relação com o carneiro voador dos Argonautas, com a «serpente voadora» e com os dragões voadores que guardavam tesouros (os tesouros da Iniciação).

⁴ A questão foi ventilada pelo historiador tradicionalista Marcel Moreau em *Les Cultes de Lumière*. Ler também do mesmo autor *La Tradition Celtique dans l'Art Roman*.

⁵ Em mitologia, o termo *estrangeiro* (Oannès, Viracocha, Quetzalcoatl, etc.) implica um advento extraterrestre. Pode-se relacionar este fenó-

Este agente *estrangeiro* estará em analogia com os «amantes extraterrestres» insólitos que vieram e virão sem dúvida ainda fecundar a Terra, as nossas filhas e as nossas inteligências? Assim se crê.

Os cruzamentos, os enxertos, as miscigenações não são indispensáveis à evolução das espécies?

Baseando-se nessa tese e na de trocas obrigatórias entre os planetas, o geneticista francês J. Korke procede a experiências fascinantes.

O super-homem do geneticista J. Korke

Pouco se sabe sobre a origem das raças humanas e ainda menos sobre a das plantas.

Donde vem o trigo?

Como é que a antiga maçã da Arménia pôde adquirir as excelentes qualidades que todos os cronistas lhe atribuíram? Mistério?

Como se desconhece a génese das plantas, pode-se formular a hipótese duma inseminação feita pelos colonizadores que vinham do espaço.

Do mesmo modo, é possível que certas espécies de animais não sejam aborígenes.

Como é provável que venhamos a colonizar planetas

menos com o do automatismo celular. Em 1953, os professores Watson e Crick descobriram um dos segredos da vida: a estrutura do ácido desoxiribonucleico ou A. D. N., constituinte essencial dos cromossomas portadores de «informações genéticas». Mas não se sabia como é que essas «informações» localizadas no núcleo da célula podiam passar para o citoplasma dessa mesma célula, onde se efectua a síntese das proteínas. Em 1959, F. Jacob e J. Monod encontraram a solução deste enigma imaginando um MENSAGEIRO com vida reduzida (o A. R. N.) que desapareceria assim que a sua missão fosse cumprida. Em 1960, isolaram este mensageiro teórico cuja existência foi assim comprovada.

um dia, não podemos refutar *a priori* o fenómeno inverso.

A preparação do plano terrestre compreende a exportação de sementes vegetais e também animais destinadas a experiências em plantações, viveiros e, evidentemente, hibridação.

As experiências do geneticista J. Korke no campo da reprodução animal trazem-nos elementos simultaneamente sobre a história passada e o futuro dos homens.

Em primeiro lugar, seria bom recordarmos alguns conhecimentos relativos à transmissão da vida e, nomeadamente, o que são o soma e o gérmen.

O *soma* é o conjunto das células que formam um organismo que tenha a faculdade de se adaptar às condições exteriores do indivíduo.

O *gérmen* é o conjunto dos elementos de hereditariedade, transmissíveis dum ser à sua descendência.

O soma, factor meio, e o gérmen, factor progenitor, influenciam-se mutuamente.

Partindo destes dados, torna-se teòricamente possível architecturar um homem superior, com um progenitor e uma mãe seleccionados com o fim de provocar um caso favorável de hibridação.

J. Korke realizou a experiência com êxito, a partir de animais de criação: o touro e a vaca. O resultado foi um vitelo excepcional, mas que não conservava, como procriador, as qualidades conjuntas do pai e da mãe.

No plano humano, a experiência deveria ser feita com indivíduos de «boa raça»: o descendente de Gengiscão e o descendente de Hugo Capeto, por exemplo, se considerarmos que Capeto e Gengiscão foram génios.

Qualquer que seja a deterioração física dos descen-

dentes, estes conservam no sangue os caracteres do génio ancestral, com tanto mais possibilidades de eclosão quanto o «casamento» for contraído entre «seres de raça» muito diferentes, tão afastados quanto possível, mas da mesma espécie, evidentemente.

Em suma, seria necessário, para a procriação de filhos superiores, procurar a consanguinidade entre os seres humanos de tipos diferentes: entre uma «pura raça» bretã e um «pura raça» chinês, para tomar outro exemplo.

É o que acontece de tempos a tempos, e de forma absolutamente natural. Nasce um génio porque os seus ascendentes foram humanos superiores e conservaram o genótipo das suas qualidades.

Mas esse génio pode não engendrar um filho genial, visto que o fenómeno só se passa ao nível do pai e da mãe, nas condições que apontámos.

Uma outra possibilidade de nascimento dum génio, análoga mas não idêntica, pode ser a proveniente do caso recessivo da Lei de Mendel, como aconteceu com certeza a Albert Einstein, que devia ter pais judeus de sangue puro.

Os mestiços modificarão a face do mundo

Nos povos ou tribos onde os casamentos são fatalmente consanguíneos devido ao isolamento, à falta de contacto com outros grupos de homens, não há qualquer possibilidade de sublimação, sobretudo no plano intelectual.

Um exemplo característico é o de certas tribos aborí-

genes da Austrália, da América do Sul e de África, onde a evolução não se processa há milénios, e não pode voltar a processar-se apesar dos esforços empreendidos pelos civilizadores.

O melhor método para salvar essas tribos da decadência, para as elevar à condição humana, seria certamente misturá-las com brancos⁶.

Foi o que aconteceu em África, onde os mulatos, como na América, tendem a suplantar o tipo original.

A brusca ascensão da África Negra ao nível das nações civilizadas põe problemas sociais que só serão resolvidos quando se conseguir a hibridação⁷.

Quase todos os dirigentes da jovem África são negros de boa raça, mas já a sua sucessão é disputada por mestiços que foram educados e fizeram os estudos no estrangeiro.

São eles que fomentam as revoluções.

Este carácter de revolucionário é inerente à qualidade de mulato e a raça humana terrestre, branca ou amarela, que venha a misturar-se com o tipo africano

⁶ E novamente se evoca o problema racial. É incontestável que o casamento entre um homem branco e uma mulher negra, ou entre uma mulher branca e um homem negro, produz um ser, o Mestiço, mais evoluído que o Negro... Portanto, os Negros poderiam prosseguir na evolução se se unissem o mais possível aos Brancos. Mas o nível médio da humanidade não baixaria perigosamente? O casamento entre um negro culto (geralmente de «boa raça») e uma mulher branca dá um filho normalmente dotado no plano intelectual, mas o mesmo não acontece com qualquer negro. Esta razão é o argumento maior dos racistas brancos, que, por outro lado, têm terror da mania de proliferação própria dos Negros.

⁷ Com efeito, o racismo é tão grande entre os Negros (falamos dos Negros de facto e não dos Mestiços) que grassa mesmo no interior da raça biológica, sob a forma de rivalidades tribais irreductíveis.

Não se fundamenta nem na pigmentação da pele, nem na nação, província ou mesmo cantão, mas na família. Quem não for da família de determinado negro é duma etnia e duma *raça rival e inimiga*.

entrará um dia numa era de conflitos e guerras incessantes que talvez traga consigo a autodestruição⁸.

Segundo a teoria de J. Korke, o super-homem terrestre deverá provir dum «pura raça» negro.

Extraterrestres para mulheres negras

Por outro lado, a África e os povos negros têm necessidade do seu Messias ou Grande Iniciador para se elevar ao nível dos outros continentes e das outras raças.

Este Iniciador poderia vir do espaço. Se os discos voadores não são alucinações ou aberrações, os extraterrestres que os habitam lógicamente procurarão o contacto dos Negros, se quiserem procriar na Terra.

É com uma mulher negra (autóctone) que o acasalamento tem mais probabilidades de êxito⁹.

Desta hibridação poderiam nascer mutantes ou super-homens, um Apolo ou um super-Einstein, mas também, infelizmente, espécies monstruosas, maravilhosamente inteligentes, e muito capazes de disputar à raça humana a supremacia na Terra.

⁸ Os mulatos, que não têm uma tradição válida, nem antepassados de raça, não terão escrúpulos em fazer tábua rasa do passado.

Os milénios de história serão fatalmente esquecidos por eles, e então surgirá uma nova Conjura de Contraverdade.

Na China, os guardas vermelhos, por fanatismo e ódio racial, destroem os Budas e as obras de arte provenientes do Ocidente.

O vandalismo está quase sempre ligado a um complexo de natureza racial.

⁹ Se a Terra, como afirmam certos teóricos, é o campo de experiência, o jardim zoológico duma humanidade superior extraterrestre, é provável que os ensaios de aclimatização sejam tentados de preferência com os Negros (mais probabilidades de êxito).

Ora, nós não sabemos se os discos voadores se manifestam em África com

É também possível, no âmbito do fantástico, que venham seres monstruosos dum outro planeta para invadir e colonizar a Terra.

Os diabos peludos, os Sheidim dos Hebreus, os demónios, talvez não sejam mais que extraplanetários particularmente diferentes do homem terrestre.

Para voltarmos à hibridação de carácter cósmico, temos de reconhecer que os ocupantes dos objectos voadores não identificados ainda não mostraram, até agora, muita pressa em violar as belas terrestres!

Nestas condições, a hibridação entre «puros raças» negros e brancos é incontestavelmente para os Africanos a melhor probabilidade de dar à luz um Iniciador da classe de Quetzalcoatl, de Prometeu e de Apolo, ou dum grande chefe como Estaline ou Mao Tsé-tung.

As leis da evolução determinam a hibridação, mas a razão humana lutará sempre pela preservação da raça e talvez seja esta a causa que motivou o regime de castas no Oriente.

Note-se que o espírito de casta só se desenvolveu em países onde a mestiçagem era acentuada. Os povos brancos do Ocidente escaparam a esta necessidade (com excepção dos Hebreus) e foi preciso a invasão da Espanha pelos

particular intensidade. Admiramo-nos de não sermos abordados pelos pseudo-visitantes extraplanetários... mas subentendemos «nós, homens brancos, civilizados brancos».

Visto que os eventuais visitantes têm todo o interesse em criar uma humanidade híbrida com os Negros, quem sabe se não nasceram já mutantes dessa espécie?

Quem sabe se as guerras terrestres futuras não se farão entre os Brancos, fisicamente decadentes, e gigantes mestiços, filhos de extraplanetários conquistadores do nosso planeta?

Não houve em tempos recuados uma guerra análoga que determinou o fim do mundo e o dilúvio?

Esta hipótese tem características de probabilidade necessária.

Árabes e a superpopulação dos Negros nos E. U. A. para que a casta entrasse na ordem social dos Brancos.

As guerras futuras de exterminação serão portanto, de certo modo, a continuação do conflito que, nos tempos proto-históricos, opôs a raça da Atlântida à de Mu.

Adão e Eva eram negros

Paradoxalmente, os Brancos que, duma maneira geral, têm repugnância em unir-se aos Negros, aceitaram, segundo parece como uma honra, misturar-se com os «anjos» vindos do céu.

Mas há uma razão natural que explica este comportamento estranho: os homens originais, os autóctones terrestres, eram sem dúvida de raça negra. Adão e Eva eram negros¹⁰, e, da mesma forma que as africanas vivem com a ideia fixa de casar com brancos, também as belas terrestres das primeiras idades se entregaram com entusiasmo aos seres extraplanetários brancos que as vinham visitar (a Ísis negra que procura o sexo).

Isto não passa duma hipótese, mas que se insere de forma extraordinariamente fácil nos factos conhecidos e que se presume autênticos.

Assim se poderia explicar também o culto ancestral da Virgem Negra original que se transforma em Virgem Branca ou em Mater depois de milénios de evolução, sobretudo depois do dilúvio.

¹⁰ A Bíblia não contradiz esta hipótese. A mitologia grega diz que «Angelo, filha de Júpiter e de Juno, roubou um dos cosméticos da mãe e deu-o a Europa, o que explica que os Europeus tenham desde essa altura uma tez muito clara». Portanto eles não a tinham antes?

Da mesma forma, os nossos irmãos negros de África, depois dos tempos de evolução e depois do fim do mundo que se aproxima, operarão uma mutação no sentido da cor branca.

Deus é branco

Segundo Paracelso, o negro é a raiz e a origem de todas as outras cores, definição terrivelmente sacrílega para os físicos (e que Paracelso utilizou estritamente dentro da sua concepção de alquimista), mas que se inscreve na nossa tese de que os Negros representam a raça humana terrestre autóctone.

A Bíblia relata na *Génese* duas criações que resultaram talvez de cruzamentos entre os visitantes vindos do espaço e as mulheres da Terra. A primeira (cap. II-versículo 7) foi gorada, mas a segunda (cap. I-versículo 27) deu a raça adâmica, que assegurou a ascense da humanidade.

Donde, esses gigantes (*Génese* VI-3-4) famosos na antiguidade mitológica.

E a ascense não se manifesta pela instabilidade da espécie, a sua espiritualização, a sua iniciação cada vez maior, a sua purificação simbolizada e concretizada pela cor branca?

Deus não é nem negro, nem amarelo, nem vermelho, mas branco, em todos os mitos, em todas as religiões, por evidência universal.

Assim, os homens nascidos duma Eva negra e de amantes insólitos teriam perdido pouco a pouco a pig-

mentação negra da epiderme, que se tornaria cada vez mais clara ¹¹.

Os homens, tornados brancos (iniciados), seriam portanto humanos superiores, que teriam beneficiado da ascese, ao passo que os Negros (adeptos, à procura) ainda não chegaram à iniciação e só lá chegarão se, *novamente*, um agente estrangeiro vindo do céu ou um cruzamento com brancos de origem extraterrestre trazer às suas virgens negras a semente quase divina dos homens provenientes dum outro planeta.

A partir deste esclarecimento geral, torna-se mais fácil apreender o mistério das Virgens Negras cujas estátuas os Gauleses colocavam nas criptas dos templos.

Ainda as podemos ver, mal despersonalizadas e mal cristianizadas, no Puy, em Chartres (Notre-Dame-du-Pilier no colateral esquerdo e Notre-Dame-de-Dessous-Terre na cripta), em Marselha, em Rocamadour, em Vichy, em Quimper, na Île du Levant, em Malaucène, para onde os Templários levaram uma delas.

Os próprios cristãos geralmente honram mais a Virgem que Deus ou o Filho de Deus, e tornam-se heréticos sem o saber, por um atavismo obscuro ligado a não menos obscuros sentimentos de razão e de coração.

Em França, a maior parte das catedrais são «Notre-Dame»; na Itália, a Madona sobrepõe-se ao Salvador;

¹¹ O enxerto de pele negra (original) predomina sobre a pele branca. A tendência orgânica é a de regressar aos caracteres primeiros. O fenómeno é particularmente evidente nos cruzamentos de raças. No entanto, a lei de evolução necessária é tão forte que vence a tendência orgânica: os Negros estão em regressão, em benefício dos Mestiços, que se tornam cada vez mais claros. Dentro de alguns séculos, é provável que já não haja negros, o que talvez ponha termo ao dramático problema da segregação.

a Polónia e a França são os reinos declarados da Virgem Maria¹².

As peregrinações mais santas nestes dois países são as que se fazem a Lourdes, onde apareceu a Virgem, e a Czenstochowa, onde é venerada uma célebre Virgem Negra.

Notre-Dame-de-Dessoubs-Terre

A Virgem Negra de Chartres, chamada também «Virgem dos Druidas», esteve exposta desde tempos imemoriais na cripta da catedral, anteriormente à construção do monumento, que foi edificado sobre um dólmén e uma igreja subterrânea.

A Virgem dos Druidas foi queimada em 1792 por vândalos republicanos que pensavam vibrar assim um golpe sacrílego contra a Igreja Católica, quando, antes pelo contrário, a desembaraçaram duma relíquia pagã inoportuna.

Um velho inventário de 1682 diz: «A Virgem Negra de Chartres é extremamente antiga, a execução é muito grosseira e corresponde perfeitamente ao que se pode esperar de gentes que habitavam os bosques e as florestas, como os Druidas.

Nota-se nela, no entanto, uma certa majestade que inspira respeito e veneração a todos.

Hoje, a face está cheia de mástique em vários sítios, e particularmente nas bochechas, que estavam todas par-

¹² Os Templários, continuadores do cristianismo esotérico (alto clero), e São Bernardo, o Grande Mestre ocultista, consagraram esforços à valorização do culto prestado a Nossa Senhora, virgem branca já purificada, sublimada, mãe da segunda humanidade, mas que conserva vestígios do seu original: Isis, com o manto azul e o crescente lunar pousado aos pés.

tidas e roídas, à força de apresentarem nelas terços na ponta de ganchos de ferro.»

A estátua é negra, de madeira de pereira, símbolo de fecundidade, e mede 2 pés e meio de altura.

Poder-se-ia dizer que foi talhada com o auxílio duma foice, mas, embora seja de factura muito primitiva, a sua confecção não deve remontar para lá do século III ou IV da nossa era, porque o menino, que com uma mão segura a bola, enquanto com a outra benze o globo, é de inspiração puramente cristã.

Pode-se pensar que a verdadeira Virgem dos Druidas foi destruída pelos cristãos e substituída por uma Virgem Maria, à qual no entanto deixaram um vestígio do arquétipo: a coroa de folhas de carvalho.

CAPÍTULO VI

A INICIAÇÃO

«Se o homem quer ser reconhecido, deve dizer simplesmente quem é ele. Se se cala ou mente, morre só, e tudo à sua volta sofre a desgraça.

Se, pelo contrário, ele diz a verdade, é certo que morrerá, mas depois de ter ajudado os outros e a si próprio a viver.»

ALBERT CAMUS

1. A INICIAÇÃO NOS PRIMEIROS TEMPOS

A VALIA-SE a população mundial no passado e futuro próximos por meio dum gráfico que reproduz a curva do povoamento histórico.

Os elementos desconhecidos do passado e do futuro — sem ter em conta os imponderáveis — são obtidos pelo prolongamento da curva nos dois sentidos.

Os dados aproximativos estabelecem perto de 3000 milhões de homens em 1968, 500 milhões no século xv, 300 milhões no ano 1 da nossa era, e apenas alguns habitantes entre o ano 8000 e o 10 000 a. C., onde a curva se aproxima do zero.

A população desses tempos pós-diluvianos, utilizando dois extremos, devia contar entre um milhão de indivíduos e dez mil apenas.

Este facto prova, para além da autenticidade dum cataclismo universal, a impossibilidade, ao contrário do que afirmam os pré-historiadores, de o homem ter vegetado durante um milhão de anos, sem aumentar os seus poderes intelectuais segundo uma progressão aritmética.

Não há dúvida portanto de que houve civilizações anteriores ao dilúvio, cujos sobreviventes mais evoluídos pensaram em preservar os conhecimentos ainda vivos.

Os primeiros iniciados formaram células em que os sacerdotes, cujo celibato não era obrigatório — antes pelo contrário —, se tornaram simultaneamente guardiães dos segredos e agentes da transmissão genética.

A religião tinha nessa altura um carácter grandioso e o futuro do mundo dependia dela.

Primeiros segredos guardados

Que sabiam os homens dos seus antepassados? Muito pouco. Imaginemos o que poderiam saber da sua época 200 a 2000 russos ou americanos sobreviventes dum dilúvio!

Haveria uma probabilidade sobre um milhão de que estivesse entre eles um sábio atómico. E ainda que isso acontecesse não saberia a quem falar e como transmitir o seu saber, perdido nessa massa, minimizado.

Quando os homens, pouco tempo depois do cataclismo, pensaram em estabelecer a nomenclatura dos seus conhecimentos, já só tinham na memória alguns elementos, por vezes pormenorizados, mas nunca uma noção coerente e científica das coisas.

No entanto, certas recordações mais vivazes, algumas até inesquecíveis, impunham-se com força: primeiro o

dilúvio, depois as máquinas que voavam pelos ares, uma arma que podia destruir tudo, uma imagem que aparecia mágicamente num espelho, e a palavra transportada misteriosamente dum pólo da Terra ao outro.

E aí encontramos o essencial das suas civilizações... e da nossa: os aviões ou foguetões espaciais, a bomba atômica, a televisão, a rádio, a escrita...¹

Estas recordações, e algumas outras de menor importância, vão constituir o núcleo da iniciação antiga e dos segredos incessantemente modificados, edulcorados, que os iniciados transmitirão. E vamos encontrá-los sob centenas de formas e disfarces na tradição e nos documentos que chegaram até nós.

No Peru, homens ainda evoluídos desenharam na Puerta del Sol imagens de motores e escafandros; no México, duma forma mais nítida e perfeita, alguém gravou um foguetão espacial, irmão gémeo do Titan II e do Gemini VI. Os Maias contaram no *Popol Vuh* a fantástica destruição do seu universo americano, e os Hindus relataram a guerra atômica que derrotou Mu: uns e outros deixaram descrições de homens voadores, e de carros maravilhosos.

Persistirá uma outra recordação, mas mais confusa, a dos Senhores do Mundo vindos dum outro planeta.

Estes iniciadores tinham nomes dos quais alguns chegaram até nós mais ou menos alterados ou inventados: Azazel, Lúcifer, Prometeu... porque o seu advento remontava a tempos extremamente longínquos, e foi mais fácil chamar-lhes «Deuses», «Anjos», «Guardiães», «San-

¹ Hipótese: o Verbo criador não seria a palavra escrita, mais indispensável à criação científica que a palavra falada? De qualquer maneira, é incontestável que a «palavra muda» (o silêncio) não pode criar a evolução, o conhecimento, a criação científica. O iniciado é portanto aquele que fala e não aquele que se cala.

tos», etc. Todos tinham roubado o fogo do céu, todos tinham querido o bem dos homens, todos eram duma origem desconhecida, exterior à Terra.

Portanto, alguns decénios depois do dilúvio, os homens lembram-se, reúnem os seus conhecimentos, às vezes desenham, o melhor que podem, de memória, máquinas cujo funcionamento nunca compreenderam. Estes homens não foram pela certa contemporâneos do cataclismo, mas antes os filhos e netos dos contemporâneos.

Os segredos são balbuciados por «iniciados» decadentes, e imagine-se agora como seria uma descrição dum *robot* electrónico, dum televisor, ou dum turbo-reactor, cem ou duzentos anos depois de terem desaparecido, depois de a humanidade ter fornicado com os animais, e enquanto o seu estado de degradação confinava, para muitos, com a aniquilação pura e simples dos caracteres raciais.

Foi então que os «minus», os diminuídos da humanidade, criaram a lenda, o empirismo, visão deformada e degradada das verdades primeiras. Deste empirismo surgirá a magia baixa, que se perpetua ainda entre os povos da Terra.

A escrita misteriosa

No seu livro *La Clé des Choses Cachées*, Maurice Magre escreve:

«Uma tradição que se aproxima da de Agartha conta que, depois da grande catástrofe cósmica em que a Atlântida foi arrasada, existiram homens entre os sobreviventes que tomaram para si o encargo de perpetuar o património moral humano.

Tinham-se refugiado nos picos do Himalaia, e foi aí que ocultaram as tábuas astronómicas, os documentos gravados em folhas de metal e tudo o que representava os elementos do saber.»

Admite-se duma forma geral que a humanidade pós-diluviana tinha uma linguagem universal, pelo menos na classe dos sábios.

Se, como se afirma, existem documentos gravados em metal no Peru, no Tibete e no deserto de Gobi — a Bíblia de Anahita segundo o *swâmi* Matkormano —, deviam ter sido todos redigidos numa escrita misteriosa que Sanconíaton foi encontrar nos templos da Fenícia.

Chegaram até nós várias palavras dessa língua universal: *Mama* = mamã; *Dam* = a mulher ou dona de casa entre os Vedas; *dam* é mais antigo que o sânscrito védico, que o herdou «duma língua hoje extinta»; *Div*, *dev*, *deva* = deus (exactamente: os brilhantes²).

Nas seitas espiritualistas, é crença corrente que alguns iniciados tiveram o pressentimento e o conhecimento do cataclismo antes de ele se verificar, e refugiaram-se num abrigo seguro, no Tibete, segundo alguns, ou nas Pirâmides, segundo outros.

Esta asserção parece-nos arriscada, porque supõe que os iniciados, desde há muito conhecedores do fim do ciclo terrestre que se aproximava, teriam tido a possibilidade de construir abrigos à prova das águas e dos tremores de terra.

Tarefa impossívell

Nós sabemos actualmente que o fim do nosso ciclo se aproxima, que o fim do mundo é inelutável; mas quem

² Os deuses são «brilhantes»; Zoroastres é o astro brilhante da cor do ouro; o planeta brilhante é Vénus... A analogia é fácil.

poderia construir um abrigo com as dimensões de Quéops ou abrir cavernas semelhantes às de Agartha?

Utilizar a Agartha ou o santuário subterrâneo do Havai?

Se o continente de Mu foi engolido pelo oceano Pacífico, como podemos pensar que as cavernas do Himalaia e das ilhas Sandwich se tenham conservado intactas?

Finalmente, parece-nos inadmissível que esses iniciados tenham aceitado sobreviver, fechar-se num refúgio considerado seguro, enquanto por toda a parte à sua volta milhões de homens, mulheres e crianças morriam no «apocalipse» da evolução.

De resto, a natureza da transmissão dos segredos indica que os sobreviventes eram homens dum nível intelectual muito comum, porque *não transmitiram conhecimentos muito importantes*, por exemplo, o da atrelagem dos cavalos, o assoreamento das terras e os enxertos³. E ninguém com um pouco de sensatez poderá admitir que iniciados dignos desse nome tenham tido a imprudência de manter ocultos tais segredos se os tivessem conhecido!

Homens mascarados que só saem à noite...

No entanto, na maior parte das seitas é de bom tom pensar-se que desde o dilúvio até aos nossos tempos os iniciados estabeleceram uma cadeia ininterrupta, legando secretamente, esculpindo na pedra ou escrevendo — mas

³ O que prova que a imensa maioria dos sobreviventes não era formada por homens da planície ou agricultores, mas por caçadores dos altos planaltos. Os intelectuais abriram o caminho para a civilização egípcia, mas, perdidos entre a massa inculta, não puderam ensinar tudo quanto sabiam.

sob uma forma hàbilmente hermética—os fabulosos conhecimentos de que foram os detentores.

O Iniciado, no sentido em que o entendem os empíricos, é típicamente uma personagem desconhecida, intocável, não identificável ao comum e que geralmente sai mascarada, à noite, cosendo-se com as paredes! Sabe o porquê e o como de todas as coisas, consegue fabricar o ouro da alquimia, desdobrar-se, ver e ouvir à distância. Tem o dom da ubiquidade, de utilizar a quinta-essência dos poderes psíquicos humanos e tem o condão, quando o deseja, de libertar forças mais poderosas que as da bomba atômica.

É este o arquétipo do Iniciado, personagem invisível e muda, detentor dos segredos do universo, confidente de Deus e sábio de fé cuja ciência seria sacrílego querer pôr à prova.

Tudo isto são disparates de empíricos, proclamam os racionalistas, cansados de esperar pelo princípio do começo da primeira revelação de envergadura.

O problema tem sido mal posto.

Houve (e há ainda) autênticos iniciados: Pitágoras, Platão, Poincaré, Einstein, para citar apenas alguns, cujo saber não se pode pôr em dúvida. Mas se nem todos revelaram a totalidade da sua mensagem, *todos deram provas e trouxeram uma enorme contribuição à ascese do homem.*

O problema tem sido mal posto porque a iniciação no espírito dos empíricos tornou-se quase exclusivamente uma questão de alquimia, duma certa ciência dos números e dum misterioso desconhecido psíquico que desde há dois mil anos vogam nas mesmas águas⁴.

⁴ O «Iniciado» rodeia-se ritualmente dum grande mistério e não deixa

Como é possível levar a sério a charlatanice tortuosa dos aprendizes de feiticeiro, ou os desenhos e esculturas maquiavèlicamente complicados dos pseudos-iniciados?

Será iniciação desfazer o nó górdio da Cabala truncando intervenções, numerações, permutações, dum texto provavelmente falsificado?

Será iniciação ver na expedição dos Argonautas apenas símbolos herméticos duma ciência cujo apogeu seria a Grande Obra?

Se os iniciados foram tão reticentes, tão tortuosos, tão astuciosos e tão sibilinos, se a iniciação consistia em submeterem-se a testes intelectuais seguidos de provas físicas, como descer a um perigoso poço escuro, dominar um leão e vencer o medo, mais vale acreditarmos nos charlatões de feira!

A verdadeira iniciação

Na verdade, o iniciado em todos os tempos foi aquele que, paciente e sàbiamente, pelo seu trabalho, aplicação,

de sublinhar que «se pudesse falar» diria coisas mirabolantes! Mas prometeu guardar segredo! Ou então ainda não chegou a altura! Poderia revelar a fórmula da quadratura do círculo... o remédio contra o cancro... Infelizmente, não «pode» falar!

O mesmo acontece com certos alquimistas à procura da pedra filosofal que lhes dê o poder tão materialista de produzir ouro, convertível em notas do banco!

Com uma mentira piedosa destinada a amortecer a própria consciência, estes alquimistas fazem crer que a Grande Obra a que se dedicam é sageza, em «verdade esotérica»!

Como se a sageza pudesse materializar-se numa pedra... como se pudessemos encontrá-la pelo aquecimento num tubo de ensaio de mercúrio, chumbo, enxofre, fósforo e outros produtos químicos!

A alquimia, que foi a antiga química, é a própria imagem da verdade constantemente deturpada.

clareza de perspicácia, soube destrinçar a diabólica confusão criada pelas conjuras do mal e da ignorância.

A iniciação é o conhecimento, não da descoberta do ouro químico e da sabedoria sulfurosa que se pensava que a Grande Obra traria, mas do que foi a história do homem e de qual poderá ser o seu destino no enquadramento do universo perceptível em que se integra.

O homem procura saber donde veio e para onde vai. Procura ver o que o rodeia e descobrir, se puder, o essencial das coisas escondidas, da génese, da ciência e do misterioso desconhecido que solicitam a sua curiosidade.

Aqueles cuja descoberta vai mais longe, e só esses, são os iniciados.

Com raras excepções—assuntos cuja divulgação é incontestavelmente perigosa—*o iniciado revela o que sabe, a fim de que a experiência vivida possa servir de exemplo para a experiência a viver.*

Neste sentido, o alquimista não é o anónimo improvável que talvez soubesse fabricar o ouro, mas o sábio que, sem dúvida alguma, transmuta no seu laboratório e brinca com a matéria num jogo eficaz embora terrivelmente inquietante.

No entanto, pensamos que houve verdades por revelar, deterioradas ou perdidas. Sabemos que há símbolos que ocultam verdadeiros segredos, que há mistérios que obscurecem e sufocam um conhecimento que milhões de homens, ao longo de milénios, se empenharam em apagar da História.

Os que mataram o dragão

Teria sido menos difícil de reconstituir a história desconhecida dos homens, se os Egípcios, os Gregos e os Hebreus não a tivessem transmitido sob a forma de fábulas e se os católicos não tivessem cristianizado os antigos ritos e destruído os testemunhos estranhos às suas doutrinas.

Todo o passado da humanidade se afundou por causa destes processos, que foram estranhamente magnificados pelo símbolo de São Jorge e São Miguel em luta contra o dragão pagão.

Segundo a verdade esotérica, segundo a verdade pura, São Jorge e São Miguel são os emissários de Satã que vieram apagar a luz do conhecimento, assassinando o guardião do tesouro legado pelos nossos avós.

Os que «venceram o dragão» figuram na História com nomes prestigiosos: Júlio César, Augusto, Alarico, Omar, Carlos Magno, Gengiscão, Torquemada, etc.:

330 a. C. — Incêndio da Biblioteca de Persépolis, pelas tropas de Alexandre o Grande (muito duvidoso!).

240 a. C. — O imperador chinês Tsin Che Hoang manda destruir todos os livros de ciência e de história.

75 a. C. (ano 671 de Roma) — Os Livros Sibílinos dos sacerdotes de Apolo são destruídos no incêndio do Capitólio.

48 a. C. — Primeiro incêndio da Biblioteca de Alexandria, por Júlio César.

1 d. C. — Augusto manda destruir mais de 2000 livros de oráculos.

54 — São Paulo, em Éfeso, faz um auto-de-fé de todos os livros que tratam de «coisas curiosas».

296 — Diocleciano manda queimar as bibliotecas cristãs com documentos gregos e egípcios.

Século III — Os imperadores cristãos do Ocidente queimam e destroem em gigantescos autos-de-fé as maravilhas do mundo antigo, entre as quais o Templo de Diana em Éfeso, e os arquivos considerados pagãos. A verdadeira história do mundo desaparece por este acto criminoso.

389 — Teodósio queima os Livros da Sibila.

390 — Segundo incêndio da Biblioteca de Alexandria, pelos cristãos.

405 — Estilicão destrói as cópias dos Livros Sibilinos.

410 — Alarico pilha as bibliotecas de Roma.

Século VII — Monges irlandeses ignorantes mandam queimar 10 000 manuscritos rúnicos de casca de bétula, que continham as tradições e os anais da civilização céltica.

641 — Terceiro incêndio da Biblioteca de Alexandria, por ordem do califa Omar.

728 — Leão Isauriano queima 300 000 manuscritos em Bizâncio, durante a Guerra das Imagens.

789 — Carlos Magno, pelos decretos dos concílios de Arles, de Tours, de Nantes e de Toledo, proíbe o culto das árvores, das pedras e das fontes e prescreve a destruição de todos os objectos ou documentos relativos ao rito pagão.

1221 — Gengiscão queima os livros da antiga Djuldjul, a Tebas do Oriente (Bâmiyân).

Século XIII — Os católicos destroem os livros dos Cátaros.

Séculos XIV e XV — A Inquisição queima os manuscritos heréticos.

Século XVI — Os conquistadores cristãos e o bispo

Diego de Landa destroem a quase totalidade dos livros sagrados dos Mexicanos.

Os livros de Garcilaso de la Vega são queimados pela Inquisição.

1566 — O vice-rei do Peru, Francisco Toledo, destrói uma quantidade imensa de panos incas e tábuas pintadas onde figurava a história antiga da América.

Século XVIII — O padre Sicard, no porto de Uardan, no Egipto, faz queimar um «rolo de papiro com caracteres mágicos».

1709 — A Inquisição queima os documentos científicos de Gusmão, em Lisboa.

Século XX — Sequestram-se em Paris as tábuas astronómicas brâmanes ditas de Tirvalur. Talvez tenham sido destruídas.

1926 — Arruína-se fraudulentamente o crédito do mais rico jazigo arqueológico do mundo: Glozel.

1937 — Sequestra-se a Biblioteca de Pré-História de Lussac-les-Châteaux...

Seria bom fazer-se uma lista dos casos da «caça às feitiças»!

2. CIÊNCIA E INICIAÇÃO

A primeira missão do Iniciado é pois a descoberta da génese (saber). Em segundo lugar, deve identificar-se ao seu conhecimento (tornar-se), ou seja, ser o modelo. Finalmente, deve ajudar na evolução os outros homens (falar).

Os grandes segredos cosmogónicos são revelados por Toth-Hermes, Hesíodo, Empédocles, Pitágoras, os Druidas, e pela maior parte dos escritos sagrados. Muitas vezes são difíceis de penetrar, outras foram mutilados por

sectários, mas em geral continuam sob a forma de símbolos mais ou menos herméticos.

Só a Bíblia não participa na reconstrução do grande quebra-cabeças, porque surgiu de um povo, os Hebreus, que não viveu o drama do cataclismo⁵.

O segredo da serpente que nada

É provável que a primeira célula de iniciação tenha conhecido — aproximadamente — o segredo da criação. Pelo menos tinha dela uma ideia muito elaborada, dada a importância das civilizações que tinham florescido na Atlântida e na Terra de Mu.

É o que se pensa quando se estudam as mitologias, em que a criação do mundo, escrita ou desenhada, é representada sob o símbolo da «serpente que nada nas águas»⁶.

Devemos ver nesse símbolo um resumo impressionante da cosmografia tal como foi formulada cientificamente no século xx: uma onda eléctrica (a serpente) que se propaga num universo de ondas estacionárias (as águas), determinando por esse facto círculos concêntricos à imagem da expansão universal.

Os Celtas representavam, talvez com mais fidelidade que os outros povos da tradição primeira⁷, as ondas pri-

⁵ Os Hebreus só falaram no dilúvio por se lhes ter transmitido o conhecimento dele, visto que constituíram a sua nação apenas 1500 anos a. C.

⁶ No *Popol Vuh* dos Mexicanos: «A serpente estava sobre a água como a luz viva.»

No *Kojiki* dos Japoneses, livro das coisas antigas ou das palavras antigas, que data do ano 700, a serpente é a onda eléctrica do trovão.

⁷ Aristóteles garantia que a filosofia tinha sido criada pelos Celtas. Pitágoras dizia que os Druidas eram os homens mais sábios e não há razões válidas para duvidarmos do ilustre filósofo e matemático. De resto, segundo

mordiaais da criação por um simples traço ondulado ou uma espiral, como se pode ver nos rochedos esculpidos do célebre «galgal» (túmulo) da ilha de Gravinis (golfo de Morbihan).

Para um profano, uma espiral não é mais que uma figura geométrica; para o iniciado, ela sugere o desenrolar dos ciclos, pode tornar-se uma serpente, em seguida uma onda eléctrica...

A partir deste estádio, o iniciado não sabe mais nada... ninguém sabe!

Não se tentou ocultar conscientemente a génese, mas deu-se uma ocultação natural, restando-nos apenas um dado, quase hermético: o mundo foi criado pelo Verbo ou pela Luz (uma onda).

A energia atómica

Francis Bacon, o filósofo inglês do século XVI, tal como o seu homónimo, o alquimista Roger Bacon (século XIII), era um verdadeiro iniciado.

No livro intitulado *A Sabedoria Misteriosa dos Antigos*, a propósito de Amor e de Cupido, escreve estas palavras, onde se adivinha um profundo conhecimento científico:

«Este amor parece ser o apetite ou o aguilhão da primeira matéria, ou então, para melhor me explicar, *o movimento natural do átomo*. Porque ele próprio é esta força antiga e única que forma toda a matéria.

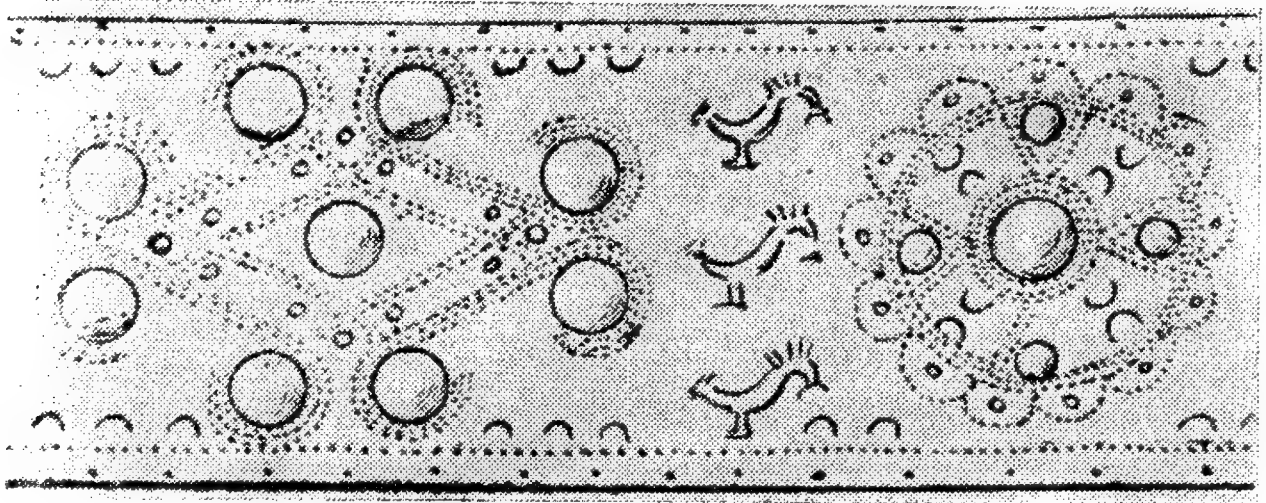
Não tem pai nem mãe, como não depende de nenhuma causa (ora a causa engendra o efeito), mas sim

Jâmblico, a iniciação de Pitágoras foi feita pelos Druidas. Os ensinamentos dos Celtas são citados no *Bardas* (livro de cantos bárdicos).

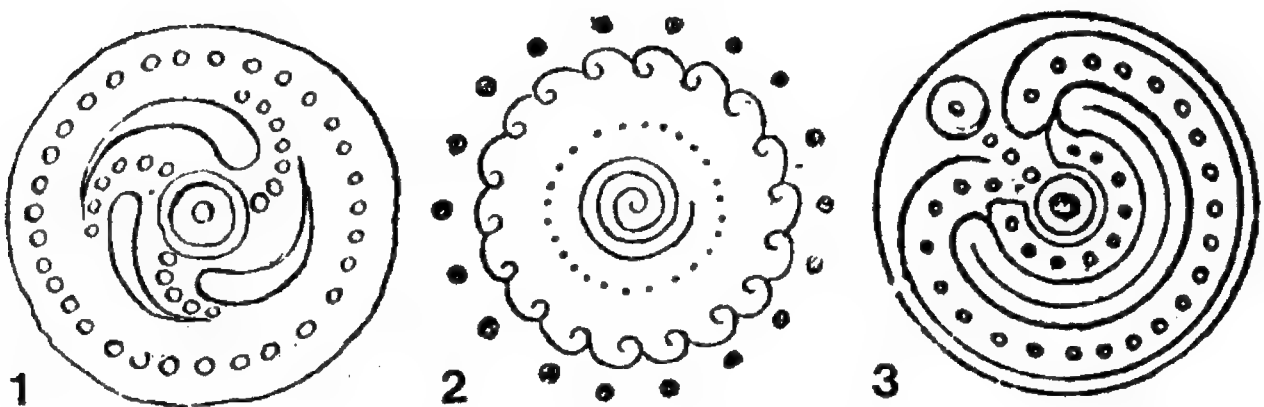
desta única força. Não se pode pensar em nenhuma causa da Natureza, se exceptuarmos Deus.»

Leucipo e Demócrito, no século v a.C., tiveram conhecimento da atomística; de uma forma mais empírica, homens da Pré-História, como os Gauleses e os Maias, tinham conservado os símbolos da energia atômica.

Reproduzimos a seguir desenhos cujo sentido simbólico parece referir-se à ciência nuclear.



Nórico — Cinto de Hallstatt



1. Moeda gaulesa — 2. Disco solar inflamado (México) — 3. Invólucro universal. «O Senhor das Esferas ocultas faz surgir as essências; aquele que residir na obscuridade nasce sob a forma do invólucro do universo.» (Émile Soldi-Colbert de Beaulieu. *A Língua Sagrada — A letra Teth*).

Estes desenhos são impressionantes, porque sugerem uma teoria atômica, com neutrões que gravitam, prótons, núcleos, um cortejo de electrões e até a expulsão dum corpúsculo.

Os trajectos das esferazinhas serão imagens vulgares, gratuitas, do movimento e do fogo que jorra, ou a expressão científica dum conhecimento legado pela imagem e pelo símbolo, e não por uma escrita mais explícita?

Imaginação, delírio dos empíricos, dirão os racionalistas, e era já isso que previa o honesto Sanconíaton quando escreveu: «Os nossos ouvidos habituados desde os primeiros tempos a ouvir as suas mentiras... conservarão como um depósito precioso estas suposições fabulosas... de forma a fazer surgir a verdade como uma extravagância e a dar a lendas adulteradas o carácter da verdade.»

A verdade antiga é inacreditável

O patriarca Henoch, avô de Noé, contou pormenorizadamente a primeira vinda dos «anjos» iniciadores à Terra, há 15 a 20 000 anos, e a história do nosso planeta até ao dilúvio⁸.

Descreveu também as suas viagens ao «céu dos primeiros Pais», «céu» que se situava na Terra, entre o Ocidente e o Sul.

Esta relação não foi escrita por Henoch, foi provavelmente transmitida pelos iniciados pós-diluvianos, e finalmente transcrita por um copista que deve ter tido grandes escrúpulos de consciência.

⁸ Ver *O Livro dos Segredos Traídos*, de Robert Charroux, capítulos VI, VII, X e seguintes.

Henoch falava certamente de verdadeiras viagens por avião ou de foguetão, mas o bom do copista, 7000 anos depois da aventura, não se convenceu a optar por aquilo que considerava uma mentira, um exagero: a máquina voadora!

Resolveu o problema identificando a viagem no espaço a um simples sonho sugerido por Deus... a uma «visão», como então se dizia.

E tudo quanto foi transmitido dos factos — guerra atómica, foguetões espaciais, cosmonautas, televisão, helicópteros e rádio — foi deturpado *por amor da verdade!*

Há 4 ou 5000 anos, os homens não podiam acreditar numa realidade tão prodigiosa e tão fantástica.

A maior parte ainda não acredita, neste século xx!

No entanto, a Pré-História só adquire um aspecto lógico e racional se identificarmos o Senhor a um cosmonauta, os carneiros voadores, as serpentes, as nuvens, aos foguetões, o carro de Ezequiel a um disco voador e a destruição de Sodoma a uma explosão nuclear!

Os iniciados da ilha de Havai

É precisa uma certa dose de boa vontade para aceitar as cosmogéneses (criação do mundo) dos escritos sagrados, dos quais alguns, tal como a Bíblia, por exemplo, são extremamente extravagantes e infantis!

Neste aspecto, os selvagens das ilhas Sandwich (ilha do Havai, ilha Oahou, ilha Molokai, etc.), perdidos no meio do Pacífico, dão uma extraordinária lição aos civilizados do velho continente.

Transcrevemos textualmente, segundo as longínquas tradições polinésias, a criação do mundo, como é descrita

na *Mythologie Générale*, Larousse, página 420, assinada por G. H. Luquet, professor agregado da Universidade de Paris:

«No Havai, do caos obscuro surgiram por uma *evolução gradual* as formas vivas tanto animais como vegetais. Em primeiro lugar, nasceram os zoófitos e os corais, seguidos pelos vermes e moluscos e paralelamente pelas algas, seguidas dos juncos.

Depois, quando os detritos resultantes da decomposição dos *seres anteriores* fizeram erguer a terra acima das águas, apareceram as plantas folhosas, os insectos e os pássaros.

Em seguida, o mar produziu os *tipos mais elevados*, como as medusas, peixes, baleias, enquanto transitavam para locais mais secos seres monstruosos. Mais tarde, apareceram as plantas comestíveis; depois, num quinto período, o porco, e num sexto os ratos na terra e os mar-suínos no mar.

Finalmente, depois dum sétimo período, em que se desenvolveu uma série de *qualidades físicas abstractas que, mais tarde, tomaram forma na humanidade*, um oitavo período determinou o *nascimento da mulher, do homem, e de alguns dos grandes deuses*.

Encontra-se igualmente em Samoa, embora expressa numa forma menos nítida, a concepção duma *sucessão transformista* dos vegetais...»

Que pensar desta cosmogénese de «selvagens»?

Moisés e mesmo Darwin teriam muito a aprender com ela! É verdade que existe no Havai um santuário subterrâneo de iniciados, que não deixa de estar relacionado com aquela tradição superior onde se poderia talvez encontrar uma sobrevivência dos conhecimentos da Terra de Mu.

Além disso, é interessante notar que o Havai faz parte duma importante linha de fractura terrestre (as matrizes de Gaea), o que parece condicionar sempre um excepcional desenvolvimento das qualidades intellectuais e psíquicas dos homens.

Quem poderia ter concebido uma cosmogénese tão perfeita senão Iniciados?

Verdadeiros Iniciados que falaram e conseguiram até escapar ao dilúvio, visto que vários picos da ilha do Havai ultrapassam 4000 metros de altitude.

Permitimo-nos salientar alguns pontos particularmente importantes: evolução gradual—seres anteriores—qualidades físicas abstractas que tomaram forma na humanidade—nascimento da mulher antes do homem—nascimento do homem antes dos deuses—sucessão transformista dos vegetais.

Não há dúvida que se trata duma revelação iniciática que dará que pensar aos filósofos mais cultos do Ocidente.

A Esfinge vai falar

A iniciação verdadeira tem sempre um carácter científico e traz sempre um conhecimento válido à humanidade, mesmo quando oculta num símbolo.

Num manuscrito redigido em aramaico, *El Fallahat en Nabatiat (A Cultura Nabatiana)*⁹, fala-se de vastas bibliotecas cujos livros expõem extraordinários conhecimentos científicos e filosóficos.

⁹ Os Nabateus habitavam a antiga Arábia Petreia.

Este livro sagrado parece ter uma origem muito antiga, porque nele se fala de Noé.

Aristágoras de Mileto, cinco séculos antes da nossa era, tinha composto uma *História do Egipto* em dois tomos, baseando-se nas inscrições gravadas nas pirâmides. Esta obra não chegou até nós, e sem dúvida foi destruída como a *História Fenícia* de Sanconiaton.

O báculo, chamado *abacus*, dos grandes mestres pitagóricos, era gravado com caracteres mistagógicos (em relação com a iniciação aos Mistérios) que se presume serem a nossa tábuia de multiplicação, a qual ainda hoje tem o nome de Tábuia de Pitágoras.

Mas perderam-se outros segredos inscritos nos báculos, a menos que os nossos sábios, ao pensarem inventá-los, os tenham redescoberto.

No antigo Templo de Sais, no delta do Nilo, o iniciado Plutarco leu a seguinte inscrição:

«Eu sou tudo o que foi, que é e será.

Nenhum mortal, até hoje, pôde desvendar o véu que me cobre.»

Até hoje! Mas chegou o tempo em que o véu se ergue cada vez mais de cima dos segredos interditos aos nossos antepassados.

A Esfinge fala de novo. Diz que o conhecimento dos segredos é terrível, e que eles anunciam o fim do mundo.

Era essa a opinião de Francis Bacon sobre a iniciação, porque escreveu, a propósito da Esfinge e da ciência:

«Esta fábula, que é tão engenhosa quanto bela, parece ter sido imaginada sobre a ciência aliada à prática: porque não é sem razão que a ciência pode ser chamada um monstro, pois produz estranhos espantos nos espíritos dos ignorantes.

Ela é diferente de figura e de aspecto para os diversos indivíduos... Dão-lhe asas... mas tem garras agudas e rapaces.»

3. DEUS E OS INICIADOS

Deus é conhecido pelos iniciados?

Para os espiritualistas, a resposta não dá lugar a dúvidas: o privilégio superior da iniciação é precisamente o de conceber Deus!

Na realidade, o iniciado não crê em Deus, ignora-o.

Pitágoras não tinha ideia precisa de Deus; Platão, seu discípulo, imaginava-o destituído de onipotência e não criador do mundo; quanto a Ferecides, mestre de Pitágoras, e por consequência de Platão, ostentava abertamente a sua descrença ou, mais exactamente, a sua *ignorância*.

Proibido invocar Deus

Se perguntarmos a um sábio se crê em Deus, criador do céu e da terra, eterno, todo-poderoso... a resposta será evasiva, e se for afirmativa só o será de maneira circunscrita.

Se apresentarmos a mesma pergunta a um picador espanhol, a um lenhador mexicano ou a uma mendiga italiana, a resposta soará como uma bala de canhão: sim! Porque o ignorante em geral é crente.

Buda não acreditava em Deus¹⁰.

¹⁰ A doutrina budista repousa sobre as «quatro verdades sublimes»:

1. A dor é inseparável da existência;

2. A dor é filha do desejo;

3. A existência e a dor podem cessar pelo Nirvana;

Buda, Ferecides, Pitágoras, Platão... o problema devia ser debatido, mas isso faria exultar os ateus. Ora os iniciados não são ateus, embora sejam ignorantes de Deus!

Enfim, por razões subtis, a iniciação neste aspecto consiste em não nomear a Deus, em não escrever o seu nome; os rabis escrevem apenas a primeira letra: D... seguida de vários pontos.

No entanto, se o nome é proibido, a ideia permanece, o que é esotéricamente sacrílego, e, a menos que não se fale dele, como fez Buda, é necessário simbolizar Deus por uma palavra, uma figura ou um sinal.

Resolveu-se então substituir o nome por uma abstracção... e quanto mais esta abstracção for ambígua, mais ela é iniciática¹¹.

Os Chineses do século xx, futuros senhores do mundo, omitiram radicalmente a palavra e a ideia do seu vocabulário e do seu espírito.

Já na China antiga Deus era «uma razão agente e inesgotável, que nenhuma imagem podia representar, que nenhum nome podia nomear; razão infinita de todas as maneiras e à qual nada se podia acrescentar».

Era *Vou-ki*, o ser ilimitado, o *Y* de Confúcio, o *Tai-y*, a grande unidade.

Lao-Tseu, como Buda, ignorava completamente D...

Confúcio (foi um iniciado, sem dúvida um caso recesivo, porque com 6 anos de idade maravilhava os que o conheciam com a sua grande sabedoria. Segundo Tchou-

4. Para atingir o Nirvana, deve-se destruir o desejo.

Mas o que é o Nirvana, recompensa prometida por Buda à ciência e à virtude?

É o repouso eterno: *nir* = negação; *va* = soprar... Buda era panteísta.

¹¹ Como Deus se tinha tornado um conceito fácil e manejado pela charlatanice — e isso desde há milénios — os iniciados, por respeito, decretaram a proibição de nomear o Indizível.

-Hi, o seu comentador mais digno de crédito, o grande sábio não reconhecia qualquer identidade a Deus, repudiava as religiões e só confiava na ciência racional.

E isto há 2500 anos!

«Confúcio não falava nem de coisas místicas (como Buda e Lao-Tseu), nem dos *espíritos* (almas), nem da Via celeste.»

A Ki-Lu, que procurava saber como se deviam servir os espíritos e os génios, respondeu numa conversa:

«Quando não se está ainda em condições de servir os homens, como é que se pode servir os espíritos e os génios?»

Uma outra resposta mostra a sua grande honestidade moral, a sua humildade e o exacto conhecimento que tinha do seu saber. Quando lhe perguntaram o que era a morte, disse:

«Quando não se sabe o que é a vida, como se poderá conhecer a morte?»

Confúcio, «Filho do Céu», retirou-se no fim da vida com alguns discípulos para um local misterioso, e é curioso notar que ninguém se lembrou de identificar este local com o Agarthá.

O deus de Moisés era celta

Os Hebreus, adoptando o culto do deus do egípcio Moisés¹², deram-lhe por pseudónimo Ain-Soph, Elohim, Adonai, quer dizer, o deus único Aton dos Egípcios, o qual era por sua vez Adónis, deus universal dos Fenícios.

Os Fenícios, primitivamente, chamavam a Deus *Beel-*

¹² Ver *O Livro dos Segredos Traídos*, capítulo VII.

samen, que se tornou a seguir *Bel* ou *Baal* (o Bel-Heol dos Celtas), e depois *Hel*, *Il* ou *Crono*.

Sanconíaton, na *História Fenícia*, diz-nos que «os aliados de Hel (Crono) foram chamados Elohim, o que corresponde a Cronianos».

Será portanto lógico reconhecer em Elohim ou Eloim, deus ou deuses dos Hebreus, o deus Hel e os Eloim dos Fenícios e remontar assim à origem: o Bel-Heol dos Celtas, pais de toda a filosofia, segundo o Iniciado Pitágoras.

Esta identificação dá uma explicação suplementar do desejo dos Hebreus de ocultar que a iniciação (que foi grande entre eles) não provinha duma revelação privilegiada, mas do conhecimento que tiveram das tradições do Egito e da Fenícia.

Os cristãos, identificando (em parte) Deus ao Espírito Santo e a Jesus, romperam deliberadamente com as grandes tradições iniciáticas.

Os Fenícios tentaram durante muito tempo esconder o nome de Baal, com medo que, ao invocá-lo, os estrangeiros pudessem gozar dos seus favores, mas isso era uma simples superstição¹³.

Ritualmente, o nome de Deus perdeu-se portanto entre os Hebreus, assim como se perdeu a Palavra entre os Franco-Mações.

¹³ Não devemos associar isto com S. O. S., a palavra que pode salvar vidas. Um S. O. S. só pode ser lançado em caso de perigo grave. Pensou-se durante muito tempo que «nomear» alguém era atrair uma certa potência, o que está certo nas relações sociais. Chamar um cão é ter um certo poder sobre ele. Pensar que se pode chamar Deus é um erro, mas apesar de tudo interfere com a potência do Verbo.

Deus, infinitamente desconhecido

Segundo uma hipótese, sendo Deus o Todo Universal, perde matematicamente a sua potência, à medida que aumenta a do homem.

Quando o homem for todo-poderoso, então Deus deixará de existir e será representado pela sua criatura.

Os Escandinavos não acreditavam na eternidade dos deuses e do mundo.

Para eles e para os Germanos, não passavam de mortais dotados de longa vida e que deviam estar constantemente precavidos.

Um deles, Heimdall, tinha por missão estar de guarda, dia e noite, ao ponto Bifrost, que dá acesso a Asgard, o palácio dos deuses, os Ases.

Mas é destino dos Ases sucumbir um dia às mãos dos inimigos, os Gigantes, e arrastar na sua queda todo o velho mundo ariano.

Esta queda foi contada num dos mais belos poemas do Edda: O *Voeluspá*, sob o título aproximativo de *Crepúsculo dos Deuses*.

A ideia do fim da divindade foi retomada nos nossos dias por teólogos americanos que constituíram o «Grupo da Morte de Deus».

O professor J. Sittler, da Universidade de Chicago, fez-se intérprete deste grupo ao proclamar: «Quando o mundo moderno se debruça para o cosmo, não podemos continuar a interessar-nos por um Jesus que limitava a sua acção à Galileia.»

Este «Grupo da Morte de Deus» não teria aos nossos olhos qualquer interesse intrínseco se, apesar do seu

carácter primário, não se integrasse num ciclo evolutivo que poderia perfeitamente chegar a uma certa identificação do Deus dos Iniciados.

Continuando infinitamente desconhecido, este Deus perderia em benefício da nossa percepção alguns dos 77 000 véus que, segundo a teologia dos Hindus, nos impedem de sermos consumados e preservam o seu anonimato.

Neste sentido, Deus-Universo poderia ser assimilado a um mecanismo computador, espécie de central de *robots* electrónicos, onde se operaria a infinidade de cálculos que determinassem todas as eventualidades que pudessem produzir-se em todos os universos possíveis.

Não haveria um determinismo, mas uma infinidade de determinismos previstos para dar uma continuação, uma repercussão universal ao mais ínfimo pormenor. O comprar-se uma esferográfica, por exemplo, de preferência a um lápis.

Se a iniciação é o conhecimento (a ciência), Deus, em hipótese, não pode ser assimilado senão a um supercêrebro electrónico.

Sendo Deus e a ciência infinitamente impenetráveis, pode-se deduzir daí que um iniciado é apenas, e de facto, um eterno adepto.

O carácter inacessível de Deus, mesmo no que respeita àqueles a quem chamamos os grandes Iniciados, é valorizado por uma declaração de Bernard d'Espagnat, professor de Matemática no Collège de France, a propósito do conhecimento (iniciação):

«Só há uma forma séria de perceber o mundo: pela visão científica. Qualquer outro modo de percepção é fútil.»

Os matemáticos, os físicos e os sábios estão conven-

cidos da sua ignorância profunda do facto mais banal no plano do absoluto¹⁴.

Eles sabem que nenhum julgamento e cálculo pode ser infinitamente exacto num conceito espaço-tempo que nos escapa pela sua profundidade.

Esta humildade, esta certeza da incerteza é a marca do que convém chamar a verdadeira iniciação.

4. A INICIAÇÃO ANTIGA: SIGURD

Todos os ritos iniciáticos foram condensados na maravilhosa lenda de Sigurd¹⁵, herói da mitologia escandinava, no qual se reconhece facilmente o Rama do Edda.

Sigurd, filho de Sigmund e descendente do deus Ódin, é jovem, belo, valente, de alma nobre.

Um dia, o ferreiro Regin, mágico temível que procura a iniciação, oferece ao jovem herói uma espada maravilhosa chamada Gram, com um fio tão cortante que, se for mergulhada no Reno, corta um simples fio de lã arrastado pela corrente. Depois, o ferreiro dá a Sigurd o cavalo Grani, que não tem igual no correr e galopa através das chamas.

A um cavaleiro tão bem armado só falta um grande feito a realizar, e Regin sugere a Sigurd que mate o dragão Fafnir, guardião dum tesouro. O dragão não é cruel,

¹⁴ O iniciado, o sábio, embora possa, em último caso, considerar a ideia de Deus como eixo do campo filosófico, não pode de modo algum sobre-carregar o conceito Deus com um qualificativo qualquer (excepto o de desconhecido).

O «Bom» Deus é portanto ainda o deus impossível do ignorante.

¹⁵ O Sigurd escandinavo é o Siegfried germano.

nunca toma a ofensiva, mas, se é atacado, ou morre ou mata o agressor.

Sigurd, para vencer o terrível adversário, cava um fosso simbólico que virá a ser um túmulo.

O dragão precipita-se, tropeça no fosso e, rápido como o relâmpago, o herói mergulha Gram no coração do monstro, que expira.

Regin, que assistiu ao combate, bebe o sangue do dragão, arranca-lhe o coração e pede a Sigurd que o cozinhe.

Enquanto o herói se ocupa com este trabalho, queima os dedos ao tocar no coração quente e a sangrar¹⁶; por reflexo, leva a mão à boca, e ao fazê-lo engole algum sangue de Fafnir.

Dá-se então um milagre: *Sigurd compreende de repente a fala das aves*, e a conversa das águias empoleiradas numa árvore próxima revela-lhe os desígnios secretos do ferreiro.

«Quando acabar de comer o coração do dragão — diz uma águia —, Regin matará Sigurd.»

«Não — responde a outra —, é Sigurd que vai matar Regin!»

Foi efectivamente o que aconteceu, e o herói, instruído por uma misteriosa pré-ciência, come o coração do monstro, bebe-lhe o sangue e enterra-o, prestando-lhe homenagem.

Depois, toma posse do tesouro e, aconselhado pelas aves, dirige-se para o país dos Francos.

No caminho, vê um castelo em chamas. Impetuosamente, lança o cavalo Grani para o braseiro, atravessa-o e chega a um aposento onde repousa um belo guerreiro que o deus Ódin tinha adormecido por artes mágicas.

¹⁶ É o mito da iniciação do anão Gwyon.

Uma segunda intuição guia Sigurd; tira o elmo do guerreiro e a ponta de Gram, a espada mágica, rasga-lhe a cota de malha, descobrindo-se então o corpo duma mulher duma beleza indizível, a valquíria Brunehilde.

Assim termina o encantamento e Brunehilde, que se apaixona pelo herói, atrai-o ao leito.

Quando Sigurd acorda no dia seguinte, depois duma noite de amor, a sua amada tinha-lhe dado *o dom de ler e de escrever as runas*.

Em troca desta ciência e desta noite iniciática, Sigurd oferece-lhe um anel de ouro retirado do tesouro do dragão, jura-lhe fidelidade eterna, e em seguida, prosseguindo o caminho, vai ao encontro dos chefes francos Ginki, Gunnar e Hoegni, dos quais se torna irmão de armas, e depois de sangue.

Krimhild, mãe destes chefes e de Gudrun, a dos cabelos louros, dá de beber a Sigurd uma beberagem que apaga da sua memória a imagem da bela valquíria.

Segue-se uma série de aventuras cujos aspectos salientes são o casamento de Sigurd com Gudrun e o de Gunnar com Brunehilde, que, no entanto, não esquece aquele que a libertou do encantamento.

Mas Sigurd volta a tomar posse, uma noite, do anel mágico, chamado Andavaranaut, que tinha dado à valquíria, e esta, por despeito e ciúme, consegue convencer Gunnar a matar o homem que ainda ama.

É o irmão mais novo de Gunnar que abate o herói durante o sono.

Sigurd, moribundo, lança Gram, a sua espada, sobre o assassino e trespassa-o.

Inconsolável, Brunehilde lança o tesouro a um rio e mata-se; o seu corpo é queimado ao lado do de Sigurd numa imensa fogueira.

É esta a lenda do Edda, onde transparece nitidamente o mito iniciático dos Antigos, cuja trama se exprime assim:

— Um deus radioso e belo mata o dragão que guarda o tesouro (iniciação que se adquire por um grande feito). Primeiro estágio, Sigurd compreende a linguagem das aves.

— O herói passa a estar sob o domínio da Noite e da Morte. Provas e percursos iniciáticos.

— Atravessa o círculo de fogo e descobre a mulher de Luz, cujo amor carnal o eleva ao segundo estágio da iniciação: a ciência das runas.

— Dá o anel do tesouro à mulher-iniciadora: trata-se dum compromisso solene: o iniciado não pode voltar ao princípio do percurso para se evadir do labirinto; o compromisso é total.

— Tendo falhado, Sigurd tem de pagar. É picado pela espinha da morte (*hugene*) e o tesouro é lançado no rio, ficando à mercê de um outro herói.

5. INICIAÇÃO E AMOR

Se a iniciação fosse ciência pura, seria difícil conciliá-la com a noção de amor.

Como seria possível meter o amor no cálculo duma data de eclipse, da velocidade de propagação duma onda e até numa simples multiplicação?

Mas a iniciação é também a sabedoria, agente moderador da escalada dos conhecimentos proibidos e catalisador dos sentimentos afectivos mais nobres.

Pitágoras cultivava a noção de amor, e sete séculos antes de Cristo Buda deu sobre ele um ensinamento que nunca foi desmentido.

A mais bela história do mundo

O que é belo é-o para todos, o que é grande não tem medida.

Os marajás de Benares têm uma divisa—adoptada pelos teósofos—que é admirável, no sentido mais puro: «Não há religião mais elevada que a verdade.»

É o único dogma que um homem honesto pode admitir.

O amor não é um dogma, senão poderíamos dizer: não há verdade mais elevada que o amor, o que, num certo sentido, seria uma mentira admirável.

A lenda que vamos contar exprime o conceito ariano do amor através do Bodhisattva, isto é, Buda antes de ter conhecido a iluminação pelo amor.

O Bodhisattva percorria o campo em procura daquilo que não sabia. Caminhava a passos lentos, ora perdido em pensamentos, ora interessando-se pela natureza, sumptuosamente vestida com as cores do infinitamente inteligente.

De repente, viu uma pomba, tão cansada de sulcar os ares pesados que estava prestes a cair. Num último esforço, ela conseguiu chegar junto do sábio e deixou-se cair aos seus pés.

—Suplico-te, Bodhisattva—gemeu—, salva-me! Desde esta manhã que um abutre me persegue; estou esgotada e só tenho esperança em ti. Vê, lá vem o abutre... está ali!

Com efeito, um enorme pássaro negro aproximava-se

do sábio, mas voava também com tanta dificuldade que fazia pena ver o seu esgotamento.

O Bodhisattva pegou na pomba, escondeu-a na túnica, e murmurou-lhe com toda a sua ternura fraterna:

—Sossega o teu coração, pombinha. Eu sou o Bodhisattva, ofereço-te a hospitalidade do meu peito e não tens nada a temer.

Foi então que o abutre pousou diante dele, as plumas em desordem e visivelmente aflito.

—Pelos deuses—disse ele—, já não posso mais, depois desta terrível manhã de caça! Bodhisattva, vi-te esconder a pomba debaixo da túnica, dá-ma depressa, porque me sinto desfalecer...

—Podes estar certo que não ta darei—respondeu o sábio—, porque lhe prometi que estaria em segurança, e as leis da hospitalidade não podem ser transgredidas, sob pena de castigo.

—Essa pomba não te pertence—replicou o abutre. —É minha. Quando a agarraste, estava no limite das forças e ia, como seria justo, cair em meu poder. Vamos, dá-me o que é meu!

—Impossível!

—Pensa, Bodhisattva: eu sou um abutre, é esta a minha natureza imposta pelos deuses, que também me impuseram o meu alimento. Forcei a pomba. Ela é a recompensa do meu trabalho de abutre e deves dar-ma.

—Impossível—disse ainda o sábio—, mas com a voz pouco segura. Gostaria muito de te agradar, abutre, mas não ta posso dar pelo preço que a pedes. Volta à tua caça, é o que tens de melhor a fazer!

—Voltar à caça? A tua graça é cruel, Bodhisattva! Não vês que não sou capaz de voar? Se uma raposa me encontra neste estado, estou perdido! Queres que morra

à fome ou que seja devorado por um inimigo? Seja, vou morrer, mas a tua consciência sentirá o peso deste crime.

O Bodhisattva não precisou de meditar muito para compreender que o abutre tinha razão, mas a pomba também tinha razão em querer salvar a vida, e ele também tinha razão em oferecer a hospitalidade do seu peito. Como podia ele dizer à pomba que era o salário legítimo do abutre? Deveria deixar o abutre devorar a presa?

O seu coração abrasava-se de piedade, de amor e de cruel incerteza.

Sacrificar a pomba inocente? Impossível!

Sacrificar o abutre inocente? Não!

Só restava uma solução, que iluminou o Bodhisattva.

— Tens razão, abutre — disse ele —; não te devo privar do teu salário. Vou portanto oferecer-te com a minha carne aquilo a que tens direito.

Por milagre, surgiram uma balança e uma faca diante do sábio, que, num prato, pousou a pomba e, no outro, um grande pedaço de carne arrancado do seu próprio corpo.

Como o fiel se inclinava para o lado da pomba, o Bodhisattva acrescentou um outro bocado da sua carne, depois mais um outro, e outro... e o fiel inclinava-se sempre para o mesmo lado, os bocados de carne humana não chegavam a pesar tanto como a frágil pomba.

Então, o Bodhisattva subiu para a balança, cujos pratos se equilibraram imediatamente com uma exactidão rigorosa.

Uma vida por outra vida!

O abutre, que tinha contemplado a cena em silêncio, bateu as asas e metamorfoseou-se.

— Eu sou o deus Indra — disse — e queria pôr-te à prova!

Caiu do céu uma chuva de ambrósia que curou o Bodhisattva, a quem o deus anunciou que voltaria a encarnar no corpo do próximo Buda.

Não há dúvida que estamos diante duma bela lição de amor, completa e edificante: uma vida vale outra vida; a vida dum iniciado não vale mais que o fumo que se evola duma chaminé.

O amor só vale quando é total e se dirige tanto ao nosso irmão abutre, como à nossa irmã pedra ou ao nosso outro irmão, o grãozinho de areia.

Foi este o ensinamento iniciático do Bodhisattva.

6. OS VERDADEIROS INICIADOS

Sigurd e Buda não aprenderam que a procura da iniciação não era contemplativa?

Os contemplativos, teóricos do psiquismo, da oração, do êxtase, enfim, da «revelação», só conseguem a deterioração do espírito e a ruína física e mental.

Nunca um iniciado foi contemplativo. Nunca um segredo superior, útil à humanidade, foi conhecido por revelação: nem o carro de mão, nem a máquina a vapor, nem a electricidade, nem a vacina.

O transe é um processo, que se torna odioso quando não passa duma experiência egoísta.

Se Santa Teresa d'Ávila e Santa Teresa de Lisieux tivessem curado doentes, não teriam tido tempo de ter visões; o deus que as habitava nos seus êxtases era menos útil à sua ascese que a tisana de nenúfar, que talvez lhes tivesse restituído o bom senso.

Os iniciados falaram

Os Grandes Iniciados, cuja existência histórica parece ter sido provável, senão certa, mesmo que a sua identidade se preste a confusão, revelaram todos segredos, dando assim as provas dos seus conhecimentos.

Prometeu, Oanes, Quetzalcoatl, Kukulcan e Viracocha ensinaram aos homens os segredos do fogo, da agricultura e da escrita.

Na Índia, o primeiro iniciador foi Mannus ou Jina, o Mahâvira (grande homem); Zoroastres, na Pérsia antiga, trouxe a semente do trigo, o conhecimento da fusão dos metais e da astronomia.

Entre os Celtas, Lug, o iniciado, era mestre em todas as artes e promotor da cavalaria.

Kusor, antigo deus de Biblo, teria inventado as fórmulas encantatórias, a predição do futuro, mas não temos nenhuma prova. No entanto, a tradição diz que foi o construtor dos pórticos, das criptas e das casas com pátio.

O Hermes egípcio revelou pela escrita as ciências e as artes; Apolo, na Grécia, inventou a lira, as 7 notas da gama e a medicina; teve o dom da profecia e soube transmiti-lo; Orfeu, revelador dos «mistérios sagrados», era hábil na construção de carros.

Moisés conhecia os segredos da génese, da pólvora explosiva e da electricidade. Por revelação? Não! Por ensinamento directo.

De facto, tudo se passou como se tivesse sido transmitido por uma sinarquia vinda num engenho volante — a nuvem — para lhe dar instruções.

— Ou os enigmáticos visitantes se contentaram em parlamentar imediatamente, ou levaram Moisés a um local

que estamos tentados a identificar como um Grande Quartel-General (talvez um outro planeta), ou um centro iniciático (e é o mais provável) situado na América ou na Ásia.

Porque Moisés ausentava-se por longos meses, e até por vários anos.

O caso era análogo antes do cataclismo para Henoch, mas, depois do dilúvio, devemos supor que esse destino se ocultou voluntariamente, o que daria crédito a essa central dos segredos guardados, o Agarthá, que a tradição situa no Tibete.

Buda era um filósofo moralista, um grande astrónomo; lançou a sua doutrina com esta ideia de base: «Só a ciência conduz à ascese.»

Leucipo dissertou sobre o átomo e o universo corpuscular; Pitágoras, filósofo e matemático, revelou as leis essenciais das matemáticas.

Apolónio de Tíana, nascido por altura do ano 1 da nossa era, viajou na Grécia, na Babilónia, na Índia, e peregrinou pelos grandes santuários da iniciação.

«Pregou a reforma dos costumes, a abstinência da carne dos animais, a comunidade das riquezas e os dogmas estabelecidos por Pitágoras. Deu os seus bens aos pobres, viveu nos templos, apaziguou as sedições, instruiu os homens, caminhou descalço e fez milagres.»

Em Roma, ressuscitou uma jovem, o que lhe valeu ser expulso da Itália por Nero. A dignidade da sua vida, da sua moral e dos seus ensinamentos levou o povo a deificá-lo.

Todas estas personagens, e houve muitas outras, são incontestavelmente iniciados, e todos falaram.

Eles não sabiam tudo

No entanto, não devemos pensar que, por maiores que tenham sido, estiveram de posse de poderes fora do normal, quer dizer, fora do alcance humano.

Eram apenas astrónomos, físicos, matemáticos, filósofos, biólogos à escala do seu tempo, e o que sabiam era muito inferior aos conhecimentos dum sábio moderno.

Evidentemente, souberam formular teorias, reencontrar processos, mas nenhum deles teria sido capaz de construir um avião ou um computador electrónico.

É evidente que, se tivessem conhecido segredos úteis, indispensáveis, tê-los-iam revelado e a humanidade teria podido beneficiar muito mais cedo do quinino, das vacinas, das vitaminas, da imprensa, da máquina de coser, da máquina a vapor, etc.

Ora essas descobertas não se deveram a nenhum dos que se chamam «iniciados», mas a sábios ou a investigadores que redescobriram pelo seu génio os segredos antigos cuja fórmula não sobreviveu ao dilúvio e aos milénios.

Vemos assim a pouca consistência que tem a iniciação quando não é prolongada, exaltada pelo trabalho científico e o génio do iniciado.

Parece que a transmissão, sobretudo de Orfeu a Pitágoras, ficou perturbada por esquecimento, erros e adulterações diversas.

Os Hebreus reacenderam a chama no ano 500 a. C., e deve-se-lhes o terem sido reunidos certos fragmentos dos segredos antigos.

No século I da nossa era, Apolónio de Tíana foi obri-

gado a procurar as origens para reconstituir uma parcela do património; talvez tenha sido ele o último herdeiro da tradição.

Os falsos iniciados

Quanto aos pseudo-iniciados, alquimistas, taumaturgos ultradiscretos, conhecedores de segredos jamais revelados, jamais experimentados, não passam dum bando de empiristas, votados ao falso conhecimento herdado dos homens corruptos da antiguidade.

Especuladores dum Misterioso Desconhecido, do qual têm apenas noção vaga, são vencidos pelos inconscientes iniciados que foram ou que são os físicos—e pensamos em Denis Papin, Marconi, Becquerel e Einstein—, os astrónomos, os biólogos, que esses, duma maneira autêntica, reencontraram os principais elementos do segredo oculto.

Novamente os engenhos voadores sulcam os céus, mecanismos móveis percorrem a Terra, a voz do homem propaga-se dum pólo ao outro, e a sua imagem é mágicamente transmitida através do tempo e do espaço.

Eis os segredos mágicos dos Antepassados Superiores.

Certamente, ainda não foram todos redescobertos¹⁷, principalmente os que constituem o que se chama o Misterioso Desconhecido.

Talvez num futuro próximo iniciadores «vindos do céu» os divulguem.

¹⁷ Os gregos depois de Pitágoras perderam o sentido do segredo transmitido, o que explica o fim das revelações iniciáticas, a incompreensão dos Mistérios de Elêusis e dos ritos ancestrais dos Celtas.

Assim começaria um novo ciclo da evolução universal, mas é necessário tomar consciência dos verdadeiros valores e repudiar as mentiras e charlatanices.

Um iniciado é aquele que sabe alguma coisa, cala muitas, e revela várias vezes.

«Porque não há nada de oculto que não deva aparecer ao público.

Se alguém tem ouvidos para ouvir, que ouça!»

O MISTERIOSO DESCONHECIDO

CAPÍTULO VII

O OUTRO MUNDO

MENOS sábios que os Iniciados e os físicos, mas mais aptos que eles a penetrar no universo que escapa a todo o *contrôle* racional, alguns seres privilegiados parecem contrariar a nossa lógica.

De resto, certos fenómenos não foram ainda explicados por qualquer disciplina do nosso conhecimento clássico.

Estes seres e estes fenómenos pertencem a um mundo não perceptível, ao qual se deu o nome de «Misterioso Desconhecido».

Para os racionalistas dogmáticos, o Misterioso Desconhecido faz parte do arsenal empirista da mesma forma que os duendes, os fantasmas e os discos voadores. No entanto, os espíritos científicos sensatos e de boa-fé admitem a existência de factos inexplicados cuja autenticidade não se pode pôr em dúvida.

O inexplicável

Em Agosto de 1966, na semana que precedeu o tremor de terra da Anatólia, foram efectuadas pescas miraculosas nas águas do Irão.

Coincidência? De forma alguma, visto que há uma tradição oriental que afirma que, antes dos grandes sismos, este facto se verifica sempre.

Então entra em jogo um dos elementos do Desconhecido: a pré-ciência.

Que misteriosa informação recebem, não só os peixes, mas todos os animais, vários dias antes duma erupção vulcânica?

Por que misterioso instinto se guiam os Ciganos, os pássaros, as enguias?

Há alguns meses, o nosso confrade Jacques Chabannes, que adora os animais, teve um arrepio de inquietação quando o simpático Jean Richard anunciou numa emissão de Paris-Club, na TV:

— Eu acho muito bem as touradas!

— Sim, mas os touros são mortos — fez notar Françoise Dorin.

— É mesmo por isso! Pelo menos, morrem em beleza, dignamente, com uma possibilidade de matar o adversário. Mas pense nos pobres bois que ficam muitas vezes à espera durante três dias em La Villette nas antecâmaras da morte, *sabendo perfeitamente a sorte que os espera*.

Mais vale morrer na guerra que num campo de concentração!

Apesar dos raticidas mais aperfeiçoados — a cumarina, por exemplo, que age lentamente, provocando hemorragias internas — os ratos continuam a pulular e furtam-se a todas as tentativas para os exterminar.

Os professores Fritz Steiniger e Drummond pensam que estes roedores trocam informações sobre os alimentos que absorvem, transmitem os conhecimentos de geração para geração e sabem limitar-se a dietas.

Verificam-no, mas não o conseguem explicar, como

é o caso dos gémeos americanos Charles e George A., que são débeis mentais, mas que dizem quando interrogados, sem nunca se enganar, que dia da semana será 26 de Março ou 14 de Dezembro do ano 2026 ou qualquer outra data, por mais distante que seja.

O inexplicável que não se pode controlar e milhares de fenómenos deste género sugerem um certo preconceito favorável a este Misterioso Desconhecido que escapa à verificação experimental.

Coincidências estranhas

A actualidade e a História estão cheias de coincidências exageradamente numerosas para serem obra do acaso.

Vitoria e Erminia Spizzo são duas gémeas de Treppo Grande, cidadezinha dos arredores de Unine, no Norte da Itália.

Casaram-se no mesmo dia, tiveram as mesmas doenças, foram mães e viúvas ao mesmo tempo.

As conjunções planetárias de 7 a 14 de Fevereiro de 1962 eram tais que os Hindus garantiram que o fim do mundo se verificaria nessas datas.

Enganaram-se; no entanto, a 7 de Fevereiro de 1962, a fábrica de pólvora de Angoulême quase foi pelos ares, porque nesse dia a preparação habitual de nitroglicerina começou a ferver, e foi necessário evacuar os 500 operários da fábrica.

Os químicos explicam o facto: decomposição da nitroglicerina. Mas tiveram de confessar a sua ignorância sobre a causa.

E este facto raríssimo — felizmente — tinha-se dado durante a conjunção considerada maléfica pelos Hindus!

No Zimbabué, na Rodésia, podem-se ver as ruínas duma cidade antiga cuja construção se perde na noite dos tempos. Vários aspectos continuam a intrigar os arqueólogos: algumas torres não têm portas nem janelas e só se pode entrar nelas pelo alto, aberto em forma de colo de ânfora. Segundo a tradição, esses monumentos são torres de homens voadores.

«Disparates!», dizem os arqueólogos! Mas um dia encontraram na proximidade das ruínas estátuas de excelente factura, representando homens sem qualquer carácter negróide. Nas costas, tinham asas a formar carapaças, juntas uma à outra, como as dos besouros.

As mesmas torres de homens voadores existem no Peru, o que supõe uma razão utilitária que nos escapa.

O MISTERIOSO A PROCURA DE SOLUÇÃO

Evidentemente, não podemos acreditar em tudo quanto diz respeito ao Misterioso Desconhecido, sobretudo quando o *contrôle* é impossível e o facto mal provado ou nada provado, mas poder-se-á refutar à primeira vista o que, pela sua própria natureza, escapa aos nossos meios de investigação?

A transmissão de pensamentos é um fenómeno que só pode ter duas testemunhas, cuja boa-fé temos de admitir ou negar.

No entanto, foram tentadas na U.R.S.S., sob *contrôle* científico, e há pouco tempo, experiências bem concludentes.

Um russo de nome Nikolaieff conseguiu ler o pensa-

mento de outros indivíduos, a mais de 3000 km de distância.

Os indivíduos encontravam-se em Moscovo e Nikolaieff estava em Novosibirsk, na Sibéria. O processo verbal da sessão demonstrou que adivinhou de forma *excelente* um quarto dos pensamentos, e *satisfatoriamente* um outro quarto, o que é, apesar de tudo, miraculoso!

As profecias de Jeanne Dixon

Nos salões de Washington, na América, a adivinha Jeanne Dixon goza duma notoriedade prodigiosa. Segundo o que se conta, previu a morte de Roosevelt, a de John Kennedy, de Carole Lombard, etc., mas desde que se tornou célebre Jeanne Dixon evita dedicar-se a exercícios perigosos. Prediz muito simplesmente... para o ano 1980 e 1999! É mais seguro!

A 5 de Fevereiro de 1962, teve uma visão: a rainha Nefertiti e um faraó (Akhenaton, sem dúvida) avançavam num raio de sol. A rainha trazia ao colo um bebé com as roupas sujas e rotas. O bom São José comandava as personagens à maneira dum condutor de marionetas.

Enfim, Jeanne Dixon interpretou assim a visão: nasceu algures no Médio Oriente (Israel) uma criança em 5 de Fevereiro de 1962, às 7 horas da manhã. É um descendente de Nefertiti, que será o Salvador do mundo (o Messias) e reconhecido como tal em 1980.

A adivinha prevê também para essa data uma guerra mundial durante a qual a China defrontará o bloco russo-americano.

Ora nós temos boas razões para pensar que Jeanne Dixon é uma falsa pitonisa.

É-nos impossível pronunciarmo-nos quanto ao Messias anunciado, mas pode-se pensar que será judeu e virá certamente durante os inelutáveis tempos dramáticos que vamos viver.

Por outro lado, as probabilidades de esta personagem ter nascido a 5 de Fevereiro de 1962 são infinitamente pequenas.

Quanto à guerra mundial, é infelizmente muito previsível, e talvez nem esperemos por 1980 para desdizer a predição de Jeanne Dixon.

A gruta de Rosenkreutz

No topo da hierarquia dos Misteriosos Desconhecidos, cuja existência invisível e não controlada se evoca, estão os Rosas-Cruzes (abreviação: R + C; símbolo: a rosa).

Em 1613, um livro estranho intitulado *Fama Fraternitatis Rosae Crucis* anunciava a fundação dos R + C pelo alemão Christian Rosenkreutz.

Um dos estatutos estava assim concebido: «Esta Ordem deve ser secreta durante cento e vinte anos.» De facto, ainda o é, porque, apesar do carácter iniciático e missionário que tomou recentemente — «A Verdade não deve manter-se estática» —, a Ordem Rosa-Cruz no século xx ainda não divulgou os segredos transmitidos pelos seus grandes antepassados.

Os R + C do século xvii qualificavam-se de *Invisíveis*. E, quem sabe, talvez o fossem (novamente a misteriosa e aliciante incerteza) porque não foram identificados de maneira formal.

Eram alquimistas e teósofos, mas pensa-se que se ser-

viam destes disfarces sobretudo para ocultar a sua ousadia de livres-pensadores.

O fundador da Ordem, Christian Rosenkreutz, foi iniciado aos vinte e seis anos por Senhores desconhecidos de Damasco, e depois por cabalistas muçulmanos¹.

Quando voltou à Alemanha, instruiu três discípulos, fechou-se numa gruta, e aí viveu solitariamente até à idade de cento e seis anos. Morreu em 1484 e a sua sepultura, de acordo com ordens precisas, deveria manter-se ignorada de todos «até que viesse o tempo».

Esse tempo veio em 1604: por acaso, alguém penetrou na gruta, onde uma luz misteriosa envolvia a sepultura de claridade.

Sobre um altar estava pousada uma placa de cobre onde Rosenkreutz tinha gravado esta frase: «Em vida, reservei-me por sepulcro este simulacro de luz.» Quatro outras inscrições exprimiam a sua filosofia: «Nunca vazio», «O jugo da Lei», «A liberdade do Evangelho» e «A glória inteira de Deus».

Na gruta foram encontradas tochas ardentes chamadas *tochas eternas*, sinos, espelhos de várias formas e livros, entre os quais *O Dicionário das Palavras*, e o *Microcosmo*, de Paracelso.

Numa parede estava escrita esta profecia realizada: «Passados vinte e seis anos, serei descoberto.»

É esta a lenda que publicou em 1613 o *Manifesto da Confraria da Rosa-Cruz (Fama Fraternitatis Rosae Crucis)*, livro atribuído ao teólogo Valentino Andrea.

Esta confraria era, mais exactamente, uma verdadeira

¹ Os senhores do Castelo de Germelshausen, no coração da floresta da Turíngia, prestavam um culto a uma divindade de pedra cujo nome ignoravam. O último destes senhores, que era o pai de Christian Rosenkreutz, deu-lhe provavelmente uma certa iniciação.

franco-maçonaria em que personagens instruídas e liberais podiam trocar entre si ideias de vanguarda.

Não existe qualquer prova sobre nenhum dos aspectos desta bela história, que pertence tipicamente ao Misterioso Desconhecido.

Apesar de tudo, é considerada verdadeira e o seu carácter secreto explica-se pelo facto de que o poder católico, no século XVII, não teria tolerado a existência visível e declarada duma sociedade misteriosa em que officavam livres-pensadores!

Os quatro segredos R + C

Os irmãos fundadores eram oito (o número 8 é o símbolo dos Templários e do planeta Vénus, representado por uma estrela com oito raios). Todos os afiliados da Sociedade juravam pela sua vida manter impenetráveis os segredos que lhes fossem revelados.

Estes segredos, *segundo a tradição*, referiam-se a oito pontos, dos quais quatro eram conhecidos:

- a transmutação dos metais (alquimia);
- a arte de prolongar a vida durante vários séculos (elixir da longa vida);
- o conhecimento do que se passa nos locais distantes (vidência);
- a aplicação da cabala e da ciência dos números à descoberta de coisas ocultas (sistema matemático para obter a iniciação).

A regra de vida dos R + C estava estritamente definida. Deviam:

- exercer a medicina caridosamente e sem receber pagamento;

—viver segundo os usos do país em que se encontravam;

—comparecer uma vez por ano no local da Assembleia Geral;

—escolher um sucessor capaz antes de morrer;

—tomar as precauções necessárias para que fosse desconhecido o local de sepultura, se morressem em país estrangeiro.

Segundo G. Vandé², os R + C afirmavam o desígnio de preparar um mundo melhor, o que ligava directamente a Franco-Maçonaria à Ordem, mas pertenciam ao Misterioso Desconhecido por poderes que a lenda exagerou desmesuradamente.

O livro todo-poderoso dos R + C

Ainda segundo G. Vandé, os R + C declaravam:

«Que em todos os lugares conhecem melhor as coisas que se passam no resto do mundo que se elas estivessem presentes.

Que não estão sujeitos nem à fome, nem à sede, nem às doenças, nem a qualquer incomodidade da natureza.

Que conhecem por revelação os que são dignos de serem admitidos na Sociedade.

Que têm um livro no qual podem aprender tudo o que está nos outros livros feitos ou por fazer.

Que encontraram uma nova linguagem para exprimir a natureza de todas as coisas.

Que, por seu intermédio, o triplo diadema do papa será reduzido a pó.

² *Instructions à la France sur la Vérité de l'Histoire des Frères de la Rose-Croix*, de G. Vandé.

Que confessam livremente e publicam sem qualquer temor que o papa é o Anticristo.

Que os seus tesouros são inesgotáveis, que a sua confraria não pode ser atingida pelos seus inimigos e que estão certos de que a verdade que proclamam durará até ao fim do mundo.»

Mas não se limitavam a isto os poderes que lhes eram atribuídos com prodigalidade delirante.

Os R + C faziam milagres a torto e a direito, curavam com um simples olhar, sabiam o segredo da pedra filosofal, faziam ouro e prata à discrição.

Não será necessário dizer que os autênticos rosas-cruzes nunca deram o mínimo crédito à maior parte destes mitos, alguns dos quais, no entanto, talvez pertençam à realidade dos factos.

Eram invisíveis

Em 1625, os Parisienses leram o estranho manifesto que se segue, afixado nos lugares públicos:

«Nós, deputados do Colégio Principal da Rosa-Cruz, permaneceremos visíveis e invisíveis nesta cidade, pela graça do Ser Supremo.

Mostramos e ensinamos a ler sem livros nem sinais, a falar todo o género de línguas dos países onde queremos estar para afastar os homens, nossos semelhantes, do erro e da morte.

Se alguém tiver desejo de nos ver por curiosidade apenas, nunca comunicará connosco; mas se a vontade o levar realmente a inscrever-se no registo da nossa confraria, nós, que julgamos pensamentos, fá-lo-emos ver a verdade das nossas promessas; de tal forma que não apon-

tamos o local em que residimos, visto que os pensamentos, juntos à vontade real do leitor, serão capazes de nos fazer conhecê-lo e ele a nós.»

Houve (e continua a haver) duas correntes de opiniões em que uma considera o manifesto como uma mistificação, visto que não eram necessários anúncios públicos para dar a conhecer uma tal decisão; outra inclina-se a aceitar a existência de Misteriosos Desconhecidos missionados para guiar ocultamente o mundo.

Com efeito, poderia acontecer que os R + C pertencessem tanto ao universo invisível como àquele de que temos a percepção.

A alquimia, a transmutação e a cabala só figuram no seu arsenal exotérico. Esotèricamente, os R + C suscitam correntes de pensamento, intuições, atribuídos ao acaso ou ao desconhecido ignorado; condicionam as civilizações humanas e até parcialmente o seu destino.

No invisível pessoal, conjugam-se forças, e um auxílio providencial é exercido por elas, de forma que o beneficiário privilegiado sabe que pertence a uma fraternidade oculta cuja existência material não é necessariamente concretizada.

Para o iniciado R + C, «os pensamentos — dizia o manifesto — serão capazes de nos fazer conhecê-lo e ele a nós».

Napoleão imperador R + C

O nosso sapiente confrade Serge Hutin (que é R + C) revelou numa revista especializada do Misterioso Desconhecido³ uma informação bastante sensacional, visto

³ *Astral*, cujo director é Maurice Calais.

que apresentava Napoleão I como agente mandatário oficial da Ordem Rosa-Cruz.

«Segundo todas as probabilidades — diz Serge Hutin —, o general Bonaparte foi admitido, aquando da sua expedição ao Egipto, numa caserna militar dos Cavaleiros de Malta, herdeiros das tradições templárias.

O Grande Mestre da Ordem, então conhecido pelo nome de Hompesch, parecia-se com o conde de Saint-Germain de forma tão alucinante que o teósofo C. W. Leadbeater não se deixou iludir e identificou-o ao Senhor da Transilvânia.

Donde esta probabilidade extraordinária: contacto directo entre Bonaparte e Saint-Germain em pessoa, que lhe teria transmitido uma iniciação templária altamente privilegiada...»

No Egipto, Bonaparte foi iniciado por uma organização extremamente secreta: a *Fraternidade de Luxor*, conhecida também sob o nome de Misraim.

Aí teria recebido o título de *Imperator* no sentido rosa-cruziano tradicional.

«Segundo uma lenda parisiense — prossegue Serge Hutin —, Napoleão I, imperador, encontrou o famoso *Petit Homme Rouge des Tuileries*, que lhe teria revelado a sua missão histórica e também os perigos que o esperavam se sucumbisse um dia ao desejo do Poder.»

A missão de Napoleão consistia em realizar a unificação política e espiritual da Europa na qualidade de Grande Monarca, mas os Senhores Desconhecidos retiraram o seu apoio ao imperador quando souberam da natureza das suas ambições pessoais.

O maravilhoso desconhecido de Lola Rofocale

Nas cavernas acomodadas da colina de Chemellier, não longe de Brissac (Maine-et-Loire), uma mulher jovem — poderíamos dizer uma «sacerdotisa» — vive retirada dum mundo ao qual já não sabe adaptar-se⁴.

O seu nome, Lola Rofocale, evoca simultâneamente a magia perturbadora da Andaluzia e Satã, sedento de tesouros, o que não a assusta de forma alguma, porque é perita de iniciação no sentido em que ela era praticada sob os carvalhos das florestas gaulesas.

Lola, que é abordada por adeptos de seitas estranhas, deu-nos uma informação reveladora sobre o Misterioso Desconhecido.

«Instrutores vindos depois do período lemuriano criaram uma fraternidade cujo templo se encontrava no centro da América do Sul, entre a Bolívia e o Brasil. (Talvez em Inca-Llajta, a 200 km de Cochabamba, onde foram recentemente descobertas ruínas importantes.)

O nome da fraternidade era Y. B. H. Z., formado pelos nomes dos instrutores originários de quatro planetas: Yetsira, Briá e Henoch, do planeta Terra, e Zariatnatmik, identificado a Melquisedech.

Os instrutores, que eram de raça branca, iniciaram a raça lemuriana, negra no culto fálico, como se deu mais tarde na Fenícia, com as pedras levantadas.

Nos nossos dias, várias seitas que continuam a tradição do templo americano possuem, segundo se diz, documentos com sete a oito mil anos, considerados autênticos.

⁴ Quando há bom tempo, Lola e alguns discípulos organizam exposições de pintura e de escultura nas grutas.

As cerimónias de iniciação nestas seitas são do classicismo mais puro. Os adeptos são postos em contacto com “centrais nucleicas” cósmicas a que só têm acesso os Mestres que sabem passar pelo “sas”.

O trânsito fluido utiliza um “cepro” de poder e faz subir progressivamente o ritmo vibratório do corpo do adepto.

Existe um centro de particular importância “numa dimensão paralela” do deserto de Gobi chamado “o Diamante Maravilhoso”, devido à pedra preciosa que contém e que foi retirada do planeta Vénus por Sana Kumara...»

É esta a estranha história contada por Lola Rofocale, prato forte de todos os pontífices comprovados: a Lemúria, o templo desconhecido, os 4 iniciadores extraplane-tários, os documentos multimilenários, o culto fálico, e sobretudo, condimentados pelo tempero científico tão caro a todos os corações empíricos, as centrais nucleicas cósmicas (!), o «sas» (ou fenda por onde o iniciado passa para um universo paralelo), o ritmo vibratório que não tem qualquer sentido e, finalmente, o inevitável deserto de Gobi, em que os templos, e isso é o mais certo, são abundantes e recheados com os mais maravilhosos diamantes do mundo.

Encontramos nesta relação o arsenal do Misterioso Desconhecido que faz vibrar apaixonadamente o coração das damas afiliadas às seitas espiritualistas.

— Ora, e é aí que surge realmente o milagre — diz-nos Lola Rofocale —, nestes meios imersos num maravilhoso inacreditável, cuja ingenuidade é desarmante, *acontecem autênticos fenómenos supranormais!*

O que não espanta os familiarizados com a magia operacional, criadora de aberrações.

Os «*egrégores*»

A magia é parente próxima da iniciação, é a irmã mais nova, votada ao empirismo e aos perigos dos choques de ricochete. Uma e outra sabem provocar forças desconhecidas, de natureza ainda mal definida, mas cuja existência é indubitável: os *egrégores*.

Os *egrégores* são criações fantasmais ou de potências semicriadas com carácter consciente, proveniente da vontade do pensamento expresso por um ou vários indivíduos.

Quanto mais o pensamento for colectivo mais poderoso é o *egrégore*, e é por isso que os crentes e sectários conjugam as suas orações e invocações, formando por vezes uma cadeia ou um círculo mágico, a fim de multiplicar as forças transmutadoras que emitem.

Cria-se um *egrégore* murmurando uma vingança, ou tendo uma ideia fixa ou ainda uma crença fortemente arreigada (toma então a forma de obsessão).

O ser produzido pelo pensamento colectivo não tem qualquer consistência física, mas há quem garanta que pode tomar a forma de fantasma, aparição mais ou menos formal, e em todo o caso manifesta-se ou pela obtenção de intuições, ou sugerindo no consciente uma presença que pode auxiliar ou, pelo contrário, provocar estados depressivos. Imaginam-se facilmente os prolongamentos decorrentes deste fenómeno mágico.

As aparições, as alucinações, tornaram-se semimaterializadas pelos *egrégores* devidos à fé.

Não disse o Cristo: «Quando vos reunirdes em meu nome, eu estarei entre vós.»?

Portanto, não é totalmente impossível que os sectários de que fala Lola Rofocale possam, a partir de entidades não existentes, criar um *egrégore* catalisador de fenómenos supranormais.

A memória das coisas

Paralelamente a esta magia e explicando-a numa certa medida, Gérard Cordonnier, no n.º 1 da *Revue Métaphysique*, apresenta uma tese aliciante:

«O homem criou *memórias*, magnéticas e outras. Mas a matéria, com a infinidade de parâmetros das suas profundezas, é essencialmente *memória*. Todos os ritmos do universo se registam nela, sem dúvida a níveis variáveis.

Desta maneira se compreende como pessoas intuitivas podem, tomando nas mãos um objecto, reviver toda a história dele. Compreende-se também como certas influências psíquicas podem activar a matéria e registar-se nela.»

O fantasma do senhor Lewis

Foi um *egrégore* ou uma «memória» que expulsou da sua casa uma família inteira do País de Gales para a Inglaterra?

Em Novembro de 1962, o Sr. Lewis, um carpinteiro de Cardife, viu o gracioso fantasma duma jovem, vestida com uma excitante camisa de dormir, reflectido no espelho do seu quarto.

A «senhora» deixava atrás de si uma nuvem de per-

fume muito perturbadora, que Catherine, a filha mais velha do carpinteiro, sentiu.

Os cães, «Kip» e «Lucky», mais impressionáveis, uivavam de terror; por vezes, o relógio de pêndulo parava e a casa era percorrida por correntes de ar gelado.

Com os nervos em franja, a família Lewis mudou de casa.

Fenómenos como este não são apreensíveis pela razão, mesmo se na aventura está envolvida uma jovem cuja influência psíquica se deu a conhecer quando atingiu a puberdade.

Em La Sauzaie, Bretignolles-sur-Mer, na Vendeia, Henriette D, com 13 anos, tornou-se o catalisador de incidentes supranormais, bem contra sua vontade.

Os pais tinham alugado uma casa para as férias e todas as noites ouviam-se ruídos estranhos: as dobradiças chiavam, as pratas tintilavam, e soavam golpes surdos nas paredes.

A causa física, mas não a razão profunda do fenómeno, foi descoberta pelo abade Boulais, do liceu de La Roche-sur-Yon. As paredes da casa assombrada, de cimento armado, tinham criado um campo magnético sob a influência da corrente eléctrica que alimentava os aparelhos da casa. Henriette D., muito receptiva, acumulava a corrente como se fosse um gerador e libertava-a de noite, provocando *egrégores* responsáveis pelas manifestações intempestivas.

Um dispositivo antimagnético, colocado na verdadeira gaiola de Faraday que constituía a casa, deu um fim feliz à aventura, sem no entanto esclarecer o mistério dos ruídos e vibrações.

A ubiquidade de Melkom Khan

Lenda do Misterioso Desconhecido ou verdadeira magia? A história extraordinária de Melkom Khan foi-nos contada pelo pintor Raffy le Persan, que a tinha ouvido do seu tio, Tcharrah Seied-Ali, que, segundo ele, a presenciou.

No fim do século passado, em Teerão, vivia um homem estranho, Melkom Khan de nome, que tinha fama de mágico e de fazer milagres.

O rei temia-o um pouco, e chegava a mandá-lo prender. Mas, assim que entrava na cadeia, Melkom Khan desaparecia da cela e iam-no encontrar em casa, com ar trocista e garantindo que não sabia como tinha conseguido fugir.

Dizia-se dele mil e uma coisas. Uma noite, apareceu mágicamente à mesa do rei, sentado a seu lado. Uma outra vez, saiu da loja dum sapateiro seguido duma procissão de sapatos (sem pés) pela rua fora...

O rei, cansado dele, deu-lhe ordem para deixar a cidade; para ficar seguro de que isso aconteceria, postou guardas às quatro portas. Quando o mago passasse por uma delas, dever-se-ia assinalar a sua saída com uma salva de canhão.

No dia seguinte, ouviram-se quatro salvas simultâneas, e os guardas juraram que Melkom Khan tinha passado pelas quatro portas ao mesmo tempo!

Carlos Magno e o anel mágico

Os cronistas afirmam que Carlos Magno viveu um estranho romance de amor, que talvez tenha inspirado Edgar Poe.

A amada era uma alemã planturosa e ruiva, como então se considerava bela uma mulher, ardente e um tanto ou quanto mágica.

Infelizmente, morreu quando o idílio corria às mil maravilhas, e o imperador, desesperado, mandou embalsamar o corpo maravilhoso e guardou-o no seu quarto.

Uma incompreensível paixão levou-o a acariciar a alemã como fazia quando era viva, o que horrorizou o bispo Turpin, a quem habitualmente nada espantava.

Um dia, aproveitando-se da ausência de Carlos Magno, Turpin entrou no quarto e, suspeitando de qualquer malefício ou encantamento, fez uma inspecção minuciosa ao cadáver.

Escondido debaixo da língua da bela defunta, descobriu um anel mágico, que levou consigo.

Ao regressar, Carlos Magno ficou admirado de ver um cadáver cuja fealdade nenhum talismã escondia já, e mandou-o enterrar imediatamente.

Mas o anel mágico continuava a exercer o encanto, e a paixão que o imperador tivera pela bela alemã transferiu-se para o arcebispo, a quem passou a seguir por toda a parte e do qual nunca se separava.

Turpin, assustado, lançou o anel para um lago, para que não voltasse a ser utilizado por mais ninguém.

Mas nem por isso o encanto foi quebrado, e o imperador passou a gostar intensamente do lago, junto do qual mandou construir um mosteiro, que ocupou no seu

coração o lugar da Abadia de Charroux, em Poitu, onde, no entanto, ele próprio tinha deposto uma relíquia da Verdadeira Cruz.

O lugar mágico encontra-se — como já adivinharam — em Aix-la-Chapelle.

OS SEGREDOS DO *SWAMI* MATKORMANO

Shri Swami Matkormano, Maha Mandaleswar, vive retirado, na Rue de l'Arsenal, em Marsal, Moselle.

No seu *ashram*, onde só entram os discípulos, as estátuas mexem-se, falam, discutem, e em breve profetizarão!

O *swami*, a sacerdotisa Alféola e um aluno, Michel Vaugrante, foram testemunhas das reacções verbais destas personagens mágicas.

As estátuas de oráculos

As estátuas são de madeira e barro, esculpidas por um antigo aluno de Belas-Artes, Michel Dib. Parece-nos que as que são de barro não foram cozidas ao forno, para continuarem vivas.

Evidentemente, neste *ashram* votado ao espiritua-lismo não se sacrifica, antes pelo contrário, à magia negra; mas, tal como estão, noutras mãos, as estátuas poderiam servir para experiências menos anódinas.

Uma figura, quando acaba de ser esculpida ou modelada, não passa dum bloco de matéria insensível, que primeiramente tem de ser «carregada». A cabeça, que é móvel, é montada sobre um eixo. Tem de ficar vários

meses em casa dum iniciado capaz de fazer transitar para a argila ou para a madeira as forças misteriosas captadas simultâneamente da sua própria vitalidade e do fogo.

No *ashram* de Marsal, é a sacerdotisa Alféola que executa este rito, por vezes auxiliada pelos *egrégores* suscitados em reunião de adeptos.

A cerimónia realiza-se a certas horas avésticas, fixadas pelos *gás* (génios).

Só a sacerdotisa tem o poder de dominar a força *chakti* (energia de Siva), que é uma força feminina comparável ao Espírito Santo dos Cristãos.

Executa *mantras*, ou gestos mágicos, e pronuncia evocações a um anjo cujo nome é mantido secreto, diante dum quadro sagrado, cópia daquele que é usado nas procissões do *firdôs* (santuário)⁵ de Havai.

Então dão-se fenómenos idênticos aos que provocaria um espelho mágico: os hieróglifos do quadro sagrado põem-se a dançar.

Vê-se que a estátua está carregada quando a cabeça móvel vira e se inclina. Depois, aparecem outros sinais, de carácter sonoro: a estátua emite sons, primeiro desarticulados, e depois coerentes. Finalmente, põe-se a falar, e a voz sai do seu corpo, fraca mas perceptível.

As palavras ou frases que pronuncia são muitas vezes observações, a repetição duma conversa, críticas, ou censuras; por exemplo, quando assiste a uma cena desagradável. Um adepto do *swami*, que uma vez se permitiu proferir impropérios, ouviu certo dia a estátua pronunciar palavras pouco amenas!

Chegado a esta fase, o objecto mágico deve ser edu-

⁵ *Firdôs* (= *paraíso*) é uma palavra de origem zoroastriana. O *pairidaez* avéstico significa cidadela, cerca ou recinto fortificado. *Pairi*, género de vida em harmonia com o cosmo.

cado, orientado, tal como uma criança mal educada. Este papel é também assumido pela sacerdotisa, que oficia então com um varão mágico.

Finalmente, ao fim de milhares de cargas e de anos de cuidados extremos, o objecto possui uma alma, um espírito superconsciente e profere oráculos.

— Tenho estatuetas que estão ainda no primeiro estágio — disse-nos o *swami*. — Sabem responder de forma rudimentar: sim ou não, com um sinal de cabeça, segundo as convenções mentais. Uma outra mais evoluída sabe falar em certas ocasiões, mas sem poder profetizar. Quando estiver mais carregada e educada, fá-la-ei falar em público, para provar a autenticidade do fenómeno.

O espelho mágico

Paralelamente aos métodos químicos — drogas alucinogéneas, psilócibos, mescalina, etc. — que provocam estados de transe permitindo uma verdadeira exploração no tempo, existem métodos físicos com efeito análogo.

O mais célebre em todos os tempos foi o do espelho mágico.

O historiador grego Pausânias, que no entanto não era conhecedor destas coisas, diz que viu, num templo, um desses espelhos encastado numa parede.

«Aqueles que se quisessem mirar nele não viam a sua imagem senão de forma confusa; mas viam clara e distintamente as estátuas dos deuses e das deusas.» (*Periégesis* — livro VIII⁶.)

No século II da nossa era, os padres iniciados sabiam

⁶ Estes espelhos eram provavelmente de obsidiana: «A imagem que reflectem estes espelhos — dizia Plínio — parece uma sombra.»

fabricar espelhos de vidro (conhecidos havia muitos anos) substituindo o estanho por uma folha de metal; o reflexo das imagens era satisfatório, o que não é o caso no relato feito por Pausânias.

Trata-se portanto dum espelho mágico, que reflectia a imagem dos deuses, possivelmente para fiéis já preparados para a experiência.

O mesmo autor, no mesmo livro (cap. XXI), fala dum espelho maravilhoso que era consultado para prognosticar o resultado duma doença, e até dava pormenores da operação!

Levava-se o espelho para uma fonte diante do templo de Ceres, de maneira a que não mergulhasse na água, mas que tocasse na superfície!

Então, invocava-se a deusa e queimavam-se perfumes em sua honra, e depois retirava-se o espelho, no qual os officiantes, quer dizer, *aqueles que estavam preparados pelo encantamento e fumigação*, viam o doente no seu estado futuro.

Os antigos pensavam que os espelhos de vidro, de obsidiana ou de metal polido podiam, depois de preparados mágicamente, reflectir imagens muito longínquas no espaço e no tempo.

O espelho de Mazda

O *swami* Matkormano, depois de anos de estudo num dos principais santuários de iniciação, o da ilha Havai, preparou um método físico que permite, tal como as drogas alucinogéneas, comunicar com o Misterioso Desconhecido onde estão inscritos os acontecimentos passados e futuros.

A experiência baseia-se num sistema de percepções de cores e de sons que, perturbando o equilíbrio físico, predispõem o indivíduo a estados secundários mais ou menos elaborados.

Há 6000 anos, os Magos da Pérsia praticavam este rito, chamado então «Espelho de Mazda», fixando os olhos numa lente côncava onde se reflectiam os raios do Sol.

Os ламas e os feiticeiros da Mongólia, que o praticam, afirmam que recebem por este processo as cores do astral.

Para que a experiência não seja perigosa, o adepto deve-se submeter primeiro a uma preparação secreta.

Deve-se encostar a uma parede muito opaca, na escuridão, executar *mantras* (gestos mágicos) e receber projecções de luz, alternativamente, nos olhos; primeiro num, e depois noutro, à cadência de duas projecções em cada quatro segundos.

Complementarmente, o *swami* recomenda a audição, igualmente alternativa, de sons em modulação de frequência.

Segundo o fim a atingir, as modulações de frequência sonora e de frequência luminosa podem ser experimentadas alternativamente, mas de forma simultânea.

Nesta experiência complexa, as duas personalidades do adepto, «homem direito e homem esquerdo» (os dois lóbulos cerebrais), são solicitadas de maneira a provocar o *samadhi*, estado superconsciente que sensibiliza o indivíduo para as percepções vindas de outro universo.

«Tiercé» e lotaria nacional

Embora esta iniciação não seja feita para tentar a sorte ou a fortuna, alguns alunos do *swami* conseguiram, em experiências de investigação, determinar com antece-

dência os vencedores dum «tiercé» nas corridas de cavalos e o número da lotaria nacional premiado.

Pode-se obter o mesmo resultado pela prática dum ritmo respiratório numa posição secreta.

Este ritmo, praticado antes do sono, mantém-se durante ele e só então os sonhos se tornam premonitórios.

Num estádio avançado, a retenção da respiração, durante um tempo incrível para os não-iniciados, explica as longas catalepsias conseguidas por certos *ioguis*.

Antigamente, os adeptos egípcios submetidos à prova da iniciação tinham de «morrer durante três dias», antes de ressuscitarem e serem admitidos no *naos*.

O segredo das tochas eternas

Um dos grandes mistérios do ocultismo é o das *tochas eternas*, cuja invenção é atribuída ou aos Rosa-Cruz ou aos antigos Avestânicos.

O segredo consiste na preparação hermética dum «óleo de ouro» que fornece à mecha todos os elementos da combustão, renovando-os incessantemente.

Cita-se a descoberta, no século xv, na sepultura de Túlia, filha de Cícero, duma tocha que iluminava o cadáver havia 1500 anos.

No reinado de Henrique VIII, no início do século xv, quando as Ordens monásticas foram banidas da Inglaterra, encontraram-se num mosteiro duas «tochas eternas» que estavam a arder desde o século iv, as quais se conservam no Museu de Leyde.

A 15 de Maio de 1717, descobriu-se na Inglaterra um templo subterrâneo rosa-cruziano. Os descobridores viram uma espécie de múmia sentada numa cadeira de pedra,

e que parecia ler «um grande livro de alfabeto mágico»; uma tocha iluminava suavemente a cena. Quando os descobridores se quiseram aproximar, a múmia, com um gesto que certamente não foi involuntário, quebrou a tocha e o subterrâneo ficou mergulhado na escuridão.

Este incidente foi relatado pelas testemunhas da descoberta.

As tochas seriam verdadeiramente eternas? É-nos permitido duvidar por muitas razões, tanto mais que a tradição especifica que as tochas eternas só são conhecidas dos Rosas-Cruzes e dos Grandes Iniciados.

É possível que elas existam em Villeneuve-Saint-Georges, no Centro AMORC dos R + C franceses, mas é pouco provável que sejam mostradas a todos os adeptos.

Talvez fossem na realidade uma espécie de pilhas nucleares em miniatura, que podiam funcionar durante 5000 anos (tempo de desintegração do rádio).

Há tantas divergências sobre este ponto que até se apresenta uma outra explicação, cujo racionalismo é aliciante: as tochas eternas, tal como as que foram utilizadas pelo rabi Jechielé, no tempo de São Luís, seriam lâmpadas eléctricas simples, com pilha e condensador de energia atmosférica (sistema Arca da Aliança)⁷. Neste caso, o mistério do carburante seria desvendado, mas faltaria explicar o da mecha ou o da chama!

⁷ Ler a este respeito, do mesmo autor, o livro *História Desconhecida dos Homens desde há Cem Mil Anos* (*Histoire Inconnue des Hommes depuis Cent Mille Ans*), incluído nesta colecção. (N. do E.)

CORRENTES TELÚRICAS — CORRENTES AÉREAS

O globo terrestre é percorrido por uma rede de correntes eléctricas, que de certo modo constituem o seu sistema nervoso, com centros (*chakras*) e zonas que, segundo a sua natureza, têm influência sobre o comportamento e a saúde dos homens.

Há locais onde se vive em constante apreensão, onde nos sentimos mal, com um desejo intenso de fugir para muito longe, para qualquer outro sítio.

Por outro lado, existem outros locais onde se sente toda a plenitude do ser; locais onde todos quereríamos viver.

Os artistas, mais que os outros, são sensíveis a estas influências mágicas e procuram zonas favoráveis, onde podem escrever, pensar, pintar ou esculpir nas melhores condições psíquicas.

Os animais também sentem os misteriosos eflúvios e sabem perfeitamente onde devem escolher a toca, o ninho ou a caverna.

O agrónomo Claude Trouvé, um dos melhores especialistas franceses, observou que algumas terras homogêneas, com subsolo e constituintes químicos idênticos, possuíam qualidades extremamente diferentes. No mesmo campo, as plantas crescem notavelmente num local, e muito perto delas as outras murcham e são enfezadas.

Estes factos, inexplicáveis racionalmente, evidenciam a existência dum misterioso desconhecido subterrâneo: as correntes telúricas, sobre as quais a ciência clássica nunca se debruçou.

Os locais mágicos onde apetece viver

O professor Bouguenec dá uma explicação, de carácter mais esotérico ainda, acerca deste fenómeno.

«Existem locais mágicos — escreve André Bouguenec. — Devemos considerar o globo terrestre como um ser vivo, organizado, com uma fisiologia tão complexa como a nossa.

A sua matriz fecundou vários “umbigos” com corções alimentares, de que os homens perderam o rasto.

Estas zonas são erógenas, no sentido em que engendram eflúvios de amor.

O homem deve portanto procurar afinidades com a Mãe-Terra, e é ao encontrá-las que harmoniza os planos intelectual e físico.»

O escritor científico Pierre Devaux estudou o problema, acrescentando à acção das correntes telúricas a do potencial eléctrico da atmosfera.

«Em todos os pontos do globo — escreve Pierre Devaux —, existe um campo eléctrico vertical que é habitualmente de 75 volts por metro.

Este campo singular condiciona toda a nossa vida: se se amplifica (4000 volts), os caracteres azedam-se, chovem as bofetadas em família... e os relâmpagos começam a faiscar. Depois, tudo entra na ordem (130 volts no máximo) e o sorriso reaparece.»

Foram feitas experiências com crianças cujo berço estava ligado ao solo por uma tomada de terra equipada com interruptor.

Em campo nulo (com ligação à terra), o crescimento era mais rápido que num berço isolado e podia causar

um aumento de 300 gramas em oito dias no peso da criança.

O nosso eminente confrade estabeleceu uma classificação natural dos locais geográficos:

— *Campo eléctrico positivo*. Nos planaltos. Convém aos camponeses, às perdizes. Favorável à fecundação. A salsa resiste aos parasitas.

— *Campo eléctrico nulo*. Nas cidades, nas florestas. Doença dos lenhadores e dos carvoeiros, tuberculose, cancro. Os coelhos, moscas e formigas pululam.

— *Campo eléctrico negativo*. Na vizinhança das grutas e das cascatas. Os rabanetes degeneram. Convém às salamandras e lesmas.

Evidentemente, este estudo está ainda incompleto, mas traz conhecimentos que, ligados ao problema das correntes telúricas, poderiam ter uma incidência benéfica sobre o comportamento humano.

Os iniciados tinham este conhecimento e levavam-no em conta ao construírem um santuário, ao escolherem um retiro, ou ao operarem uma cura.

O Asgard, ou palácio dos deuses Ases escandinavos, tinha 540 quartos para os deuses e estava situado numa região chamada Thrudwang, quer dizer, «o campo de força».

É curioso notar que os sábios alemães acabam de descobrir segredos que ilustram a nossa tese, ligando directamente a iniciação ao conhecimento científico.

Numa fábrica de confecções em Bottrop, na Vestefália, experimentou-se um sistema de clima artificial graças a uma diferença de potencial entre o tecto e o chão.

Circula pelas oficinas, permanentemente, uma corrente de partículas eléctricas, que reproduzem artificial-

mente certas características próprias da atmosfera das montanhas.

O resultado é muito satisfatório: as operárias resistem melhor à fadiga e as faltas por doença tiveram um decréscimo de 60 %.

Um segredo dos Companheiros

Os Companheiros do Dever, herdeiros duma longa tradição de trabalho bonito e bem feito — uma noção que se perdeu hoje em dia —, têm os seus segredos, que não revelam senão na intimidade das oficinas ou da caserna.

Embora notavelmente bem construído, se o compararmos com as lamentáveis construções estilo Le Corbusier, o Sacré-Coeur de Paris exhibe fendas em certos sítios.

«Não admira», dizem os Companheiros do Dever, sem adiantarem este comentário!

No entanto, o segredo desta anomalia pode ser explicado pelo efeito das correntes telúricas, que se faz sentir muitíssimo na Butte Montmartre, lugar consagrado desde a mais alta antiguidade.

A basílica está construída sobre um eixo norte-sul; por esse facto, os maiores comprimentos das paredes seguem esse eixo, com as arcadas e as juntas de pedra no mesmo sentido, evidentemente.

Ora, pensa-se que, por um efeito de electrólise, as correntes telúricas de direcção norte-sul têm, em Montmartre, a faculdade de dissociar as ligações de cimento e pedra, polarizando-as, o que conduz à sua desagregação.

Formam-se portanto linhas de fractura possível, e este fenómeno é de alcance muito menor nas paredes em sen-

tido oeste-leste, onde as junções não estão em alinhamento.

Esta direcção geralmente norte-sul das correntes telúricas seria a razão isotérica da construção das catedrais segundo um eixo oeste-leste, estando o coro quase sempre do lado do sol-nascente.

A curiosa orientação (norte-este-sul-oeste) de Notre-Dame de Chartres, santuário particularmente venerado pela Cristandade, parece ser motivada pela direcção das correntes telúricas desse local.

Equilibrar o + e o —

O influxo nervoso assemelha-se à corrente eléctrica e pode ser considerado como constituído por um fluxo ininterrupto de corpúsculos de matéria eléctrica cujas cargas são: electropositivas (protões = +) e electronegativas (electrões = -).

O estado de saúde resulta dum equilíbrio, sempre o mesmo para um dado indivíduo, entre a quantidade desses protões e desses electrões. A mínima ruptura deste equilíbrio manifesta-se pela alteração da saúde, que traduz uma perda de electrões, com predominância consecutiva dum número cada vez maior de protões.

Resulta então uma verdadeira positivação eléctrica orgânica, determinando um aumento anormal de tónus nervoso, que dá origem a estados bem conhecidos e descritos sob os nomes de vagotonia e de simpaticotonia.

É esta a hipótese formulada na obra *Relaxation Électronique et Vitalité Générale* pelo dr. Pierre Chevalier, que pensa que a electronização age eficazmente contra as perturbações patológicas.

CAPÍTULO VIII

A PIRÂMIDE DE FRANÇA E AS TORRES HERMÉTICAS

A França é um país tão cheio de mistérios que se poderia escrever um livro sobre os seus monumentos e sítios desconhecidos.

Em todos os departamentos, e mesmo em Paris, o investigador apaixonado descobre maravilhas, invisíveis para muitos, que fazem pensar nos santuários iniciáticos, «os quais — diz o *swami* Matkormano — estão abertos àqueles que merecem entrar, mas os outros não os conseguem encontrar, porque como que uma magia lhes guia sempre os passos no sentido contrário».

Pois bem! Deve haver muitos franceses sem olhos de ver e que erram por salas intermináveis e por labirintos.

A fonte de Vénérand

A alguns quilómetros de Saintes, em Vénérand, há uma fonte mais bela que as de Roma, de Viterbo, de Lião ou que a Fonte Médicis, de Paris.

Passa por ter sido do tempo dos Romanos, embora isso não seja certo.

Imaginem, numa colina minada de subterrâneos, uma zona de sombra e de vérdura aonde se chega passando debaixo de árvores enormes que crescem no sentido horizontal.

De repente, o terreno dá lugar a uma escada íngreme, da largura duma estrada, e a fonte aparece, em forma de piscina dupla, uma ao fundo da outra.

Na rocha está talhada uma passagem circular que comunica com uma caverna onde parece brotar a fonte.

A paisagem das lianas, dos musgos e das heras no flanco da colina é tão luxuriante que nos leva a pensar num *décor* do Châtelet.

Claro, uma inevitável Virgem preside do seu nicho e cristianiza o local, mas há 2000 anos devia haver no seu lugar uma Minerva, uma Diana ou uma Épona.

O conjunto faz pensar num baptistério de fundo duplo, e deve ter tido precisamente essas funções. Mas que espécie de baptismo seria administrado?

Muito poucos visitantes reparam nesta parte pitoresca de Vénérand, o que sem dúvida satisfaz o amável Sr. André Vinet, cuja propriedadezita é necessário atravessar para se chegar à fonte.

O campo dos ídolos

Se lhe agrada conhecer o solo lunar e as cidades estranhas, vá um dia passear para os lados de Saint-Barnabé, no vale de Vence (Alpes-Maritimes).

Num planalto árido onde os carneiros mal encontram que pastar, distingue-se perfeitamente uma grande quantidade de pequenos círculos cujo diâmetro médio é de 10 a 20 metros. O desnivelamento não é grande entre as bor-

das e o centro, mas as ervas e líquenes não crescem da mesma forma que noutros sítios, o que é bastante estranho.

Todo o planalto está minado por estas crateras, como o solo da Lua.

A causa deste fenómeno teria sido uma chuva de meteoritos?

Para aumentar o aspecto estranho deste local, por todo o lado, esculpidos na rocha, erguem-se pedaços de muralhas, vestígios de torres e entradas de recintos guardadas por gigantes de pedra...

Curiosidades da natureza ou testemunhos duma civilização titânica?¹

— O sítio — disseram-nos Guy Tarade e André Milou, directores do Centro de Investigações de Elementos Desconhecidos de Civilizações — é verdadeiramente mágico; de resto, chama-se «o Campo dos Ídolos» e só é conhecido pelos caçadores e pastores.

A pirâmide de Falicon

É verdade, uma pirâmide em França! Como a grande Quéops, mas de dimensões muito inferiores, passou despercebida, o que é extraordinário!

E no entanto, escreveram-se livros e livros sobre as maravilhas arqueológicas e pré-históricas «desconhecidas» da França!

A Torre Eiffel, o Mont St-Michel e a cidade de Car-

¹ O arqueólogo Daniel Ruzzo encontrou no Peru, no planalto de Marcahuassi, uma grande quantidade de animais esculpidos nas rochas: ursos, leões, cabras, cães, otárias, corujas, etc., e um busto gigante chamado «Cabeça de Inca». Daniel Ruzzo pensa que a antiga civilização Masma deixou estes testemunhos da sua existência.

cassona não foram esquecidos... mas nem uma palavra sobre a fonte de Vénérand, sobre a cidade titânica do Campo dos Ídolos, sobre as torres herméticas, sobre o vale das Maravilhas, sobre o Museu de Glozel, sobre o «museu medianímico» de Brantôme, sobre os trogloditas de Paris e sobre o tão misterioso santuário subterrâneo que, em plena França Continental, dá, segundo dizem, um ensinamento iniciático permanente. E nem uma citação sobre o curioso *ashram* do *swami* Matkormano em Marsal, Moselle!

Vá lá que não se mencione o santuário subterrâneo, cuja existência se conserva secreta, mas não se aperceberem duma pirâmide com a altura dum prédio de dois andares, ou de torres herméticas com vinte e três metros de altura... é inacreditável!

No entanto, da aldeia de Falicon, situada mesmo a norte de Nice, vê-se a dois quilómetros de distância esta pirâmide «invisível».

A bem dizer, alguns pré-historiadores e uns tantos espeleólogos conhecem a sua existência, mas, ou por indiferença, ou por falta de cultura, não se interessam pelo monumento.

O presidente da Câmara de Falicon, Sr. Nicolas Andréa, deu-nos a honra de nos conduzir até ao Mont Cau, passando por uma propriedade particular onde só se entra com autorização.

A cem metros do cimo eleva-se a pirâmide, construída com sólidas pedras talhadas e ligadas por um cimento de óptima qualidade, apesar de romano.

As arestas são desiguais, por estar implantada numa vertente abrupta, e está construída sobre um poço natural, com uma entrada de dois a três metros de diâmetro.

A face do lado leste tem uma espécie de porta de dois

metros e cinquenta de altura, cujo frontão, até 1921, estava ornamentado com uma suástica, que um vândalo qualquer roubou ou quebrou com um buril².

Por baixo da porta está a entrada do poço, de forma que não se pode entrar na pirâmide, que serve de cobertura ao fosso. No entanto, a orientação da abertura permite que o sol, nas manhãs de Verão, às 10 horas, venha iluminar a coluna branca de calcite que serve de apoio à abóbada do templo subterrâneo.

As arestas principais da pirâmide medem 6,60 m, como a base, mas o topo foi destruído. O comprimento original da aresta, se supusermos uma construção em ponta, devia ser de cerca de 9 metros.

O primeiro templo subterrâneo

É preciso um autêntico arsenal de material de espeleologia para descer ao poço, a cerca de quinze metros de profundidade.

Em 1803, Rossetti, um italiano de Turim, foi o primeiro a descobri-lo.

Em companhia de André Millou, encontrámos um grande pilar central (antiga estalactite) que suporta a abóbada, de 5 a 10 metros de altura, numa grande sala de 20 metros de diâmetro. O conjunto deu-nos a impressão duma catedral subterrânea, com um trifório de estalactites e estalagmites, que toma uma beleza extraordinária quando se projecta sobre ele um fecho de luz.

A leste da sala, identificámos um altar de iniciação

² A suástica era o símbolo dos Jainistas. Era também o símbolo de Manu, «aquele que — escreve Guénon — faz girar a roda dos acontecimentos, enquanto permanece imóvel no *Meio Invariável*». É este o sentido da suástica.

cujo tabernáculo tinha desaparecido, mas que mantinha ainda sete degraus em bom estado, talhados na rocha pela mão do homem.

Rossetti, na sua descrição, não tinha mencionado estes degraus, cujo interesse é, no entanto, considerável.

No fundo da sala, à esquerda, vêem-se dois buracos, ou poços, um cheio (talvez não seja profundo) e o outro cavado verticalmente, com uma grande profundidade.

«O olhar mergulha num fosso tenebroso — escreve Rossetti —; apesar da luz forte que lancei sobre ele, não consegui dissipar as trevas. Sem dúvida, algum espírito corajoso chegará a explorá-lo. Quanto a mim, foi em vão que o tentei fazer, e o assombro e o terror apoderavam-se de todos quantos tentei convencer.»

Não sentimos qualquer terror diante desse poço, mas, como não dispúnhamos de escadas de corda, não nos pudemos arriscar no túnel, cuja estreiteza constitui um sério obstáculo.

O patriarca Gothland

Até 1922, a pirâmide manteve-se no esquecimento, mas nessa época fixou-se na aldeia próxima um estranho patriarca, meio profeta, de nome Gothland (falecido recentemente), fundador da seita da «Universalidade Prática».

Iniciado do ocultismo, ao descobrir o monumento tentou atribuir-lhe uma idade. Baseando-se em dados tradicionais, «mediu 60° de diferença pela precessão dos equinócios, no sentido inverso da rotação da Terra. Visto que a diferença é de um grau de 72 em 72 anos, a idade da pirâmide seria 4335 anos».

Até 1921 — citamos um texto — uma cruz ornamentava a face em que se encontra a entrada.

Coisa curiosa, a aldeia mais próxima e também mais antiga da região está inscrita nos cadastros com o nome de Jain ou Jáina, e o nome actual é Gaína.

Os Jaínos hindus, segundo se diz, teriam construído pirâmides na Europa e na América do Sul!

Segundo Gothland, o altar que se encontrava no cimo dos sete degraus da sala subterrânea servia para a iniciação. E os neófitos eram submetidos no interior das duas grutas às provas do fogo, da água e do ar.

A pirâmide subterrânea

Em 1927, os espeleólogos desceram ao «poço tenebroso», que é uma chaminé de 6 a 8 metros, cortada por uma abertura. Uns dez metros mais abaixo, encontraram um solo argiloso e escorregadio.

De cada lado, entradas várias perdem-se na montanha. É necessário descer ainda mais para se chegar ao fundo, onde está uma espaçosa caverna com uns trinta metros de largura e vinte de altura.

Neste fundo há uma segunda pirâmide construída com grandes bocados de rochas arrancadas ao tecto, ou que personagens misteriosas deixaram cair da sala de cima.

Esta pirâmide de entulho tem uma base com cerca de vinte metros e a altura de 10 metros aproximadamente. Há duas estalactites na gruta, que se prolonga em canais estreitos, com uma passagem em que só caberia uma criança.

As paredes estão escurecidas de fumo ou de resíduos de carvão, em certos sítios com 2 cm de espessura.

Casa pré-histórica? Sala de iniciação com um caminho de acesso mais fácil? Perguntas sem resposta, de momento.

Há uma lenda que diz que um gato, que foi lançado no poço, apareceu numa gruta de Nice.

No século XII, os Templários teriam habitado a pirâmide de Falicon, e conhecido a entrada secreta que levava à sala onde está a segunda pirâmide, que talvez fosse, como a de Antíoco I, em Nemrut Dag, no Antitauro, um esconderijo de tesouro!

É curioso o paralelo entre essas duas pirâmides feitas de calhaus, de rochedos e de entulho, o que é raro³; ambas consagradas ao fogo, em Nemrut Dag pelos terraços e em Falicon pelas paredes calcinadas; ambas provavelmente dedicadas a Mithra, o deus ariano dos antigos Persas, cujo culto se celebrava exclusivamente em cavernas.

A pirâmide de Autun

São estes os dados que temos sobre a pirâmide de Falicon, que no entanto não nos permitem saber para que é que o monumento se destinava e qual o seu uso.

De resto, as pirâmides em geral são sempre um enigma, mesmo no Egito, no México e na China, onde elas são às centenas.

O seu recenseamento é muito incompleto, visto que a pirâmide de Falicon era desconhecida até há poucos

³ Notar ainda os «montes» da China e do Peru.

anos, como é também desconhecida aquela cujos vestígios se encontram ainda em Autun.

Eleva-se a um quilómetro da cidade, a meio da encosta da montanha de Briscou, que se chama o Campo das Urnas, por terem sido encontrados vários vasos de barro e de vidro, provavelmente destinados a ritos funerários. A pirâmide, que tem o nome de Pedra de Couhard, tinha originariamente uma base quadrangular, cujo comprimento era de 17 metros, e a altura de 27, aproximadamente. O revestimento desde a base foi totalmente removido, mas os trabalhos de carpintaria que subsistem têm uma solidez extraordinária. Um sábio de Autun, Desplaces, que examinou atentamente o monumento, notou que o architecto o tinha edificado através de um jogo de pirâmides ocas, colocadas umas sobre as outras ao contrário⁴, mas ignora-se a que se destinava. Alguns pensaram que se tratava dum túmulo do género do de Mayence, elevado à memória de Druso, e supôs-se que poderia ser o de Divitiaque. Outros pensaram num farol sepulcral, uma espécie de observatório ou torre sinalizadora.

Um pormenor importante põe de parte todas as hipóteses e associa directamente a pirâmide de Couhard às de Falicon, do Egipto, da China e do México: no interior, há um poço cujo fundo, segundo a tradição, ninguém ainda sondou.

Ora aí temos um índice primordial, porque as pirâmides ou são construídas sobre um poço, o que é o caso em Chichen-Itza (México), na China e em Falicon, ou então o fosso natural não existe, e fura-se um poço para fins mágicos.

⁴ As pirâmides do México são construídas da mesma maneira.

Sabe-se que a grande pirâmide de Gizé possui um, *furado obliquamente*, que nunca foi explorado porque não lhe deram o interesse que merece; não é portanto por acaso que as pirâmides são obrigatoriamente construídas sobre poços ou fossos.

Existe ainda uma espécie de pirâmide em Viena, chamada «O Plano da Agulha», mas trata-se mais dum obelisco de 15,50 m de altura, com quatro arcadas, que data da época romana.

Na aldeia de Commelle par Orry-la-Ville (Oise) encontra-se uma lanterna funerária do século XIII, com forma piramidal, cuja utilização, que nos é conhecida, talvez traga um elemento de apreciação!

No entanto, é na Ásia que o mistério das grandes pirâmides se esclarece de forma muito precisa, graças à tradição.

A grande pirâmide da China

A grande pirâmide da China está situada em Chensi, a 40 milhas a sudoeste de Sian, e encontra-se, como que por acaso, numa zona proibida.

A descrição dos Chineses a respeito deste monumento está indubitavelmente em correlação com o destino *militar do local*, visto que *nem se sabe a sua altitude exacta*.

Os aviadores americanos que o fotografaram pensam que é duas vezes maior que Quéops (138 metros) e calculam que terá cerca de 1000 pés (300 metros), o que faria dela a pirâmide mais alta do mundo, se exceptuarmos a de Cholula, no México, que cobre uma montanha.

Pensa-se que data muito aproximativamente da dinastia dos Hsia, que reinaram há quatro mil anos.

Através de pesquisas arqueológicas, descobriram-se objectos esplêndidos de jade e «pedras verdes», o que, na nossa opinião, indica que foi construída no tempo em que os «Senhores do Mundo», vindos do planeta Vénus, governavam o México, o Peru e a Ásia Menor⁵.

Como o signo do touro figura com grande insistência na criptografia chinesa, pode-se deduzir que os iniciadores de Chensi eram os compatriotas de Quetzalcoatl e de Baal.

Encontraram-se na grande pirâmide da China vestígios da sua cor original, que era, para cada face, negra ao norte, azul-cinzenta a leste, vermelha ao sul, e branca a oeste.

O cimo era pintado de amarelo, o que indica, segundo parece, a pretensão dos Chineses de que se encontravam no centro do mundo.

Uma outra pirâmide, erigida a leste de Sian, serviu de túmulo, há 2000 anos, ao imperador Ch'in Shih Huang-Ti, mas, quanto à pirâmide gigante, temos muito poucos pormenores sobre as medidas e a que se destinava.

A pirâmide de Chan-pa-Chan

A pirâmide de Chan-pa-Chan, por outro lado, é muito conhecida. Eleva-se numa montanha do Turquestão e é objecto de peregrinações muito frequentes, porque os tártaros orientais consideram-na o berço do seu povo.

A tradição reza assim:

«Desanimados pela confusão das línguas, os povos

⁵ Muitas pirâmides foram consagradas aos chefes venusianos, deificados há 5000 anos, mas a maior parte existiam desde o segundo milénio depois do dilúvio.

pós-diluvianos, não podendo refugiar-se em torres que se elevassem até às nuvens, estabeleceram-se nas montanhas mais altas, para se precaverem, se possível, dos efeitos desastrosos dum novo dilúvio.

Só quando os rebanhos começaram a ter pouco terreno para pastar, e a terra se recusou a produzir as coisas necessárias à alimentação das colónias nascentes, é que estes povos se estabeleceram nas planícies, que tiveram muitas vezes de secar antes de descer até elas.

Daí vem o respeito dos Orientais pelos montes sagrados, respeito que testemunham por visitas anuais, acompanhadas de oferendas, de votos e de orações»⁶.

Finalmente uma explicação! Tão simples, tão luminosa, que, na nossa opinião, oferece grande probabilidade!

Em suma, pensamos ser possível dizer que *as pirâmides são monumentos elevados depois do dilúvio para agradecer à montanha ter salvo o género humano*⁷.

Seria este, sem dúvida, o destino da maior parte das pirâmides do mundo, com excepção das de Falicon e de Autun.

Esta explicação é particularmente convincente para os monumentos do Egipto, país plano, para a torre de andares em Tchoga-Zanbil, no Irão, e para as pirâmides de Rapa-Iti, na Oceânia, construídas na ponta dos picos mais altos.

⁶ *La Vierge. Histoire de la Mère de Dieu*, pelo abade Orsini, contada por Louis de Sivry, membro da Sociedade Asiática.

⁷ A pirâmide de Cholula (México) foi construída por Xelhua, um dos gigantes antediluvianos, em memória da montanha de Tlaloc, onde se tinha refugiado com os irmãos na altura da inundação. (Rios. Cod. Mex. Vaticano.)

Cavernas de iniciação

A pirâmide de Falicon, já que não pode constituir um testemunho de reconhecimento às montanhas que salvaram os homens do dilúvio, foi objecto de hipóteses formuladas quanto ao seu destino mágico, nomeadamente por Guy Tarade, a partir de curiosas experiências feitas pelos professores Bissonnette e Benoit.

Segundo estes biólogos, se a luz ilumina a cabeça e os olhos, exerce efeitos estimulantes sobre o aparelho sexual por intermédio da hipófise e das suas gonadostimulinas.

As radiações de cor amarela parecem ter uma influência particularmente eficaz.

Daí, pode-se concluir inversamente que a escuridão deve proporcionar um efeito contrário e, em todo o caso, provocar perturbações glandulares. É precisamente o que se passa durante a noite polar, que perturba os períodos menstruais das esquimós.

As prostitutas e as mulheres do «Tout-Paris» ocioso, que procuram a sua razão de ser na vida nocturna (e que portanto dormem de dia), tornar-se-ão frígidas por essa razão?

Outrora na ilha de Páscoa, segundo escreve Francis Mazières, as crianças dos dois sexos eram criadas em grutas sombrias, para que a pele se tornasse branca e para que os seus poderes intelectuais e psíquicos se tornassem mais fortes.

As grutas teriam sido câmaras de experiências genéticas, à imagem do santuário de Agarthá, no Tibete, onde se administrava o ensino no sentido mais favorável à castidade e ao desenvolvimento do psiquismo?

O altar de iniciação de Falicon e as câmaras escuras e secretas de todas as pirâmides provam esta tese e associam-se ao culto de Mithra, ao da magia e do mito da «gruta misteriosa» dos Egípcios, onde se operava a união da alma e do corpo.

AS TORRES HERMÉTICAS

Em vários departamentos franceses, como o Gers, Indre-et-Loire, Charente-Maritime, etc., encontram-se monumentos ainda mais enigmáticos que as pirâmides, e que põem à prova a perspicácia dos arqueólogos: as torres herméticas.

São construções de base rectangular, com 10 a 25 metros de altura, cobertas com tecto e sem qualquer abertura, quer dizer, sem portas nem janelas. São de pedra maciça.

Para que serviam? Mistério absoluto!

Pensou-se durante muito tempo que tinham sido faróis, postos de observação, ou monumentos funerários, mas estas hipóteses não foram confirmadas por qualquer indício.

Villepouge e Pierrelonge

A mais conhecida é a de Cinq-Mars-la-Pile, em Indre-et-Loire, erigida na encosta duma colina (e não no cimo, a uns cinquenta metros de distância) e construída em tijolo romano.

Em Ébéon (Charente-Maritime), na estrada de Saintes, há uma torre hermética com 13 metros de altura;

em Pierrelonge, perto de Saint-Romain-de-Benet, existe uma outra, com 23 metros.

Foram realizadas sondagens na construção, sem dúvida obra de gente à procura de tesouros, porque, onde há mistério, pensa-se sempre em depósitos preciosos! Evidentemente, nada se encontrou, mas, por esse facto, todas as torres foram danificadas.

Na base da torre hermética de Villepouge (Charente-Maritime) os arqueólogos descobriram em 1896 um muro largo, que forma uma espécie de pequena muralha, com entrada por um pórtico.

Encontrou-se aí também uma moeda que data de Antonino o Pio (século II), restos de vasilhame romano, uma «cabeça de mulher dupla» em tamanho natural e duas tábuas de chumbo, onde estavam redigidas fórmulas de carácter mágico, escritas em latim do início da nossa era.

É a única indicação que se possui sobre estes monumentos misteriosos, que, no entanto, se podem comparar aos *nouraggi* (torres) da Sardenha, que são ocos, aos pagodes de Paris, às torres do Cáucaso e às torres em forma de falo (*turaghans*) que abundam na Irlanda.

Como nos *nouraggi* sardos, com 3 a 4000 anos, não se encontram testemunhos gráficos que permitam fazer avançar as pesquisas.

«Mas estes monumentos — escreve Antonio Borio⁸ — atestam a presença dum povo desconhecido, criador duma civilização notável... sem dúvida esses *shardana* vindos do mar e das ilhas nórdicas, que combateram no Egipto como inimigos e como mercenários dos faraós.»

⁸ *Sardaigne*, de Antonio Borio.

Na Índia há também uma espécie de torres herméticas, os *stoupas*, que contêm as cinzas de Buda.

Os jainistas, que voltaram mais tarde à terra dos seus antepassados arianos, talvez tenham sido os construtores-magos da pirâmide de Falicon e de torres análogas às da Charente-Maritime.

Com efeito, as pirâmides, os *nouraggi*, as torres herméticas e os *turaghans*, onde se encontra a linha geral do *menhir* dos Celtas e dos Pelasgos, talvez se destinassem ao mesmo uso, se pensarmos numa espécie de acupunctura do solo e num condensador de forças, ignorados hoje em dia.

O bório de Charles S...

Charles S... tem poucos amigos, e é a única censura que se lhe pode fazer. Vive retirado numa aldeia duma ilha da costa atlântica e os vizinhos pensam que se ocupa de astrologia e de metafísica, o que traduzem dizendo que é um «sábio»; alguns acrescentam: com artes de feitiçaria!

Pela nossa parte, pensamos que é um grande investigador do Misterioso Desconhecido e talvez um iniciado, mas Charles S... fala tão pouco que é difícil saber alguma coisa a seu respeito.

Por privilégio muito especial, quis ter a amabilidade de nos receber; o esforço de aproximação foi longo, mas pela primeira vez foi-nos dado apreender—segundo a fórmula consagrada—uma parcela desse desconhecido que quase sempre se furta às nossas investigações.

No jardim que dá para a casa onde vive o metafísico, há uma oficina de aspecto exteriormente banal, mas cujo

interior tem a particularidade de abrigar uma espécie de *bório*⁹ feito de pedras cuidadosamente cimentadas, cuja altura é de cerca de 2 metros.

Este bório, hermético como as torres de Charente-Maritime, apoia-se sobre um terraço de cimento e não há dúvida que nenhuma entrada secreta existe que permita a um homem entrar nele.

Serve para experiências fantásticas, que escapam totalmente à ciência dos nossos sábios clássicos.

Charles S... explicou-nos o sistema que lhe permite, segundo afirma, comunicar por *telegrafia* com o Outro Mundo.

«Eu mesmo construí este bório — disse-nos — arranjando no interior uma grande cavidade onde instalei uma mesa, um verdadeiro aparelho Morse capaz de emitir sinais através dum contactor análogo àqueles que se viam antigamente nas estações de correios.

A única particularidade desse contactor é que é muito sensível, demasiado mesmo para ser utilizado por uma mão humana, por mais ligeira que seja.

Note um pormenor, que não tem importância para o bom êxito da experiência: o bório tem em cima três pequenas aberturas de 8 milímetros de diâmetro, destinadas a permitir a saída da humidade do interior.

Por razões higrométricas, só faço experiências no Verão, e com tempo muito seco.»

O bório pode então ser considerado hermético, eliminadas as possibilidades de fraude. O aparelho Morse que encerra está ligado ao exterior por fios que saem da construção e vão dar a acumuladores e a um aparelho recep-

⁹ O *bório* é um pequeno monumento cónico de pedra que, na Provença, serve de refúgio aos pastores. Em Poitu, o bório é muitas vezes construído à volta duma fonte.

tor muito simplificado, visto que consiste numa caixa que contém um sistema de bobinas (suponho), um rolo de papel que se desenrola por tambor, um electroíman e um estilete, que deve ser humedecido com tinta quando se procede às experiências.

O conjunto constitui um aparelho emissor e receptor simples, que só pode ser accionado do interior do bório.

Ora, como não há ninguém dentro do monumento, é praticamente impossível receber mensagens.

No entanto, é isso que acontece, e é aí que está o milagre.

Alguém no invisível

— Todos os anos recebo dezenas de mensagens — diz Charles S... —; algumas lacónicas, outras com várias palavras.

— Em que língua são escritas?

— São em Morse, quer dizer, sob a forma de código habitual, um ponto significa *e*, um traço *t*, um ponto e um traço *a*, etc. Muitas das palavras recebidas são incompreensíveis; outras são em francês, em alemão, em italiano e sobretudo em inglês.

«A palavra *mora* aparece muitas vezes, e não sei o que significa; recebo também com bastante frequência as palavras *alval*, *diar* e *metes*.

«A melhor mensagem recebida em francês dizia: *força de terra impossível*, o que me perturbou muito.

«Desde essa altura tento um outro sistema de aparelho, mas seria muito difícil explicar-lhe...

O velho sábio mostrou-nos rolos onde tinham sido inscritas as tentativas de comunicações dos seres invisí-

veis, quase imponderáveis, mas cuja força é no entanto bastante grande para se manifestar no nosso mundo.

No papel viam-se traços, uns quase imperceptíveis, outros muito longos, com espaços bem marcados, indicando os limites de cada letra.

Por vezes o traço era interrompido e não significava nada.

Tive a sorte de assistir a uma recepção, bastante modesta, visto que se reduziu às duas letras A e T, mas convincente.

— Uma veleidade! — disse-me Charles S... — Mas fico muito satisfeito por ter podido assistir a uma experiência! O meu drama é que é necessário estar à espera dos momentos propícios. Habituei-me, e agora *sinto* quando vai ser feita uma comunicação; então venho para aqui e espero calmamente, sentado numa cadeira.

— Onde vêm estas mensagens?

Charles S... toma um ar hesitante, depois responde:

— Não sei!

Nós insistimos:

— Mas tem uma ideia, com certeza! Mensagens do outro mundo? Dum espírito? Dum outro planeta?

— Não creio naquilo a que chama «espírito» — replica finalmente o sábio. — Existem certas forças errantes no espaço, mas é provável que existam também outros universos que escapam às nossas investigações.

Ainda alguns segundos de hesitação, e Charles S... continua:

— Há na Terra seres que procedem a experiências paralelas. Tento captar sinais que outros emitem ou forças susceptíveis de se transformar em *egrégores*. Além disso há o espaço sideral, cheio de ondas, de parasitas e de emissões desconhecidas para nós. O problema é

imenso, como vê! Talvez precise de construir um aparelho que capte ondas... certas ondas próximas das ondas de luz...

Charles S... não me deu totalmente a conhecer o seu Misterioso Desconhecido. Falou-me de forma muito evasiva de mensagens numa língua próxima do sânscrito, e que lhe são muito preciosas.

Recusou-se a abordar o capítulo dos objectos não identificados que percorrem o céu, o que é talvez um indício...

Quando o deixámos, disse-nos apenas estas palavras, tão herméticas como a Torre de Pierrelonge:

«Forças de outro mundo tentam manifestar-se. Dizem coisas terríveis...»

No ano que vem... mais tarde, Charles S... voltará a falar disto, sem dúvida. Talvez as defesas não venham dele.

Na França Misteriosa, e também no resto do mundo, há torres herméticas e enigmáticas, pirâmides que servirão já para um poderoso trabalho oculto. Há centros iniciáticos subterrâneos, que não conhecemos, e que não são nem Agartha nem o templo do deserto de Gobi.

O segredo está ainda intacto, e aqueles que o sabem só falarão quando chegar a altura de fazer revelações.

Mas há sintomas que indicam que a hora se aproxima, visto que o hermetismo murmura o seu nome e as portas estão já entreabertas.

FEITIÇARIA — MAGIA

CAPITULO IX

A RAINHA DAS FEITICEIRAS DA ISLE DE MAN

QUANDO os homens esqueceram os segredos antigos, mergulharam na crença, na fé; como a sua razão já não tinha qualquer missão definida, pediram milagres, evocando uma potência oculta.

Assim nasceram as religiões.

No princípio, apresentam-se enfeudadas às forças naturais: a terra, o sol, a floresta, o rio, os órgãos da reprodução. Depois, vêm os deuses, porque nada é eterno e tudo evolui com o tempo.

A primeira preocupação duma religião nova é considerar má, perniciosa e diabólica a que a precedeu, de forma que a única modificação é a que se dá no nome do novo deus. Mas as bases mantêm-se: um deus, um rito, e uma filosofia.

Religião = Feitiçaria

Os crentes da feitiçaria e das religiões têm um comportamento idêntico: fecham-se num círculo mágico (círculo, clareira ou templo), evocam a potência oculta (Satã ou Deus), prometem-lhe fidelidade e em troca pedem

qualquer coisa (virilidade, sapiência, sorte, lucros, ou salvação no outro mundo).

Executam gestos rituais com a mão, o braço, e a cabeça, para afastar as forças malignas ou para evocar uma potência benéfica.

Todos praticam o rito da água, geralmente no princípio das cerimônias—baptismo, abluções ou purificações simbólicas da água lustral—, a fumigação, a encantação, e a magia das cores e dos sons. Quase todos se deixam também arrastar pela magia erótica, com flagelações, mortificação, e adoração duma divindade nua.

A filosofia da feitiçaria e das religiões é também a mesma: melhoramento da condição humana, reconforto.

Outro ponto comum onde só conta o valor das palavras: os padres acusam os feiticeiros de se dirigirem a uma entidade maléfica, o Diabo; os feiticeiros acusam os padres de invocarem uma potência maléfica que chamam Deus.

Na feitiçaria, Satã toma o lugar que Deus lhe roubou, seja, mas é a mesma personagem, sob um nome diferente.

Não confundamos pois a feitiçaria, que é uma religião, com a magia, que é uma ciência e uma arte.

Hell Fire Caves

A Inglaterra mantém ainda viva a tradição céltica e a feitiçaria proveniente das superstições.

No condado de Buckinghamshire, em West Wycombe, uma vasta rede de subterrâneos serviu antigamente de antro de iniciação de uma sociedade secreta: o Clube do Fogo do Inferno (*Hell Fire Club*), onde se inspirou mais tarde a *Golden Dawn* (a Aurora de Ouro).

Pouco se sabe sobre o Hell Fire Club, no entanto Serge Hutin, o nosso grande especialista do ocultismo, escreveu¹ que as grutas de West Wycombe eram teatro de reuniões duma espécie de *élite* britânica, composta de políticos, escritores, pintores e ricos «rodados», que passavam férias clandestinas em companhia de bonitas mulheres.

As Grutas do Fogo do Inferno foram escavadas de tal modo que constituem, segundo Serge Hutin, um verdadeiro local de iniciação, cujo percurso, conduzindo a um rio subterrâneo, prossegue até ao *Inner Temple* (Templo Interior), onde se celebravam ritos indubitavelmente muito mais sérios do que se pensa vulgarmente!

«O Hell Fire Club — diz o nosso confrade — era um agrupamento de filiação pagã, que remonta talvez a mistérios da época pré-cristã e praticava ritos do tantrismo dito de esquerda, aquele em que a exacerbação da sexualidade e dos poderes imaginativos tem objectivos de libertação mágica.

Um membro do Hell Fire Club tinha de escolher, para cada vez que estivesse nas caves, uma companheira com a qual participava em todos os ritos secretos, até ao ponto culminante, no Inner Temple.»

Esta prática, muito em voga no século XVIII, já não se usa, pelo menos é o que se crê, mas os Ingleses mantiveram-se fiéis a certas práticas que se ligam, num plano superior, à feitiçaria dos tempos célticos.

Foi o que nos explicaram na Isle de Man², onde oficia *The Witch Queen* (a Rainha das Feiticeiras), Monique-Mauricette-Marie Wilson.

¹ *Les Cahiers du Chêne d'Or* (15 de Fevereiro de 1963).

² O nome oficial, Isle de Man, respeita a antiga ortografia francesa ou — e é o mais provável — a dos Celtas: Ys ou As ou Island.

A ilha mágica de Man

A ilha de Man, entre a Inglaterra e a Irlanda, é um dos locais mais antigos do mundo, muito mais que Benares, que o Tibete, Roma, Meca, e mais sagrado ainda.

Segundo a tradição, o primeiro deus ou o primeiro homem criado na Terra tinha o nome de Man ou Men.

Man é o nome mágico por excelência, o de *Manannan*, o rei mágico da ilha de Man, mas é também o *Man-nus*, antepassado dos Arianos, o *Manou*, primeiro homem segundo os Hindus, o *Mentou* ou Monte, que é o Apolo dos Tebanos, o *Mainyu zend* (Ormuzd e Ahriman) e talvez o *Mana* dos Escandinavos, o *Maner*, primeiro rei dos Egípcios e o *Manitu* dos Algonquinos.

Em magia, tanto no Ocidente como na Ásia e na Polinésia, a palavra *mana* designa o princípio imaterial do indivíduo (a sua alma) e o poder que possui.

Foi pelo *mana*, diz a lenda, que foram transportadas as estátuas gigantes da ilha de Páscoa!

O berço dos homens brancos teria sido portanto essa ilha de Man que viu nascer a religião dos nossos antepassados.

É uma ilha sem igual em qualquer parte do mundo, com as suas montanhas, as terras atulhadas de túmulos, de cromeleques, de círculos mágicos, de megálitos e também de fendas perigosas, dissimuladas por uma espessa e curta vegetação de espinhos e líquenes. Como nos filmes de terror, o nevoeiro invade os vales, sobe pelas colinas, à altura dos joelhos, às vezes maior que um ribeiro, entra nos poços...

A paisagem é irreal, num ambiente de outra época. Era na ilha de Man que vivia, há milénios, Manannan

Mac Llyr, temível mágico celta, que vestia uma couraça invulnerável e usava um elmo brilhante. A sua espada matava ao primeiro golpe, e conseguia tornar-se invisível envolvendo-se num manto mágico.

Ninguém conseguia seguir Manannan, em terra, quando cavalgava o seu corcel rápido como o relâmpago, nem no mar, quando entrava na sua barca sem vela e sem leme, que se dirigia para onde o seu dono a mandasse.

Esta barca era também uma máquina voadora, porque Manannan, como todos os feiticeiros, sabia voar.

Tornou-se rei da ilha, e pode-se ver ainda o seu túmulo gigantesco no Castelo de Peel.

Nos monumentos das cidades e nos portos da costa, banhada por um mar transparente e cor de esmeralda, flutuam as bandeiras com o brasão de Manannan: as três pernas do mágico à volta do centro duma roda de carruagem, como se fossem os raios.

Foi esta ilha consagrada que a rainha das feiticeiras escolheu para viver; é lá que, em datas rituais, preside a estranhos *sabbats*.

A rainha das feiticeiras é francesa

Monique-Mauricette-Marie é uma bretã com nacionalidade dupla — francesa e inglesa —, casada com um escocês, Campbell Crozier Wilson, que é o seu *High Priest* (Alto Sacerdote).

É morena, mede 1,58 m e veste-se sempre com um *collant*, um gibão e um manto negros. O manto é forrado de vermelho, como o do Diabo.

Educada na Indochina, foi para Londres em 1954, encontrou o doutor Gérald Brousseau Gardner, adepto

convicto da feitiçaria, e obteve a qualificação de grande sacerdotisa.

Casou-se nessa época, fundou um grupo importante e organizou os *covens* de Londres e de Manchéster, o que lhe valeu ser eleita rainha das feiticeiras da Escócia.

Em 1964, o doutor Gardner morreu, legando-lhe no Sul da ilha de Man, em Castletown, um moinho e uma propriedade, onde está instalado um museu da feitiçaria que é o mais belo do mundo.

Castletown é agora o sítio onde vive, partilhando o tempo entre o museu, que atrai diàriamente muitos visitantes, e as suas funções de feiticeira.

Foi eleita *Witch Queen* durante uma assembleia que reunia os treze *covens* que dirige, o que lhe dá direito à coroa e a usar a jarreteira de treze esmeraldas.

Quando oficia, está nua, e ostenta apenas um diadema em crescente, o colar e a jarreteira de rainha.

Tem cerca de 600 adeptos, organiza *sabbats* e a população de Man, mais propensa ao celtismo que às religiões orientais, presta-lhe um certo respeito e uma grande simpatia.

A religião da feiticeira

O *coven* do moinho da Feiticeira adora um deus cujo nome não pode ser totalmente conhecido senão pelos iniciados do terceiro grau.

Este deus parece ser o mais antigo deus da Terra: Cernuno, o misterioso *Dis pater* dos Gauleses, cuja fronte suporta cornos de veado, símbolo da sua virilidade.

A serpente com cabeça de carneiro e o touro são frequentemente representados com Cernuno, assim como a

sua esposa, a Grande Deusa, que é a Deméter e a Cíbele dos Gregos.

O culto é fálico, quer dizer, honra as forças criadoras da vida, sem as quais nada existiria. Está fundado sobre dois princípios, um masculino, outro feminino, que devem unir-se numa comunhão tanto física como espiritual.

O Diabo, Satã e Lúcifer parecem ser ignorados pelo *coven* e a Witch Queen não hesita em declarar que não acredita nessas entidades!

—O nosso culto é uma verdadeira religião— diz ela—, anterior a qualquer outra; os Druidas conheciam-na, mas era ainda mais antiga que eles.

«A nossa lei é fazer o bem, invocando os deuses da natureza dos nossos antepassados Celtas.

«Às vezes assisto doentes, caso religiosamente os casais legítimos e dou o meu ensinamento ao “meu povo”. Se um adepto se porta mal, se comete uma falta, tenho por dever puni-lo. Recebe chicotadas, e aí está um símbolo da nossa religião, porque o chicote é um atributo da fertilidade.

«Devemos utilizar sempre a mão direita; durante as cerimónias, o altar deve estar sempre à nossa direita e dentro do círculo mágico; devemos andar no sentido dos ponteiros do relógio, e nunca em sentido contrário.

«A nossa religião chama-se a Wicca ou Witchcraft. Wicca, em saxão, significa sabedoria.

«O amor e o erotismo entram nos nossos ritos, mas num plano elevado, que não poderia ser explicado ao grande público.

O «sabbat» de Olwen

Quando oficia, a Rainha das Feiticeiras toma o nome de Olwen.

Uma vez por semana, os seus fiéis reúnem-se para *sabbats* análogos aos ofícios de outras religiões.

Os grandes *sabbats* realizam-se na *véspera* das datas consagradas:

1 de Fevereiro — *Cadlemas* ou festa das tochas.

1 de Maio — *Mai-Eve*, culto da Grande Deusa.

1 de Agosto — *Beltane* ou festa das colheitas e dos fogos de Beltane (Vénus).

1 de Novembro — *Hallowe'en*, última festa antes da Primavera.

Os *sabbats* pequenos fazem-se nos equinócios e nos solstícios.

Em 21 de Junho de 1966, pudemos assistir a um *sabbat* numa sala transformada em templo, coberta de armas antigas: punhais, espadas, flechas, maços, etc., com um círculo mágico duplo pintado no chão.

No centro dos círculos elevava-se o altar, com um cálice, uma estátua da Grande Deusa, flores — sempre rosas —, abraxas, punhais, tochas e vários chicotes.

Olwen oficiava nua, com diadema e colar, uma jarreteira na coxa esquerda e um bracelete mágico no braço direito.

Num suporte, junto do altar, o grande livro sagrado da feitiçaria, *The Book of Shadows*, estava fechado, visto que se encontravam na sala pessoas estranhas à Wicca.

É nesse livro que habitualmente a grande sacerdotisa lê os ritos do culto e comenta os símbolos.

No *The Book of Shadows* está escrito pela mão de

Olwen tudo quanto diz respeito aos três graus de iniciação e que é transmitido tradicionalmente desde tempos imemoriais.

Uma dúzia de adeptos estavam dentro do círculo, descalços, a maior parte quase nus, porque, em princípio, é nus que devem participar num *sabbat*, a fim de que as más influências exteriores não tenham poder sobre eles.

A cerimónia consistiu numa roda, cortada de pausas, no interior do círculo mágico, com uma mulher entre dois homens.

Olwen, que ora segurava uma vara mágica, ora uma espada, segundo o rito, pronunciou em inglês invocações cujo tema era retomado em coro.

Encheu um cálice com uma bebida alcoolizada, bebeu, e os adeptos vieram beber, um de cada vez, ao mesmo tempo que dançavam, sem nunca ultrapassar o bordo interior do círculo mágico.

Estava muito calor, porque filmávamos a cerimónia; a Witch Queen nua, a roda interminável desses seres encantados, passando sem transição da escuridão à luz crua das luzes, o perfume do incenso... tudo criava uma atmosfera pesada, própria a causar transe e alucinações.

Uma jovem respirava com esforço, girando à volta do altar; estávamos à espera de a ver cair por terra, a gritar... Olwen rompeu o encanto cortando a roda com a espada.

Perdíamos talvez o espectáculo dum verdadeiro *sabbat*!

A cerimónia continuou com cantos, a entronização dum novo adepto da Wicca, o rito do punhal, cujo sentido erótico nos passou totalmente despercebido, e depois foi celebrado o culto da Grande Deusa.

O alto sacerdote, Scotty Campbell, veio beber no cálice, prosternou-se diante de Olwen, que se identificava à deusa, e, com respeito, deu-lhe sete beijos: na boca, nos seios, no umbigo, no monte de Vénus e nos pés.

O *sabbat* tinha acabado.

Nessa noite, Olwen teria escondido o jogo habitual? É provável, porque o véu de Ísis nunca se ergue no primeiro dia do Mistério!

Os poderes da feiticeira

Seria ilusório julgar a feitiçaria por aquilo que vimos no *sabbat* de Castletown.

A feiticeira tem os seus segredos que não revela; conhece as ervas que curam, as invocações que expulsam os «espíritos maléficos», e os filtros amorosos.

Uma das sacerdotisas da Wicca, a bela Frances, garantiu-nos que a sua rainha tinha o poder de dissolver uma nuvem e curar tocando o doente.

— Temos — disse Frances — um método de concentração extraordinário, que permite, sobretudo a Olwen, transmitir uma carga física ao doente.

«Esta concentração é tão grande que se torna às vezes necessário irmos para um sítio deserto, para lançarmos certos gritos muito agudos que nos dão alívio.

«Estes gritos, em certos casos, podem constituir apelos a entidades poderosas, enfeudadas ao Poder Central.

Durante a guerra, os feiticeiros, que são cerca de 8000 na Inglaterra, conjugaram as forças para impedir os alemães de desembarcar. Fizeram-se reuniões muito importantes nos cromeleques do campo.

— Utilizaram o Cone do Poder para esse fim — disse-

-nos a rainha das feiticeiras. Deram-se ricochetes, alguns terríveis, e morreram oito membros da Wicca.

Olwen não quer que se confunda a sua seita com a de Golden Dawn (que se tornou a casa de Ísis), a qual se dedica sobretudo a um culto erótico dos mais perigosos.

— Certos adeptos da Golden Dawn — disse ela — eram obrigados a praticar durante quatro a cinco dias o coito... e os que não conseguiam eram chicoteados para poderem continuar. Era autêntica magia negra...

«A religião da Wicca é pura e sã. Os nossos ritos são os dos nossos antepassados, e remontam aos tempos longínquos em que os “anjos” de Azazel vieram do céu para fecundar as belas terrestres. É possível!

«Talvez subsista entre nós uma reminiscência deste erotismo antigo que se tornava necessário para melhorar a raça. Não posso dizer tudo. Os feiticeiros, sabe, estão ainda obcecados pelos “tempos chamejantes” em que os faziam subir à fogueira. Uma das minhas antepassadas foi queimada viva na Idade Média... e a Idade Média está menos longe no espírito que no tempo!

A magia de Paul Gregor

O sentido que se dá à magia, feitiçaria e religião é evidentemente muito arbitrário.

A magia dos antigos persas identificava-se à religião, e a do escritor filósofo Paul Gregor está próxima da feitiçaria tal como é entendida na ilha de Man.

«Supomos — escreve Paul Gregor — que a incandescência das nossas paixões, dos nossos transportes amorosos, sejam uma *ascese mística perdida*.

As nossas mais altas aspirações e o conjunto do nosso potencial transcendente e mágico seriam portanto prisioneiros da matéria e da sexualidade. A ascese materializa-se, e portanto é absorvida.

Partindo deste postulado, plausível se nos lembrarmos de que a magia mística e a psicologia têm um denominador comum e que, de há uns trinta anos para cá, o comportamento sexual se tem baseado na psicologia, não é lógico pensar que as nossas reacções sexuais agem como um catalisador mágico que liberta energias quase sobre-humanas?»

É interessante notar a tendência dos novos tempos para uma manifestação mais livre do instinto sexual: em França, por exemplo, o Governo apoia os movimentos de jovens estilo ié-ié, cujo fundamento esotérico está ligado à sexualidade e à libertação de sentimentos durante muito tempo jugulados pela justiça, pela moral e pela religião³. Na Suécia, nos locais nocturnos de dança, os pares têm autorização para dançar nus dentro de bolas transparentes, desde que escondam a face em máscaras de gás! Em Hamburgo, na Alemanha, a Inspecção da Academia esforça-se por agrupar em classes especiais as alunas dos liceus que estão no «estado interessante»! Só nos liceus de Hamburgo, estão grávidas 469 alunas, com uma média de 16 anos!

Os padres católicos vão obter o direito de se casarem⁴.

³ São estes jovens que se vêem na televisão nacional na maior parte das emissões, que violentaram raparigas na sua manifestação de massa, na Place de la Nation; são estas jovens que entram em transe histérico quando os seus «ídolos» cantam. O movimento é portanto autenticamente uma manifestação de feitiçaria, com tudo o que ela comporta de libertação sexual.

⁴ A 10 de Julho de 1966, em Copacabana, o bairro chique do Rio de Janeiro, os padres Navarro e Aldes de Ganga celebraram na Igreja de Nossa Senhora da Paz uma missa para três mil jovens fiéis. Cantos religiosos,

Na Inglaterra, a feitiçaria é tolerada pela lei e o arcebispo de Canterbury defende os homossexuais na Câmara dos Lordes.

Em suma, tudo se passa como se, nesta segunda metade do século xx, se desse uma reacção contra a ditadura da pudibundaria hipócrita e da repressão sexual instituída, contra a natureza, pela sociedade burguesa e pela religião.

As energias conjecturadas por Paul Gregor irão manifestar-se, ao sabor desta revolução, num sentido válido, por exemplo, na ciência e na arte? Ou então, favorecer a ressurreição das religiões ancestrais sob o signo da feitiçaria?

Magia negra

A magia negra existe ainda, mas não está ao alcance da lei, pela simples razão de que se parte do princípio de que ela não existe! Em última análise, os juízes admitem Deus e os seus servos, mas recusam-se totalmente a acreditar no Diabo e nos seus adeptos.

Talvez isto esteja certo, porque em 1632, em pleno acordo com o ritual romano, que declara «sinal de posseção demoníaca o facto de falar ou compreender uma língua que não se conhece» (*ignosta lingua loqui plurimis verbis vel loquentem intelligere*), a Universidade de

acompanhados por guitarra eléctrica, alternavam com os textos de Paulo VI e de John Kennedy.

A cerimónia foi curta, porque os rapazes, de cabelos compridos, e as raparigas, com mini-saias, deitaram ao chão os genuflexórios, agarraram-se às balaustradas e penduraram-se no órgão e até no altar.

A igreja regressava ao seu primeiro destino: uma casa do povo e de Deus!

Montpellier pronunciava-se sobre a questão de Loudun e condenava à morte o pobre Urbain Grandier, injustamente acusado de praticar a feitiçaria do Diabo.

No entanto, acontece que os tribunais sejam chamados a julgar casos em que a magia negra e a falsa feitiçaria estão incontestavelmente presentes.

Em Agosto de 1966, um estudante nigeriano de Londres, Hayode Durôkaiye Orishagbemi, matou uma das suas compatriotas que tinha, segundo disse, poderes mágicos demasiado perigosos.

Transformava pessoas em amendoins e extraía ratos, caracóis e pulgas do corpo!

Uma seita de feiticeiros brasileiros assassinou dois técnicos da TV de Niterói, no Brasil. Os cadáveres foram encontrados numa floresta, e as caras estavam cobertas por máscaras de chumbo. Tratava-se portanto dum crime ritual.

A Polícia da Libéria prendeu em 1966 Esli Holder, presidente da Câmara de Kakata, e Amos Nagbe, director do Colégio Comercial de Monróvia, acusados de terem sacrificado mulheres durante cerimónias rituais. Nagbe declarou na Polícia: «Clarence Simpson, antigo vice-presidente da Libéria, entregou-me mil dólares em pequenas prestações para eu lhe arranjar a maxila inferior, os olhos e as maçãs do rosto duma mulher, para uma cerimónia mágica, destinada a fazê-lo presidente da República.» (1)

Todos sabemos que Maman Onema era em 1965 a feiticeira reconhecida pelos rebeldes congolese, hostis ao presidente Tschombé. Quando mudou de campo, fez na Rádio Léopoldville uma declaração sensacional:

«Desenterrei e destruí os fetiches que tinha prepa-

rado para a vitória do general Olenga (chefe dos rebeldes). Já não valem nada.»

Anunciou depois aos seus ex-aliados que ia lançar os seus sortilégios contra eles.

Uma feiticeira dos pântanos de Okefenokes, na Flórida americana, lançou uma sorte a três bebés, e as suas predições realizaram-se vinte e dois anos depois.

O espelho mágico da televisão pertence também ao arsenal do crime quando nas mãos de aprendizes de feiticeiro. Em 19 de Fevereiro de 1963, depois de ter visto na televisão *O Maldito*, um filme de Fritz Lang, um soldador de Damouzy, Moselle, apunhalou a mulher.

A maldição das focas

Sabe-se em magia que as características dos animais podem ser transmitidas aos homens que se vestem com a pele deles, o que explica a existência em África de seitas criminosas como a dos «homens-panteras», dos «homens-crocodilos» e dos «homens-leões».

Mas as propriedades mágicas que se atribuem às peles mudam de expressão se o animal foi morto cruelmente. As peles tornam-se então fetiches maléficos, extremamente carregados, e transformam-se em túnicas de Nesso.

Por nada deste mundo uma mulher iniciada na magia aceitaria vestir um manto de pele de foca, o que equivaleria para ela à certeza de atrair um destino dramático.

Com efeito, sabe-se que as focas são esfoladas vivas, para que a pele seja de boa qualidade. Esta prática abominável é um verdadeiro acto de magia negra, que trans-

porta para o possuidor do casaco a revolta e a maldição do infeliz animal.

Deu-se um estranho caso de feitiçaria em Niassalândia, em Março de 1963. No tribunal de Blantire compareceu um homem-crocodilo, chamado Elard Chipandale, acusado do assassinio duma menina.

—Sou um crocodilo—repetia constantemente Chipandale.

O inquérito demonstrou que o feiticeiro se tinha disfarçado de crocodilo, envolvendo-se na casca duma árvore. Assim transformado e quase submerso no rio, afogou a filha dum negro chamado Odrick Kasoci, que queria ver-se livre da criança. Quando lhe ordenaram que se transformasse em crocodilo, Chipandale respondeu que não podia, por ter perdido, na altura da prisão, o talismã, que lhe tinha dado um grande feiticeiro da região!

Ricochetes

Mas os feiticeiros nem sempre são maldosos, e acontece que alguns tomem para si o papel de justiceiros, como aconteceu em França, contra uma radiestesista de Roche-sur-Yon, que, segundo eles, era acusada de falta profissional.

Com efeito, esta radiestesista tinha atraído a infelicidade sobre uma honesta família de La Tardière-en-Vendée. Os mágicos de Poitu, justamente furiosos, lançaram contra a sua colega uma maldição cigana, cuja progressão será interessante seguir, visto que data apenas de 1966.

Da mesma forma, no Haiti, os feiticeiros entraram em luta contra o clero católico. Aprovados pelo presi-

dente da República, o doutor François Duvalier, que pretende ressuscitar a antiga religião da raça, os *bocors* (feiticeiros vauduístas) lançam a má sorte sobre os padres, que, uns atrás dos outros, morrem ou têm de sair do país.

A reacção é inversa por vezes.

No moinho de Aron, em Mayenne, são os camponeses católicos que se insurgem contra o moleiro Robert Brault, feiticeiro, e contra os seus discípulos barbudos.

Brault, curandeiro e delegado de Jeová, segundo diz, é acusado de sacrilégio, e correm a seu respeito as histórias mais estranhas. Um grande jornal publicou uma delas: «Graciosas náiades, nuas como Frine, vêm, no Verão, brincar na margem do rio. Alguns fanáticos até viram o moleiro, cercado de luz, subir ao céu e dançar nas nuvens!»

Em Fevereiro de 1964, à hora das vésperas, cerca de um milhar de pessoas cercaram o moinho e cortaram com tesouras e lâminas as barbas e os cabelos compridos dos adeptos do profeta.

A catástrofe de Fréjus

A catástrofe de Malpasset está ainda presente na memória de todos e, embora tenha sido atribuída à fatalidade, desde há vários anos que a região de Fréjus parece estar votada a uma série de desgraças. As tempestades destroem as vinhas, as inundações arrasam tudo e o grão dá cabo dos pomares.

Um grupo de investigações ocultas de Nice pensa ter encontrado a razão desta maldição.

No primeiro século da nossa era, Apolónio de Tíana criou perto de Fréjus uma escola iniciática.

O resto da informação é tão estranho que preferimos transmiti-la tal como no-la foi contada:

«A região de Fréjus era percorrida por fortes correntes telúricas de emissão vertical, e o filósofo enterrou uma espécie de pilhas carregadas de volts, para neutralizar os efeitos demasiado violentos.

Ora, algum tempo antes da ruptura da barragem, que libertou milhares de metros cúbicos de água, mágicos negros que se teriam instalado perto da mesquita sudanesa de Missri, a nordeste de Fréjus, teriam encontrado e desenterrado as cargas colocadas por Apolónio.

Eliminada a protecção, as forças da natureza desencadearam-se. Os mágicos morreram na torrente que inundou Fréjus.»

Seria sem dúvida pueril acreditar nesta lenda, que no entanto nos faz crer na existência dum mago na região; mas, se duvidássemos das lendas, existiria a magia?

CAPÍTULO X

DROGAS PARA VIAJAR NO TEMPO

O cérebro humano comporta milhares de pequenas células ou neurões, que constituem de certo modo a biblioteca e a sede do conhecimento humano.

Só uma parte — cerca de um terço — é solicitada, de tal forma que a maior parte das células ficam passivas, como lâmpadas não acesas ou livros fechados.

Se encontrássemos a maneira de pôr todas em funcionamento, os problemas mais difíceis ou considerados insolúveis teriam uma solução fácil. O homem que soubesse utilizar inteiramente o cérebro adquiriria uma tal superioridade sobre os outros, fossem eles Einstein ou Pascal, que se tornaria um verdadeiro fenómeno e talvez um deus.

Por vezes, o mecanismo cervical põe-se a funcionar a 40 ou 50 % e o ser privilegiado torna-se um génio. Sem dúvida que foi esse o caso de Pitágoras, Platão, Pico de Mirândola, Pascal, Einstein, etc., e de Rémi Crampe, esse pastor de Ousté (Altos Pirenéus) que, durante os testes de apuramento militar, ficou classificado acima dos engenheiros, licenciados e agregados que se apresentaram ao mesmo tempo que ele. Foi o que aconteceu também a Paolo Z., esse pequeno veneziano que, aos

cinco anos, foi ferido na cabeça por uma pedra que lhe foi arremessada. O acidente provocou-lhe no cérebro uma certa anomalia, que fez de Paolo um aluno excepcional e... um maníaco genial do roubo!

O homem estará destinado a utilizar um dia a totalidade dos seus poderes desconhecidos?

Estaria na ordem natural das coisas, porque, enfim, se as células cinzentas existem, não será para nos servir-mos delas?

Nesta hipótese, a humanidade, por evolução, encaminhar-se-ia para um estádio superior, análogo ou idêntico ao da divindade. Neste sentido, dentro de um século ou um milénio, os nossos descendentes seriam os senhores do cosmo.

É o que ensinam certas escolas filosóficas e religiosas, mas, não se sabe por que intuição, o homem que se crê racional revolta-se diante desta escatologia (ciência dos fins últimos) que lhe promete o domínio do mundo e a identificação a Deus.

De resto, é possível que nem todas as nossas células cervicais venham a ser utilizadas no futuro improvável, pelo facto de já terem cumprido a sua missão no passado¹.

O homem tem dois seios, mas não servem para amamentar! No entanto, esses órgãos tiveram em tempos uma razão de ser.

¹ O homem de Neanderthal tinha um volume de caixa craniana de 1600 cm³, ao passo que a média actual é de 1500 cm³ apenas. O homem pré-histórico estaria portanto mais bem provido de neurões que nós e era mais inteligente.

O deus branco que insufla

Apesar de tudo, há algo que muito nos confunde: os nossos irmãos negros têm um cérebro idêntico ao nosso nos seus componentes, mas com muito menos células em actividade. Enquanto o deus branco (iniciador) não lhes insufla, à maneira do Criador bíblico, ou antes, da serpente que dá bons conselhos, os segredos da ciência, os negros estagnam quase no estádio da animalidade.

Se o deus branco lhes «insufla o espírito», então eles parecem acordar dum sonho e os seus cérebros tornam-se iguais aos dos outros homens em poucos anos.

Este facto prova que os neurões do cérebro estão apenas adormecidos e podem, sob a influência dum agente exterior, ser excitados de forma a triplicar os poderes humanos. É mais provável ainda que estes poderes aumentem segundo uma progressão geométrica de razão X que os torne 300... 900... ou 2700 vezes maiores.

Na primitiva história antediluviana, os homens eram milhares de vezes mais inteligentes que nós, visto que conheciam o segredo da levitação, da antigravidade, da predição e das viagens no espaço sideral.

Nesse caso, o apogeu humano deve ter sido atingido, e o período que vivemos presentemente deve ser o da decadência.

Por estranha percepção, talvez proveniente dos neurões pouco solicitados, os homens pressentem que se aproxima o fim do mundo, e que esse fim se concretizará por um cataclismo universal.

Alguns seres tiveram em tempos, e outros têm-nos nos nossos dias, a faculdade de manter o cérebro em funcionamento para lá dos 30 % normais: os sábios e os ini-

ciados; é por essa razão que esses privilegiados conseguem ter certos conhecimentos da verdade que continua inatingível para o resto da humanidade.

No entanto, é possível a um ser normal tornar-se um grande iniciado, um conhecedor, um génio.

O cérebro, esse computador electrónico

A actividade do cérebro é um fenómeno eléctrico, e portanto uma energia.

Este fenómeno é determinado e alimentado (é o metabolismo) pela glucose que o sangue lhe fornece e pela oxigenação do tecido cerebral. Quando se verificam estas condições de forma conveniente, os neurões tornam-se aptos a um funcionamento mais ou menos energético.

É indispensável conhecer este processo biológico para compreender, naquilo que ela tem de mais misterioso, uma parcela do segredo da iniciação.

Duma forma tosca, podemos dizer que o pensamento, a inteligência, o conhecimento e a iniciação estão intimamente ligados à alimentação, e sobretudo à absorção de certas substâncias que, introduzidas no sangue (via bucal ou injeção), podem excitar os neurões de diferentes maneiras².

Logo, é possível provocar artificialmente a iluminação, o génio, mas também o embrutecimento e a loucura.

Os barbitúricos, os soníferos e os tranquilizantes entorpecem o cérebro; pelo contrário, certos produtos aumentam o estado de vigília, a faculdade de percepção e a inteligência; outros finalmente (os psicodislépticos)

² Existem outros modos de excitação cerebral para provocar a vidência: o espelho, a bola de cristal, os choques luminosos, a meditação, etc.

suscitam fenómenos de vidência e de iluminação e permitem autênticas viagens no tempo. São as drogas alucinogêneas.

As drogas de iniciação

Seria errado dizer-se que Moisés, Buda, Pitágoras, Jesus e Einstein foram iniciados ou génios porque tomaram drogas milagrosas.

O problema é mais complexo.

Racionalmente, é difícil admitir a revelação divina, quer dizer, o contacto directo com Deus ou de um deus com um ser humano. No estado actual da ciência, não se pode dar qualquer explicação sobre a autenticidade dum milagre desse tipo, o que, no entanto, não implica a sua inexistência.

Pode-se mesmo dizer que a autenticidade do fenómeno é cientificamente aceitável, se identificarmos Deus à inteligência universal, e os deuses a iniciadores que viveram corporalmente e podem ainda existir no espaço-tempo, ou num universo paralelo: os Senhores do Mundo.

Neste sentido, o contacto considerado miraculoso tem um começo de explicação quer pela elevação do pensamento humano, quer pelo processo, mais matemático, da viagem no tempo.

É de resto o que parece acontecer.

Mas na análise clínica, tudo se passa como se o cérebro do iniciado, do sábio ou do profeta recebesse uma dose excepcionalmente rica de glucose, e uma irrigação excepcionalmente operante do tecido cerebral, seja pela

absorção alimentar, seja por uma misteriosa alquimia físico-química que produza o mesmo efeito.

Desde épocas remotas até aos nossos dias, esta elevação no sentido da iluminação foi praticada por todos os povos e por diversos processos, sendo o mais empregado o da droga alucinogénea, que tomou muitas vezes o nome de bebida da iniciação.

Eis uma lista das principais dessas drogas:

Nauacatl ou *teonanacatl*: cogumelo alucinogéneo dos Astecas (México), chamado «Carne de Deus» pelos Índios e «Carne do Diabo» pelos mexicanos católicos. Este cogumelo, o *stropharia cubensis* ou psilócibo, contém um alcalóide (a psilocibina) que provoca um intenso estímulo da memória e das visões, coloridas de verde.

Na sua *Histoire du Mexique*, André Thevet, em 1574, descreve assim os *curanderos*, que o comiam cru: «...os quais o Diabo abaixava fazendo-os comer uma erva que chamam *nauacatl*, que os punha fora de si e os fazia ter muitas visões.»

No seu livro *As Plantas Divinatórias*³, Alexandre Rouhier, autoridade nestas questões, diz que o *muchamoro*, muito raro em certas regiões da Ásia, é utilizado como o foi a penicilina durante a guerra 1939-45. Quando o xamã bebe o líquido proveniente da sua cozedura e diz os oráculos, urina num vaso de madeira e a muscarina eliminada desta maneira pode voltar a servir mais vezes!

Yagé: liana tropical americana. Toma-se em decocção aquosa. Possui um poder surpreendente de fazer ver e ouvir a grande distância.

Alexandre Rouhier conta como os pesquisadores de tesouros a utilizam na Amazónia: fazem ferver um quilo

³ Bibl. Nationale. Paris, 1927, in-8.º, 8.º s., peça 14 174. Ler também, do mesmo autor: *La Plante qui Fait les Yeux Émerveillés: le Peyotl*.

da liana em vários litros de água, de noite, precisa ele. Quando não houver mais que um bom copo de líquido, o indivíduo bebe-o, toma uma golada de aguardente de cana-de-açúcar... e mergulha num semi-sono. Levam-no adormecido aos locais onde se pensa que estejam enterrados os tesouros e, certamente à força, obrigam-no a mostrar os pontos dos jazigos.

O indivíduo vê através das paredes, rocha e terra. Os companheiros cavam e *quase sempre descobrem um tesouro nos locais designados pelo vidente.*

Ayhausca ou *banisteria ccapì*: outra liana da Amazônia, cuja bebida se deve tomar na escuridão e no silêncio da noite. Os feiticeiros acrescentam-lhe *yagé*. Chamam-lhe «liana dos sonhos» ou «liana dos espíritos» ou ainda «liana da morte», quando as doses são excessivas!

Peyotl: a planta que maravilha os olhos, é um pequeno cacto sem espinhos dos altos planaltos. Vende-se no México nos ervanários sob o nome de botões de *peyotl* ou de botões de mescal. O seu alcalóide, a mescalina, provoca visões em movimento contínuo, tão prodigiosamente coloridas que provocam gritos de surpresa ao drogado. O *peyotl* não tira de forma nenhuma a consciência durante estas visões. Transforma os sons em cores.

Huanta: solânea de flores brancas; a *datúra arborea* do Equador. Extremamente tóxica. Dela se faz uma bebida de prova para os feiticeiros. Entram em coma durante 2 a 3 dias e contam da sua viagem ao país dos deuses coisas importantes sobre o futuro.

Huachuma: cacto arborescente do Peru, cujo suco purgativo se bebe para se ter o dom da divinação. O *huachuma* é o intermediário entre o homem e o Diabo, segundo os cristãos. O padre Barnabé Cobo, historiador da conquista espanhola, escreveu: «Embebedados com esta

bebida, os Índios sonham com mil extravagâncias e acreditam nelas como se fossem verdade.»

Tabaco: Na América do Sul, a iniciação e o poder de comunicar com os espíritos celestes fazem-se, por vezes, absorvendo uma decocção de tabaco, que se fuma numa palhota herméticamente fechada.

Tarasun: na Sibéria, os Buriatas fazem com água fervida uma decocção de tomilho selvagem, de junípero e de casca de pinheiro, onde deitam algumas gotas de sangue de bode.

Muchamoro siberiano ou boleto dos Canchadais: cogumelo venenoso do género amanita, utilizado pelos xamãs da Ásia central, certamente cru. O seu alcalóide, a musarina, é alucinogéneo em doses fracas, e mortal em doses fortes. Provoca alucinações análogas às da psilocibina. Divinação, memória.

Honda: cogumelo da Nova Guiné. Os Papuas utilizam-no à maneira dos «curanderos» do México. Alucinação, delírio sagrado.

LSD 25: ácido lisérgico, alcalóide extraído do esporão do centeio (a doença dos ardentes de Pont-St-Esprit). 7000 vezes mais activo que a mescalina. Euforia ou depressões, segundo as doses e os temperamentos, alucinações dum colorido brilhante, aceleração do movimento e do tempo como na passagem dum filme a 100 imagens/segundo; distorção das imagens, sentimento de potência, loucura.

Estas plantas e drogas são metagnomígenas (produzem clarividência); chamavam-lhes antigamente «ervas dos profetas» e Rousseau, citado por Alexandre Rouhier, dizia «que elas desligavam da matéria os órgãos da imaginação»...

A sua utilização, menos simples do que parece, deve ser precedida de jejum e controlada pela experiência.

Os iniciados abstiveram-se desde sempre de certas plantas, sobretudo os cogumelos, sem dúvida com receio de que provocassem iniciações devidas não ao mérito, mas ao acaso.

Pitágoras recomendava que não se comessem favas e apresentava a seguinte razão: «Como a fava é composta dos mesmos elementos que o homem, pode tornar-se por transmigração a sede da alma.»

César ridicularizou esta explicação, e *a priori* temos de convir que não parece nada razoável. No entanto, é inconcebível que o grande sábio e iniciado que foi Pitágoras tenha feito esta recomendação aos discípulos, sem que fosse motivada por uma excelente razão, que Cícero revela parcialmente:

—A fava, segundo se diz, impede os sonhos divinatorios de se manifestarem.

Seria certamente necessário aprofundar mais completamente o mistério das combinações químicas para descobrir—estamos convencidos disso—que Pitágoras, *como sempre*, disse palavras de ouro!

As drogas alucinogêneas que estudámos juntam-se muitas outras, tais como o *kal* abissínio, o *yohimbe* ou o *iboga* africano, o *pituri* da Austrália, o *chá*, o *café*, a mandrágora, o cânhamo hindu (haxixe), o ópio, os rebentos da batata, etc., e, evidentemente, o vinho e o hidromel escandinavo, feito de sumo de asclepiade (planta de origem americana) misturado com leite, cevada e mel⁴.

⁴ O hidromel escandinavo passava por ter uma origem divina. Note-se que a asclepiade, de origem americana, foi importada vários milénios antes da «descoberta» da América por C. Colombo. O nosso amigo e parapsicólogo Jacques Rubinstein d'Avallon fez-nos notar as propriedades do lótus corni-

O «noha» ou vinho que enlouquece

Depois do desaparecimento dos Atlantes, dos Hiperbóreos e dos grandes antepassados arianos, cuja pátria de origem era a América do Norte, os Celtas encontraram-se «separados do país dos deuses», quer dizer, da fonte da iniciação e do conhecimento.

Mas sabiam que «para além do rio Oceano, nos limites do mundo ocidental», podiam encontrar o *gréal*, bebida maravilhosa dos antigos pais; daí provêm desde tempos remotos as tentativas do regresso às fontes, essa prodigiosa *procura do Graal* que, sob a influência das ideias cristãs, se desviou da sua verdadeira via e perdeu toda a essência. Ora o que era o *gréal* inebriante, que trazia a alegria ao coração e as ideias ao cérebro?

Era feito provavelmente à base de *noha*, planta de vinha que o Ministério da Agricultura acaba de condenar à morte.

O *noha* tem a reputação de dar um vinho «que enlouquece», o que é uma razão astuciosa para eliminar a verdadeira bebida da iniciação ariana, o verdadeiro *graal*.

O vinho de *noha* não é pernicioso em doses razoáveis, ou pelo menos não mais que o Bordeaux, o Anjou, o Vieux Cahors e bem menos que os Bourgogne, Beaujolais e verdes da Provence. É proibido plantar *noha*, como é proibido ter plantas de tabaco e de cânhamo indiano.

A razão desta proibição provém das defesas ocultas que ninguém, nem mesmo aqueles que pensam ser os instigadores delas, consegue explicar. De facto, o *noha* é a única *uva natural*, a única que produz *vinho natural*.

culado, cuja flor amarela, em decocção, produz uma excitação cerebral e desenvolve os poderes da memória.

As outras espécies, que estão sujeitas a doenças, devem obrigatoriamente ser tratadas de 3 a 20 vezes com enxofre, sulfato de cobre e outros produtos químicos, que são todos eles à base de substâncias venenosas.

O vinho que produzimos está portanto adicionado de veneno e o seu efeito etilizante perdeu as qualidades que, noutros tempos, o tornavam sagrado para certos povos.

Pelo contrário, o *noha* e outras variedades actualmente desaparecidas suscitavam um delírio análogo ao que era determinado pelas outras plantas alucinogéneas.

A etimologia da palavra «vinho» dá a esta bebida o seu sentido original, que se perdeu: vinho deriva do sânscrito *vena* = amado, desejado, da raiz *ven*, que nos Vedas designa o licor espiritual e sagrado do *soma*.

Os vinhos da antiguidade não se pareciam de forma alguma com os da nossa época; antigamente, eram envelhecidos ao sol, muitas vezes acrescentados com água do mar, diversas especiarias e mesmo ópio.

Nos nossos dias, a vinha híbrida, coberta de produtos químicos, não fornece líquido alucinogéneo, mas é provável que no ano 2000 a. C. isso não se passasse assim, e os Celtas, de carácter jovial, facilmente dados à gabarolice, mas entretanto bravos como poucos, deviam ter uma veneração particular pelo vinho, que parece aumentar a força e a valentia. É certo que não havia vinhas na Gália e só os Druidas e os sacerdotes a deviam cultivar, para as necessidades secretas do sacerdócio.

O hidromel não era mais que um *ersatz* e o verdadeiro *gréal* era a bebida que os De'danann da Irlanda tinham trazido em tempos da *Mag Meld*, a «planície da alegria», situada para além do Atlântico.

O *noha*, último vestígio da planta sagrada dos Atlan-

tes, está em vias de desaparecer, juntamente com os velhos costumes ancestrais, que é de mau tom enaltecer.

Só alguns iniciados, enfrentando a lei, continuam a criar a vinha cujo vinho «enlouquecia»...

Enlouquecia, da mesma maneira que o dragão devorava os homens e que os dólmenes eram habitados pelo Diabo!

A maçã e a parra

Esta questão leva-nos a estudar de perto o mito do Paraíso Terrestre, em que a maçã desempenha um papel difícil de interpretar.

«Eva respondeu à serpente: “Nós comemos do fruto de todas as árvores do Paraíso; mas, quanto ao fruto da árvore que está no meio do Paraíso, Deus ordenou-nos que não o comêssemos nem o tocássemos, porque corremos o risco de morrer.”

A serpente respondeu à mulher: “De certeza que não morreréis. É porque Deus sabe que assim que tiverdes comido esse fruto os vossos olhos se abrirão, e sereis como deuses, conhecedores do bem e do mal.”» (*Génese*, III — 2-3-4-5.)

Tratava-se, como todos nos lembramos, dum fruto que Satã os aconselhava a comer.

Eva hesitou. Quem lhe dava o bom conselho? Quem era o Mau nesta aventura? Deus, que lhe proibia saber, abrir os olhos, que lhe recusava a iniciação e o acesso à divindade? Deus, que a queria enclausurar numa vida de estagnação, sem descendência, sem consciência e sem evolução? Ou Satã, partidário da desobediência à ordem ditatorial? Satã, que a aconselhava a abrir os olhos, a conhecer?

Eva não *conhecia* Adão, nesse momento, mas teve a pré-ciência genial que devia dar ouvidos ao bom Satã, e comeu do fruto «que maravilha os olhos», *bebeu a bebida da iniciação*.

Não há outras palavras próprias para exprimir a verdade da aventura do Paraíso, porque tudo se contém nelas: os seres obtusos, de olhos fechados, ignorantes, o génio bom que vem do céu, o alimento que se come, os olhos que se maravilham e o conhecimento das coisas ocultas, apanágio dos deuses.

Mas como admitir que a maçã proporciona um *gréal* iniciático?

Deve ter havido portanto um erro inicial. Eva não comeu uma maçã, mas um outro fruto, ou então bebeu o suco duma liana, dum cacto, ou mordiscou um cogumelo!

Senão, temos de pensar que as maçãs no tempo do Paraíso Terrestre não tinham a mesma composição química das dos nossos dias; o que não é hipótese a pôr de parte.

Claro, a maçã em aparência física apresentava-se maravilhosamente como o símbolo profundo da matriz, do amor, da mulher e do conhecimento sob o signo do erotismo⁵, mas pensamos apesar de tudo que esse símbolo nasceu duma interpretação errada.

A Bíblia não especifica qual era o fruto proibido, significando com este facto que a sua identidade deve ser mantida secreta. Precaução inútil, se se trata dum fruto alucinogéneo, mas sem razão válida, se se trata duma vulgar maçã.

⁵ Ver *O Livro dos Segredos Traídos*, capítulo XIV.

Donde viria então o mito da maçã e das buscas tradicionais às maçãs de ouro, que a lenda liga ao pormenor, talvez revelador, de que Eva escondeu o sexo *com uma parra?*

Será lícito pensar que o fruto, que se tornou em maçã de ouro, era a uva que produz a euforia e excita a imaginação?

Seria até o fruto duma árvore?

Sanconíaton teria podido elucidar-nos a esse respeito, se o seu livro não tivesse sido destruído por duas vezes; a partir daqui parece que só os botânicos podem esclarecer este profundo mistério, encontrando o fruto, ou a planta alucinogénea com cor de ouro.

As bebidas de iniciação

Na mitologia céltica faz-se frequentemente alusão a um caldeirão-talismã, animado de virtudes maravilhosas, que os deuses cobiçam e tentam encontrar.

O objecto devia ser de facto precioso, porque o rei Artur, que organizou uma expedição para se apoderar dele, perdeu na aventura quase todos os seus homens.

Neste maravilhoso vaso, o bardo gaulês Taliesin, inspirador da religião druídica, descobriu «a ciência e o futuro, os mistérios do mundo e os tesouros do conhecimento. O conteúdo do vaso ressuscitava os mortos, mas os que voltavam à vida permaneciam mudos quanto ao que tinham visto».

Não há dúvida que há uma relação que se refere a uma bebida da iniciação, mas perdemo-nos em conjecturas sobre a sua composição.

«O vaso de Koridwen⁶, fonte da ciência universal, continha uma mistura chamada *gréal*. Koridwen meteu as seis plantas eficazes no caldeirão de bronze cercado de pérolas do mar», dizem os antigos textos, o que evoca as seis cores do arco-íris: violeta, azul, verde, amarelo, laranja e vermelho⁷.

Além disso, parece haver identidade entre essa mistura chamada *gréal* e o famoso *Graal*, que era ao mesmo tempo o cálice que continha o sangue de Cristo e um alimento mágico.

Cristo envolveu-se nesta questão há 2000 anos, mas o *gréal* ou *graal* era conhecido havia milénios!

Afirmou-se que as seis plantas eficazes poderiam ser: a violeta, o aciano, a alface (ou o funcho), o lótus (ou o botão de ouro ou a cevada), a salva e a uva.

Já que a tradição céltica é, juntamente com a sua irmã, a tradição persa, a mais antiga do mundo, é interessante recordar como Korrig, o Anão, ainda chamado Gwyon, o Vidente, adquiriu a iniciação.

Tinha como missão misturar as seis plantas eficazes postas pela Fada Branca no caldeirão de estanho, aquecido com lenha.

De repente, saltaram algumas gotas da bebida mágica, que fervia, e queimaram-lhe a mão, que levou à boca por um reflexo natural.

Ao fazer isto, bebeu um pouco do líquido e teve imediatamente o conhecimento de todas as coisas.

⁶ Koridwen é a Fada Branca, mãe de Taliesin, a que recebeu toda a ciência na primeira noite. Não é a mãe da humanidade, mas a Eva ensinada pelo iniciador vindo dum outro planeta.

⁷ O arco-íris só tem seis cores: as três cores fundamentais, azul, amarelo e vermelho, e as três cores secundárias, resultantes da mistura das primeiras; o cinzento, justaposição do violeta e do azul, é uma cor terciária. A bandeira arco-íris dos Incas só representa as seis cores rituais.

É este o fundo dos mistérios celtas, donde derivam os mistérios de Samotrácia (Grécia), da Fenícia e da Assíria.

O Casmil dos Pelasgos, o Gigon dos Fenícios e o Apolo e Prometeu dos Gregos eram desdobramentos do Gwyon do nosso Ocidente⁸.

A grande tradição dos homens, na sua essência original, só pode ser descoberta através dos mitos célticos. E descobrir implica antecipadamente uma perda!

Ora é esse justamente o tema principal das nossas tradições: *é preciso encontrar aquilo que se perdeu*. É o sentido de todas as procuras: conquistar o Graal, o cálice ou a cratera dos Atlantes, o caldeirão de Dagda, os de Bran e de Medeia.

A bebida perdida

O soma dos Hindus (o *haoma* ou *amrita* avéstico) é um suco obtido depois de espremida uma planta entre duas mós de pedra, mas é também o néctar dourado, bebida da imortalidade para os deuses e de inspiração para os mortais.

Ora uma tradição oriental garante que em certa época o segredo do fabrico do soma se perdeu, e estamos diante duma variante do velho mito ariano céltico.

Substituiu-se o soma verdadeiro por uma outra be-

⁸ Da mesma forma, Koridwen é a Grande Deusa (Deméter, Cíbele) dos ritos cabíricos da Trácia e da Frígia.

As adaptações feitas a partir do nosso Ocidente ancestral desde o aparecimento da religião católica foram impiedosamente renegados...

Notemos que a ilha de Gyon, ou ilha de Avalon, ou ilha Branca, foi misteriosamente transportada para o deserto de Gobil

bida, mas os magos hindus nunca conseguiram encontrar a iluminação que os seus antepassados conheceram.

Ao mesmo fundo ariano está ligado o *haoma* do *Avestá*, simultâneamente bebida e planta sagrada, espremida num passador e cujo licor fermentado exaltava os poderes espirituais.

O *Avestá* diz (Yasna IX, 4 e 5): «Vivanhvat foi o primeiro mortal do mundo corporal que me preparou. Teve o privilégio de ter por filho Yima, o Esplêndido, o bom pastor, o mais glorioso sob a luz do Sol, o único mortal possuidor do *olho solar*⁹; e, em razão do seu poder, tornar imortais os homens e animais.»

O *hom* dos Persas era, segundo se pensa, o psoraleiro com folhas de aveleira (ou ainda a tamargueira ou o meliloto).

O psoraleiro era muito raro na Índia, e por isso os parses que o utilizavam para a iniciação substituíram-no por uma outra planta, o que explica a perda do soma entre os hindus e prova a anterioridade do rito avéstico em relação ao dos Vedas.

No entanto, como os Hindus, os Persas perderam o segredo do *haoma*.

O antigo era branco, e colhia-se no Alborj, ou Montanha Sagrada. O *ersatz* era amarelo e o seu segredo perdeu-se também no decorrer dos tempos, o que significa claramente que a transmissão do segredo se deteriorou.

⁹ *Olho solar*: alusão à máquina voadora do deus Ahura-Mazda, que se deslocava entre o Céu e a Terra e podia assim observar tudo o que se passava. Yima era um Senhor do Mundo.

O terceiro olho

São estas portanto as maravilhosas bebidas e alimentos iniciáticos — *gréal*, soma, *haoma* —, aos quais devemos acrescentar a ambrósia e o vinho dos gregos, o vinho dos hebreus e dos cristãos, as decocções de plantas dos egípcios e dos xamãs, os cogumelos dos mexicanos, etc.

Bebida, planta ou mistura, o alimento mágico serve sempre para o mesmo fim: dar o conhecimento de todas as coisas.

Noutros termos, as bebidas de iniciação devem dar o Terceiro Olho, aquele que vê as coisas ocultas, no passado como no presente, e adivinha o Misterioso Desconhecido.

Este terceiro olho é também o do verdadeiro Senhor do Mundo, a quem se dá, segundo as latitudes, os nomes de Viracocha, Kukulcan, Quetzalcoatl, Baal, Marduc, Prometeu, etc., e esse nome é Lúcifer. Lúcifer, o deus amigo e iniciador dos homens, aquele que lhes trouxe a sabedoria e a ciência, aquele que, sob o disfarce da serpente, murmurou a Eva, primeira mortal iniciada, o bom conselho donde proveio o *homo sapiens* e todas as civilizações.

Lúcifer não apareceu com um terceiro olho na testa, uma esmeralda verde, da cor do planeta Vénus? E não foi com este terceiro olho, com esta esmeralda, que os «anjos» talharam o *graal*?

Caluniado, vilipendiado, aviltado, diabolizado, o bom Lúcifer, que perdeu o Paraíso por amor dos homens (dom de si próprio), tornou-se, por uma escandalosa injustiça, uma espécie de demónio!

Ora, os conhecimentos que trouxe dum outro planeta

vão miraculosamente ressurgir pela magia das drogas alucinogêneas.

A iniciação, a viagem ao céu dos primeiros pais, o recrudescimento actual das sessões iniciáticas, a divulgação do passado e do futuro pelos pesquisadores planetários, tudo se vai ligar lógica e claramente ao planeta Vénus.

Tudo se vai colocar sob o signo de Quetzalcoatl, de Lúcifer e dos seus signos sagrados: o terceiro olho de jade para Quetzalcoatl, o terceiro olho de esmeralda para Lúcifer.

E será também, disfarçado pela deterioração dos tempos, o terceiro olho verde de Xiva, príncipe dos Asuras (os Ases), príncipe do língamo (falo), deus gerador, cuja união apaixonada com a bela Parvati (Vénus-Astarte) sacudiu o mundo.

Será ainda o terceiro olho de Horo, cuja cor simbólica é o verde, Horo, que é o Apolo dos Egípcios, o esposo de Hátor, rainha do Ocidente, senhora de Biblo, identificada a Vénus e a Astarte... sempre o planeta Vénus, sempre a cor verde dos senhores do mundo antigo.

CAPÍTULO XI

A LAJE DE PALENQUE

HUANTLA DE JIMENEZ é uma aldeia da Sierra Mazateca, no centro norte do estado de Oaxaca, no México.

Em 1953, um rico banqueiro de Nova Iorque e a sua mulher, Gordon e Valentina Wasson, acompanhados pelo etnólogo Weitlaner, vieram consultar o *curandero* Aurelio.

Na realidade, vinham estudar no local um mistério que começava a ser conhecido nos países civilizados, o mistério dos «cogumelos sagrados». Dizia-se que tinham uma grande quantidade de poderes, sendo os mais interessantes o de «dizerem» através de visões se um doente ia curar-se ou morrer, onde se encontrava tal objecto roubado, tal pessoa desaparecida...

As autoridades católicas perseguiram os pobres *curanderos*, acusando-os de feitiçaria, de magia negra, e até mesmo de antropofagia, mas os índios, depois de se terem dirigido em vão a Santo António, padroeiro dos objectos perdidos, acabavam sempre por ir ao *curandero*, que tinha a vantagem de dizer a verdade e encontrar o que se tinha perdido.

Em 1955, o Sr. e a Sr.^a Wasson experimentaram por

sua vez as virtudes dos cogumelos sagrados — os *kisos* — e assistiram um dia ao que se pode chamar uma demonstração de iniciação pela célebre *curandera* Maria Sabina, de Huantla de Jimenez.

Os poderes fantásticos de Maria Sabina

A *curandera*, depois de ter comido uma dezena de pares de *kisos* purificados à chama do copal, fez uma espécie de reza, e uns vinte minutos depois entrou em transe, batendo as mãos duma forma selvagem, recitando palavras ininteligíveis, e executando com os dedos «mantrãs» (sinais mágicos) como se evocasse espíritos. E pôs-se a falar...

Os Wasson convenceram-se da exactidão das suas visões. Tinha visto com toda a exactidão o filho deles em Nova Iorque, quando pensavam que estava em Boston, tinha anunciado o facto de ele ter ficado noivo na tropa e a morte dum dos primos.

Para o arqueólogo Frank Snell, Maria Sabina teve uma visão ainda mais convincente:

— Quando chegares à cidade do México, o teu avião pousará perto dum automóvel vermelho. Afasta-te se não quiseses ser queimado. Encontrarás dinheiro, muito dinheiro, e mandarás construir uma bela casa à beira do rio.

Frank Snell talvez não tenha acreditado na *curandera*, mas não tardou em mudar de opinião.

No regresso, quando o avião pousou na cidade do México, viu vir, veloz e em direcção ao aparelho, um pequeno automóvel vermelho do serviço de incêndios do aeroporto. Parou a uns trinta metros dos viajantes

que desciam. O arqueólogo pensou na predição, mas, por curiosidade ou bravata, afastou-se do grupo e aproximou-se do automóvel. De repente uma explosão... e um surto de chamas! O automóvel tinha pegado fogo e Frank Snell foi atingido no braço direito por um pedaço da carroçaria. Ficou marcado com uma mancha avermelhada.

Alguns meses depois, descobria no estado de Sonora um filão de prata que o enriqueceu súbitamente, e em 1960 mandou construir, à beira do rio San Antonio, uma bela casa, que confirmou totalmente a predição.

Roger Heim, director do Museu de História Natural, de Paris, fez na televisão francesa, em 28 de Janeiro de 1966, uma conferência, seguida de projecção de filmes, que dava ao mistério dos cogumelos sagrados a explicação autorizada dos meios científicos.

No Museu do Homem, fez experiências com indivíduos voluntários, estudando os efeitos dos cogumelos (os psilócibos), que filmou.

Os indivíduos tinham caído numa espécie de estado secundário e segundo o temperamento de cada um, e também segundo as quantidades absorvidas, tinham tido visões, alucinações e estados de euforia ou depressão.

Observaram-se três dominantes:

— A memória adquiria um prodigioso poder de resuscitar factos que se pensava estarem esquecidos para sempre.

— O delírio sagrado levava por vezes os indivíduos a desenhar.

— O universo colorido suscitado pela psilocibina era predominantemente de cor verde.

Os desenhos executados pelo indivíduo do Museu do

Homem, o Sr. E., representavam um galo e um desenho geométrico por trás de um olho.

O conjunto fazia pensar na escrita fluida de Jean Cocteau, no seu traço ligeiro, quase feminino, ligado sem dúvida às subtilezas do seu mundo interior.

Em 1963, Heim e alguns sábios, micólogos e botânicos como ele, tinham ido a Huantla de Jimenez ver Maria Sabina, que lhes tinha feito predições pouco plausíveis *a priori* e que, no entanto, se revelaram exactas.

«Apesar do meu espírito inclinado ao racionalismo —disse Heim—, sou obrigado a concluir que há, por intermédio destes cogumelos, um fenómeno extraordinário que ultrapassa o fenómeno normal.»

Falou também de relações entre o subconsciente e a realidade, de revelações do subconsciente e de introspecções num mundo desconhecido...

Era difícil ao director do Museu do Homem dizer explicitamente: «Maria Sabina provou a autenticidade do fenómeno chamado vidência. Incontestavelmente, nos seus transes tem o dom de viajar no passado (memória) e no futuro (divinação).»

Não, Roger Heim não disse isso, mas era claramente perceptível, duma forma subentendida, que pensava nisso.

No entanto, na nossa opinião, o importante residia num outro ponto, que não impressionou os experimentadores: as visões suscitadas pelo cogumelo sagrado eram coloridas *de verde*.

A vida verde

Em 19 de Janeiro de 1966 o jornal *Nice-Matin*, citado por toda a imprensa francesa no dia seguinte, relatava um estranho incidente ocorrido em Menton.

O artigo, assinado pelo nosso confrade Roland Moreau, contava a aventura passada com a Sr.^a Vial e os seus dois filhos, depois de terem comido, por inadvertência, os cogumelos alucinogêneos.

«Por um acaso extraordinário — escrevia Roland Moreau —, este cogumelo, um *copelandia* (idêntico ao *silerca*), tinha tido a fantasia de crescer na relva de «La Pinella», a propriedade que o Sr. e a Sr.^a Vial possuem na aldeia de Roquebrune...»

A Sr.^a Vial cozeu os cogumelos e comeu-os com os filhos.

«Dez minutos mais tarde, as três pessoas já não estavam no seu estado normal. Sylvie tinha violentas convulsões e dava saltos; o irmão via *tudo verde* e os objectos architecturavam-se em formas geométricas; a mãe via formas horríveis... composições surrealistas. Para cúmulo deste quadro em *verde vivo*, tudo se movia... a horizontal e a vertical tinham perdido qualquer sentido.»

No entanto, a Sr.^a Vial tentou sair destas visões de pesadelo e conseguiu ligar um telefone que rodava em turbilhão e que era também... *verde*.

No hospital de Menton «os três doentes reagiram segundo a idade no meio do *inferno verde*». Terminemos dizendo que o mal-estar passou depressa, segundo a expressão da Sr.^a Vial, para voltarem à vida cor-de-rosa da nossa bela Côte d'Azur!

E eis-nos no próprio âmago do enigma.

O cogumelo alucinogéneo, *copelandia* do Peru, *stropharia cubensis*, *psilocybe mexicana* Heim ou *psilocybe zapotecorum*, tem o poder miraculoso de provocar visões num universo de cor verde. Ora essa cor verde desempenha um papel essencial:

— É a cor simbólica do planeta Vénus, como de resto da arte sagrada dos Maias, dos Incas e dos Hindus.

— Lúçifer é o nome de Vénus, astro da manhã. Lúçifer é um «anjo» vindo do planeta brilhante para dar a vida aos homens, e inculcar-lhes a ciência e o amor. Trazia uma *esmeralda verde* na fronte¹.

— Segundo os teósofos, os 4 Senhores do Mundo, que são venusianos, residem em Chamballah (deserto de Gobi) no Palácio de *Jade* (o jade é verde).

— A Coluna do Mundo do templo de Chavin, no Peru, foi consagrada ao grande rei Naymlap, que subiu ao céu depois de ter legado ciência e progresso. Esta coluna é um monólito de serpentina, de cor *verde*.

— O jade, entre os antigos índios, era considerado como um presente dos deuses vindos do planeta Vénus.

— Na China e na Índia, o jade é a matéria reservada prioritariamente aos deuses.

— Os Cátaros diziam-se possuidores da *pedra verde* ou *graal* da eterna verdade e essa pedra era «presente do céu».

— Os grandes deuses brancos dos antigos mexicanos, Kukulcan e Quetzalcoatl, eram seres vindos do planeta Vénus. Eram tradicionalmente representados com os olhos e o umbigo incrustados em *jade*.

¹ A esmeralda, silicato natural de alumínio e de glucínio, pode ter várias cores. Quando é incolor como o diamante, rosa ou amarela, chama-se *beril*. Quando é verde-azulada, chama-se *aquamarina*.

— Minerva, deusa pelásgica, era a Aurora, a estrela da manhã (Vénus), chamada em sânscrito *Athana*. Tinha ritualmente os olhos *verdes* (Minerva Glaukopis).

A calaíta, o jade e a serpentina

Maurice Magre, em *La Clef des Choses Cachées*, escreveu:

«Coisa curiosa, assinalada por Chaboseau (*Histoire de la Bretagne avant le XII^e Siècle*), há uma pedra preciosa, de cor *verde-mar*, análoga à turquesa, a calaíta, da qual só se conhecem 830 pérolas no mundo inteiro, todas encontradas em dólmenes.

Que virtude teria essa pedra tão rara, que virtude de uso funerário, e que possibilidades relativas à vida futura estavam ocultas nela?»

Em Venta (México), ao norte da pirâmide, o arqueólogo Matthew W. Stirling encontrou um mosaico em pequenos cubos *verdes* de serpentina e 37 machados da mesma matéria dispostos em cruz.

Pierre Honoré² nota que, de todas as matérias preciosas, fossem elas diamante ou ouro, os Mexicanos tinham uma misteriosa devoção pelo jade, com o qual fabricavam todas as imagens mais veneradas.

Um índio que possua um talismã de jade não aceita desfazer-se dele sob qualquer pretexto ou em troca da maior fortuna.

Entre os olmecas de Venta, as cabeças gigantes são esculpidas em serpentina (verde) e é interessante notar que esses gigantes de fâcies de buldogue têm na cabeça

² *L'Enigme du Dieu Blanc Précolombien.*

um capacete semelhante ao dos nossos modernos astronautas.

Os olmecas talhavam também no jade as efígies dos deuses e os Astecas usavam o jade como moeda de troca.

No Cerro de las Mesas encontrou-se uma piroga verde cujo dono, chorando amargamente, parece, segundo se diz, lamentar-se pela partida, de barco, do Deus Branco vindo do «planeta brilhante».

Encontra-se a mesma devoção pelo jade na antiga China e na Índia.

Lao-Tseu partiu para o «país do oeste» montado num boi verde e representa-se frequentemente a cena em imagens de jade.

Os Cretenses e os Fenícios confeccionavam as jóias em jade e certos historiadores pensam que a procura desta pedra levou os Asiáticos até às margens do Novo Mundo, e mais precisamente à Guatemala e ao México.

Em Três Zapotes desenterrou-se uma estátua de jade representando uma personagem alada, com face humana, mas bico de pato.

Finalmente, convém notar o parentesco do jade americano e asiático com o âmbar, matéria preciosa dos antigos povos nórdicos, cuja única fonte de extracção era a margem do Báltico, limítrofe do país dos Hiperbóreos.

A planta extraterrestre

Eis-nos em pleno paraíso de verde e de Vénus, um interpenetrando o outro e formando um todo indissociável.

Porque, assim que se aborda o problema Vénus, imediatamente surge o verde, como surge a evocação das civi-

lizações mais antigas: a *Green-Land* (*green* = verde), a Gronelândia, a Terra Verde dos Egípcios, o Cavaleiro Verde das epopeias arturianas, o verde simbólico de Thulé, da Verde Erin...

O universo verde... um «inferno verde», escrevia Roland Moreau!

Nestas condições, como não estabelecer uma ligação lógica, entre, por um lado, o México, terra de eleição dos deuses identificados a Vénus... o México, terra de eleição dos psilócibos, e, por outro lado, o universo verde suscitado pelos cogumelos sagrados?

O seu papel não será, pela vidência do passado e do futuro, tornar possível a viagem no tempo e no espaço, até ao universo habitado pelos grandes antepassados?

Devemos crer que os Senhores do Mundo vindos ao México há 5000 anos traziam com eles o vegetal mais fácil de aclimatar, o cogumelo, que tinham consagrado com virtudes alucinogéneas, de forma a permitir aos sacerdotes que se elevassem artificialmente ao nível de compreensão.

Sem os psilócibos, nunca os antigos mexicanos teriam compreendido a linguagem e a ciência dos iniciadores venusianos!

O cogumelo alucinogéneo, psilócibo no México, *amanita* na Sibéria, *copelandia* noutros sítios, e as bebidas de iniciação foram sem dúvida alguma um meio viável e cómodo de estabelecer uma comunicação rápida de espírito e de linguagem entre extraplanetários e terrestres... entre homens superiores e homens inferiores.

Um dia, desapareceram os últimos iniciadores — foi o fim dos deuses — e em todo o mundo as pitonisas, sibilas, feiticeiras, adivinhos e padres, porque os padres antigos eram adivinhos e profetas, numa palavra, todos os

sábios, os conhecedores, se viram separados da fonte de iniciação.

Então, continuaram o sistema da bebida, da mistura iniciática ou da fumigação³.

«Segundo a tradição buriata (Sibéria, região do lago Baical), em tempos remotos, os xamãs recebiam o seu *utcha* (dom) *directamente dos espíritos celestes*; só hoje em dia é que os recebem unicamente dos antepassados... Os primeiros xamãs *voavam realmente...*» (*O Xamanismo*. Mircea Eliade, p. 76.)

É por isso que o segredo do soma e do *haoma* foram esquecidos... foi por isso que em todas as latitudes os homens partiram em busca de algo que tinha sido perdido.

E os *ersatz*, as bebidas de substituição, com plantas que, sem dúvida, tinham degenerado, não foram tão eficazes e perderam o encanto.

No entanto, os cogumelos, mais tenazes, mantêm parte dos seus poderes; nisso temos de acreditar, visto que Maria Sabina predisse o futuro.

Dos tempos longínquos em que os Senhores do Mundo vinham à Terra e em que talvez humanos privilegiados (padres e xamãs) conseguiam ir a outros planetas, subsistem ritos conservados pela tradição: durante as iniciações na América, na Oceânia, na África e na Ásia, os postulantes, depois de terem tomado a bebida, devem subir a uma árvore, a um poste, a uma corda ou

³ As pítiás, ou pitonisas, oficiavam num tripé e inebriavam-se com fumigações. A pítia do santuário de Delfos, a mais célebre, colocava-se num templo à entrada dum antro profundo e por cima duma abertura donde se escapavam exalações cuja natureza se conhece mal. Estrabão chama-lhes «vapor que provoca o entusiasmo»... Tratava-se evidentemente de fumigações alucinogéneas.

a uma escada, como outrora os seus antepassados subiam ao céu com os espíritos divinos.

E é apenas ao descerem, quer dizer, no regresso simbólico da viagem interplanetária, que a entronização é efectiva.

Vidência para racionalistas

É portanto graças às experiências de Wasson, Snell e Roger Heim que a vidência e a divinação foram oficialmente acreditadas.

O Misterioso Desconhecido dos empíricos não é um fantasma, mas uma realidade supranormal, atestada por factos cuja explicação se mantém, no entanto, mais ou menos desconhecida.

Certos «racionalistas» mais sectários, submetidos aos critérios da razão, quiseram apesar de tudo dar uma explicação: «As imagens provocadas pelas drogas alucinogéneas são puras criações do indivíduo que as sente de qualquer modo, visto que crê aperceber-se delas do *exterior* através do seu outro *eu*.»

Em última análise, pode-se admitir esta tese para a vidência do passado: há desdobramento do sujeito, e portanto o duplo separado do corpo físico pode efectivamente perceber do exterior imagens provocadas pela memória exacerbada.

Devemos então admitir, o que fazem os biólogos, que os cromossomas conservam — talvez por indução — uma memória hereditária que pode remontar aos primeiros anos da humanidade.

Esta tese não é aventureira, visto que é confirmada pela Lei de Mendel: faculdade biológica, celular, de re-

cuperar os caracteres ancestrais. Por exemplo: Pitágoras, Einstein ou os produtos de dois «raça apurada» que tenham herdado os caracteres hereditários e o génio de antepassados longínquos, o que é igualmente aplicável às plantas híbridas.

No entanto, ficaria por provar que esses antepassados conheceram ou teriam podido conhecer as respostas às questões que se levantam. Por exemplo, saber onde está escondido um objecto específico, ou determinada pessoa. O que é praticamente impossível!

Por outro lado, a tese não tem fundamento quando se trata da viagem no tempo presente e futuro.

Quaisquer que sejam os poderes mnemónicos do homem, parece improvável que possa conter em si o conhecimento de todas as coisas, de todo o universo, a menos que o universo em microcosmo que reside no seu cérebro receba por indução o conhecimento do macrocosmo.

Porque se pode pôr de lado a hipótese da identidade de dois universos.

No entanto, é a tese da projecção no espaço-tempo que nos parece a mais verosímil, donde, para explicar os poderes de Maria Sabina, a necessidade de imaginar uma viagem no presente e no futuro.

Estudámos este problema pelo jogo dos universos paralelos⁴.

Que o poder de vidência nos tenha sido ensinado pelos «deuses» antigos (compreenda-se: iniciadores extraplanetários) parece-nos bastante plausível, tanto mais que os nossos cosmonautas terão sem dúvida necessidade de levar com eles um meio de comunicação no dia em

⁴ Ver *O Livro dos Segredos Traídos*, capítulo XII.

que pousarem num planeta habitado por seres conscientes.

E pensamos nas drogas alucinogêneas e nos cogumelos, tendo estes últimos a vantagem de constituir além disso um alimento de uso duplo.

Por outro lado, é importante notar que os ensaios de aclimação vegetal têm grandes possibilidades de êxito com os criptogramas, líquenes e cogumelos, de crescimento rápido e alimento frugal.

O homem da máscara de jade

O culto dos cogumelos foi de tal forma praticado no Iucatão (México) e na Guatemala que se encontraram inúmeras representações esculpidas em pedra verde.

O Museu Rietberg, de Zurique, possui vários tipos de cogumelos em pedra, às vezes com forma humana ou comportando motivos humanos.

Nenhuma outra planta foi tratada desta maneira, e este indício toma um valor singular num país em que todos os deuses são enfeudados a Vénus e onde a arte, tão subtil e sábia, nos parece ser a expressão directa duma inspiração causada pelos famosos psilócibos⁵.

Na pirâmide de Palenque, no Iucatão, encontra-se uma misteriosa sepultura, a única deste género em todo o México, cuja pedra tumular constitui um grande enigma.

A 15 de Junho de 1952, Alberto Ruz Lhuillier, do Instituto Nacional de Antropologia do México, um dos

⁵ Pensamos que as artes chinesa, hindu, japonesa e egípcia, em certa altura, sofreram também a influência das drogas alucinogêneas e das bebidas de iniciação.

arqueólogos mais eminentes do nosso tempo, entrou numa cripta até então desconhecida, que acabava de descobrir no interior da pirâmide que suporta o templo de Palenque.

Nas paredes, enormes figuras de personagens moldadas no estuque pareciam de guarda. Todas tinham na cabeça o bico e as longas penas do pássaro quetzal, aliado do grande deus do México, representando o planeta Vénus: Quetzalcoatl.

«O que mais me surpreendeu nesta cripta — escreveu Alberto Ruz Lhuillier⁶ — foi o enorme monumento que a ocupa quase toda. Imaginem uma pedra horizontal com 3,80 m x 2,20 m, esculpida dos lados e na face superior. Repousa sobre um bloco monolítico cujos lados são igualmente esculpidos.»

A laje cobria um sarcófago onde se encontravam as ossadas «dum homem de 40 a 50 anos, com 1,73 m de altura». O morto, sem dúvida pessoa importante, tinha uma máscara de jade e estava rodeado de muitas jóias. Na mão direita, tinha uma grande pérola cúbica, e na mão esquerda, uma pérola esférica: aos pés estava uma magnífica figura de jade.

Tudo isto era extremamente precioso e as pérolas, uma redonda, outra cúbica, representavam um mistério bastante fora do vulgar, mas o mais importante era a própria tampa do túmulo ou, mais exactamente, o motivo nela esculpido.

Ruz Lhuillier viu nele uma representação simbólica da personagem enterrada.

⁶ Na revista *Archéologia*, n.º 1, Novembro de 1964.

O foguetão espacial de Palenque

Meditámos longamente sobre o estranho documento de Palenque.

Para quem o examine com o espírito de alguém desligado de qualquer hipnose ou preconceito, a explicação do eminente professor mexicano não é satisfatória.

Se um desenho semelhante — cuja reprodução publicamos — tivesse sido encontrado numa gruta de Eyzies, e até mesmo num sarcófago merovíngio, não teria deixado de suscitar uma intensa curiosidade!

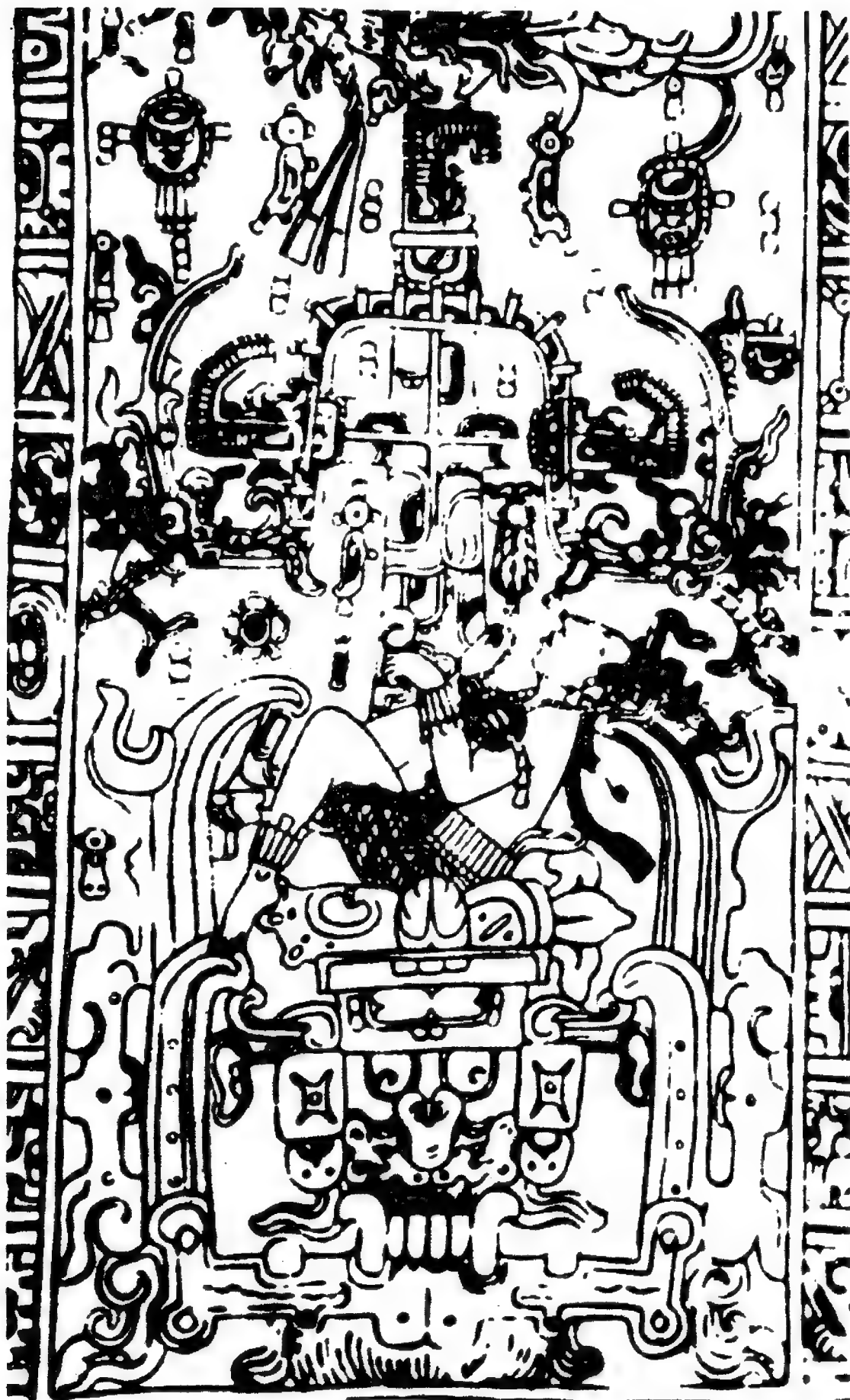
Mais ainda que a Puerta del Sol de Thiahuanaco, na Bolívia, onde figuram estranhas máquinas espaciais⁷, a laje de Palenque constitui um enigma, mas sem qualquer sombra de dúvida relacionado com o problema dos foguetões espaciais.

O ser — homem ou mulher — que está sentado na complicada máquina esculpida nos tempos da pré-história maia, faz-nos lembrar irresistivelmente Gagarine, Carpenter e a espécie de cosmonautas com capacete que se vêem em enormes monólitos de serpentina no inferno verde do Iucatão.

A nossa opinião coincide com a de Guy Tarade e André Millou, do Centro de Investigações de Elementos Desconhecidos de Civilizações, cuja interpretação do baixo-relevo é a seguinte:

«A personagem que se vê no centro da laje, a que chamaremos o *piloto*, tem um capacete e olha para a frente do aparelho. As duas mãos manipulam as alavan-

⁷ *História Desconhecida dos Homens desde há Cem Mil Anos*, capítulos I e III.



cas. A direita segura numa *manette* idêntica a uma mudança de velocidade dum automóvel 2 CV *Citroën*.

A cabeça apoia-se num suporte; ao nariz está ligado um inalador, o que indica claramente o princípio do voo estratosférico.

A nave da viagem, com uma carroçaria exactamente igual à dos foguetões, parece ser uma nave espacial movida a energia solar.

Com efeito, à frente da máquina está um papagaio, pássaro que representa o deus voador, na simbologia maia.

A palavra *energia* seria mais apropriada que *deus*, visto que, na decomposição da luz pelo prisma, encontramos a gama de cores da plumagem do papagaio.

A cor habitualmente dominante neste pássaro é o *verde*, cor dos deuses venusianos; ora é curioso notar que, segundo afirmam certas testemunhas, as aparições de “máquinas não identificadas tingiam o céu de verde”!

Na parte anterior do foguetão, mesmo atrás do foinho, estão dispostos dez acumuladores, e vêem-se outros captadores de energia. O motor tem quatro compartimentos à frente; atrás, células e órgãos complexos estão ligados por pequenos tubos a um tubo de escape que lança fumo.

A subida no espaço está nitidamente estabelecida e parece devida à mistura de duas forças antagónicas, uma solar e outra terrestre.

Havia nesses tempos áreas para o lançamento desses aparelhos, nomeadamente a enorme plataforma do Monte Alban, que é a encosta mexicana do terraço de Ba'albek, no Líbano (Ba'albek = Templo de Baal, o Venusiano).

Estas áreas são espécies de pistas gigantes feitas de

blocos imensos, colocados não se sabe por que poderoso processo.»

Tal é a descrição dada por Guy Tarade e André Milou, mas permitimo-nos acrescentar-lhe um pormenor necessário.

O alfabeto de Diego de Landa, que tornou possível a compreensão de alguns hieróglifos maias, dá também um sentido aproximado, mas muito edificante, da laje de Palenque.

Ao comprimento desta laje, nota-se de facto um friso que é um texto em ideogramas, composto de nove desenhos (rectângulos) em cima e nove desenhos em baixo.

Todos têm um significado astronómico.

O desenho com quatro bolas ligadas a um globo central é o signo do céu com estrelas; três ideogramas barrados em cruz, como por cordas de pára-quedas, têm o sentido de força do cérebro e do braço, comando da força (motor).

Como a escritura maia não é traduzível, a decifração literal do texto é impossível, mas a ideia que exprime não deixa lugar a dúvidas: cosmonauta pilotando um foguetão no espaço sideral, na direcção dum planeta.

Podemos precisar com certeza de que planeta se trata: *Vénus*.

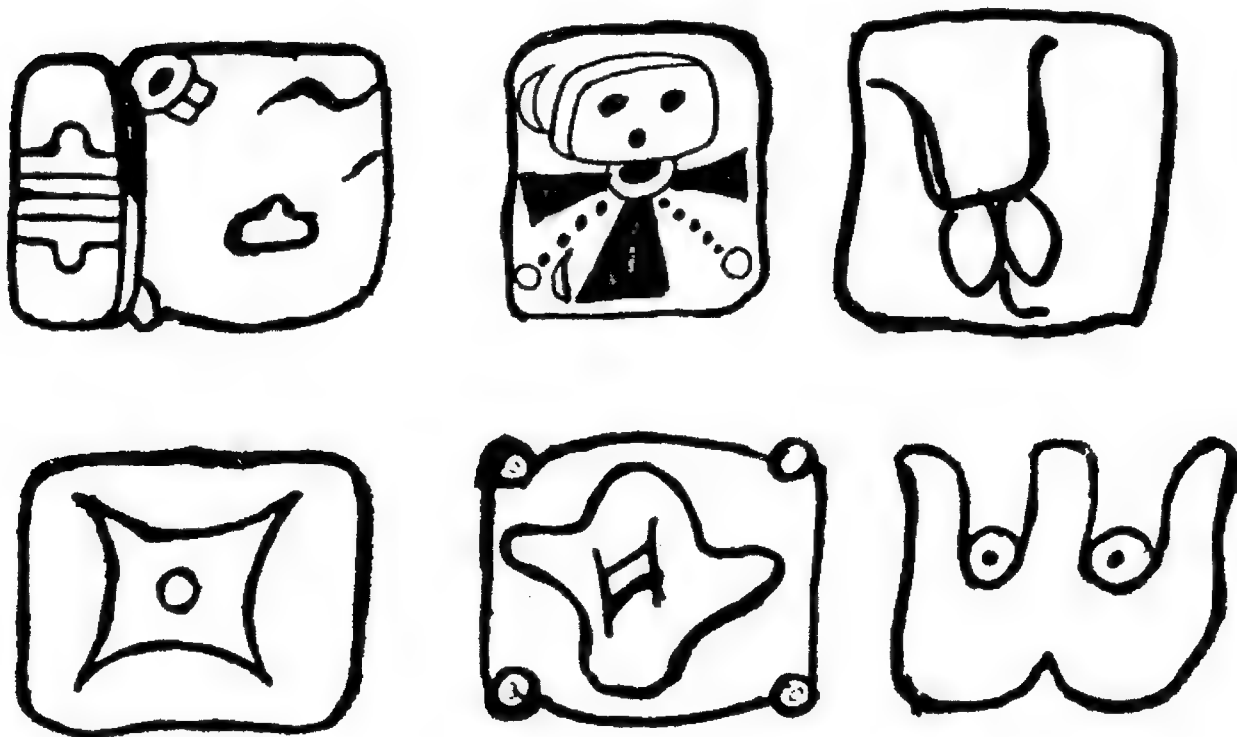
Com efeito, a gravura no interior do friso só contém dois símbolos correctamente desenhados: esses dois símbolos, situados atrás do cosmonauta, têm a forma dum rectângulo dentro do qual está um quadrado ou losango, com uma circunferência no centro.

São particularmente aparentes, bem desenhados e colocados dum lado e do outro do motor, suportando mesmo a estrutura da carlinga, como para manter a direcção.

Ora este símbolo pertence ao alfabeto maia, e é um dos sinais mais importantes. Chama-se *ik* ou *igh* e significa: vento, sopro, espírito, 19.º dia e *planeta Vénus*.

«É o símbolo de Kukulcan e de Quetzalcoatl», representantes na Terra do planeta Vénus, escreve Léon de Rosny, apoiado por Diego de Landa, Brasseur de Bourbourg e, mais recentemente, pelo linguista Carl E. Guthe⁸.

Publicamos a seguir os diferentes símbolos do planeta Vénus, identificados por estes autores nos códices e manuscritos maias.



SÍMBOLOS DE VÉNUS

⁸ Diego de Landa, *Relation des Choses du Yucatan*, tradução. Paris, 1864. Léon Prunol de Rosny, *Essai sur le Déchiffrement de l'Écriture Maya*, Paris, 1883, páginas 66 e 78. Carl E. Guthe, *A Possible Solution of the Number Series*, páginas 51 a 58 do Códice de Dresda. Cambridge, 1921.

O *ik* maia é também representado por uma cabeça de touro num rectângulo e por um tridente com dois olhos. Ora é extremamente curioso notar que o primeiro símbolo é o de Baal e de Astarte, os deuses venusianos da Ásia Menor, e que o segundo, nos hieróglifos da Ásia e da Sibéria, tem também o sentido de planeta Vénus!

É portanto lícito pensar que os cosmonautas-iniciadores que vieram do céu há 5000 anos deram eles próprios a conhecer o símbolo do touro (e do tridente) em todas as latitudes da Terra, o que prova a sua qualidade de autênticos Senhores do Mundo.

Este indício permite pensar também numa língua universal falada antigamente pelas classes cultas do mundo inteiro.

As placas XXII e XXVI do Manuscrito Troano reproduzem, como se pode verificar no capítulo seguinte, ideogramas idênticos aos da laje de Palenque. Ora as placas do Manuscrito Troano relatam sem confusão possível uma história dum voo numa máquina a reacção.

A figura do baixo-relevo de Palenque é talvez o illustre morto enterrado na pirâmide, como afirma Alberto Ruz Lhuillier, mas tomamos a liberdade de garantir que representa também um cosmonauta pilotando um foguetão a reacção, em direcção ou proveniente do planeta Vénus.

O corpo é talvez o de Quetzalcoatl ou qualquer Senhor do Mundo vindo em tempos do planeta Vénus.

Arte de visionários

De que data é o templo piramidal de Palenque?
Do século VII, dizem os historiadores.

Mas a cripta é sem dúvida muito mais antiga; por outro lado, as pirâmides do México, como a de Autun, são formadas pelo encaixamento sucessivo de monumentos, sendo o mais recente aquele que está à vista.

Os historiadores gostam de pontificar, mas recordamo-nos do desaire por que passaram quando dataram de 450 a. C. a pirâmide de Cuicuilco, que se situa entre a cidade universitária de México e a cidade de Tlalpan.

Ora este monumento tinha ficado coberto pela lava do vulcão Xitle e os geólogos, ao analisarem essa lava, fixaram a sua data de ejeção em 8000 anos!

Portanto é de presumir que o templo piramidal de Palenque é muito mais antigo do que se supõe oficialmente.

Fica por elucidar o verdadeiro mistério: que significa o cosmonauta?

Como é que os Maias tinham conhecimento do foguetão de reacção com inalador para o piloto?

Pois bem, é o caso de Maria Sabina que vai permitir-nos dar uma resposta racional—ousamos agora empregar esta palavra associando-a à evidência—fazendo intervir as drogas alucinogéneas.

O escultor da laje de Palenque terá visto um foguetão espacial? É possível, mas bastante improvável.

Pensamos que esculpiu sob a influência dos cogumelos sagrados, o que é ritual para toda a arte maia, e viu nas imagens suscitadas pela droga as espantosas máquinas espaciais que tinham trazido à Terra os deuses venusianos ou a alta entidade cujos restos mortais honrava.

Evidentemente, não pôde ou não soube estabelecer a integridade das máquinas vistas num estado secundário,

mas reproduziu o essencial: a forma, o meio de propulsão e os pormenores mais salientes.

Não inventou nada, assim como não foram inventados os gigantes olmecas com capacetes da floresta do Iucatão, o disco voador reproduzido no Códice Magliabecchiano e os deuses e os monstros voadores do Manuscrito Troano^{*}.

Da mesma forma, é provável que os escultores dos motores e dos escafandros da Puerta del Sol de Tiahuanaco, na Bolívia, tenham copiado as visões que tiveram depois de terem bebido o *ayahuascar*, decocção de ervas alucinogéneas cujo mercado se faz na montanha e nomeadamente em Pisac.

O imenso medo dos Americanos

Em Outubro de 1966, a República Chinesa enviou para o espaço um foguetão com ogiva nuclear cujo raio de acção ultrapassava os 1000 quilómetros.

Com grande estupefacção, os Americanos e os Russos tiveram conhecimento da notícia, que consagrava a China como terceira potência nuclear do mundo.

Os Americanos-Russos, em bloco, devem ter sentido um arrepio a percorrer-lhes a espinha, porque os Amarelos nunca fizeram mistério da sua intenção de exterminar o Ocidente assim que tiverem possibilidades disso.

Evidentemente, a sua evolução política poderá — e esperamos-lo — temperar o ardor guerreiro, mas nem por isso o foguetão de Outubro de 1966 deixou de significar

^{*} Códice Magliabecchiano, B. N., Pd. 808. Manuscrito Troano, B. N., Pd. 335-9 e Z Renan 213.

que, muito antes de 1975, a China estaria à altura de esmagar a Rússia e a América sob uma avalanche de mísseis intercontinentais.

Como é que os Chineses conseguiram realizar a proeza de se elevarem em cinco anos ao primeiro plano das nações ditas «nucleares»?

No estado das ciências conhecidas, e tendo em conta o enorme esforço técnico necessário para desenvolver as pesquisas, construir laboratórios, fábricas atómicas e centros de lançamento, parecia impossível que a China pudesse chegar à fase do foguetão de ogiva nuclear num prazo tão curto.

No entanto, o facto existe, dramático, ameaçador.

Na América, começou-se a pensar!

Os Chineses, há uns dez anos, invadiram o Tibete, feudo reputado da magia negra, e também dos poderes supranormais.

Por outro lado, uma parte da Mongólia está sob o seu domínio; a Mongólia, em que os xamãs passam por ser os feiticeiros mais poderosos do mundo.

Uma relação de causa a efeito estabeleceu-se no espírito de certos membros do Pentágono, que, hoje, estão persuadidos de que, à falta de técnicos altamente especializados pela investigação experimental, os Chineses têm sábios que sabem utilizar os processos supranormais para conhecerem o que nunca souberam.

Também os Americanos experimentaram as drogas alucinogéneas, em particular a psilocibina, e sabem que é possível encontrar pela vidência o segredo de certas fórmulas e activar as funções intelectuais até ao nível do génio sob a influência da droga mágica.

Noutros termos, os Chineses, iniciados pelos seus xamãs e talvez por magos tibetanos, têm o poder de pene-

trar em duplo astral nos laboratórios americanos mais bem guardados e chegar aos arquivos do *top-secret*.

Maria Sabina não seria capaz de decifrar esses arquivos, de fazer a sua retranscrição, mas poderia vê-los nos transes.

Um sábio — chinês na circunstância — exercitado nesse processo mágico pode *sem dúvida* violar o segredo desses arquivos e até avançar na ciência nuclear, sob a influência da psilocibina ou do alcalóide da amanita, mais do que um sábio no estado normal de consciência e de vigília.

O *swami* Matkormano garantiu-nos que os iniciados do *firdôs* de Havai conseguiram, de certo modo, tomar conhecimento do texto não remodelado por São Jerônimo da verdadeira Vulgata, que se mantém sequestrada na Biblioteca do Vaticano.

CAPÍTULO XII

OS SENHORES INVISÍVEIS

A génese das civilizações procurada empiricamente pelos historiadores, arqueólogos e geólogos é conhecida pelos iniciados, através do ensinamento que lhes é administrado em certos santuários do globo: na França e na América, pelos rosas-cruzes; nas ilhas Havai e no Tibete, na Agartha e nos mosteiros dos lamas; em Chamballah (deserto de Gobi), segundo os teósofos; nos santuários da Pérsia, da Etiópia e, finalmente, no México, onde a tradição foi transmitida pelos baixos-relevos e pelos manuscritos maias.

Há fortes probabilidades de que existam documentos revelados também nas bibliotecas muçulmanas de Fez e de Rabat, e na Biblioteca do Vaticano.

Estes documentos, dos quais alguns são parcialmente divulgados, são conhecidos sob o nome de *Livros dos Senhores do Mundo*.

Quem são ou quem eram esses Senhores? Mortais iniciados, terrestres ou extraterrestres, ou ainda seres de origem «divina»?

O Metraton ou a Agarthá

Para o escritor René Guénon, que divagou muito sobre este assunto sem nunca se ter fundamentado num único documento comprovador, existiria um Rei do Mundo ou *Metraton*, enviado extraordinário, mediador entre as forças divinas e os homens, que se pode identificar ao Azazel do *Livro de Henoch* e ao São Miguel dos cristãos.

A sombra de Metraton, ou força obscura de Mikael, é representada por Samael ou Sar ha-olam (Satã), génio deste mundo no sentido inferior.

O misterioso Melquisedech teria sido também, ou seria ainda, o Senhor do Mundo.

Em 1890, segundo as declarações dos Hindus, o Rei do Mundo teria feito uma profecia quando apareceu no mosteiro de Narabanchi: «Os povos de Agarthá sairão das suas cavernas e aparecerão à superfície da Terra.»

Para os teósofos, há 4 Senhores do Mundo que residem em Chamballah (deserto de Gobi), no Palácio de Jade.

São venusianos e o seu santuário «aéreo» está em oposição ao subterrâneo da Agarthá, o qual seria habitado pelas forças negras.

No entanto, os santuários subterrâneos, sob o signo da magia branca, têm os seus partidários, que ligam o culto das grutas à ideia da caverna do coração, *omphalos*, «lugar interior» análogo ao dos Egípcios, formado pela serpente em anel onde o adepto se retira simbolicamente para meditar.

Segundo Ossendowski, a Agarthá nem sempre foi

subterrânea; passou a sê-lo há 6000 anos, a fim de proteger os sábios da curiosidade do mundo pervertido.

O *swami* Matkormano, a propósito do *firdôs* de Ha-vai, disse-nos que o santuário estava escondido e que forças ocultas formavam como que uma barreira magnética à volta da entrada!

Estes dados diferentes não são nada convincentes, porque não se apoiam em qualquer prova, em qualquer documento.

Estando eles em oposição—por exemplo: Agartha-Templo de Jade—devemos escolher a asserção que parece mais verosímil.

A bem dizer, o conceito dum Senhor do Mundo é muito fascinante, mas é preciso que se baseie em fundamentos mais consistentes que uma «revelação» trazida por Deus ou pelos anjos, um reino subterrâneo não localizável, um palácio que se situa precisamente no Lob Nor, donde os Chineses lançam os foguetões!

Já não há crentes que dêem crédito às «revelações», tanto que as dos mórmones opõem-se às dos cristãos, as quais se opõem às dos hindus e assim consecutivamente, até à fase de inúmeras «revelações» que, ainda nos nossos dias, ocupam o pensamento de tanta gente sedenta do maravilhoso.

No entanto, os Senhores do Mundo existiram, visto que deixaram a sua marca em todos os continentes do globo, nas sociedades e nas religiões, e impuseram uma língua universal e símbolos que se encontram tanto na América como na Europa e na Ásia¹.

¹ Esses Senhores do Mundo eram de origem extraterrestre; tornaram-se os primeiros reis das grandes dinastias. Entre os Incas e os Egípcios, os casamentos eram consanguíneos, por vezes mesmo entre mãe e filho, a fim de serem engendrados descendentes de sangue divino, visto que os antepassados eram «deuses».

Foram chamados deuses, veladores, heróis, e tinham a onnipotência que lhes conferiam os seus conhecimentos científicos e o seu poder de se deslocar no espaço em máquinas voadoras.

Ora esses Senhores do Mundo, que temos tantas razões para crer autênticos, foram ignorados pelos escritores espiritualistas, que preferiram inventar pseudo-demiurgos enterrados em santuários desconhecidos de todos, inclusivamente deles próprios!

Ferecides, o iniciado

Ossendowski e René Guédon pecaram por imprudência. Preferimos esses grandes iniciados, esses homens superiores a todos os outros (a todos os deuses que inventamos) cujos nomes se cobrem de clareza: Sanconíaton, Ferecides, Pitágoras.

Sanconíaton foi o primeiro campeão da verdade, o primeiro livre-pensador... o primeiro franco-maçon, e foi por esta razão que foi banido da cultura clássica e ignorado por muitos espíritos superiores que, no entanto, se orgulham da sua cultura.

Ferecides? Viveu no século VII a. C. e a razão principal do seu renome foi o ter sido mestre de Pitágoras.

O que não se sabe é que Pitágoras, grande entre os grandes, se declarava supremamente honrado por ser discípulo dum tal mestre!

Segundo os historiadores Josefo, Suídas, Eusébio e Hesíquio, que falaram dele, Ferecides era um autodidacta e tinha recebido a erudição de manuscritos fenícios escritos numa língua misteriosa.

Exactamente como Sanconíaton! E sem dúvida as mesmas fontes, as dos Senhores do Mundo!

Ora esses senhores afirmavam que Deus era um conceito misterioso do qual, no fim de contas, nada se podia dizer, e que os deuses de *todas* as religiões eram *impostores!*

Ferecides repudiou formalmente o carácter «de enviado dos deuses» que queriam conferir-lhe e confinou-se aos limites da ciência.

O seu exemplo e alta autoridade produziram uma revolução no espírito grego.

«Até ele — diz a Enciclopédia — os filósofos profetizavam como patriarcas hebreus, ensinavam discípulos obscuramente e evitavam escrever os seus pensamentos, o que acontece com os falsos profetas, os falsos messias, os falsos iniciados.

Na sua escola, os filósofos gregos começaram a falar como simples mortais, abjuraram o mistério para professar e deixaram de ter receio de confiar à escrita os segredos do seu espírito.»

Foi o primeiro dos gregos a dissertar sobre a imortalidade da alma.

Pitágoras, no fim da vida do seu velho mestre, ilustrou pelo exemplo um dos mais nobres sentimentos humanos: o amor ao próximo. No entanto, não acreditava em Deus!

A relação que se segue foi dada pelos historiadores Diodoro de Sicília, Porfírio, Jâmblico e Apuleio.

Pitágoras: uma lição de amor

Ferecides, velho, doente, roído pela doença, tinha-se tornado um verdadeiro farrapo humano, cheio de chagas purulentas.

Apesar do grande renome que tinha adquirido, a sua doença era tão contagiosa, tão repelente, que ninguém se atrevia a aproximar-se dele.

Quando foi posto ao corrente desta desgraça, Pitágoras deixou a Itália à pressa, para ir em socorro do desgraçado.

Este último, para evitar os olhares, tinha proibido que se entrasse no quarto onde estava. Pitágoras abriu a porta e perguntou-lhe como estava.

Ferecides estava escondido na cama, mas, ao ouvir a voz do discípulo, tirou debaixo das cobertas um dedo roído até ao osso e disse:

— Todo o meu corpo está neste estado.

Pitágoras tratou-o, esperou que morresse, e depois amortальhou-o ele próprio e assistiu ao funeral.

O fim lamentável de Ferecides e o papel doméstico que Pitágoras desempenhou junto dele: pensos nas chagas, lavagem da roupa suja de sangue, de pus e de excrementos... estas considerações, enfim, não retiram nada à auréola dos dois filósofos. Antes pelo contrário, aumentam-nos segundo o nosso ponto de vista, e tornam-se a marca soberana que faz deles verdadeiros iniciados.

Há muitos «deuses» que não têm no seu activo «actos» tão edificantes.

É fácil dar dinheiro aos pobres, é fácil pregar, fácil até morrer por uma ideia—milhões de mortos todos os séculos são prova disso—, mas é muito difícil ser um príncipe de espírito e ao mesmo tempo tratar dum doente purulento e contagioso.

No entanto, no sentido em que os espíritos religiosos o compreendem, estes seres de excepção eram ateus!

Os habitantes de Delos acusaram Ferecides de impie-

dade porque não oferecia sacrifícios aos deuses e aconselhava os discípulos a seguir-lhe o exemplo.

No entanto, quizeram deificá-lo enquanto vivo; o filósofo recusou esta honra com tanta determinação que, mais tarde, Pitágoras recusou o título de sábio!

O Senhor do Mundo de Guy Tarade

Como André Bouguenec, pai da cabala francesa, Guy Tarade, director do Centro de Investigações de Elementos Desconhecidos de Civilizações, pensa que «somos comandados», quer dizer, que forças misteriosas suscitadas pelos Senhores do Mundo governam o nosso destino.

Para Guy Tarade, talvez civilizações extraterrestres em guerra umas com as outras cobicem a Terra e esta seja a razão da disputa.

«O nosso globo — escreve ele — seria, nesse caso, um grande tabuleiro de xadrez com o qual jogariam os seres superconscientes do espaço, que eu chamo os senhores cósmicos.

A primeira humanidade terrestre foi ensinada pelos guias vindos do céu, o que é relatado pelos Hebreus, os Cristãos e os Muçulmanos.

Por outro lado, Mme. Blavastky e os sábios da Índia garantiram que esses iniciadores eram venusianos, o que constitui a chave misteriosa do passado.

O que é a Thorah? Simbòlicamente, representa o planeta Vénus: a cruz alada composta do T (ou *tau*) e do círculo, símbolo solar (*Ra*) = Tau-Ra ou Thorah.»

Esta etimologia não está de acordo com as dos linguistas, mas o raciocínio de Guy Tarade não deixa de ter interesse.

«Desde há 5000 anos—prossegue o nosso amigo—o mundo está ocultamente enfeudado a uma religião marcio-venusiana. (Sendo Marte o Jeová guerreiro e colérico de Moisés, e Vénus a mãe iniciadora, a Astarte dos Fenícios.)

Mesmo nas catedrais, o plano dos edifícios—nave transepto, coro, abside—reproduzem o símbolo da cruz alada de Vénus.

A sua arquitectura assemelha-se mais frequentemente à letra H, símbolo cabalístico da feminilidade, e o altar é dedicado a Jeová-Marte...»

Guy Tarade concluiu, dizendo:

«É assim que se pode explicar a guerra dos deuses mitológicos, à luz da actual conquista do espaço.

Dois planetas disputam entre si um terceiro, fazem a conquista deste, destroem aqui e ali focos de resistência (Atlântida e Mu); os colonizadores fazem uma aliança com alguns terrestres superiores—os Senhores—e toda a colmeia fornece o mel a *deuses vivos* dum outro mundo.»

De que natureza será esse mel? Talvez uma força psíquica de que se alimentam os deuses-vampiros!

Não é o homem o senhor-vampiro do rebanho que cria com tanto cuidado, no único intuito de se alimentar de carne e de sangue?

Não seremos nós, como especula o filósofo Michel Simkine, um rebanho incapaz de conhecer os desígnios do pastor?

Todas as suposições ficam em aberto, mas de facto, tendo em conta a aventura cósmica que tentamos e as aparições frequentes de misteriosas máquinas não identificadas, temos o dever de encarar e estudar a hipótese de Guy Tarade.

Neste sentido, os Senhores do Mundo poderiam ser os venusianos dos teósofos².

Os senhores de Peter Deunov

Peter Deunov, em vários livros que exprimem o seu pensamento — *Le Maître Parle* e *La Parole de l'Auguste Fraternité Universelle* —, dá uma versão muito diferente dos Senhores do Mundo.

Peter Deunov, que é búlgaro, passa por ser iniciado; também teve revelações, mas nunca conseguiu apresentar a mais pequena prova de que as suas «verdades» eram fundamentadas.

É de resto nesse aspecto que reside o ponto fraco de qualquer homem honesto e dentro da razão. Os cristãos falam do «Céu», os teósofos do deserto de Gobi, outros da Agartha, Peter Deunov do Sol... Tudo isto é inconciliável; na hipótese mais favorável, há erro, alucinação, ou mistificação em todos, menos um.

Evidentemente, a ideia dum Deus e duma inteligência universal é demasiado inerente ao espírito humano e, acrescentemos ainda, demasiado lógica, para que a teoria dos ateus se sobreponha à crença religiosa, mas aí temos mais uma razão para admirarmos a sabedoria dum Ferecides, dum Pitágoras, dum Platão, que se mantiveram numa prudente expectativa.

Peter Deunov, com ar sério, fez esta revelação:

«Há na Terra uma seita de sábios que se reúnem

² Os teósofos, evidentemente, não atribuem aos quatro Senhores do Mundo do deserto de Gobi os fins materialistas conjecturados por Guy Tarade, pelo contrário! A tese teosófica é mais tranquilizante e mais moral.

uma vez por ano, a fim de deliberar sobre diferentes questões científicas.

Sobretudo no que diz respeito ao nosso mundo, ao seu passado e estado actual, estes iniciados sabem muito mais que os sábios contemporâneos que representam a ciência oficial.

Quanto ao que se refere ao futuro da Terra, não sabem nada de positivo; também eles não passam das suposições (*sic*).

Além desta seita terrestre de iniciados, há no Sol (*sic*) uma outra seita de Grandes Iniciados que conhecem positivamente não só o passado da Terra, mas também o futuro. No entanto, uma e outra seita são apenas órgãos desse sublime organismo universal de seres perfeitos, superiormente avançados, que formam a *Augusta Fraternidade Universal*.

Esses seres perfeitos são incomparavelmente mais avançados que os maiores homens de génio da Terra, porque saíram do Primeiro Princípio muito mais cedo que os homens³.»

(Fim da citação literal.)

Mais uma vez, se esta é a verdade, só podemos deplorar a falta de sabedoria, de amor e de eficácia desses «sublimes sábios» que toleram tantas monstruosidades na nossa pobre vida!

Deus: dois braços, duas pernas...

Uma outra concepção do Senhor do Mundo é a apresentada pelo engenheiro R. J. Mouton, que prepara

³ Em todo o caso, se julgarmos pelo estilo, não podemos dizer que os discípulos destes «génios» saem das grandes escolas!

actualmente a sua tese num livro cujo título será: *La Révélation Scientifique du Saint-Esprit*.

Mouton chegou à conclusão de que certos textos bíblicos apresentam uma exactidão sistemáticamente verificável, demonstrando o seu carácter puramente divino.

O autor não duvida, apesar de todas as afirmações teológicas, que Deus seja realmente à imagem do homem e que resida no céu.

Para R. J. Mouton, o Senhor do Universo é portanto o próprio Deus, sem dúvida entidade divina, mas constituído como nós por um corpo, uma cabeça e quatro membros.

Esta noção da divindade faz-nos rir. No entanto, teólogos prudentes não receiam aventurar-se nesta via e não é impensável que, dentro dum milénio (e muito antes disso), os homens aceitem Deus à sua imagem como a representação mais plausível e mais científica do Senhor do Universo.

Este Senhor, totalmente diferente, na sua essência, do Deus de R. J. Mouton, não seria o Criador; ter-se-ia simplesmente substituído a ele.

No plano matemático, é possível explicar que a criatura pode ultrapassar um tempo alternativo e tornar-se o seu criador, realizando assim a plenitude e talvez a finalidade para que foi criada.

Nesta hipótese, imaginamos—o que é mesmo uma evidência—que a humanidade conheceu outrora altas civilizações, não só na Terra, mas em outros planetas.

Deus-osmose

Pessoalmente, estamos convencidos de que o homem, sob a forma física actual, não é mais que um elo da sua

evolução e da evolução universal, mas isto não passa de uma hipótese, quase uma impressão: a verdade é sem dúvida mais fantástica.

Se admitirmos que a aventura humana não é ameaçada pelo fim do mundo, pelo menos até alguns milénios mais, temos também de convir que a progressão geométrica crescente das descobertas nos levará muito antes do ano 3000 a um poder enorme e terrífico.

Matematicamente, no ano 3000, os homens, se continuassem a sua evolução, poderiam resolver qualquer problema, criar e destruir a matéria pelo simples poder da palavra ou de ondas de pensamento, ou directamente ou por intermédio duma máquina.

Poderiam criar planetas, modelar o universo, enfim, substituir-se a Deus tornando-se a sua forma pensadora, actuante e criadora.

Em suma, a própria essência, o potencial de Deus passariam para a criatura, concretizar-se-iam nos homens, que se tornariam assim encarnações da divindade.

O Deus, massa total, tornar-se-ia cada vez mais pequeno à medida que o homem reunisse as energias essenciais, por uma espécie de sistema de vasos comunicantes.

Por esse facto, Deus alfa (inicial) tenderia para o zero, transmutando-se em homens cada vez mais subteis, chamados a tornar-se a expressão de Deus ómega (final).

Tornando-se os homens deuses, e o próprio Deus, pode-se pensar que um deles seria mais carregado de energia e de melhor qualidade que os outros. Tornar-se-ia então o chefe, o condutor dos outros homens, e assumiria realmente as funções de Senhor do Mundo.

Este fim grandioso faria parte do nosso destino, como fez parte do dos nossos antepassados, em tempos longínquos, no planeta em que realizaram a sua transmutação.

Desse planeta desconhecido, o Senhor do Mundo «comandar-nos-ia» portanto a seu gosto, segundo os seus planos, esperando ser destronado por um de nós.

Os misteriosos discos voadores virão do P.C. universal?

As nossas impressões, as nossas premonições, até mesmo as nossas crenças e os nossos poderes psíquicos excepcionais, são privilégios concedidos por esse Deus humano, ou indicações secretas, proibidas talvez, arrancadas ao «Senhor» por algum bom Lúcifer amigo dos Terrestres?

Todas estas especulações, diria o filósofo Jean Faurastie, não passam de jogos de pessoas crescidas, visto que «o espírito humano fabrica os deuses que lhe agradam, sem se preocupar com a realidade deles!»

Os Senhores do Mundo, como os deuses, não seriam então fantasmas ou um desconhecido que desafiasse a sagacidade dos homens?

Acessível ou não, o problema será sempre tentador para os espíritos curiosos, na condição de não cair na facilidade que têm certos empíricos em imaginar, engendrar, inventar!

Evidentemente, é muito mais difícil *provar* do que ter «revelações».

No nosso estudo sobre os Senhores do Mundo que, nos tempos antigos, se manifestaram na Terra, apresentamos as nossas provas sob forma de documentos que são os próprios arquivos de civilizações portentosas, cuja autenticidade histórica não se pode pôr em dúvida.

Certificamos que os documentos cujas fotocópias reproduzimos são autênticos e que a sua interpretação ou tradução foi feita com o máximo de objectividade.

CAPÍTULO XIII

OS LIVROS DOS SENHORES DO MUNDO

OS MANUSCRITOS MAIAS

Os monumentos e manuscritos das antigas civilizações relatam os grandes acontecimentos que marcam a história dos homens: criação do mundo, depois vinda dos iniciadores celestes, dilúvio, guerras contra monstros ou deuses, descobertas da agricultura, do fogo, da fusão dos metais, etc.

Os mais antigos destes documentos parecem ser o *Popol Vuh* dos Maias-Quichés (Mexicanos), o *Livro de Henoch*, o *Avestá* dos Persas, os *Vedas* dos Hindus, os manuscritos do Egito, da Fenícia, do Tibete e da Etiópia, os *Edas* dos Escandinavos e as tábuas de barro de Glozel (Allier).

Depois, vêm a Bíblia, os manuscritos ou tábuas da Ásia Menor e, sob um outro aspecto, as pedras gravadas dos Celtas, dos Incas, dos Hititas e dos Egípcios, as inscrições dos templos do México e os manuscritos maias, escritos geralmente em papel de folha de piteira.

É difícil datar os documentos de pedra.

Os frescos de Lascaux (Dordonha), a biblioteca pré-

-histórica de Lussac-les-Châteaux (Viena), as inscrições e objectos encontrados nas cavernas são incontestavelmente de antes do dilúvio.

Talvez o sejam também os monumentos do Peru e da Bolívia — a célebre Puerta del Sol —, as pirâmides do Egipto, os megálitos celtas, mas seria difícil fixar-lhes uma data precisa.

Os manuscritos encontrados no México são numerosos e relatam duma forma figurada acontecimentos com mais de 12 000 anos.

Citam-se, entre os mais conhecidos, o Manuscrito Troano, os Códices Borbonicus, Cortesianus, Vaticanus, o Chilam Balam, o Códice de Dresda e o Códice Perez...

São redigidos em ideogramas, embora certos historiadores empreguem (erradamente) a palavra «alfabeto», e só foram traduzidos aproximativamente, visto que a ideia prima sempre sobre o texto, mas nunca foram interpolados (falsificados), o que lhes dá um valor e uma autenticidade inestimáveis.

Para interpretar um código, é portanto necessário deixar ao cérebro e à imaginação o cuidado de realizar a coordenação das imagens que surgem.

Para traduzir a escrita dos Maias

O sistema numérico empregado nos códices é primeiramente duma simplicidade infantil: 1 define-se por um ponto ., 2 = .., 3 = ..., 4 =, 5 = um traço, 6 = um ponto sobre um traço, 7 = dois pontos sobre um traço, etc.

Com estes elementos faziam-se as multiplicações, *cujo*

sinal é um olho; mas uma matemática deste tipo não podia prestar-se a cálculos importantes.

No entanto, os Maias, tendo dado provas de possuírem uma ciência astronómica notável, com certeza que não efectuavam as operações desta maneira primitiva.

Além disso, note-se que toda a sua civilização está enfeudada ao psiquismo, desde a arte e a ciência até ao modo de vida quotidiano.

Destas considerações decorre que a tradução da escrita e das matemáticas devia efectuar-se com o terceiro olho, designado pelo sinal x da multiplicação, que significa: estado de superconsciência sob a influência dos cogumelos alucinogéneos.

Sob esta influência, tudo se tornava claro, penetrante, fácil, tanto o decifrar de ideogramas como uma multiplicação astronómica ou um problema de álgebra.

Como os baixos-relevos e os manuscritos do antigo México não são traduzíveis na sua integridade senão por visão iniciática, convém considerar o alfabeto descoberto por Diego de Landa como incompleto e pouco seguro.

Durante quatro séculos, os arqueólogos e historiadores procuraram, sem nunca o compreenderem, o sentido ou a essência da escrita maia, da qual no entanto uma característica era bem visível: não era racional no sentido em que entendemos a palavra.

Em todos os manuscritos ou códices, paralelamente à escrita formulada sob forma de ideogramas, encontram-se desenhos em puro grafismo, que representam de maneira compreensível o que é ou intraduzível pelo sistema de ideograma, ou facilmente expresso pela representação directa.

Nas suas visões, os sacerdotes viam com efeito imagens de máquinas voadoras, de motores, de tubos, de

energias diversas, que não pertenciam à linguagem habitual. Eram levados a desenhar, à sua maneira, estas imagens inéditas.

Para as tornarem inteligíveis aos seus contemporâneos, conjugavam-nas ao alfabeto ou aos ideogramas conhecidos, dando assim a *ideia*, mas reproduziam tão fielmente quanto possível os pormenores que exprimiam a *forma* do objecto real.

Em centenas de desenhos, reconhecem-se claramente cenas da vida quotidiana, ritos, explicações simbólicas de acontecimentos divinos, e apenas em algumas placas estão desenhados objectos estranhos absolutamente inabituais. Ora, essas representações misteriosas têm uma característica que as liga directamente ao voo e à viagem no espaço por meio de máquinas cujo reactor com tubo de escape tem de ser acendido, para lançar fluxos de ondas.

Símbolos conhecidos—o fogo, o pássaro, a serpente, o céu, o levantamento de terra—reforçam a ideia e a descrição da viagem aérea.

Fica-se confundido e admirado ao reconhecer-se nessas imagens o gesto dos técnicos de Cabo Kennedy, os foguetões de tipo Titã ou Gemini e o princípio da propulsão por reacção.

Sob este novo aspecto, o Manuscrito Troano, os Códices de Dresda, Cortesianus e Perez revelam um passado singular, fadado para a aventura extraterrestre.

Insistimos nalguns pontos de grande importância:

—Ninguém sabe traduzir os manuscritos maias, salvo talvez Maria Sabina e os *curanderos* mexicanos.

—Alguns ideogramas têm no entanto um significado admitido pela maioria dos americanistas.

—Estes ideogramas têm sempre vários sentidos e são

geralmente desenhados de forma aproximada. Por exemplo, o sinal da Terra levantada (ver página seguinte) dá antes de tudo uma ideia de levantamento, de subida, de projecção acima da Terra. Podem-se acrescentar ou suprimir pormenores, a própria forma pode ser modificada, como é o caso da placa XXVI do Manuscrito Troano, nos ideogramas situados em cima da serpente.

A ideia sugerida é portanto sempre mais válida que a tradução alfabética.

O MANUSCRITO TROANO

O primeiro folheto deste manuscrito conta o dilúvio; foi traduzido pelo abade Brasseur de Bourbourg, de acordo com o códice ou alfabeto de Diego de Landa. Eis o que se lê aí em linguagem literal (vide gravura em baixo):



O SENHOR



TERRA LEVANTADA



LEVANTADA



LEVANTADA
(3 VEZES)



AQUELE



BARRO LEVANTADO



BACIA DE AGUA (É) O FOGO



LAVA A FRENTE



PROFUNDO LAR



ENTRADO



NOVO
(OU EM 9 LOCOS)



O SENHOR DA TERRA LEVANTADA

Início do Manuscrito Troano

«O Senhor da terra levantada no lago de água (é) o fogo; lava saída do lar profundo, entrado nove (vezes ou em nove sítios). O da terra levantada... etc.»

A tradução de Henry Schliemann é sensivelmente diferente, porque se baseia no sentido cronológico do calendário maia:

«No ano 6 Kaân, a 11 de Muluk, no mês Zak, começaram terríveis tremores de terra que duraram sem interrupção até ao 13 Chuen. O país das montanhas de argila ou país de Mu foi vítima deles.

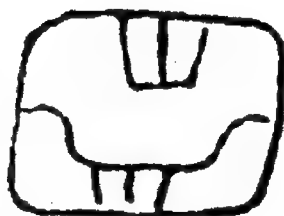
Depois de se ter levantado duas vezes, Mu foi engolido pela noite, depois de ter sido escavado por baixo, de maneira ininterrupta, pelos vulcões subterrâneos.

O continente foi levantado e pousou várias vezes...»

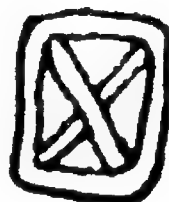
Esta tradução é arbitrária quanto à designação de Mu, visto que Henry Schliemann associa o cataclismo diluviano ao desaparecimento da Atlântida e da Terra



TUBO



LEVANTADA
LEVANTAMENTO



MOTOR



SERPENTE
VOADORA



PIRÂMIDE
ENERGIA



FOGO



ESCADA
VOADORA



POTÊNCIA CONFUSÃO

de Mu, estando esta situada, segundo a tradição, no local do deserto de Gobi e no oceano Pacífico.

É provável que tivesse sido assim, mas o ilustre arqueólogo introduziu deliberadamente um nome de local que não figura no texto maia.

A tradução do abade Brasseur de Bourbourg parece-nos mais próxima da verdade; no entanto, é controversa, não na ideia, mas na disposição e escolha das palavras.

De facto, não passa duma querela de linguístas, sem grande importância, mas é bom salientar que existem tantas interpretações quantos os intérpretes! Recordemos que a escrita maia ainda não foi traduzida.

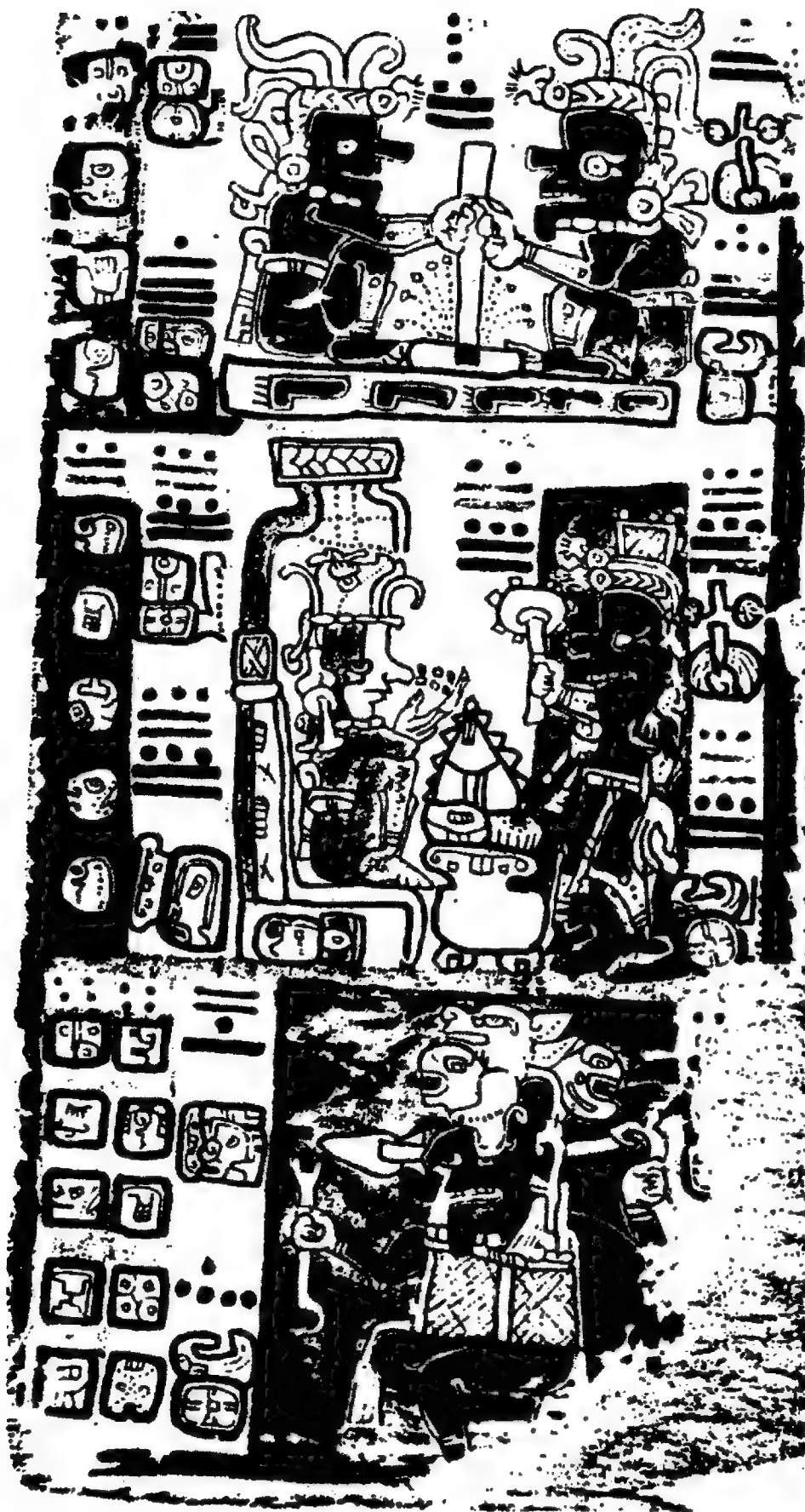
O tema continua a ser o mesmo, com imagens de tremores de terra, de erupções vulcânicas, de continentes arrasados, o que é bem representativo dum dilúvio universal. Só os pormenores diferem, e mostram que uma tradução de ideogramas vale sobretudo pela ideia geral que sugere.

Pensamos portanto que é prudência da nossa parte limitarmos a nossa própria interpretação à análise das imagens, salientadas pelas placas, cujo sentido é relativamente conhecido.

Servir-nos-ão de exemplo oito placas ideográficas. Comportam oito símbolos, a maior parte dos quais pertencem ao alfabeto admitido. Os do tubo e do motor foram-nos sugeridos, o primeiro por identificação visual, evidente, e o outro devido à posição de comando que ocupa em todas as imagens em que é representado.

Nas placas que reproduzimos, o texto lê-se de baixo para cima e da direita para a esquerda, mas o leitor pode inverter esta ordem puramente convencional. Os números 1-2-3 indicam portanto os desenhos grandes, começando o n.º 1 em baixo (ver páginas seguintes).

PLACA VI



3. Preparação ritual do fogo. Ideia de energia.

2. Concentração de força e de energia (a pirâmide) sobre os símbolos do levantamento da Terra. O viajante está sentado sobre uma caldeira donde não sai fogo (repouso) ligada a um motor (o rectângulo de barras cruzadas).

1. A imagem, com um monstro voador e uma flecha por cima, dá a ideia da viagem no espaço.

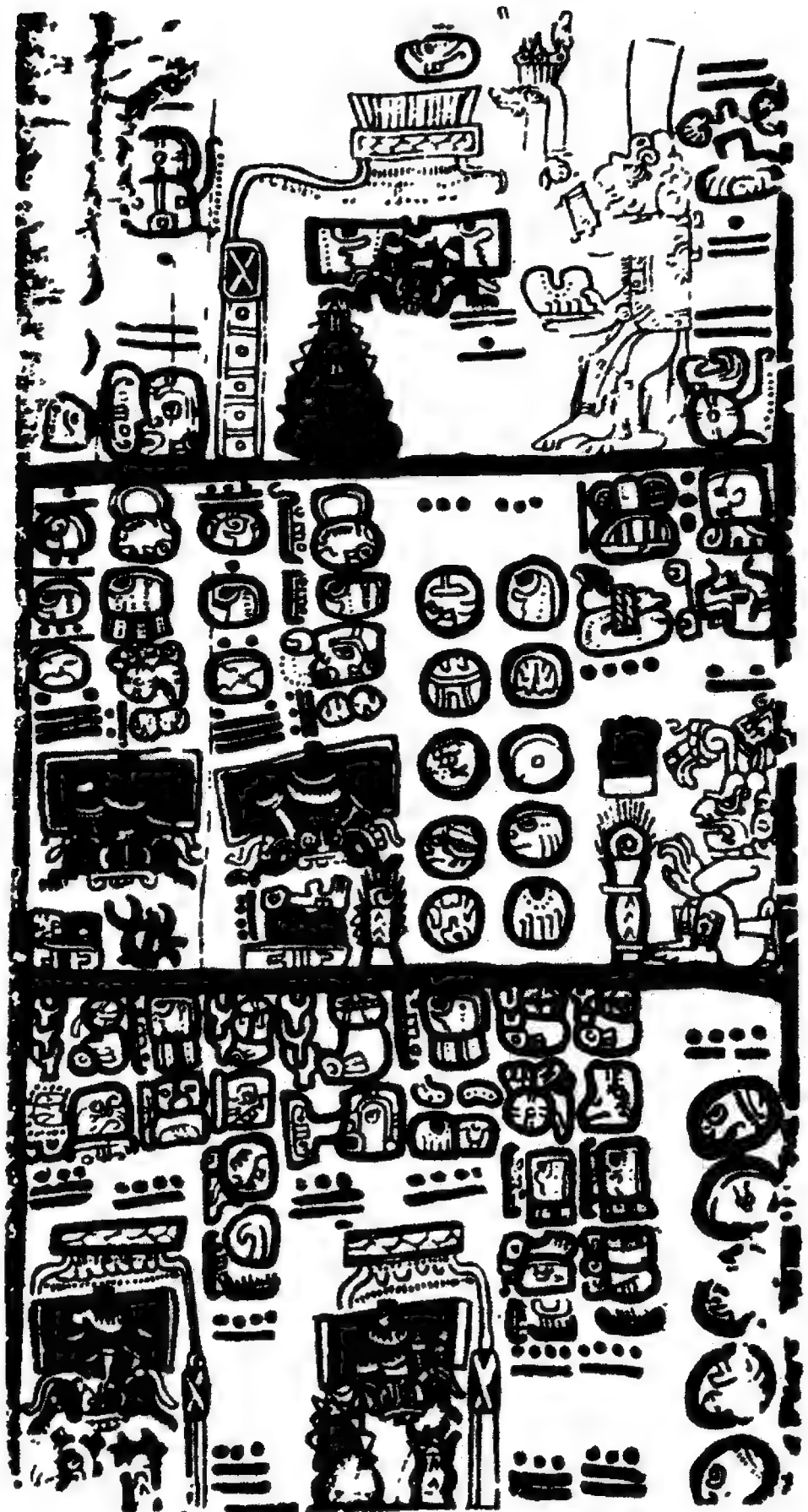
PLACA VII

3. Enorme pirâmide de energia e monstro voador sob a caldeira, sempre ligada ao motor. Por cima: símbolo do levantamento da terra em direcção ao céu estrelado.

2. Símbolo do fogo e monstros voadores.

1. Fogo, energia, monstro voador e pirâmides em forma de ogivas concentradas sob uma caldeira.

Símbolo repetido duas vezes. As caldeiras comportam cada uma o símbolo do motor.



PLACA XX



A esquerda dos desenhos, 12 placas representam a Terra levantada para o céu.

Em toda a parte: pedaços de pássaros e de máquinas estranhas figurando máquinas voadoras. Quase todas contêm o símbolo do levantamento

da Terra. Uma, parecida com uma locomotiva (com dois símbolos de levantamento), parece ter rodas. Uma outra tem, segundo parece, um leme. A ideia geral de voo no espaço está claramente expressa.

PLACA XXII

2. Força dirigida (os anéis) para a serpente voadora. Sinais voadores. Os monstros deitados dão talvez a ideia de peso.

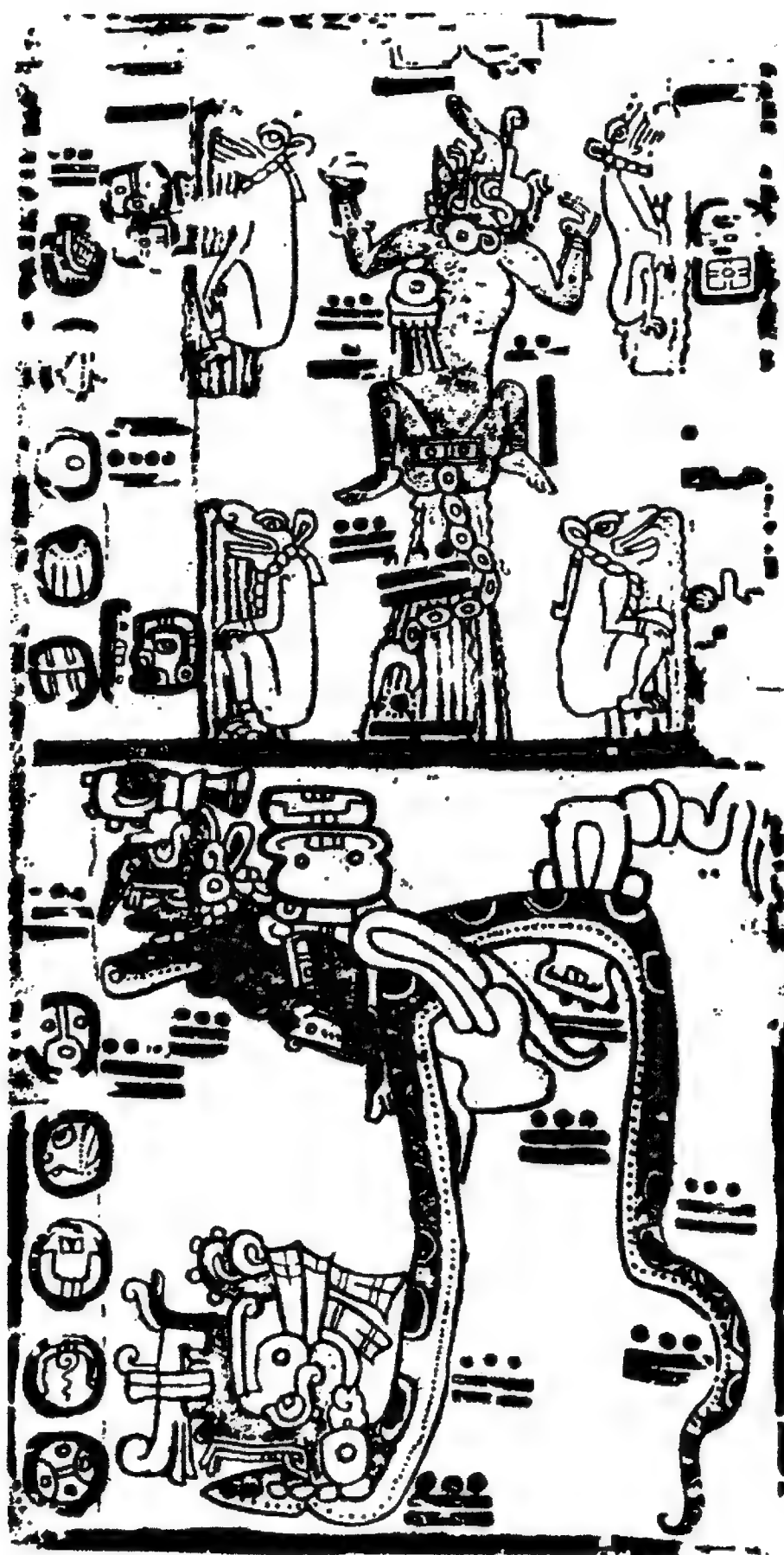
1. Sobre a serpente, símbolo universal da máquina voadora, preparação duma força de levantamento, que as placas provam nitidamente.

Inúmeros símbolos de voo, de escada voadora e de levantamento para fora da Terra (13 na coluna da ponta esquerda).

Entre os dois desenhos, como na placa XX, vêem-se sinais que são símbolos astronômicos (estrelas) e o símbolo do motor.

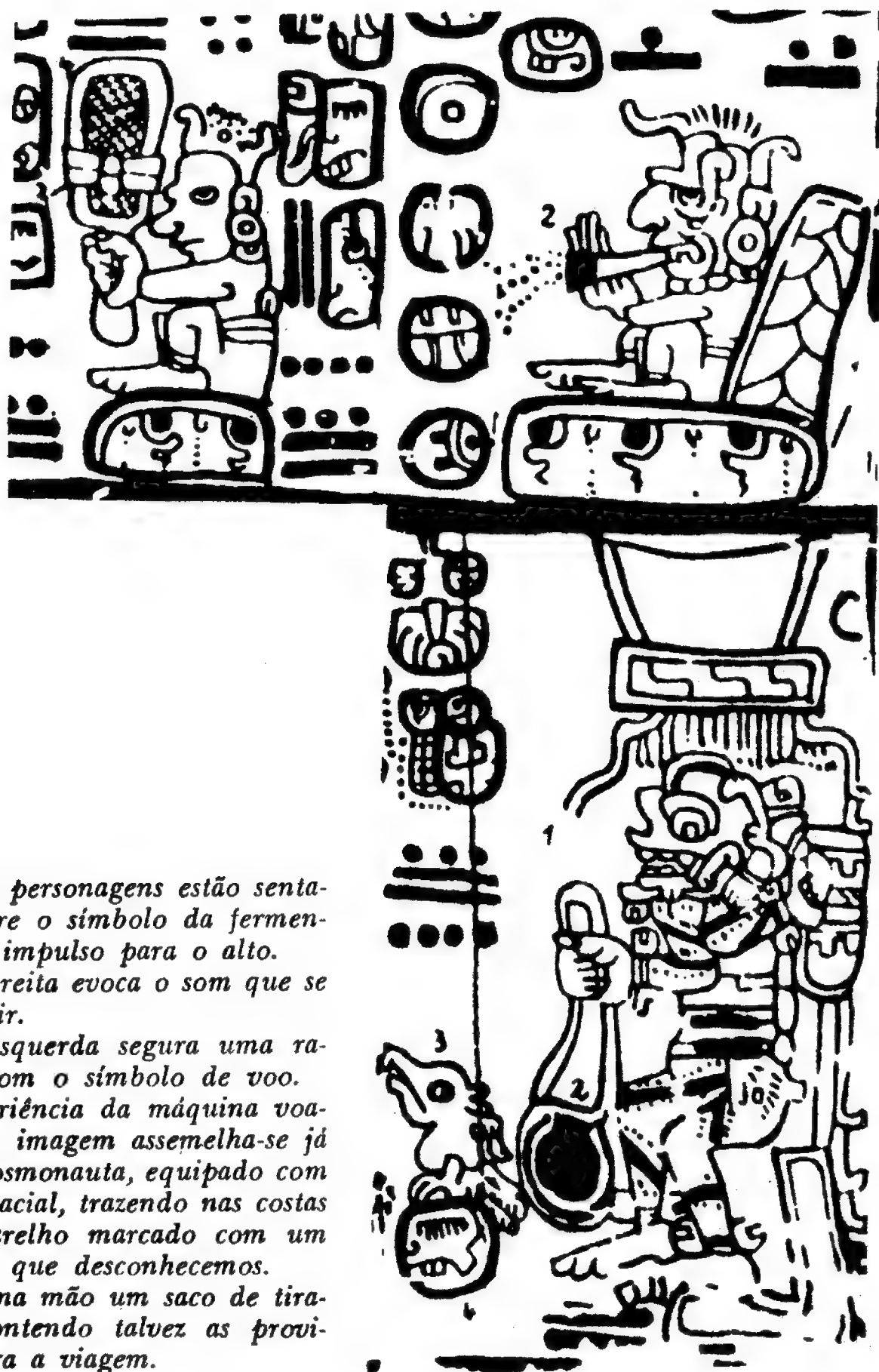


PLACA XXVI



2. Ideia geral: propulsão no espaço por reacção. A cadeia que parte do monstro significa confusão, reunião de energia, e termina por uma espécie de ferradura, que, no alfabeto do Códice Perez, tem o significado de «grande sopro que se distende». A massa negra rodeada de radiações é um simbolo de energia concentrada.

1. A serpente voadora parece carregada da energia necessária ao voo. A cabeça está agora pousada no solo, como que ancorada. Dois símbolos da Terra levantada. A classificação da placa XXVI no Manuscrito Troano parece indicar não a acção, mas a ideia ainda não realizada duma acção que se prepara. De resto, a máquina de caldeira e a motor não está representada nos desenhos.



2. Duas personagens estão sentadas sobre o símbolo da fermentação = impulso para o alto.

A da direita evoca o som que se vai ouvir.

A da esquerda segura uma raqueta com o símbolo de voo.

1. Experiência da máquina voadora? A imagem assemelha-se já a um cosmonauta, equipado com fato espacial, trazendo nas costas um aparelho marcado com um símbolo que desconhecemos.

Segura na mão um saco de tiracolo, contendo talvez as provisões para a viagem.

PLACA XXVII



2. As figuras humanas exprimem três símbolos bastante claros: o som (que sai da corneta) = ruído do motor, a flecha = voo, a pirâmide = energia.

1. Caldeira lançando gases. A imagem humana leva o fogo ao motor (acciona o motor) mas a caldeira ainda não está a funcionar.

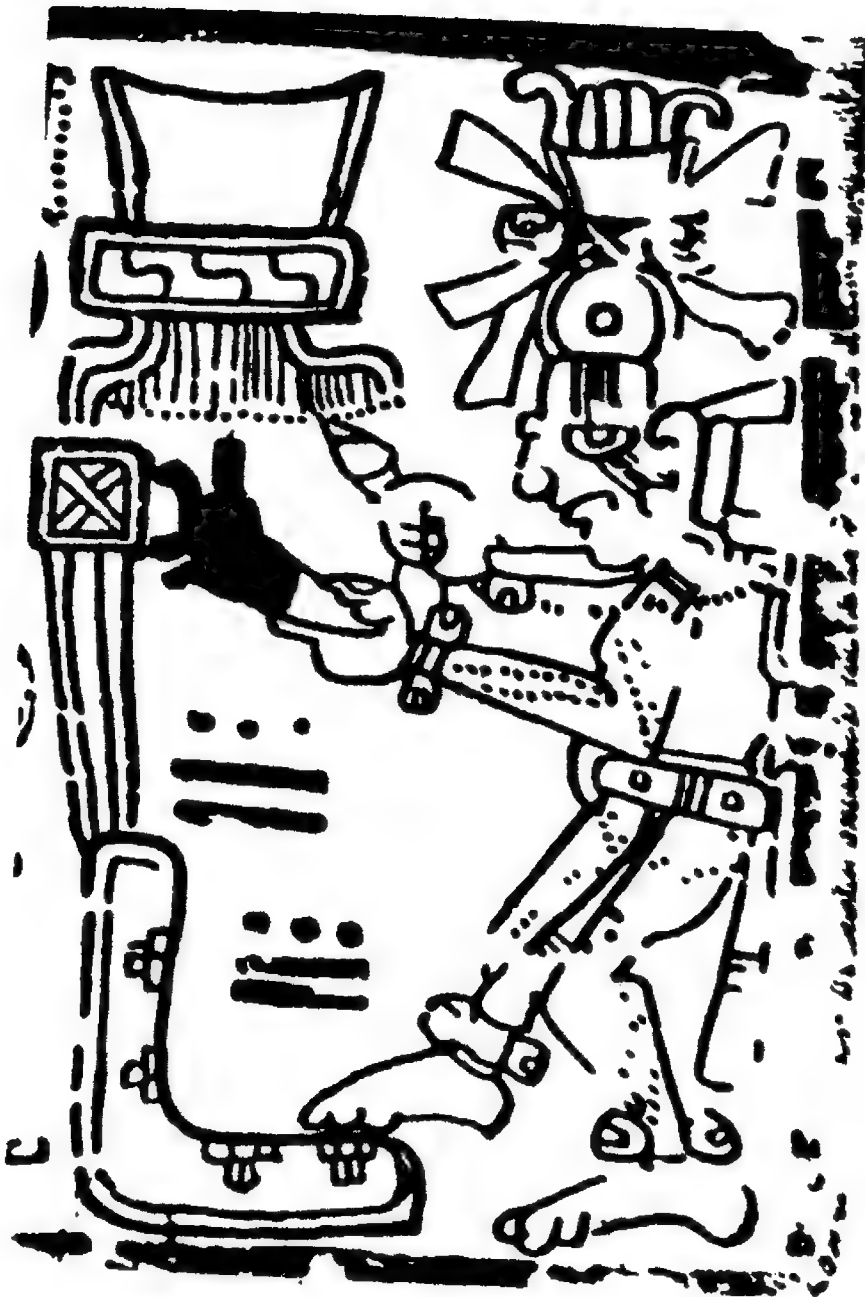
Os símbolos que a rodeiam reforçam visivelmente a ideia de voo espacial.

PLACA XXVIII



*Ignição da caldeira, arranque do motor.
O objecto que a figura humana segura na mão esquerda é uma
tocha.*

PLACA XXIX



Repetição da ignição da caldeira e do motor.

Como no relato do cataclismo, em que o símbolo da Terra levantada é reproduzido três vezes, a repetição de gestos idênticos (placas XXVII, XXVIII e XXIX) indica a potência e complexidade da acção.

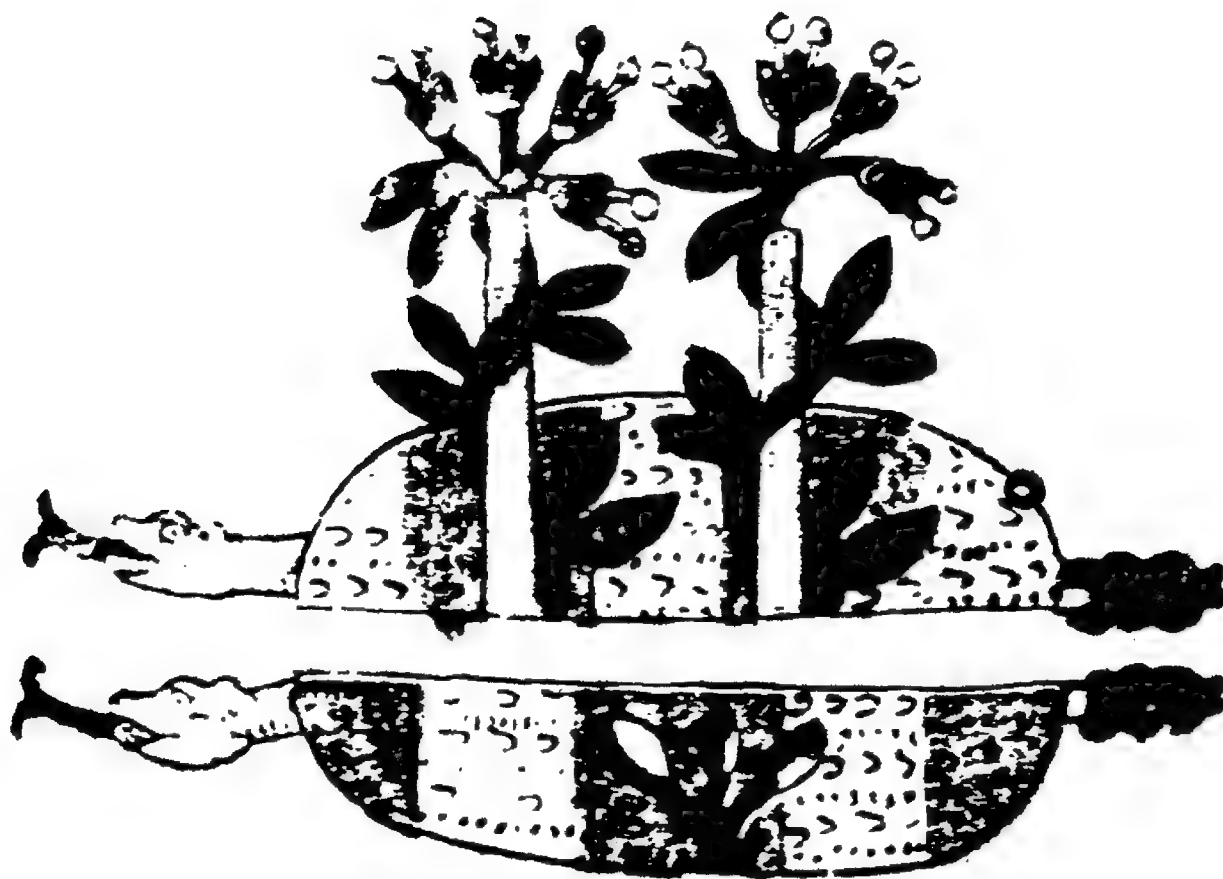
Os desenhos que figuram nas outras placas do manuscrito são-nos incompreensíveis.

Relatam factos ou acontecimentos que se desenrolam talvez num outro planeta, mas que o narrador reproduziu segundo a sua compreensão de terrestre.

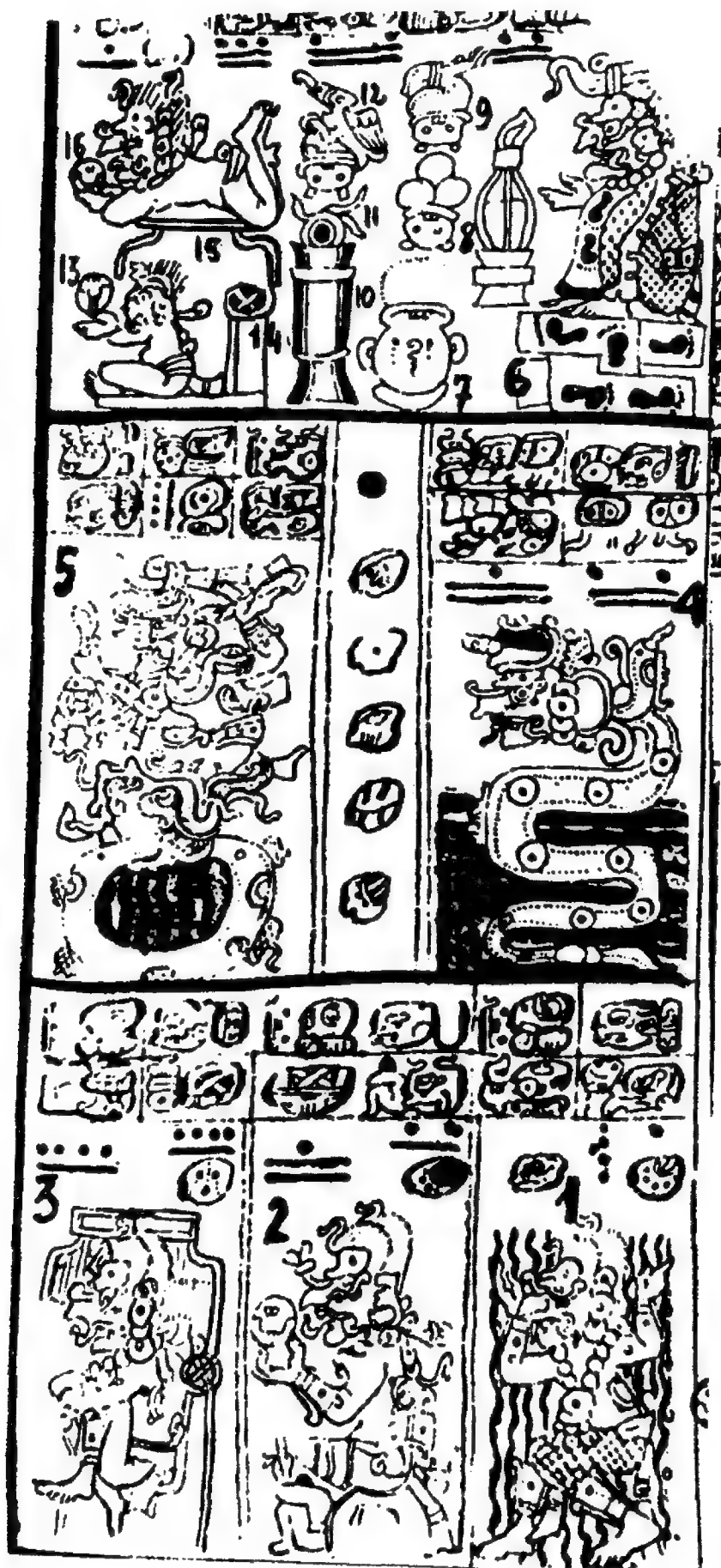
Para os interpretar, seria necessário traduzir claramente o sentido dos símbolos, o que não é possível no estado actual do conhecimento da escrita dos Maias.

CÓDICE MAGLIABECCHIANO

(Biblioteca de Roma)



Desenho estranho, evocando a imagem dum «disco voador». As cabeças das serpentes simbolizam a máquina voadora; as caudas são duas tochas em chamas.



CÓDICE
DE
DRESDA

O CÓDICE DE DRESDA

Como a maior parte dos outros manuscritos maias, o Códice de Dresda é considerado um calendário.

Na placa à esquerda, o tema da viagem no espaço é retomado através de desenhos análogos aos do Manuscrito Troano.

Interpretação de baixo para cima e da direita para a esquerda, seguindo a ordem das imagens:

1. Potência (o colar de anéis) do fogo (as ondas verticais) que garantirá a propulsão.

2. Aquele que vai elevar-se acima da Terra (símbolo entre os dedos), onde habitam os homens (imagem humana agachada).

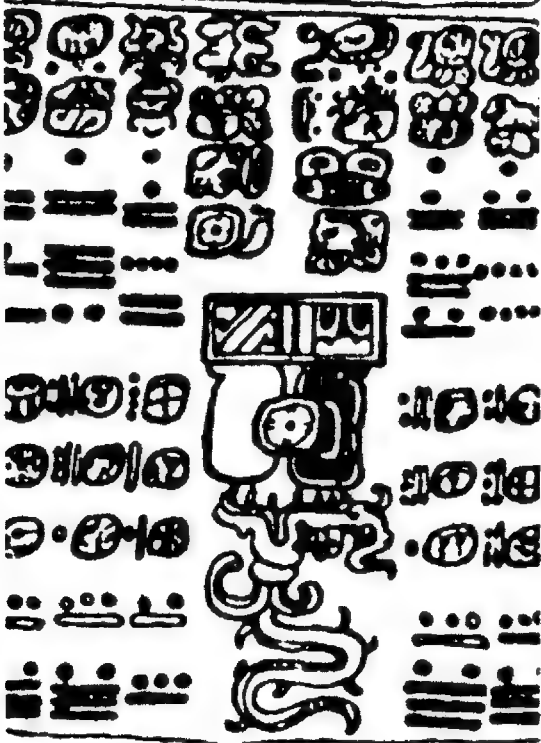
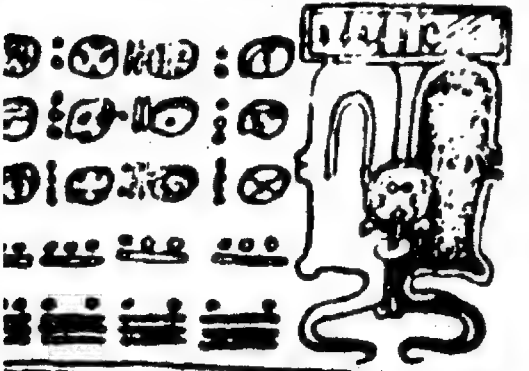
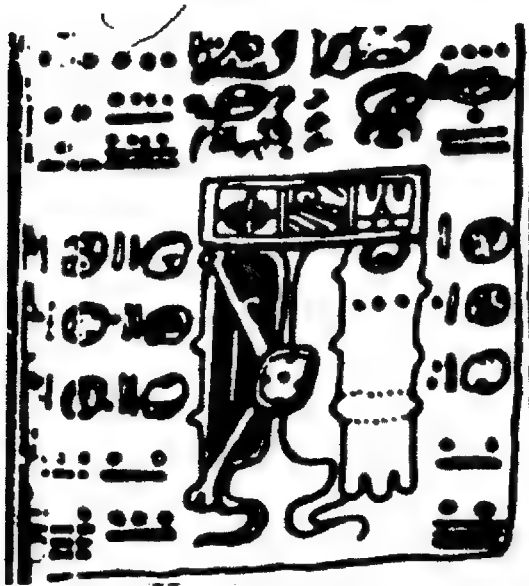
3. Voo potente (os anéis) mantido pela caldeira que lança fogo, ligada ao motor.

4. Voo potente da serpente em posição de repouso.

5. A serpente voadora que contém a propulsão, voando em pleno céu.

6. Marcas de pés = marcha na Terra do Deus, diante do qual estão primeiro três símbolos de energia concentrada e de levantamento do solo, e depois uma cratera que contém o fogo jugulado. Por cima está o pássaro de voo sobre a Terra levantada. As duas figuras da esquerda têm o símbolo da subida para fora da Terra. A do alto está deitada sob a caldeira, donde já não sai fogo.

Ideia de viagem interrompida.



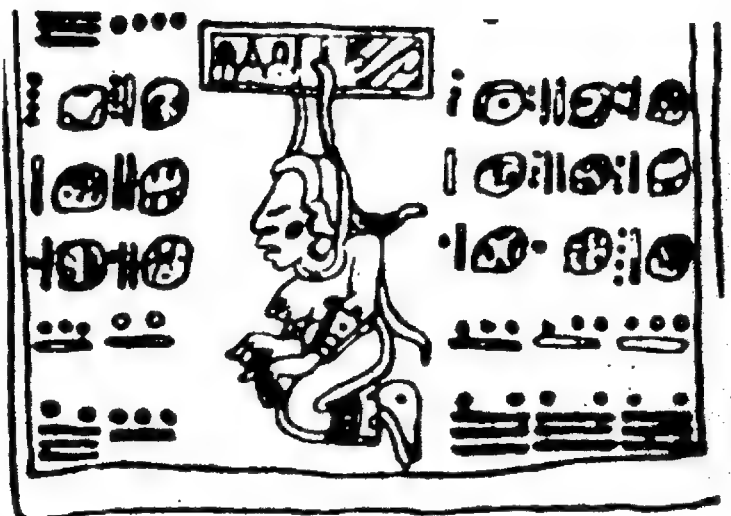
O calendário do códice comporta outros símbolos que evocam a ideia de voo.

1, 2, 3. Forma de máquina estilizada, com caldeira e motor, tendo por cima dois ou três símbolos astronómicos.

4. Ideia de ascensão duma figura suspenso por dois símbolos.

O da direita representa o símbolo conhecido do espaço; o da esquerda é um ideograma que exprime forças dirigidas para o alto.

Quaisquer que sejam as objecções que se possam apresentar contra esta interpretação, parece-nos impossível negar que estas placas e desenhos do Manuscrito Troano e dos Códices Perez e de Dresda tenham uma relação directa com uma aventura extraplanetária, que é apoiada por toda a mitologia dos antigos mexicanos.

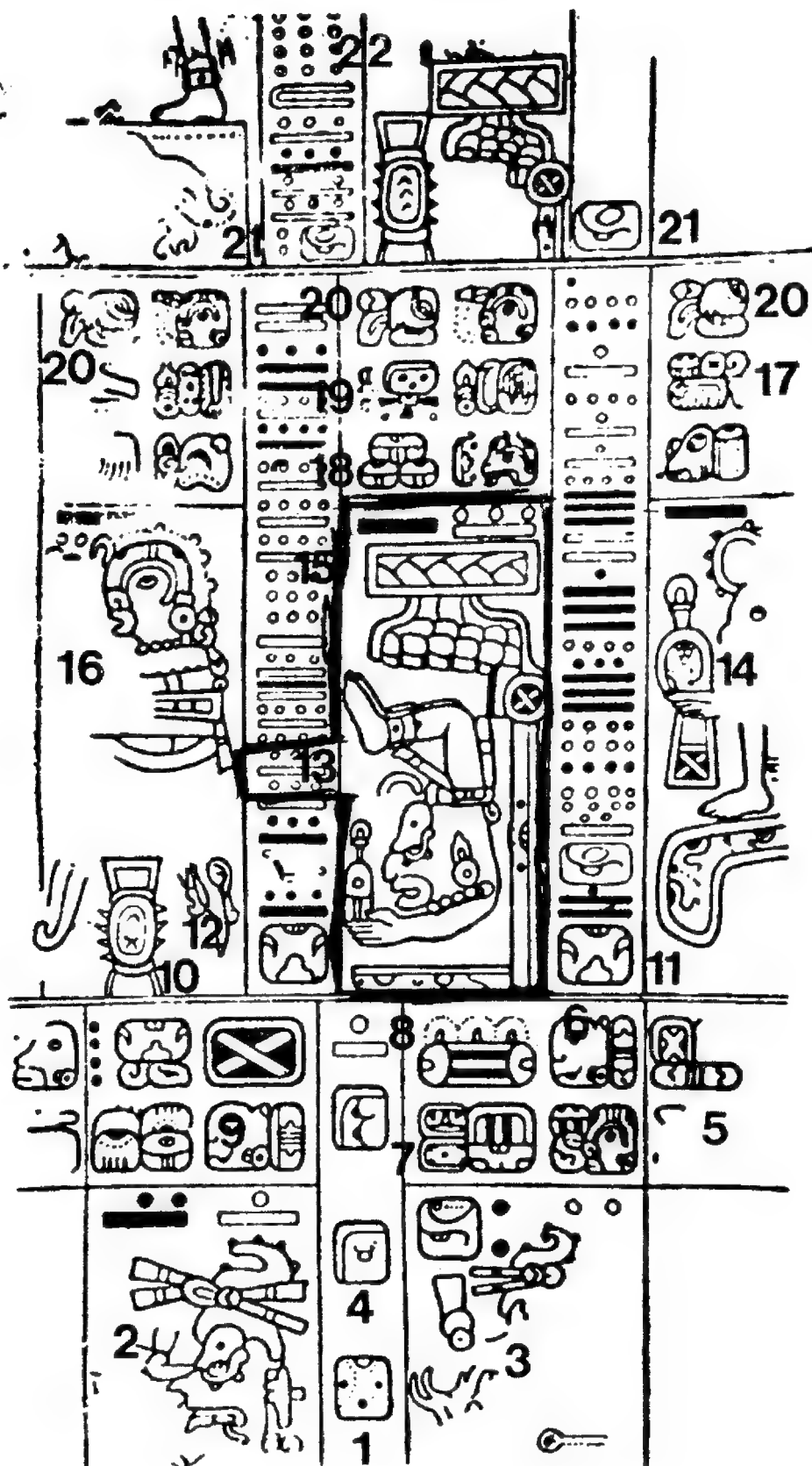


CÓDICE DE DRESDA

A deusa que escuta as ondas do espaço



CÓDICE PEREZ



CÓDICE PEREZ

O Códice Perez foi descoberto em 1863, na Biblioteca Imperial de Paris — Biblioteca Nacional hoje em dia —, pelo professor Léon de Rosny, eminente orientalista.

A placa que reproduzimos nunca foi traduzida porque os tradutores não a compreendem, como acontece em certos desenhos do Manuscrito Troano.

Neste caso, antes seguir a conspiração do silêncio!

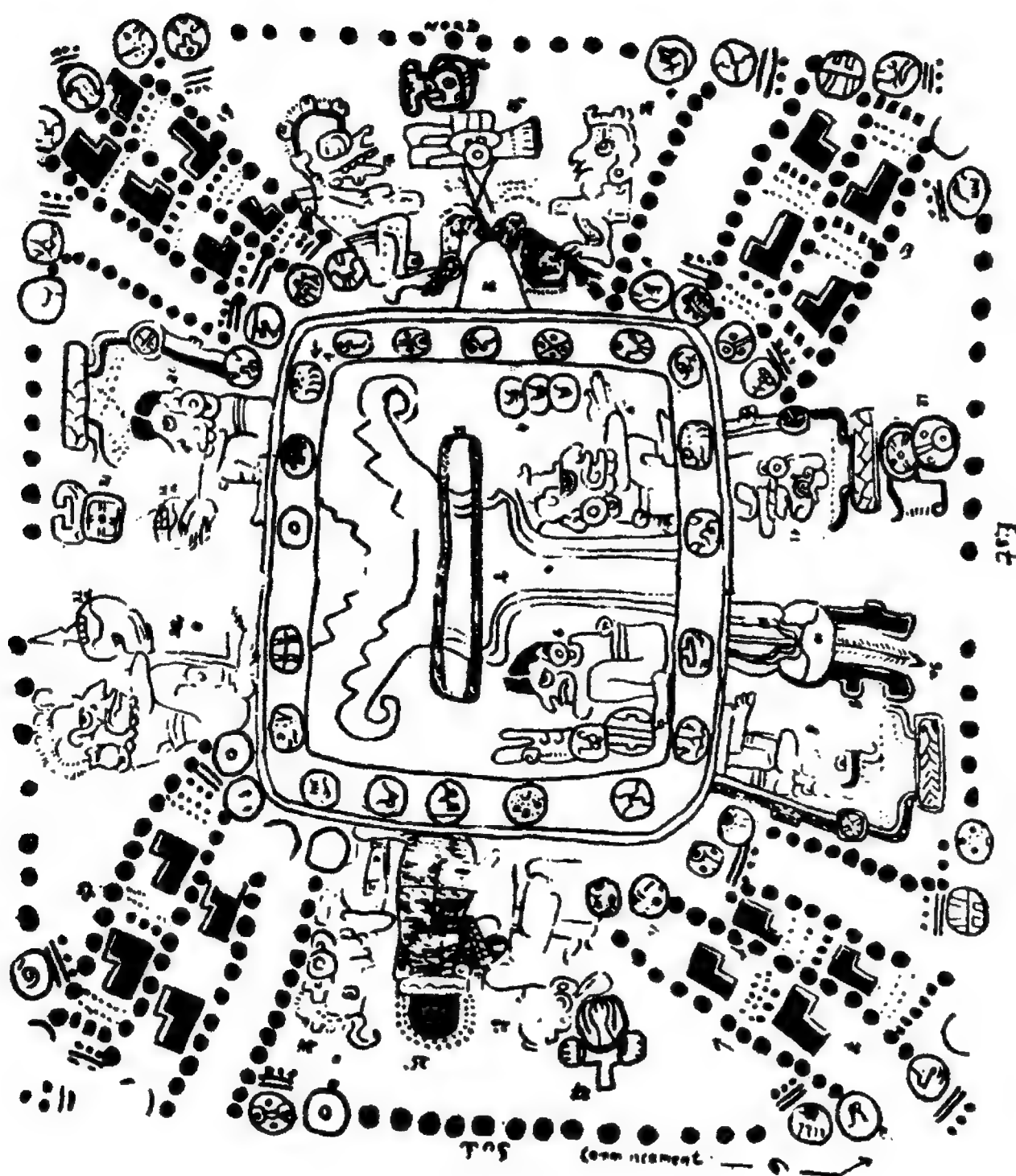
Eis a nossa interpretação, utilizando os símbolos conhecidos, que marcamos com um x, e dando um sentido mais arbitrário mas aparentemente lógico a outros símbolos e desenhos que não figuram no alfabeto convencional.

1. Céu. X
2. Máquina voadora com pás.
3. A coisa que vai levantar voo.
4. Sopro. Planeta Vénus. X
5. O Senhor que tem o poder do vapor que se eleva. X
6. O Senhor fortíssimo do vapor. X
7. A potência do Sol ligada à ideia de escada (elevação). X
8. Grande força utilizando a luz.
9. O Senhor fortíssimo do vapor. X
10. Elevação acima da Terra original (segundo o símbolo do motor).
- 11 e 12. Objecto terrestre elevado no céu acima das montanhas. X
13. Voo no espaço — imponderabilidade.
14. Energia encerrada num vaso por cima duma pirâmide (energia) com motor.
15. Caldeira ligada a um motor, provocando a imponderabilidade da figura.
16. Cosmonauta?
17. Símbolo de energia, de escada (elevação) e do planeta Vénus. X
18. Levantamento da Terra (repetido 3 vezes). X
19. Aparelho voador no céu com estrelas.
20. Três sinais de perigo. X — X
21. Libertação, expansão. X — X
22. Caldeira ligada à direita a um motor e à esquerda a um símbolo de energia.

Deixamos ao leitor o cuidado de analisar a ligação existente entre estes símbolos e sinais, mas a ideia geral é logicamente a duma acção ou dum projecto de acção que se desenrola no espaço por meio do voo.

CÓDICE CORTESIANUS

PLACA VI



1. O Códice Cortesianus é um dos mais importantes manuscritos maias; pertence à Biblioteca de Madrid.

A primeira figura reproduzida dá uma ideia muito precisa duma viagem efectuada da Terra ao planeta Vénus.

No centro, o terrestre está sentado, tendo aos pés um símbolo que deve representar a Terra. Por cima deste símbolo está uma placinha com o símbolo de Vénus. À direita, está um deus venusiano com três símbolos sobrepostos identificando o seu planeta.

Entre as figuras humanas, surge uma espécie de cogumelo que se expande como uma explosão atómica.

Segundo os intérpretes, o trajecto marcado pelos pontos negros começa no símbolo de Vénus, em baixo à esquerda, e continua para a direita por um caminho sinuoso mas circular.

A primeira paragem, na ordem da marcha, mostra o viajante do espaço sob uma caldeira. À sua frente está o símbolo do levantamento de Terra, acompanhado por uma flecha, que reforça a ideia.

As outras figuras identificáveis mostram ainda a personagem debaixo duma caldeira mais pequena (sinal de menos velocidade?). Depois o cosmonauta está perante um deus. Distinguem-se os ponteados da conversa entre eles, debaixo dum símbolo alado.

O cosmonauta retomou a viagem, visto que está, mais longe, debaixo duma outra caldeira, e encontra um deus ainda mais poderoso que o primeiro, com um forte colar de força ao pescoço, segurando um símbolo de levantamento para fora da Terra e tendo por cima um pequeno desenho de foguetão espacial. Parece evocar-se um terceiro encontro. O conjunto é de expressão clara, e não pode sugerir qualquer outra interpretação que não seja a viagem espacial.

2. Segunda figura: encontramos mais uma vez o símbolo de Vénus.

A serpente é representada em levitação ou, mais exactamente, propulsionada no ar por uma reacção que sai duma caldeira e da cauda. O significado está bastante figurado, dispensando comentários.

PAGINA SEGUINTE: A SERPENTE DE REACÇÃO DO
CÓDICE CORTESIANUS.

PLACA XIV



DUAS REVELAÇÕES DOS MAIAS

Em correlação estreita com o Manuscrito Troano e o Manuscrito de Lhassa, dos quais o primeiro relata o dilúvio universal e o segundo um cataclismo provocado pela queda da «estrela de Baal», eis as profecias de dois iniciados maias, traduzidas a partir de documentos hieroglíficos.

1. Profecia de Napuctum

(*Profecias sibilinas segundo Lizana Devocionario de Nuestra Señora de Itzmal—Biblioteca Universal do México*).

1. Quando esta península for consumida pelo fogo, aquele que domina acima da espuma

2. levantar-se-á divindade tripla, sem dúvida em presença dos dias futuros. (Tripla divindade = o vulcão que se tornará triplo.)

3. Devendo terminar-se pelo fogo aqui, o soberbo será consumido segundo as leis cíclicas gravadas nos velhos palácios.

4. Aquele que o vir, será aquele que transmitirá a sua palavra,

5. chorará as suas grandes dores.

2. Profecia de Ahkuil-Chel, sacerdote idólatra

1. Terminada a inscrição do ciclo presente

2. nenhum de vós será suficientemente sábio aqui para predizer o futuro.

3. A nenhum será dado desenrolar a trança das inscrições cíclicas.
4. A dor virá, penetrará, estará presa à garganta.
5. Tanto no norte, como no poente
6. em todos os lados ela estará presente, sim!
7. Nenhum sacerdote, nenhum profeta
8. estará lá para dizer a palavra da escritura sagrada
9. entre tantos príncipes;
10. nenhum de vós (será) bastante inteligente em tantos países diferentes.

AS PLACAS DO DESERTO DE GOBI

No século XIX, os arqueólogos descobriram no deserto de Gobi pequenas placas de ouro que relatavam a história humana.

Essas placas, redigidas na língua desconhecida donde derivou o *zend*, foram depositadas em vários santuários, onde se transformaram em cobre.

Eis o que sabemos do que elas revelam:

Durante o dilúvio universal, um chefe do reino da Terra de Mu, na Ásia, deixou à esposa, que foi a única a sobreviver, placas de ouro nas quais estava gravada a história da humanidade antes do cataclismo.

Essas placas revelavam a existência de «Senhores do Mundo vindos do céu» e identificava-os formalmente a cosmonautas originários do planeta Vénus e da estrela Sírio.

Enumeravam também preceitos relativos ao sistema racional de alimentação e de respiração e o segredo das curas de rejuvenescimento.

A parte mais secreta, portanto a mais iniciática, só

será tornada pública numa certa data, inscrita nos *Arquivos Akashiques*.

A filha da rainha de Mu, que se chamava Anahita, adquiriu, com nove anos de idade, a faculdade de «recordação».

Segundo as instruções da mãe e do pai, transcreveu os documentos ancestrais, juntando-lhes a sua mensagem pessoal, escrita em 100 000 placas de ouro.

Algumas foram descobertas no deserto de Gobi; outras estão ainda perdidas em santuários, nomeadamente no monte Mano, no Tibete.

Segundo o *swami* Matkormano, que viu e traduziu as placas depositadas no *firdôs* de Havai, a raça branca, no tempo de Anahita, dividia-se em dois ramos: um que seguia a marcha do Sol (para o Ocidente) e outro que ficou na Índia.

O ramo de que fazia parte Anahita inventou a língua *zend*, que deu directamente origem ao sânscrito.

Há 12 000 anos, Sírio, o astro mais brilhante do céu perceptível, estava muito próximo da Terra.

«Foi em Sírio — disse o mestre Jérôme Gheibardlt — que reencarnaram os «adeptos de consciência vigilante».

O MANUSCRITO DE TUEN HUANG

Num manuscrito tibetano descoberto na China — reproduzimos na página 305 a fotocópia duma passagem desse manuscrito — são dadas a conhecer revelações espantosas.

O documento tem um comprimento total de 0,90 m e uma largura de 0,25 m.

Contém em primeiro lugar uma lista dos antigos principados do Tibete, depois a genealogia real, muito anterior à do Dalai Lama, visto que remonta a Glan-dar-ma, chamado U'i-dum-brtan.

Alguns extractos do texto¹:

II

«Vindos do alto do céu dos deuses, filhos de seis pais Senhores Divinos que residem por cima do céu mediano, houve três filhos mais velhos e três filhos mais novos, sete para a dinastia dos Sete Tronos; foi assim: Khri Nag-Khri bean-po. Veio cá abaixo como chuva que fecunda a terra e o primeiro dos pais do país...

Primeiro, *chegou à Terra*. Depois, foi príncipe de tudo o que está debaixo do céu...»

III

«Filho dos seis pais Soberanos, Senhores que residem por cima do céu mediano, teve três filhos mais velhos, três filhos mais novos, sete para a dinastia dos Sete Tronos. A filiação da dinastia dos Sete Tronos foi:

Ldé Nag-Khri bean-po. Veio cá abaixo como chuva que fecunda a Terra o primeiro dos pais do país. Este filho dos Deuses reinou nos países dos homens. Depois do que *voltou corporalmente ao céu*.

Ldé Nag-Khri bean-po e Gnam Mug-Mug² engendraram Mu-Khri bean-po (ou Mug-Khri bean-po).»

¹ A tradução é de J. Bacot, Thomas e Toussaint.

² Esta rainha foi tida como fada.

Este último texto em tradução fonética exprime-se assim:

Iha sras myi yul gyi rgyal mjad cin bzugs pa las /
/ mnom du thal byun dgun du gsegs pa // lde nag khri
bean po dan / gnam mug mug du b'sos pa'i sras // mu
khri bean po mug khri bean po...

Mais longe, lê-se:

[illegible]

«Ora, o Deus lde-bla guin-rgyal vinha roubar ao céu o rei Dri-Gum, quando lo-nam puxou do sovaco o *Antepassado Macaco*, o qual rechaçou lde-bla guin-rgyal para as neves do Ti-che³. O rei Dri-Gum foi morto então...»

Este último relato parece dar crédito à tese de Dar-

‘ É o Kailasa.

win, que faz descender o homem do macaco; no entanto, pode-se também interpretar como se o Antepassado Macaco não fosse senão o antepassado da sua própria raça, o que nos parece estar mais de acordo com o resto do texto, que menciona os primeiros reis tibetanos como sendo os filhos de «seis pais Senhores Divinos».

Por outro lado, o manuscrito menciona sem ambiguidade que esses reis tibetanos não eram autóctones.

Vieram do céu (ou dum outro planeta), visto que «chegaram à Terra», e podemos identificá-los aos Senhores do Mundo da mesma época.

A viagem extraplanetária é novamente aludida no parágrafo III, que afirma que Idé Nag-Khri bean-po *regressou corporalmente ao céu*, o que só pode ter feito utilizando um meio aéreo de locomoção.

CAPÍTULO XIV

O TESTAMENTO SECRETO DE SCHLIEMANN

TRÓIA, na Ásia Menor — ou Ilion ou Pérgamo —, foi fundada, segundo se diz, pelos pelasgos celtas, e as suas formidáveis muralhas teriam sido construídas por Apolo, o Hiperbóreo, e Posídon.

Vemos já nesta lenda um indício nítido que relaciona a história antiga da Ásia Menor à do Ocidente dos Celtas e também, através de Posídon, deus dos Atlantes, à Atlântida.

Homero, na *Iliada* e na *Odisseia*, tornou imortal o cerco de Tróia, que teve como protagonistas os chefes gregos Agamémnon, Aquiles, Ulisses, Ajax, etc., em guerra contra os filhos do rei Príamo, Heitor e Páris, por este último ter tido a imprudência de raptar a bela Helena, filha de Menelau, rei de Esparta.

A cidade foi tomada, graças à astúcia de Ulisses (o famoso cavalo de Tróia), saqueada e incendiada.

Muitos dos seus habitantes — mas isto é uma outra história — regressaram ao país dos antepassados, que hoje em dia é formado pela Holanda, Bélgica e França.

Em 1871, o arqueólogo e helenista alemão Henry Schliemann, desprezando a ciência abusiva e as pretensões dos arqueólogos clássicos, e baseado nas afirmações

de Homero e Platão, descobriu as ruínas da antiga cidade mítica.

Por baixo da Tróia de Príamo, encontrou as fundações da cidade primitiva, que era ariana, como o provava um grande número de pedaços de louça e bocados de barro com os símbolos religiosos dos Arianos, entre os quais a suástica dos Hindus.

A maior parte dos vasos eram modelados em forma de mocho, o pássaro nocturno símbolo de Minerva Glaukopis (de olhos verdes), protectora de Ilion¹, e nos lados tinham gravados o nariz adunco, os olhos, os seios e o umbigo da deusa.

Schliemann encontrou também objectos e armas de sílex, de prata, de ouro e de cobre.

As armas de cobre de Tróia são idênticas às armas de bronze da Dinamarca pré-histórica e das cidades lacustres da Suíça.

Tantas coincidências e indícios persuadiram o sábio alemão de que havia um parentesco estreito entre a pré-história ariana de Tróia, negada pelos arqueólogos, e uma pré-história considerada também mitológica: a da Atlântida².

¹ Minerva, cuja verdadeira imagem se procurou a todo o custo fazer esquecer, era a Ana, a Mater dos povos celtas, e uma deusa tipicamente ariana.

Na Gália, chamavam-lhe *Belísama* e era a companheira de Apolo.

Alfred Maury diz de Minerva que era uma «deusa pelásgica, personificação do espírito húmido» (como Vénus), como indica o seu cognome de *Tritógena* (em sânscrito: trita aptyo = o que nasceu na água).

Era a Menerfa ou Mnerfa dos Etruscos e o seu nome provém da raiz *men* (em sânscrito = manas).

Minerva Glaukopis tinha os olhos verdes, cor do planeta Vénus, tal como Kukulcan e Quetzalcoatl; era a Belísama semelhante à chama (o cometa Vénus), Ishtar e Isis, quer dizer, a iniciadora vinda do céu.

² Sempre o mesmo processo: em 1926, a descoberta arqueológica de Glozel, que ia deitar por terra as teses absurdas postas a circular, levaram a que se considerasse Glozel como um falsificador. Não fosse o patriotismo de Émile

Schliemann parece ter sido assassinado...

Henry Schliemann teria verdadeiramente consciência de ser o autor de uma das maiores descobertas de todos os tempos: a da verdadeira história do mundo?

Sim, certamente, visto que, como todos os iniciadores, compreendeu que, se falasse, seria impiedosamente morto, como o foram o dragão e Jesus.

Então, Schliemann, iniciado prudente, decidiu não revelar o essencial, a parte mais preciosa das suas descobertas, senão depois de morrer, isto é, dando tempo a que as suas teses históricas tivessem crédito.

Tomou todas as disposições para salvaguardar simultaneamente a vida, a obra e a verdade que ia lançar à face do mundo: escondeu as peças mais preciosas entre as encontradas nas suas pesquisas, escreveu a sua mensagem e legou tudo à família, com uma grande quantia de dinheiro destinada a assegurar a execução das suas últimas vontades. É esta, pelo menos, a versão dada pelo seu neto!

Apesar de todas estas precauções, as revelações foram mantidas em segredo assim que apareceram.

Fradin e do dr. Morlet, e as maravilhosas peças glozelianas teriam sido levadas para o estrangeiro.

Em 1872, Henry Schliemann, ao saber que o sultão da Turquia queria apoderar-se da prodigiosa colecção que ele próprio tinha descoberto, *deu-a* à França, mais precisamente à cidade de Paris!

O embaixador da França em Atenas foi encarregado das negociações. E as peças de Tróia foram expostas em Paris... o que não foi nada prudente!

Devido às formalidades administrativas, esta colecção, única no mundo inteiro, mas demasiado incómoda para as «verdades históricas», não foi imediatamente aceite pela França, de tal forma que o sultão conseguiu ficar com ela!

As teses de Henry Schliemann, fortemente heréticas, eram de molde a provar que a Grécia, a Fenícia, a Caldeia, etc., têm uma origem hiperbórica, isto é, que «o mundo nasceu na Atlântida», e não em Sumer!

Até mesmo um eminente partidário da tese da Atlântida, o escritor A. Bessmertny—mas talvez tivesse boas razões para se mostrar reticente—, concedeu um certo crédito a uma carta que lhe enviou Wilhelm Doerpfeld, colaborador de Henry Schliemann de 1882 até à sua morte, em 1890:

«Tanto quanto sei, H. Schliemann nunca se ocupou profundamente da questão da Atlântida, mas considero possível que tenha reunido algumas notas referentes a esta questão...

No entanto, não acredito na existência duma sua obra original sobre este tema...»

Ora a documentação que vamos reproduzir, se é autêntica, prova o contrário, ou seja, que Schliemann considerava o problema da Atlântida como de grande interesse, e as críticas que não lhe foram poupadas explicariam as precauções de que se rodeou, e talvez as do seu herdeiro universal...

Seja como for, em 20 de Outubro de 1912, o neto do descobridor de Tróia, o doutor Paul Schliemann, publicou no jornal americano *The New York American* um artigo com o seguinte título:

«COMO ENCONTREI A ATLÂNTIDA, FONTE DE TODAS AS CIVILIZAÇÕES...»

Apresentamos aqui largos extractos do artigo de Paul Schliemann:

«Alguns dias antes da sua morte em Nápoles, em 1890, o meu avô Henry Schliemann entregou a um dos seus melhores amigos um sobrescrito selado, com os seguintes dizeres:

“Para ser aberto apenas por um membro da minha

família que, ao fazê-lo, se comprometa sob palavra de honra a consagrar a sua vida às pesquisas sumariamente indicadas na mensagem.”

Uma hora antes de morrer, meu avô pediu um lápis e papel. Com pulso inseguro, escreveu o que se segue:

“Adenda secreta ao que encerra o sobrescrito selado. Quebra o vaso com cabeça de mocho, examina o conteúdo. Refere-se à Atlântida. Túmulo a leste das ruínas do templo de Sais e no cemitério do vale de Chacuna. Importante.

Encontrarás as provas da exactidão da minha tese. Aproxima-se a noite. Adeus.”

Esta mensagem foi também entregue ao amigo, que a depositou num banco francês com a carta selada.

Depois de terminados os meus estudos na Rússia, na Alemanha e no Oriente, decidi-me a prosseguir as pesquisas do meu ilustre avô.

Em 1906, tomei finalmente o compromisso imposto e quebrei o selo do sobrescrito. Continha fotografias e diversos documentos. Eis o primeiro texto:

“Aquele que abrir este sobrescrito deve jurar firmemente que continuará a obra que deixei inacabada.

Cheguei à conclusão de que a Atlântida não foi só um imenso país entre a América e as costas ocidentais da África e da Europa, mas que foi também o berço de toda a nossa civilização...

Nos materiais que reuni, serão encontrados documentos, notas, artigos e todas as provas que, na minha opinião, se referem à questão.

Quem examinar esses documentos ficará comprometido sob sua honra a continuar as minhas investigações e a fazer todo o possível para chegar a um resultado definitivo.

Em primeiro lugar, deverá utilizar os meios que lhe faculto; em segundo lugar, não deverá omitir o facto de que fui eu o verdadeiro promotor da acção.

O Banco de França possui em depósito uma soma que será entregue àquele que a reclamar e esse depósito será suficiente para garantir as despesas das buscas.

Queira o Todo-Poderoso favorecer esta importante missão.

Assinado: *Henry Schliemann.*”»

O rei Crono da Atlântida

«Um outro manuscrito de meu avô dizia o seguinte:

“Em 1873, durante as minhas buscas nas ruínas de Tróia, em Hissarlik, quando escavei a segunda camada e pus à vista o célebre tesouro de Príamo, descobri debaixo desse tesouro um vaso de bronze com uma forma particular.

Esse vaso continha alguns cacos de barro, diversos objectos pequenos de metal, moedas e objectos petrificados, de osso.

Vários desses objectos e o vaso de bronze tinham uma inscrição em hieróglifos fenícios. A inscrição era: *Do rei Crono da Atlântida.*”

Um documento marcado com a letra B dizia:

“Em 1883, vi no Museu do Louvre uma colecção de objectos proveniente de escavações efectuadas em Tiahuanaku, na América Central³. Notei que havia uns

³ Trata-se evidentemente de Tiahuanaco, na Bolívia, portanto na América do Sul. Esta aproximação é curiosa, pois confirma as teses que o autor deste livro expressou no seu livro *História Desconhecida dos Homens desde há Cem Mil Anos*. Esta tese apresentava a civilização de Tiahuanaco como um ressurgimento da civilização atlante.

restos de objectos de barro da mesma factura e mesma matéria exactamente, e também objectos de osso petrificado absolutamente semelhantes aos que tinha encontrado no vaso do tesouro de Príamo.

A semelhança destas duas séries de objectos não poderia ser obra do acaso. Os vasos da América Central não tinham a escrita fenícia gravada nem quaisquer outras inscrições.

Corri a examinar novamente as minhas amostras pessoais e convenci-me de que as inscrições traçadas por uma mão estranha eram mais recentes que os próprios objectos.

Tendo obtido alguns fragmentos provenientes de Tiahuanaku, submeti-os a um exame químico e microscópico. Esse exame confirmou incontestavelmente que as duas séries de objectos de barro, tanto a da América Central como a de Tróia, eram da mesma espécie particular de argila, que não se encontra nem na antiga Fenícia nem na América Central.

A análise dos objectos revelou que o metal era composto de platina, de alumínio e de cobre, liga que não se encontra em mais nenhum dos vestígios do passado, e que é actualmente desconhecida.

Cheguei pois à conclusão de que estes objectos provenientes de duas regiões tão afastadas uma da outra eram feitos da mesma substância e tinham sem dúvida a mesma origem. Mas os próprios objectos não são nem fenícios, nem micénicos, nem americanos.

Que concluir então?

Que outrora, dum mesmo ponto de origem, chegaram aos dois locais diferentes onde foram encontrados?

A inscrição feita nos meus objectos revelava o ponto de origem: a Atlântida.

Esta extraordinária descoberta encorajou-me a prosseguir as minhas buscas com energia redobrada.”

O rolo de papiro

“Encontrei no Museu de Sampetersburgo um rolo de papiro muito antigo que data do reino do faraó Sent, da segunda dinastia, ou seja, 4571 anos a. C.

O papiro conta que o faraó enviou uma expedição ao Ocidente para encontrar os vestígios do país da *Atlântida*, donde tinham vindo, 3350 anos antes, os antepassados dos Egípcios, que traziam com eles a sabedoria da sua pátria.

A expedição voltou seis anos mais tarde sem ter conseguido encontrar nem esse povo nem sobreviventes capazes de dar informações sobre a terra desaparecida.

Um outro manuscrito deste museu, da autoria de Manethon, historiador do Egipto, dá uma duração de 13 900 anos ao reino dos sábios da Atlântida.

O papiro localiza esse período no começo da história do Egipto, que, se assim fosse, remontaria a cerca de 16 000 anos...

Uma inscrição encontrada perto da Porta dos Leões, em Micenas, diz que Misor, de quem descendiam os Egípcios, era filho do deus egípcio Thot, o qual era filho emigrado dum sacerdote atlante casado com uma filha do rei Crono.

Por esta razão teve de fugir e, depois de longas peregrinações, fixou-se no Egipto. Construiu o primeiro templo de Sais e ensinou a sabedoria da sua pátria de origem.

Esta relação é muito importante e manteve-a secreta. Encontrá-la-ão nos meus papéis, marcada com a letra D.”

Posso transcrever ainda o fim deste precioso documento:

“Uma placa, proveniente das minhas escavações de Tróia, é um tratado de medicina dum sacerdote egípcio sobre a cura da catarata e dos abcessos das vísceras pelos meios cirúrgicos.

Desde séculos atrás que se processavam trocas entre Creta e o Egipto.

Encontrei num manuscrito espanhol conservado em Berlim o mesmo relato, que o autor recebera dum sacerdote asteca do México, que por sua vez o tinha encontrado num antigo manuscrito maia.

Devo finalmente fazer notar que nem os Egípcios nem os Maias, criadores, antes dos Astecas, da civilização da América Central, eram grandes navegadores. Nunca tiveram nos portos navios capazes de atravessar o Atlântico.

Devemos pensar que os próprios Fenícios não puderam ser os intermediários entre os dois continentes.

No entanto, a analogia entre as civilizações maia e egípcia é tão grande que não a podemos considerar fortuita. Não existem acasos deste género.

A única explicação para isto é que, conforme diz a lenda, houve outrora um grande continente que estabeleceu o elo entre aquilo que chamamos o Velho e o Novo Mundo. Era a Atlântida, donde partiam colónias para o Egipto e para a América Central.”»

O vaso com cabeça de mocho

Depois desta exposição, o dr. Paul Schliemann afirma que obedeceu às prescrições do avô e que fez viagens e pesquisas.

«Pus-me primeiro em busca da colecção secretamente conservada em Paris.

O vaso com cabeça de mocho, excepcionalmente antigo, era um objecto muito particular, no qual estavam escritas, em caracteres alfabéticos fenícios, as palavras: *Do rei Crono da Atlântida*.

Hesitei muito tempo antes de o quebrar, porque me veio à ideia que a última carta de meu avô, escrita nos últimos instantes que precederam a morte, podia ser devida a um enfraquecimento bem explicável das suas faculdades.

Finalmente, quebrei o vaso e não fiquei de modo algum surpreendido ao encontrar uma placa de quatro ângulos, feita dum metal branco semelhante à prata, na qual estavam gravadas figuras estranhas e sinais em nada semelhantes a hieróglifos ou escritas que eu conhecesse.

Estes sinais figuravam no reverso da placa.

Estava aí também gravada em fenício antigo esta frase: *Proveniente do templo das muralhas transparentes*.

Como teria entrado esta peça de metal no vaso? O colo era demasiado estreito para ter sido metida dentro. Se o vaso proviesse da Atlântida, a placa deveria vir do mesmo sítio.

O exame revelou que as letras em escrita fenícia tinham sido gravadas depois de terem sido traçadas as figuras do reverso da placa.

Como foi possível fazê-lo? Ignoro-o.

Encontrei também na colecção outros objectos importantes, que, segundo as notas de meu avô, provinham também da Atlântida.

Entre estes objectos, havia um anel do mesmo metal particular de que era feita a medalha, e também um elefante de aspecto estranho, de osso petrificado, um vaso,

arcaico com certeza, e ainda outras coisas que de momento não posso enumerar.

Além disso, havia o desenho da carta de que o navegador egípcio se tinha servido para procurar a Atlântida.

Das outras coisas, nada posso dizer, segundo os desejos de meu avô. O vaso com cabeça de mocho, o vaso arcaico, o vaso de bronze e o anel têm a mesma inscrição fenícia.

Ela não figura no elefante e nas outras peças.»

O oricalco atlante

«Fui primeiro ao Egipto e comecei as buscas à volta das ruínas de Sais. Trabalhei durante muito tempo sem resultados, mas um dia encontrei um caçador egípcio que me mostrou uma colecção de antigas moedas encontradas no túmulo dum sacerdote da primeira dinastia.

Qual não foi o meu espanto ao descobrir na colecção duas peças da mesma factura e da mesma matéria que as moedas brancas do vaso de Tróia! Não era um passo em frente?»

Paul Schliemann continua as suas prospecções na costa ocidental de África e regressa a Paris para se encontrar com um arqueólogo cuja colecção era elogiada pelo seu avô no testamento. Esse arqueólogo possuía também um exemplar de vaso com cabeça de mocho.

«Consentiu em abrir o vaso, no interesse das minhas buscas.

Encontrei nele uma moeda do mesmo tamanho e da mesma matéria que os três exemplares em meu poder.

A única diferença consistia na disposição da escrita hieroglífica. Tinha assim cinco elos duma mesma cadeia...

Fui em seguida à América Central, ao México e ao Peru.

Na pirâmide de Teotiguacão, no México, encontrei moedas feitas da misteriosa liga branca, mas com outros sinais gravados...

E chego à tradução dum manuscrito maia, peça da célebre colecção Le Plongeon: o *Manuscrito Troano*, que pode ser visto no British Museum. É esta a tradução:

“No ano 6 Kaân, a 11 de Muluk, no mês Zak, começaram terríveis tremores de terra que duraram sem interrupção até ao 13 Chuen. O país das montanhas de argila ou país de Mu foi vítima deles.

Depois de se ter levantado duas vezes, Mu foi engolido pela noite, depois de ter sido escavado por baixo, de maneira ininterrupta, pelos vulcões subterrâneos.

O continente foi levantado e pousou várias vezes.

Finalmente, a terra cedeu e dez nações ficaram destruídas e desmanteladas. Afundaram-se, com os seus 64 milhões de habitantes, 8000 anos antes da época em que este documento foi redigido.”»

A estrela de Baal

«Entre os livros originais do antiquíssimo templo budista de Lhassa, há um manuscrito caldeu que data de cerca de 2000 anos a. C.

Nele se lê:

“Quando a estrela de Baal caiu no local onde hoje só há água e céu, as sete cidades tremeram e vacilaram

com as suas torres de ouro e *os seus templos transparentes*, como folhas de árvore sob a tempestade.

Elevou-se dos palácios uma torre de fogo e fumo. Os soluços dos moribundos e os gemidos da multidão ergueram-se no ar. O povo procurou um refúgio nos templos e nas cidadelas.

Então, o sábio Mu, grande sacerdote de Ra-Mu, levantou-se e disse:

— Não vos predisse o que se está a passar?

Os homens e as mulheres, vestidos com as vestes mais preciosas, cobertos de pedrarias, suplicavam:

— Mu, salva-nos!

Mu respondeu:

— Morrereis todos, com os vossos escravos e os vossos tesouros. Das vossas cinzas nascerão novos povos. Se esses povos esquecerem que devem dominar as coisas materiais não só para se engrandecerem por elas, mas também para não se deixarem dominar por elas, espera-os a mesma sorte.

As chamas e o fumo abafaram em seguida as palavras de Mu. O país e os seus habitantes foram destruídos e imediatamente tragados pelos abismos."

Que significado podem ter estes dois relatos, encontrados um no Tibete, outro na América Central, contando cataclismos idênticos e referindo-se ambos ao país de Mu?

Mas, se quisesse dizer tudo quanto sei, não haveria mistério.»

(Fim do artigo)

Revelações proibidas

Eis o essencial das revelações feitas pelo dr. Paul Schliemann em 1912. O seu artigo suscitou uma viva curiosidade nos meios arqueológicos, mas não se sabe por que razão não teve continuidade e o seu autor não procurou acrescentar mais dados às suas divulgações.

Que se tinha passado?

Paul Schliemann, como escreveu Wilhelm Doerpfeld, quis mistificar os seus contemporâneos?

Terá sido vítima dum complexo de inferioridade, terá querido criar uma reputação científica de harmonia com o nome prestigioso que tinha? Perdemo-nos em conjecturas sobre o valor dos documentos apresentados.

Dois indícios levariam a crer tratar-se duma mistificação:

1. O papiro com mais de 6000 anos—reino do faraó Sent—que figurava nas colecções do Museu de Sametersburgo (hoje Leninegrado) por volta de 1893. Não se conhece nenhum papiro tão antigo.

2. O Manuscrito de Manethon, no mesmo museu. Històricamente, Manethon não deixou nenhum documento da sua *História Universal do Egipto*, a única obra que se conhece dele, além de citações feitas pelos autores antigos⁴.

Um outro ponto pode também parecer suspeito: a tradução do Manuscrito Troano, cujos ideogramas ou hieróglifos oferecem grandes dificuldades de decifração⁵.

⁴ M. C. T. Kopheeb, director do Museu de Leninegrado, consultado a este respeito, respondeu-nos que o papiro do reino de Sent e o Manuscrito de Manethon não faziam parte das colecções do museu, mas talvez do Museu do Presbitério, muito menos importante. Continuamos as nossas pesquisas nesse sentido.

⁵ A escrita maia nunca foi traduzida. Os linguistas deram sentido a

E por que razão o dr. Paul Schliemann desapareceu súbitamente do palco onde queria dar o espectáculo?

Incontestavelmente, há coisas muito estranhas nesta questão, mas não é menos incontestável que existem indícios a favor da autenticidade dos documentos e das coisas encontradas.

Se Paul Schliemann fosse um mistificador, teria dado provas duma ingenuidade incrível, duma inabilidade lamentável ao lançar um ataque que foi imediatamente interrompido?

Que podia ele esperar desta veleidade ridícula?

E teria sido esse desajeitado quem teria inventado um texto onde transparece subtilmente uma ameaça de morte de que Henry Schliemann tinha nítida consciência?

Por conseguinte, se o homem de Tróia quis que se esperasse meio século para que a sua obra fosse continuada, é porque sabia que no seu tempo inimigos poderosos e irredutíveis, os que sabotaram as suas pesquisas, difamariam as suas descobertas e fariam com que a França perdesse o tesouro do rei Príamo... sabia portanto que os seus inimigos — a Conjura — o abateriam e arruinariam os seus esforços.

Este aspecto do problema merece ser tomado em consideração.

Por outro lado, os documentos, verdadeiros ou fal-

muitos símbolos, mas a sua interpretação não é certa. Não se sabe mesmo em que sentido devem ser lidos os manuscritos: de baixo para o alto e da direita à esquerda, segundo W. Billaert; da esquerda para a direita, segundo Diego de Landa;... não há nenhum sentido determinado, pretende Hyacinthe de Charencey (e deve ter razão!).

Brasseur de Bourbourg traduziu uma parte do Manuscrito Troano lendo-o do avesso... o que não altera grande coisa, visto que se trata de ideogramas!

sos, publicados pelo *New York American* testemunham conhecimentos extraordinários e diremos até iniciáticos.

Eles subentendem a existência duma verdadeira central de segredos guardados na Fenícia, o que é confirmado por Sanconíaton, que também encontrou nos templos fenícios uma história do mundo redigida em escrita misteriosa que suscitou os mesmos tabos, a mesma censura, a mesma sabotagem que os documentos de 1912.

Ora o que escrevia Sanconíaton está em completa harmonia com o que teria escrito Henry Schliemann!

É de pensar que Schliemann se teria inspirado em Sanconíaton ou então que *tivesse chegado ao conhecimento das mesmas fontes.*

Quanto às moedas de metal branco desconhecido, composto de platina, alumínio e prata — talvez o famoso oricalco dos Atlantes —, deixam tão pouco lugar a dúvida que um arqueólogo — daqueles a quem chamam «amadores» —, Christos Mavrothalassitis, encontrou réplicas delas na África do Norte e sobretudo na ilha de Djerba!

Finalmente, a aproximação Tiahuanaco⁶-Fenícia-Egipto inscreve-se exactamente na nossa tese e nas teses novas expressas pelos arqueólogos não conformistas.

Um último ponto merece também a nossa atenção: Henry Schliemann, o dr. Paul Schliemann e o arqueólogo Christos Mavrothalassitis fazem os três convergir as suas descobertas para uma verdade oculta única: a Atlântida, berço da nossa civilização.

⁶ Na mensagem, diz que «em Tihuanaku, na América Central», o que constitui um erro geográfico bastante desculpável da parte de Henry Schliemann, mas não do neto. Um mistificador não cairia nesta falta subtil. Deve-se entender, evidentemente, «Tihuanaco, na Bolívia, América do Sul».

O estranho Christos Mavrothalassitis

Henry Schliemann acreditou em Homero e descobriu Tróia.

Christos Mavrothalassitis acreditou no que lhe dizia o pai, navegador mediterrânico, e tem hoje uma das mais belas colecções que existem de objectos etruscos de barro de há 3000 anos ou mais e também de moedas atlantes, que se afirma serem mais antigas que o dilúvio.

Talvez até tenha descoberto a antiga Posidónia.

Em 1922, ao navegar ao largo da costa do mar de Biban, ao sul do golfo de Gabés, o pai de Christos parou o seu dois-mastros de 280 toneladas e teve uma longa discussão com os tripulantes, escafandristas como ele.

Christos tinha então 12 anos. Ouviu o pai falar de Platão e duma cidade engolida pelo mar, que tinha localizado com os escafandristas mesmo por baixo do veleiro.

O velho marinheiro garantia com veemência:

— É aqui que está Posidónia!

Durante vinte e cinco anos, Christos percorreu o Mediterrâneo, e pode-se dizer que o conhecia melhor que ninguém; a sua curiosidade sempre latente estava dirigida para tudo quanto dissesse respeito ao fabuloso continente descrito por Platão.

Em 1947, encontrou um documento antigo representando a ilha de Djerba metida na terra de África, mas rodeada por um canal que ia perder-se no deserto.

Christos recordou-se que seu pai afirmava que Djerba era o término dum caminho que ia da Atlântida ao Mediterrâneo, então mar fechado do lado das Colunas de Hércules (o estreito de Gibraltar).

Finalmente, o maravilhoso acaso que tinha indicado

a Henry Schliemann a pista dos Atlantes e a sua moeda de oricalco foi bater à porta do arqueólogo de Djerba.

Um dia, um velho eremita berbere tomou-se de amizade por ele e revelou-lhe o local onde se encontrava o cemitério «dos primeiros avós da nossa raça».

Era em Tripolitana; as informações eram precisas, marcadas sobre um mapa, e Christos, ao fim de uma noite e um dia de mar, chegou ao sítio.

Encontrou os pontos de referência descritos pelo berbere e pôs-se a escavar a terra.

Dois dias mais tarde, descobria túmulos onde se encontravam objectos de barro análogos aos de Tiahuanaco e aos da colecção Schliemann. Mas, além dos objectos de barro, Christos encontrou coisas de muito maior valor: *moedas brancas de metal desconhecido*.

O milagre de Tróia repetia-se, como se Christos Mavrothalassitis, por misterioso desígnio do destino, se tivesse tornado o descendente de Henry Schliemann e seu herdeiro espiritual.

Moedas de oricalco

Quando o eremita berbere soube do feliz resultado da expedição — e quando recebeu a sua parte de moedas e objectos — fez outras revelações e referiu-se a locais onde se encontravam outros túmulos e templos atlantes.

Christos, por seu lado, tinha recolhido informações bastantes para fazer ressuscitar a história antediluviana de todo o Mediterrâneo.

Por mais amizade que nos tivesse, não quis revelar todos os segredos que o ligam ao eremita do deserto.

Sabemos, no entanto, que a necrópole atlante se en-

contra em Tripolitana. Foi aí que Christos encontrou os objectos de barro e as moedas de metal branco, estando tudo actualmente depositado num banco de Marselha.

Mas fez também buscas frutuosas em Bengasi, no Egipto e mesmo em Djerba.

«Os documentos que possuo em Marselha — disse-nos ele — trouxeram-me algumas certezas.

Por exemplo, sei que o nível do mar Mediterrâneo subiu 41,30 m depois do dilúvio.

Conheço a rota exacta dos Atlantes, por mar, que, através de África, ligava a Atlântida ao Mediterrâneo.

Tenho a carta geográfica da Atlântida, e essa carta data da época atlantel»

Perguntámos ao nosso amigo, com grande espanto: — Quer dizer que tem documentos escritos com 12 000 anos?

Christos fez sinal que sim com a cabeça, piscando-me um olho cúmplice.

— Você viu esses documentos: as minhas moedas de oricalco!

E é verdade! Essas moedas raríssimas e únicas são verdadeiros documentos gravados, representando cenas da vida dos Atlantes, de certo modo a história do mundo antigo.

Sofreram a influência duma permanência tão prolongada nas areias do deserto, mas não estão oxidadas. No entanto, o relevo atenuou-se e só com uma lupa se podem notar os pormenores.

Helena e o foguetão espacial atlante

Uma das moedas representa cavalos, e sabe-se que estes animais eram venerados pelos Atlantes e os seus últimos sobreviventes: os Celtas.

Numa moeda *em forma de ferradura*, vê-se distintamente a cabeça do animal com arreios e freio, o que nos surpreende pelo que sabíamos a esse respeito.

Noutras, o nosso amigo Christos identificou desenhos fantásticos em relação com a energia atômica e a conquista espacial.

Uma moeda, encontrada em Djerba pela sua neta Helena, representa no reverso um verdadeiro foguetão espacial com base mais larga e ogiva equipada com uma espécie de radar. No reverso, vê-se um habitáculo de cosmonauta com duas antenas. A cabeça do viajante do espaço está nitidamente desenhada dentro duma cabina espacial.

Christos Mavrothalassitis está a preparar um livro sobre a «Atlântida através das imagens legadas pelos Atlantes», e por isso não queremos adiantar-nos no assunto, mas é incontestável a possibilidade de o arqueólogo francês de Djerba vir a esclarecer um grande mistério.

As suas moedas de metal branco, inoxidável, que temos boas razões para pensar que se trata do oricalco atlante, contam a história duma civilização que conhecia pelo menos o cavalo, as rédeas, o freio e máquinas idênticas aos nossos foguetões espaciais.

Esta civilização desenvolvia-se num vasto país situado no Atlântico, entre a África, a Europa e a América.

Evidentemente, o nosso amigo Christos talvez se te-

nha enganado na sua interpretação, mas pode apresentar testemunhos que estão singularmente a favor da sua tese. Uma das moedas, representando a imagem geográfica da Atlântida, é feita de dois metais: um branco para o mar, e o outro vermelho-acobreado para o continente. Estranho... estranho...

Os arqueólogos clássicos franceses não se interessam pelas descobertas de Christos; pelo contrário, os arqueólogos alemães pedem-lhe insistentemente que lhes venda a preciosa colecção⁷, assim como os americanos pedem

⁷ A França, que foi uma das nações mais importantes há alguns séculos, entrou em decadência desde há 50 anos e figura entre os países de segunda ordem, muito para trás da Alemanha, da América, da Inglaterra e da U. R. S. S.

A política cultural francesa é anárquica, incoerente e torpedeada, segundo parece, pelas maquinações das conjuras locais.

Em 1962, denunciámos um escândalo devido a uma incúria notória: os sílices talhados de França, que estão presentes nos locais arqueológicos mais importantes do mundo, eram triturados pelas máquinas agrícolas. Publicou-se, segundo parece, um decreto para preservar este património mundial, mas *nada se fez*. Por exemplo, os *nuclei* de Grand-Pressigny estão em vias de desaparecimento.

Existe o mesmo perigo para a principal riqueza da França: as nossas catedrais, os nossos castelos, as nossas velhas casas, riqueza que deveria proporcionar-nos, tal como na Itália, na Grécia e no México, um privilégio constantemente valorizado pelo tempo.

Este património legado pelos nossos antepassados estará em grande parte destruído dentro de dez anos, pelo efeito dos aviões de reacção.

De resto, o Governo, com uma levandade incompreensível, quer generalizar o emprego da língua francesa nos colóquios internacionais, e a África francófona apoia esta pretensão.

Ora, as classes cultas em África (na França e no Canadá) são obrigadas a aprender o inglês ou o alemão para ler os principais documentos da ciência humana!

Por exemplo, os Vedas não foram traduzidos em francês (só possuímos extractos ou resumos). A maior parte dos melhores manuscritos maias, muçulmanos e escandinavos só existem em alemão, em inglês e em russo!

Evidentemente, a mitologia céltica não foi traduzida em francês.

Então, que interesse teriam os povos africanos em prosseguir o estudo da língua francesa, uma vez que a Biblioteca Nacional de Paris não tem possibilidades de pôr à sua disposição os textos mais indispensáveis das antigas civilizações?

a Émile Fradin que lhes venda (a peso de ouro) as colecções, mais preciosas ainda, do Museu de Glozell!

Já perdemos o tesouro de Tróia... E por quanto tempo resistirá o patriotismo de Christos Mavrothalassitis e de Émile Fradin?

O tesouro dos Atlantes está em Marselha, em local seguro. Poderia fazer-se com ele uma maravilhosa exposição, mas o nosso amigo Christos, que no entanto arriscou tantas vezes a vida para constituir a sua colecção, tem medo!

Medo de ser roubado, aviltado, e talvez morto!

E esse medo que atormentou Sanconíaton, Henry Schliemann, Paul Schliemann, Émile Fradin, todos os grandes descobridores, no fim de contas, esse medo justifica-se: *por nenhum preço a verdade histórica dos homens deve ser tornada pública.*

Já se chacinaram milhões de homens com esse fim, queimaram-se toneladas de manuscritos, inutilizaram-se hectares de pergaminhos... Que peso tem a vida dum homem quando ele se torna um provocador, quando ele vem estragar a festa?

No entanto, Christos Mavrothalassitis prepara o seu livro... como Paul Schliemann preparava a divulgação das suas descobertas...

CAPÍTULO XV

COISAS ESTRANHAS

HÁ anomalias que desconcertam os investigadores quando se debruçam sobre a história das civilizações.

Os homens que viviam há 4000 anos desconheciam o carro de mão e a máquina a vapor, e no entanto os seus conhecimentos científicos eram por vezes superiores aos do século xx.

Estudariam eles uma ciência paralela à nossa? Ou utilizariam artes mágicas? Talvez conhecessem os segredos dos nossos Antepassados Superiores. O mistério é total.

No local arqueológico denominado Cayonu, no Sudeste da Turquia, descobriu-se recentemente cobre martelado a frio em forma de agulhas, de ganchos e de raspadores. Esse material tem cerca de 9000 anos!

O Museu de Atenas conserva um relógio astronómico, com 5500 anos, que uns pescadores apanharam nas redes em 1955. Esse relógio, a que se dá corda com uma chave, indicava os meses, as horas do nascer e pôr do Sol e das estrelas, as fases da Lua e o movimento dos planetas.

Em Belsheba, em Israel, foram encontrados fornos

feitos de aço especial e construídos 5000 anos antes da nossa era.

O professor E. F. Gautier¹ nota que no livro de álgebra de Bourlet, que ainda se usa nas nossas escolas, encontram-se pequenos problemas copiados dum manual chinês que data do segundo milénio antes de Cristo. Esses problemas supõem o conhecimento do quadrado da hipotenusa, cuja descoberta foi feita por Pitágoras.

Os Maias inventaram o futebol

O sifão, que só foi conhecido na Europa no século xvi, era utilizado pelos Incas para os trabalhos de irrigação.

O abade Brasseur de Bourbourg reproduziu nos seus livros sobre a América antiga a carta dum arqueólogo que exprimia a forma como ficara maravilhado diante das «estátuas de ouro e prata, todas duma só peça, vazias por dentro, elegantes e delgadas» que fabricavam os índios.

«Vi uma que era uma espécie de múmia. Não se vê qualquer soldagem. Também admirámos pratos com oito faces, cada uma dum metal diferente, quer dizer, alternadamente de ouro e prata, *sem qualquer soldagem*; peixes de metal fundido, cujas escamas eram de ouro e prata.

Os índios, além disso, dominavam perfeitamente a arte da esmaltagem, que Bernard Palissy tanto praticou.»

Praticamente, a borracha só é utilizada depois de 1736, mas os conquistadores do Peru no século xvi

¹ *Moeurs et coutumes des musulmans.*

tinham visto, com curiosidade, os objectos indígenas feitos dessa matéria: bolas, seringas, sandálias, pulseiras, etc.

No livro *Histoire de Saint-Domingue* (1730), o padre Charlevoix fala do *batos* ou bola de matéria sólida, elástica e ligeira, que servia para os jogos dos índios maias, vários séculos antes de os ingleses terem «inventado» o futebol, que de resto era a *soule* francesa!

O nosso amigo Grégori B., renovador da religião do Sol Inca, revela, na apaixonante revista de que é director², que no antigo império do Peru os sábios tinham conhecimentos mais avançados que na Europa.

Utilizavam os *quilpi*, que se traduz em espanhol por «anteojos con espejuelos curvos», isto é, espelhos de vidros côncavos e convexos, ou ainda: instrumentos de óptica para ver ao longe.

As lâmpadas dos «cuyos»

Os cirurgiões incas efectuavam operações, por exemplo da caixa craniana, com pontos de sutura duma precisão perfeita.

Sabe-se hoje que se iluminavam, e que *iluminavam o interior dos tecidos humanos*, por meio duma luz penetrante produzida por um insecto chamado «cuyo».

Os «cuyos» são pirilampus que emitem uma espécie de raios X inofensivos. A iluminação que proporcionam é de cor verde e Grégori B. escreve, referindo-se às lendas de Tiahuanaco, que «foi a nossa mãe Orejona que, quando veio do planeta Vénus, a bordo duma astronave mais brilhante que o Sol, trouxe os “cuyos” luminosos».

² *Le Soleil Inca.*

Pormenor estranho, esses pirilampos, com 4 a 6 cm de comprimento, segregam diástases cujos nomes são *luciferine e luciferase*!

Mais uma vez o planeta Vénus, de que Lúcifer é a personificação no Ocidente!

Desde há 2000 anos que os alquimistas e ocultistas procuram em vão o segredo das misteriosas lâmpadas eternas de que falou Maspero, mas os Incas tinham algo melhor ainda, as lâmpadas de «cuyos» domesticados, que iluminavam permanentemente, e além disso com uma luz cuja propriedade era atravessar os corpos opacos.

A intensidade duma lâmpada dessas permitia ver até 60 metros, o que é uma boa distância!

O mistério das pedras impressas

Em Amélie-les-Bains (Pirenéus Orientais) as rochas que estão num jardim público constituem um enigma.

Em grés muito duro, têm impressas as formas de mãos, pequenas mas bem desenhadas, que parecem ter sido marcadas na rocha, como se fosse de terra mole e maleável.

Diz-se que são verdadeiras impressões de mãos!

— Impossível! — respondem os racionalistas. — Uma mão de carne e osso não pode penetrar na pedra por pressão.

Em Zazliai, na Lituânia, venera-se um rochedo de granito, porque tem marcas de passos aos quais se atribui uma origem maravilhosa.

— Isso é lenda! — dizem mais uma vez os racionalistas.

No Museu de Cochabamba, na Bolívia, vêem-se

blocos de granito onde estão marcadas, com a maior nitidez, formas de mãos. Não há dúvida de que as mãos pousaram na pedra e penetraram nela tão facilmente como um pé que caminhasse sobre lama.

«São “pedras tocadas”», diz o conservador, o dr. Dick Ibarra Grasso. É impossível explicar como se deu o milagre, mas o facto é este: mãos que amassaram o granito e deixaram as marcas.

O fenómeno não é compreensível racionalmente, mas é racional admitir a sua evidência.»

Grégori B., que sabe inúmeros segredos espantosos — mas que não os revela a toda a gente —, quis dar-nos a explicação do milagre das pedras amassadas³.

— Os antigos construtores — diz ele — conheciam uma erva por meio da qual tornavam os grés mais duros, tal como os granitos e os dioritos, completamente maleáveis. Era numa massa mole que cortavam as pedras talhadas; e essas pedras endureciam novamente ao sol, mais ou menos como o adobe.

No Peru, vêem-se muitas pedras que têm a marca de mãos e pés.

A pedra de Asmodeu

Asmodeu é considerado na literatura como o demónio do amor voluptuoso.

Pobre Asmodeu! Essa má fama vem certamente do facto de ter sido um «Ase», deus ariano, como Azazel, mas não é essa a questão!

³ Consideramos Grégori B., aliás Beltran Garcia, como um grande iniciado. Deu-nos muitas vezes provas dos seus grandes conhecimentos.

Nascido de Tubal-Caim, filho de Lamech, foi o primeiro, segundo a tradição, a forjar o ferro e o estanho.

A lenda diz também que quis destronar Salomão, mas que foi finalmente vencido, o que era justo.

Os Hebreus consideravam-no o príncipe dos demónios e da impureza e, como exemplo da sua maravilhosa habilidade, contavam que, obrigado por Salomão a trabalhar na construção do templo de Jerusalém, acabou a construção sem empregar nem martelo, nem machado, nem qualquer instrumento de metal, «utilizando apenas uma *certa pedra* que cortava as outras pedras como o diamante corta o vidro».

Infelizmente, o segredo desta pedra maravilhosa, como o da erva que torna o granito maleável, perdeu-se na noite da lenda!

O frasco de Ba'albek

Um frasco misterioso, dotado de poderes tão extraordinários como o da pedra de Asmodeu, ocupou as crónicas por volta de 1900, pelo menos nos meios ocultistas.

Este frasco, herméticamente fechado, apresentava o aspecto duma massa ovóide e parecia conter um líquido.

Tinha sido encontrado numa necrópole, em Kerak, nos arredores de Ba'albek, onde existem ainda as ruínas dum templo dedicado a Baal.

Eddet, proprietário do terreno, possuía umas instalações para criação de bichos-da-seda, cujas fundações queria consolidar.

A certa altura das escavações, os operários descobriram uma enorme pedra que servia de porta a uma sala em abóbada. Deslocaram a pedra, entraram num túmulo

e encontraram uma placa de ouro maciço sobre a qual estava o frasco.

Havia urnas dispostas simètricamente à volta da placa e o túmulo dava a impressão de ter sido construído unicamente para abrigar o frasco misterioso.

As urnas continham moedas de ouro, de que os operários se apoderaram, mas Eddet conservou o frasco e mandou-o examinar por Maspero.

O eminente egiptólogo declarou que era uma peça única, datando da época de Jesus Cristo, e Eddet tirou-lhe algumas fotografias, antes de depositar o objecto nos cofres dum banco de Beirute.

Depois disso, não se sabe o que aconteceu ao frasco, mas correm boatos de que continha o sangue de Cristo, ou então a pedra filosofal!

Os poderes do invisível

Verificaram-se em França e na América, nestes últimos anos, as curiosas propriedades do invisível sobre o subconsciente.

Nos Estados Unidos—durante emissões de televisão a cores, projectou-se, à razão duma única imagem por segundo, um reclame publicitário fantasista, visto que se tratava duma experiência, recomendando o uso de sabonete de cor vermelha.

Estas imagens estavam intercaladas num filme normal, um «western», cujo desenrolar se processava à razão de 24 imagens por segundo.

Sabe-se que a persistência da impressão luminosa na retina é de 15 imagens por segundo, quer dizer, abaixo de 15 imagens por segundo, a vista não retém a continuidade do movimento.

É por essa razão que o ritmo das máquinas cinematográficas é de 16 imagens por segundo, pelo menos, e filma-se a 24 imagens por questão de segurança.

Nestas condições, é evidente que, se um filme «western» comporta uma percentagem de 23 imagens referentes à intriga + 1 imagem do reclame do sabonete vermelho = 24 imagens, a emissão parecerá normal aos olhos de quem vir as 23 imagens da história, mas que ficará insensível à 24.^a

Por outro lado, o subconsciente registrará a imagem isolada, invisível, e, por motivação inconsciente, o telespectador será sensível ao reclame, o que ficou provado, pois, durante o período de experiência, a venda dos sabonetes vermelhos nos Estados Unidos aumentou notoriamente.

Assim se demonstrou a possibilidade de difundir pela televisão uma publicidade invisível, mas também de exercer uma pressão fantástica e indiscernível sobre o livre arbítrio e, portanto, de dirigir a opinião pública.

Talvez se possa realizar o mesmo fenómeno com o som, e, de qualquer maneira, fá-lo-ão um dia.

A «cavorite» antigravidade

H. G. Wells, como Júlio Verne, foi um grande iniciado que descobriu, projectando-se no tempo futuro, realizações científicas, algumas das quais foram já postas em prática.

Durante um jantar no Table Ronde⁴, o nosso amigo

⁴ Investigadores e pioneiros do insólito reúnem-se todos os meses no Table Ronde, um restaurante da Rua Rodier, em Paris. Esses jantares são secretos e neles só se fala de coisas insólitas.

Melchior de Lisle recordou a história da «cavorite», essa liga apresentada por Wells numa obra de ficção que, contrariando a gravidade, permitiu ao professor Cavor voar até ao nosso satélite.

Existe nos E. U. A. um grupo, com sede e jornal, que se dedica à investigação para procurar fabricar a fabulosa liga!

Foi Edison, operário competente, mas fraco teórico, que teve em tempos a ideia, e a transmitiu a um milionário excêntrico, e desde então as pesquisas continuam!

No fim do século passado, o grupo pensou que a «cavorite» tinha sido ultrapassada por uma invenção que deu muito que falar, mas que parece votada ao esquecimento: o aparelho de Keely.

Keely aguenta dez toneladas num só braço

Foi em 1887 que se fez uma experiência sensacional para a época, num laboratório de Filadélfia, diante de doze magnates da indústria mineira.

Um inventor desconhecido, chamado Keely, conseguiu, em poucos segundos, desintegrar blocos de quartzo aurífero pondo-os em contacto com uma pequena máquina que segurava na mão.

Os blocos tocados por ela desfaziam-se em poeira, no meio da qual se distinguiam facilmente as partículas de ouro.

A experiência foi repetida ao ar livre, em Catskill Mountains, com o mesmo êxito, de tal forma que os magnates compraram minas abandonadas, o que teve uma certa repercussão no mercado do ouro.

Foi esta a informação que chegou a França no século

passado e que, se não interessou os meios científicos, chamou a atenção, pelo menos, dos meios teosóficos, pois a revista *Le Lotus*, órgão da Sociedade Teosófica de França, no seu número de Setembro de 1888, consagrou à questão um grande estudo, cujos pontos principais reproduzimos.

Keely era uma pessoa misteriosa, reticente, relativamente pouco versada nas ciências exactas, mas muito mais, sem dúvida, no conhecimento e prática do supra-normal.

As suas invenções eram variadas e os poderes pessoais maravilhosos. Conta-se que enrolava um fio num cilindro de ferro que pesava várias toneladas, ligando esse fio a uma máquina inventada por si. Quando a corrente passava, Keely «levantava o cilindro com um único dedo e transportava-o como se fosse uma rolha de cortiça».

«Transportou também — diz o jornalista R. Harte em *Le Lotus* —, com uma única mão, um aparelho com uma força de 500 cavalos, duma ponta à outra da sua sala de trabalho, sem fazer um único risco no chão.

Os engenheiros, espantados, disseram que não conseguiriam fazer esse transporte sem um tractor, o que implicaria desmanchar o tecto da mesma sala...

Nos últimos tempos, dedicou o seu trabalho à óptica e, por meio de três fios colocados na lente dum microscópio, tornava o poder de aumentar a imagem próprio deste aparelho igual ao do grande telescópio do Observatório de Lick, o maior do mundo.

Por que razão os nossos astrónomos e peritos em lentes não correm a examinar o microscópio de Keely?»

«Se não fossem os compromissos a que o inventor se obrigou em relação à Companhia do Motor Keely, cuja ajuda aceitou — escreve a Sr.^a Bloomfield Moore

no *Philadelphia Inquirer* de 20 de Janeiro de 1888 —, os segredos que tão cuidadosamente guardou seriam agora do domínio público, de tal forma ele se preocupa pouco, pessoalmente, com os resultados financeiros. (!)»

Keely teria portanto descoberto essa força misteriosa, o *vril*⁵, que reside no nosso «eu» desconhecido.

Outras testemunhas viram-no fazer girar um globo oco a uma velocidade «aterradora» e garantiram que o seu microscópio permitia «ver o funcionamento do coração de animais microscópicos».

Inventou também um telescópio através do qual se via «qualquer objecto de dez pés quadrados à superfície da Lua».

Atitude estranha

Em Março de 1888, o dr. Franz Hartmann foi da Itália a Filadélfia, a convite de Keely.

O inventor só lhe concedeu duas curtas entrevistas e explicou-lhe o princípio da sua invenção por meio de palavras cujo sentido só ele compreendia, de tal forma que o dr. Hartmann confessou que não tinha entendido nada.

Durante a segunda entrevista, os familiares de Keely aconselharam o visitante a «não interromper Keely com perguntas e que se sentasse a seus pés e escutasse»!

Mais uma vez, a explicação foi extremamente confusa; Keely falou de «força etérica — matéria-prima dos alquimistas —, de concordância de massa, soma e substân-

⁵ Ver *A Raça Futura*, de Lord Lytton Bulwer. O *vril* é a energia atômica de poder desintegrador que os Atlantes parecem ter conhecido (segundo o escritor Gautier-Walter).

cia dessas forças elementares que correspondem à onda vibratória...»⁶

Finalmente, Keely acabou por receber o bom do doutor, e mostrou-lhe o seu «desintegrador», mas não os milagres que este esperava.

«A maneira como o aparelho funcionou — escreveu o dr. Hartmann — convenceu-me de que Keely era capaz de fazer mover uma roda por meio de som.»

Mesmo aceitando esta declaração, temos de confessar que as provas fornecidas estavam longe de justificar as proezas maravilhosas certificadas por certas «testemunhas» anónimas!

Finalmente, convém dar a opinião sobre esta estranha questão do nosso confrade Gautier-Walter:

«A invenção de Keely era autêntica — declarou ele —, mas, como acontece com as revelações dos iniciados, era prematura, e, conseqüentemente, foi contrariada pela decisão dos quatro Senhores do Mundo, que residem no palácio do deserto de Gobi, no local onde se encontrava, antigamente, a ilha Branca...»

O motor Keely

Seja como for, é interessante acrescentar aos arquivos desta questão, em que nada se provou nem se demonstrou que fosse absolutamente falso, as características do aparelho cujo nome era «desintegrador vibratório». Cavia na mão e a revista *Le Lotus* descreve-o do seguinte modo:

«É um anel oco circular, suspenso por um gancho,

* É próprio de charlatão falar numa giria semiespiritualista, semicientífica, que não significa nada, mas pode disfarçar a sua ignorância junto dos crédulos.

contendo no interior dezoito ressoadores. Na superfície, vêem-se agulhas ou fios vibrantes, dispostos circularmente e por ordem decrescente sobre três ressoadores exteriores, ligados entre si por fios metálicos.

No meio, há um segundo anel oco, chamado tambor, contendo, como se pode ver, duas filas circulares de tubos graduados como os dum órgão.

No centro, encontra-se um disco que gira a grande velocidade.

Na parte inferior do aparelho está fixado um pequeno globo oco donde parte o fio condutor da força; esse fio é composto de prata, ouro e platina.

O desintegrador carrega-se fazendo vibrar com a unha, uma só vez, uma das agulhas-diapasão, e a força desenvolvida é, por assim dizer, infinita.

Este aparelho pode desintegrar toda a matéria.»

A levitação dos santos

Actualmente, um investigador que mora em Toulouse — que de forma nenhuma queremos comparar com o dr. Keely —, Jean Goujon, entrega-se a interessantes trabalhos sobre a gravidade e a levitação.

Jean Goujon estuda as propriedades das fontes de ondas coerentes emissoras (por exemplo, membrana de altifalante) quando todos os pontos da sua superfície vibram em fase, quer dizer, num só bloco.

As muitas experiências a que se dedicou permitem-lhe afirmar que essas fontes criam à sua volta um campo atractivo, idêntico a um campo gravitacional.

Seria demasiado longo explicar matematicamente a teoria, mas em resumo ela resulta nesta fórmula: uma

superfície dum metro quadrado, vibrando a 350 metros por segundo de velocidade de vibração linear, pode erguer cinco toneladas.

Partindo deste quase postulado, Jean Goujon estuda o problema que preocupou o professor Cavor de Wells e o engenhoso Keely — a levitação.

Como expor em poucas linhas os princípios dessa investigação sem ser atrozmente herético aos olhos dos leitores de formação científica? Eis, no entanto, o que concluímos da exposição de Jean Goujon:

«Se suprimirmos, através duma cortina apropriada, a transmissão da onda sonora coerente em direcção ao solo, a resultante é dirigida para o alto e tende a fazer erguer o conjunto...

Uma combinação simultânea de ondas sonoras, electromagnéticas e de «ondas primárias» deverá poder provocar a levitação ou a agravidade...»

Esta teoria — que não podemos desenvolver — explicaria a misteriosa força das levitações observadas nos santos e nos mágicos.

Segundo Jean Goujon, o indivíduo não exerceria forças interiores, mas do exterior, por efeito duma «onda-alma», o que chocará tremendamente os racionalistas!

A agravidade e Marcel Pagès

O dr. Marcel Pagès é sem dúvida o técnico da agravidade mais conhecido no mundo da pesquisa.

Segundo o dr. Umberto Bonfiglioli, secretário-geral do Centro Europeu para as Pesquisas sobre a Agravidade, nenhum investigador aprofundou tanto como Marcel Pagès o estudo do problema.

Este doutor de Perpilhão interessou-se primeiramente pelas forças conjugadas dos giroscópios e a força centrífuga que aumentam ao quadrado da velocidade, desenvolvendo tensões enormes numa massa em rotação...

Estudou a questão com o engenheiro Émile Drouet e, em 1921, conseguiu fazer voar um disco por agravidade.

A tese de Jean Goujon preocupou a seu tempo Marcel Pagès, que concluiu no entanto que, se os resultados são sensíveis no ar, os efeitos no vácuo exigem a actuação de potências enormes...

Não será portanto dentro em breve—mas com certeza num futuro próximo—que a agravidade tornará obsoletos os velhos sistemas da reacção e da hélice.

No entanto, tudo leva a crer que há máquinas agravitacionais a percorrer o céu à noite: os enigmáticos objectos voadores não identificados (abreviadamente: OVNI).

CAPÍTULO XVI

NÓS SOMOS EXTRATERRESTRES

A 1 de Janeiro de 1968, deveríamos estar concentrados no mistério dos objectos não identificados que circulam na nossa atmosfera.

Pressionado pela opinião pública, o presidente Johnson votou uma verba que, em dinheiro francês, somava cerca de 150 milhões de francos (antigos), destinada a pesquisas sobre os discos voadores, sob a direcção do professor Edward Comdon, de vários peritos e de alguns psiquiatras.

Passaremos então a estar mais elucidados sobre este mistério? Com certeza que não! É de prever que os resultados dos Americanos não satisfaçam ninguém. É certo que se vêem coisas no céu, mas não se sabe o que são, e estas percepções proporcionam-se a solicitar a imaginação, a provocar visões e a desacreditar a autenticidade do fenómeno.

A priori, é difícil de admitir que civilizações mais avançadas que a nossa venham, a bordo dos discos voadores, brincar às escondidas com os nossos guardas de cancelas ferroviárias e também com os nossos pacatos agricultores.

Se se realizasse uma ligação entre dois planetas, seria

revestida dum carácter razoável, científico e nada estúpido... a menos que consideremos estúpida uma forma que não podemos compreender.

Comandos-sugestão

Na multitude de hipóteses que podemos formular sobre os objectos celestes não identificados, ocupa primeiro lugar a dos comandos-sugestão destinados a preparar os nossos espíritos para uma vinda mais ou menos próxima de extraterrestres.

Evidentemente, objectar-se-á que a preparação é longa, visto que dura há séculos, mas que vale essa objecção?

A nossa noção de tempo terrestre ou galáctico talvez seja completamente diferente daquela que impera nas estrelas distantes.

Se os insectos chamados efémeros são dotados de uma consciência desenvolvida, deverão ter pena de ver o entomologista aplicado e lento que, durante um dia inteiro, quer dizer, durante a metade da vida do insecto, o estuda ao microscópio.

Podemos também encarar o problema sob um outro aspecto: uma viagem, mesmo a velocidade superior à luz, é talvez uma aventura considerável, infinitamente onerosa e sujeita a casualidades, que comporta infinitamente poucas possibilidades de êxito. Nesse caso, os contactos, por razões que nos escapam, estarão impedidos ao nível da nossa atmosfera ou talvez mesmo do nosso solo.

Certos comentadores afirmam que os extraterrestres estão entre nós, mas num universo multidimensional que nunca coincide com o nosso mundo de três dimensões.

Seriam portanto invisíveis, fora do alcance da percepção de todos os nossos sentidos, e no entanto omnipresentes e capazes de nos ajudar, por sugestão por exemplo, conduzindo as investigações dos sábios e inspirando os artistas e escritores.

Embora tendo poderes para isso, estariam pouco interessados em integrar-se no nosso mundo inferior e utilizar-nos-iam como agentes produtores de certas formas de energia necessária à sua subsistência, esperando que o nosso nível intelectual nos permita tornar-nos iguais a eles.

Terá sido neste sentido que os Antigos lhes davam os nomes de Vigilantes, Vigias, Esclarecidos, Senhores do Mundo?

Estaremos nós ainda no estágio do sono e da sugestão exterior, como o pretendem certos filósofos?

Se fosse esta a verdade sobre os extraterrestres, seria difícil de compreender a natureza e o sentido do fenómeno actualmente em curso.

A que propósito viriam essas luzes, essas deslocções luminosas no céu e — talvez — essas aterragens se os visitantes do espaço só operassem no invisível?

Outrora, quando vieram à Terra, não se apresentaram como exploradores medrosos, reticentes, que fugissem ao mais leve sopro de vento. Pelo contrário, entraram na nossa vida social com o conhecimento de todos, e trouxeram os elementos positivos da civilização e da ciência.

Os homens do século xx, desconcertados, já não sabem onde está o bom senso desta aventura confusa, ilógica, onde se misturam os testemunhos mais sinceros e os menos plausíveis.

No entanto, estes tempos de incerteza foram já vividos por muitos povos.

Há 12 000 e há 5 000 anos, vieram à Terra astronautas, e sobre esse ponto não subsiste dúvida, mas, desde há 3 000 anos, os objectos celestes nunca deixaram de estar presentes no céu, misteriosamente.

Alguns aterraram clandestinamente, outros, as célebres nuvens, sem aterrarem, desempenharam um papel de grande importância, mas nenhum extraterrestre parece ter querido manifestar publicamente a sua presença entre nós.

Como o nosso problema coincide com o dos nossos antepassados, pensamos que o estudo dos OVNI (objectos voadores não identificados) antigos é susceptível de contribuir com uma certa ordem na confusão em que nos encontramos.

O papiro de Tulli

Nos arquivos do falecido professor Alberto Tulli, antigo director do Museu Egípcio do Vaticano, Monseñor Gustavo, irmão do professor, encontrou um papiro em mau estado, datando do Império Médio, que deu a traduzir ao príncipe Boris de Racheweltz, eminente egipólogo. Apesar de todas as lacunas, o papiro continha um relato estranho¹:

«...Durante o terceiro mês do Inverno do ano 22, à sexta hora do dia, os escribas da Casa da Vida viram um círculo de fogo no céu. (Embora) não tivesse cabeça, o bafo das suas goelas tinha um cheiro nauseabundo.

¹ Reproduzido pela *Bufoi*, de Setembro-Outubro de 1966.

O corpo tinha o comprimento e a largura dum pau, e não tinha fogo.

Os corações dos escribas encheram-se de terror e confusão, e eles deitaram-se no chão... (lacunas)... vieram contar ao Faraó. Sua Majestade ordenou... (lacunas)... foi examinado... (lacunas)... e meditou sobre o que tinha acontecido e que foi registado em papiros na Casa da Vida. Depois de passados alguns dias, estas coisas (círculos de fogo) tornaram-se mais numerosas que nunca. Tinham um brilho mais forte que o dos raios do Sol, e estendiam-se até aos limites dos quatro pilares do céu... (lacunas)...

A posição desses círculos de fogo no céu era todopoderosa. O exército observou-os, com o Faraó no meio.

Foi depois do jantar. Depois os círculos de fogo subiram no céu, em direcção ao sul. (Em seguida) caíram peixes e pássaros do céu. Foi uma maravilha nunca vista desde a fundação deste país (Egipto)! E o Faraó mandou vir incenso para estabelecer a paz na Terra... (lacunas)... e aquilo que tinha acontecido, o Faraó ordenou que fosse escrito nos anais da Casa da Vida... (lacunas)... para que seja sempre recordado.»

É possível que nos acusem de dar preferência aos testemunhos do passado em relação aos do nosso século!

Admitimo-lo de boa vontade, mas temos de reconhecer que o carácter de autenticidade é infinitamente maior quando é sancionado por um édito do faraó, ou se provoca a chegada dum deus, do que quando se trata de extraplanetários anónimos que desembarquem num campo de alfazemas!

Traves brilhantes e homens voadores

Plínio, o Antigo, fala (*História Natural*, liv. II) de «três luas» que apareceram durante o consulado de Domício e de Fáunio, de «sóis nocturnos», de «escudos ardentes» e de «estrelas que correm em todos os sentidos, provocando violentas alterações atmosféricas».

Cita também as «traves brilhantes» que apareceram na derrota naval que custou aos Lacedemónios o império da Grécia.

Não é absurdo pensar que estas máquinas voadoras talvez tenham favorecido um campo em detrimento do outro; quantas vezes a «nuvem» do Senhor não trouxe a vitória ou a sorte à tribo dos Hebreus!

Há outros relatos muito mais sujeitos a dúvida!

As tradições dos índios de Minnesota e do Canadá, contadas por George Hunt William, dizem que, antes da chegada dos europeus, aterravam nos seus lagos carros silenciosos, de forma arredondada.

Quando os conquistadores chegaram, os aviadores desapareceram com as máquinas, depois de afirmarem que voltariam.

Esses aviadores enganaram-se ou enganaram os ingénuos índios, porque depois do século XVI não voltaram a dar sinais de vida, a não ser que os identifiquemos com os irmãos Wright, pioneiros da aviação em 1907.

Não temos na Europa documentos sobre a aviação dos tempos pré-históricos ou, pelo menos, anteriores ao século XVIII, mas sabemos que eles abundam na Ásia e mais ainda na América Central.

A laje de Palenque tem gravado o desenho dum foguetão de reacção! De facto, é preciso ser irredutível

como S. Tomé para não aceitar esta verdade e para não reconhecer caldeiras e engenhos voadores nos códices e manuscritos maias.

Estas provas indubitáveis de uma interferência entre as viagens interplanetárias e a antiga civilização mexicana incitam-nos a dar um certo crédito às lendas americanas.

O coronel A. Braghine, autor dum notável estudo sobre a Atlântida², escreve:

«Vi em São Salvador, na América Central, numa colecção particular, um prato de barro ornamentado com desenhos que representavam homens a voar por cima de palmeiras, em curiosas máquinas, donde saíam chamas e fumo.

A não ser que estes desenhos sejam a ilustração duma história local, temos de admitir que uma raça desconhecida da América pré-histórica assistiu às primeiras experiências que a humanidade fez para voar...

Uma americanista bem conhecida, a Sr.^a Osborne, é de opinião que este prato é extremamente antigo...»

Os nimbos estranhos

Um dos nossos correspondentes e amigos, André Castou, ao falar-nos de nimbos e de auréolas, chamou-nos a atenção para um acontecimento extraordinário que nos conduz ao passado mais longínquo dos Hebreus.

O dicionário dá como definição de *nimbo*: «do latim *nimbus* = nuvem, em grego = *nefele*. Círculo de luz posto pelos pintores e escultores à volta da cabeça dos santos e de entidades divinas.»

² *L'Enigme de l'Atlantide*, coronel A. Braghine.

Outra definição, absolutamente idêntica na sua verdade visual: nimbo — disco voador posto pelos pintores e pelos escultores à volta da cabeça dos santos e de entidades divinas para representar o símbolo da sua vinda do espaço celeste.

Nada há a criticar nesta explicação, rigorosamente justa em todos os pormenores. Mas continuemos:

Nimbo = *nimbus*, vem do grego *nefos*, *nefele* ou do sânscrito *nabha*. A etimologia é a mesma para *nuvem*, esse objecto celeste voador *não identificado* que guiou os Hebreus e estava sempre presente quando Deus se manifestava.

O nimbo, a nuvem, é também etimològicamente a «nuvem dos deuses», o carro que transportava da Terra ao Céu, tanto na Bíblia como nos Vedas, no Avestá como nos manuscritos maias.

Apolo era representado com um nimbo à volta da cabeça.

Coincidência curiosa: os cosmonautas modernos, nas revistas para crianças, são desenhados com esse nimbo, figurado com um capacete de vidro flexível. Premonição ou alegoria?

E as coincidências vão ainda acentuar-se com os estranhos *nefilim* da Bíblia, cuja etimologia é a mesma que a de nimbo: do grego *nefele*.

E os «nefilim» estranhos

Traduz-se por «gigantes» os *nefilim* da Bíblia. Depois de os «filhos de Deus» ou «anjos» ou cosmonautas terem tomado para mulheres as filhas dos homens, a *Génese*, capítulo VI, versículo 4, acrescenta:

«Ora, havia *nefilim* na Terra nesse tempo. Porque, depois de os filhos de Deus terem desposado as filhas dos homens, surgiram crianças que foram homens poderosos e famosos no seu século.»

Compreendemos perfeitamente: os *nefilim*, por cruzamento com as belas raparigas da Arménia, do Irão, do Cáucaso, das montanhas Rochosas e dos Andes (ater-raram, o que é curioso, perto dos principais pontos petrolíferos do globo...), os *nefilim* engendraram crianças mais fortes e mais inteligentes que as crianças autóctones.

Mas acontece que a tradução de *nefilim* por «gigantes» é pouco exacta.

Segundo Vaschalde, *nefilim* significa gigante ou *maravilhoso*, ou seres maravilhosos; literalmente: que fazem prodígios.

E esses *nefilim* devem ter regressado à Terra há 5000 anos, na época do Baal fenício, porque Moisés admoestou os Hebreus a seu respeito (*Deuteronómio*, capítulo XXXII):

«16. Esses rebeldes irritaram-no: adorando deuses estranhos atraíram a sua cólera pelas abominações que cometeram...

17. Em vez de oferecerem sacrifícios a Deus, ofereceram-nos aos demónios, a deuses que desconheciam, a *novos deuses vindos* que os seus pais nunca tinham venerado.»

Compreende-se a cólera do bom Moisés: tem de esconder a identidade dos antigos deuses, os *nefilim* vindos dum outro planeta, e levá-los a adorar o Deus único, inconhecível, abstracto, e eis que aparecem Baal e As-tarte! Os Hebreus, assim como os povos da Ásia Menor,

surpreendidos por esta erupção de iniciadores extraterrestres, põem-se a dar-lhes graças.

Oferecem os sacrifícios a esses *deuses novos vindos* que os seus pais, forçosamente, nunca tinham venerado!

Esses novos vindos são de resto *nefilim* também, brilhantes, autores de prodígios, e, além disso, são «novos».

É esse o problema! Porquê mudar de deuses, quando se tem um bom?

Um cosmonauta chamado Azazel

Finalmente convertidos ao Deus único que lhes impunha Moisés, os Hebreus serviram-se de toda a astúcia possível para combater os «novos vindos» e os seus adoradores, à frente dos quais estavam Azazel e os Filistinos.

Desacreditaram-nos na Bíblia, o que era um meio seguro para os tornar antipáticos e fazer deles adeptos do Diabo³.

A verdadeira identidade de Azazel é dada pelo *Livro de Henoch* depois da aterragem dos anjos-cosmonautas:

Capítulo VII, versículo 9: «Eis o nome dos seus chefes: Samyaza... Urakabameel, Akibeel, Tamiel, Ramuel, Daviel, Azkeel... Asazel, Arazeal.»

Os extraterrestres coabitaram com as belas terrestres, ensinaram-lhes a feitiçaria e os encantamentos.

Capítulo VIII, versículo 1: «Azazel ensinou ainda aos

³ Os deuses duma antiga religião são sempre apelidados de «diabos» pela nova. O caso mais típico é o dos deuses hindus e do Irão.

O bom deus Indra dos Vedas tornou-se o demoníaco Andra do Avestá; os *devas* (génios bons) da religião de Brama transformaram-se nos *daevas* (demoníacos) da religião de Zoroastres.

O mesmo aconteceu entre os Hebreus e os Cristãos: o excelente Azazel e o bom Satã foram chamados demónios.

homens a fazer espadas, facas, escudos, couraças, espelhos...»

Azazel era portanto o principal iniciador dos homens, mas foi também um grande sedutor, o que tornou as mulheres sensuais e adúlteras, e, com razão ou sem ela, os Hebreus consideraram-no como sendo responsável pela deterioração da moral e consequentemente pelo dilúvio que veio como punição.

Para instituir o deus único, era portanto preciso eliminar esse espalha-brasas, o que de resto fizeram sem quaisquer escrúpulos, visto que Azazel, na cerimónia das Expições, beneficiou, com o Eterno apenas por companhia, do sacrifício dum bode.

Os Hebreus tinham boas razões para subtrair ao anjo-cosmonauta a auréola de deus, mas fizeram mal em apagá-lo da história da civilização. Foi esse o grande erro!

Durante milénios, serão devorados por um complexo de culpa e confessar-se-ão veladamente, prestando uma certa homenagem àquele que destronaram.

É muito importante notar que Azazel é de facto o nome daquele a quem os Hebreus pediam a remissão dos pecados.

Na Tora, diz-se que o Bode expiatório será enviado de Azazel. Ora a palavra hebraica traduzida por «de» significa *para* ou ainda *com destino a*, o que restitui o sentido verdadeiro à cerimónia. Tratava-se portanto, efectivamente, duma expiação, dum reconhecimento de falta⁴.

⁴ Foi por uma associação natural de ideias que os reprodutores mais ardentes — touros, bodes, veados e carneiros — se tornaram os símbolos dos iniciadores extraplanetários. E legarão ao Diabo, a Satã, a Pã os cornos e os cascos, o que, no plano esotérico, está correcto.

Os Filistinos e Baal

Outros inimigos dos Hebreus: os Filistinos, Baal e Ishtar, deuses da Fenícia e da Assíro-Babilónia.

Segundo os enciclopedistas, «os Filistinos são muito denegridos na Bíblia, o que se explica muito naturalmente pela corajosa defesa que opuseram aos empreendimentos dos Hebreus; nada é mais odioso aos olhos dos conquistadores que um povo adverso à servidão que lhe querem impor».

Os Filistinos, como os Hebreus, eram arianos, de quem descendiam através dos Pelasgos, mas continuavam a adorar os deuses dos antepassados, aqueles que precisamente convinha fazer desaparecer para maior glória do Deus único.

Então, como tinham feito com Azazel, os Hebreus acusaram de todos os crimes os deuses inimigos: Dágon (o iniciador que se identifica com Oannes), Baal, Moloch, etc.

Daí provém o ódio incessante que transparece na Bíblia pela «Estrela», que, entre os povos da Ásia Menor, nunca representa o Sol, mas o Astro por excelência.

Sempre a diabólica Vénus!

E as civilizações antigas, a dos Egípcios e a dos Gregos, urdiram como os Hebreus uma conspiração do silêncio ou da calúnia à volta do cosmonauta Azazel e de Baal, a fim de atribuir aos seus próprios antepassados o título usurpado de primeiros iniciadores.

Nós somos extraterrestres

Sabemos que o planeta Vénus era a pátria de origem dos cosmonautas do ano 5000, mas donde teria vindo o primeiro contingente, o de Azazel?

Donde teriam surgido os homens de antes do dilúvio, que fundaram a Atlântida e Mu?

Descenderiam dos macacos, como afirmam os entendidos da Pré-História? Estes não conseguiram descobrir o elo que liga o homem a um antepassado animalesco. Se o tivessem descoberto, saber-se-ia e os museus não deixariam de apresentar as provas. Em Paris, em Saint-Germain-en-Laye, em Eyzies, em Berlim, em Tóquio e em Londres, por mais que procuremos, nada o confirma.

Pelo contrário, encontram-se, e em quantidade, os elos que ligam a maior parte dos animais aos que os precederam na escala zoológica: o crocodilo à serpente, a serpente ao peixe, o cão ao lobo, o porco ao javali, o galo ao pássaro, a esponja ao vegetal... as filiações nunca mais acabam!

Mas quanto ao homem... nada! Ou antes, sim! Os especialistas da Pré-História conseguem apresentar alguns elos, os únicos que são autênticos: *crânios relativamente recentes de homens mais inteligentes que nós*, visto que o volume da caixa craniana, de 1600 cm³, é maior que o da nossa, cuja média é apenas de 1550!

Qualquer um deduziria lógicamente:

1. Que não temos antepassados animais conhecidos;
2. Que o nosso tipo actual parece descender dum homem antigo mais evoluído.

Sim, é isso que qualquer um pensa, mas não acontece o mesmo com os especialistas da Pré-História!

De resto, como o mundo existe desde épocas que nem mesmo conseguimos precisar, somos levados a admitir que, se não há fósseis humanos na Terra, devem estar algures fora dela!

Hipótese herética, que nos teria valido a fogueira há alguns séculos!

No entanto, as mais antigas tradições arianas afirmam-no incessantemente—os homens brancos vieram dum outro planeta⁵. Noutros termos, isto quer dizer que os Celtas, os Hindus, os Escandinavos, os Hebreus, os Germanos, os Gregos, os Egípcios e os Árabes são descendentes de extraterrestres.

Sanconíaton escreveu: «Os deuses dos nossos antepassados eram *mortais*, homens.» Ora, os deuses mais antigos são o Aryaman védico, que era um deus casamenteiro, e o Airyaman avéstico, cujo privilégio era o de curar.

Os estranhos Arianos

Estes deuses⁶ eram os antepassados dos arianos, aos quais damos o nome de brancos, não pelo desejo de simplificar ou generalizar, mas porque nos parece arbitrário e racista estabelecer entre os homens da mesma cor distinções que dão inelutavelmente origem a guerras, ódios e espírito de segregação.

Para os linguistas, o substantivo *ari* (de Aryaman) é um problema por resolver. Significa *o estrangeiro*, se-

⁵ Esperamos que o leitor não veja nesta asserção qualquer ideia de ódio ou de racismo. É bem possível que os Negros, os Amarelos e os Peles-Vermelhas tenham vindo do céu, mas quanto aos Negros, por exemplo, não encontramos qualquer referência nos arquivos da humanidade.

gundo Thieme e conforme confirma Georges Dumézil, director da École des Hautes Études⁶.

A palavra *arya*, com acento tónico no fim, significa estrangeiro.

Os Hindus designavam-se a si próprios *árya*, e os Iranianos *arya*.

O ariano dos Hindus é sem dúvida alguma o *airya* do Avestá iraniano e também, pensa-se, o *ir* ou *iron* dos Irlandeses, dos Alanos e dos Ossetas do Cáucaso.

Ora os mortais que eram os nossos antepassados não tinham nascido na Terra.

Com efeito, os textos sagrados hindus dizem:

«O caminho de Aryaman é o caminho que vai duma estrela à Terra.» As tradições da Lituânia esclarecem que essa estrela se encontrava na Via Láctea.

Lê-se no *Taittirîya Samhitâ*, LI-3-14-t-v (Keith):

«Ye te' ryaman bahavo devayânâh
panthânâh râjan diva â caranti
tebhir no deva mahi çarma yaccha
çam na edhi dvipade çam catuspade»

(Os teus muitos caminhos, ó Aryaman, por onde vão os deuses, e que, ó rei, vêm do céu, etc.)

Essa estrela donde vinham os nossos antepassados arianos era também o destino «das almas que iam para o mundo dos Pais, pelo Caminho de Aryaman».

Estamos longe do planeta Vénus, situado entre a Terra e Mercúrio, mas, na época em que Aryaman veio à Terra, não sabemos onde estava Vénus, que era, nessa altura, um cometa ou uma estrela da Via Láctea.

Mais tarde, vieram à Índia outros visitantes do espaço, procurando talvez os compatriotas do contingente

⁶ Ler *Le Troisième Souverain*, de G. Dumézil, página 102.

de Aryaman, mas desta vez eram venusianos—os Nâsatyas ou Açvins (os cavaleiros do céu), «que trouxeram do céu a luz da manhã e da noite», quer dizer, Vénus Lúcter e Vénus Vésper.

A chegada dos Açvins coincidiu com a dos deuses venusianos da Ásia Menor e da América, e sabemos que se deu há 5000 anos.

Centenas de textos antigos não deixam lugar a dúvidas sobre as chegadas de extraplanetários, e pensamos que o problema actual dos objectos celestes não identificados deveria ser estudado à luz dos dados históricos que possuímos a esse respeito.

É o que faz um investigador, apaixonado como poucos, que vive na Normandia: André Castou.

A ideia de André Castou

Primeiramente, a ideia de Castou é susceptível de causar espanto, mas o leitor que pondere:

«Há dois tipos de discos voadores—escreve Castou—, os grandes e os pequenos, habitados respectivamente por gigantes e por anões.

Os discos voadores não vêm observar o que se passa na Terra: espiam-se mutuamente.

Um disco voador enorme é pilotado por Pã em pessoa; o chefe dos discos voadores pequenos—em maior número—é Gwyon (ou Korrig, o anão).

Há antagonismo entre os gigantes e os anões. Pã tem a seu lado: Sileno, Saturos, Azazel e os monstros antigos.

O disco que transporta Pã lança luzes fulgurantes vermelhas, no meio das quais brilha uma bola de fogo de cor acobreada.»

Castou baseia a sua tese na identidade que existe entre a descrição, por um lado, dos gigantes e anões da mitologia e, por outro, dos pilotos de discos voadores que se observam nos nossos dias.

Porque passa as noites a observar o céu, viu uma quantidade de objectos voadores que escapam à observação dos homens adormecidos. Em suma, poder-se-ia dizer do nosso correspondente e amigo que é um desses «Vigilantes» que os escritos sagrados nos recomendam que sejamos!

«Não há ortotenia — diz Castou —, os S.V. deslocam-se em todas as direcções.»

Será necessário dizer que as teses de Castou são violentamente combatidas, tanto nos meios «disquistas» como nos meios adversos?

Com efeito, como é que seres mitológicos, e portanto inexistentes, poderiam, percorrendo em voo o espaço de alguns milénios, integrar-se numa aventura cujo carácter científico ultrapassa de momento os nossos conhecimentos mais audaciosos?

É o mesmo que afirmar-se que dentro de pouco tempo veremos nas nossas planícies centauros e centauras a galope, que em Saint-Tropez as sereias virão fazer concorrência a Brigitte Bardot e que, na estação de caminho de ferro de Poitiers, a Esfinge apresentará problemas aos viajantes da linha Paris-Bordéus...

Acrescentemos à informação que demos sobre Castou que lhe acontece frequentemente ver dez, vinte e trinta discos voadores numa só noite!

O processo está já decidido: Castou sofre de alucinações.

Um júri não pensaria outra coisa.

Para nós, há uma outra explicação, mais fantástica,

mas mais lógica: Castou é médium e fala por meio de alegorias, exprimindo não o pensamento consciente, mas o das entidades que agem sobre ele.

Gwyon, o anão

O que diz Castou tem grandes probabilidades de ser falso quanto à letra, mas tem quanto ao espírito uma ressonância de verdade maravilhosa, no indizível profundo.

Pã, Azazel e Gwyon não são mais que um ressurgimento da aventura original, quando os Senhores do Mundo, sem dúvida por causa da forma dos seus engenhos intergalácticos, foram identificados a serpentes voadoras e a dragões.

Com os anões, os duendes e os diabinhos, representados por Gwyon, o tema e a vidência continuam com o mesmo vigor.

Na mitologia céltica, Gwyon é o anão iniciado, personificação da ciência humana, inventor «do meio de perpetuar o pensamento através do tempo e do espaço».

É originário da Via Láctea, que os nossos antepassados chamavam a Cidade de Gwyon, ou Ker-Gwyon, e atribui-se-lhe como pai Don, que vive na constelação de Cassiopeia. Todos estes pormenores constituem talvez indícios.

Gwyon é portanto uma entidade análoga a Azazel e a Prometeu, cosmonauta e iniciador como eles, mas *muito mais pequeno*.

É essa a única diferença.

Diferença de proveniência, talvez de raça, e que poderia entrar na explicação da guerra que se verificou entre a Atlântida e a Terra de Mu.

Os Atlantes eram os «grandes», e possivelmente os habitantes de Mu os «pequenos», visto que se encontram na ilha da Páscoa estátuas de gigantes. Ora, como o indicam as estátuas da Córsega e da Sardenha, opõe-se sempre ao inimigo vitorioso, não a imagem dos vencidos, mas a dos vencedores, aumentada e exagerada.

Os homenzinhos da ilha da Páscoa esculpiram portanto os gigantes da raça inimiga, e não os representantes da sua própria raça.

São estas razões, ligadas ao problema dos objectos celestes, que nos fazem tomar em consideração a tese de Castou.

Fenómenos idênticos aos que foram observados em tempos longínquos estão a dar-se agora, e continuarão a surgir num futuro próximo. Como vidente, como médium, Castou anuncia-os sob uma forma alegórica, continuando conscientemente alheado do facto.

Era o que queríamos dizer quando afirmámos que Castou era «manobrado» por forças ocultas.

A vida é possível em Vénus

Últimamente, os astrofísicos têm posto em dúvida que Vénus seja inabitada. Segundo o professor soviético Alexandre Lebedinsky, a temperatura à superfície deste planeta deve andar por volta dos 50 graus centígrados, embora as medições da radiação radioelétrica indiquem 300 a 400 graus. •

Podem-se fazer observações análogas na superfície relativamente fria dos tubos de gás, utilizados para a publicidade luminosa: a radiação radioelétrica desses tubos equivale a vários milhares de graus centígrados.

O professor soviético supõe que as camadas superio-

res da atmosfera venusiana sofrem fenómenos eléctricos latentes semelhantes aos dos tubos de gás, devido à rotação lenta do planeta (uma revolução à volta do eixo de 247 dias).

Na Terra, em que a rotação é mais rápida, os fenómenos eléctricos atmosféricos tomam um carácter tempestuoso⁷.

Os físicos William Plummer e John Strong calculam que devem existir em Vénus imensas zonas em que reina uma temperatura suportável, que permite a existência de vida humana. Essas regiões devem ser mesmo mais extensas que a Terra.

Além disso, convém salientar que as condições climáticas do planeta Vénus, há 5000 anos, ou uns séculos depois da sua estabilização no sistema solar, eram talvez muito diferentes — e mais favoráveis — que actualmente.

De qualquer maneira, seria arbitrário não confiarmos em todos os indícios de que Vénus foi a base de partida dos cosmonautas antigos.

Os Fenícios, os Assiro-Babilónicos, os Maias e os Incas não combinaram entre si, com certeza, a forma de mentirem⁸.

Os extraterrestres: cérebros sem corpo...

Em 8 de Abril de 1960, os Estados Unidos iniciaram o projecto OZMA, cujo objectivo era escutar cientifica-

⁷ *La Terre et l'Univers*, revista.

⁸ Em *La Sagesse Mystérieuse des Anciens*, de Francis Bacon, no capítulo XII, intitulado «O Céu ou a Origem», lê-se: «Durante esta primeira geração das coisas, advinda sob o reinado de Saturno, Vénus não era ainda nascida.» Este relato está próximo do de Sanconiaton, de tal forma que nos leva a crer que Francis Bacon tenha lido uma tradução da *História Fenícia*.

mente as mensagens enviadas pela rádio no espaço por eventuais civilizações do cosmo.

— O professor chinês Huang, muito conhecido pelos astrónomos americanos, calcula que existem provavelmente milhares de planetas em que vivem extraterrestres.

— O dr. Freeman Dyson, físico do Instituto dos Estudos Avançados da Universidade de Princeton, emite a hipótese de os cosmonautas terem de vir a ser obrigados a viver em estado de hibernação durante as longas viagens interestelares. O astrónomo Ronald Bracewell, mais audacioso, pensa que há civilizações no espaço que conseguiram criar uma raça adaptada à sua missão de pioneiros do cosmo: uma raça de mensageiros espaciais, espécie de cérebros sem corpo, cuja função seria recolher o máximo de informações sobre as civilizações extragalácticas.

«Possuirmos uma nave vinda de um outro planeta seria extremamente importante», declara o major Hector Quintanella, da base aérea de Wright Patterson (Ohio), e para favorecer uma aterragem de visitantes extraterrestres, a cidade de Cocox Beach, na Florida, construiu uma pista de 90 metros de largura por 300 metros de comprimento.

Discos voadores em quantidade

Os Americanos, apesar das pesquisas a que se dedicam, e que provocam grandes despesas, não acreditam nos discos voadores. Doze dos seus sábios estudaram 750 observações e reconstituíram laboratorialmente lu-

minosidades que foram tomadas por OVNI. É pelo menos o que afirmam.

Dizem tratar-se de fenómenos de refracção, de reflexão ou de inversão. Nos dois primeiros casos, uma camada de ar frio retransmite para a Terra os raios luminosos duma estrela. Na inversão, uma camada de ar quente comprime-se entre duas camadas de ar frio, comportando-se como uma superfície de vidro.

Nos laboratórios da Universidade de Raleigh, na Carolina do Norte, os físicos fabricam discos voadores em quantidade, deslocando-se em grupos ou isoladamente, e mudando de direcção, de velocidade e de forma.

Estas experiências têm um grande interesse, mesmo que não expliquem a maioria das aparições luminosas, o que deve ser o caso.

O que é certo é que o céu é um campo fértil em fenómenos estranhos, mas perfeitamente naturais.

A 15 de Agosto de 1854, a cidadezinha de Jaroslau, na Polónia, esteve intrigada com um deles, como informa este artigo de jornal:

«A Lua, que se levantava, inclinava-se quer à direita, quer à esquerda, e continuou a balançar-se desta forma, sempre mais depressa à medida que se elevava no horizonte.

De repente, caiu com uma velocidade extraordinária até à linha do horizonte, e subiu logo a seguir, com a mesma velocidade, até à altura que tinha já atingido.»

Tratava-se provavelmente dum fenómeno de aberracção muito conhecido dos astrónomos.

No entanto, é certo que os objectos celestes não identificados não são sempre fantasmas eléctricos ou devidos a visões de observadores mais ou menos normais.

Como lamenta Castou, poucas pessoas se interessam pelo fenómeno de maneira eficaz.

Seria fácil estabelecer em todo o globo um sistema de rede de observatórios astronómicos, coisa que ainda não foi feita.

— Os próprios «disquistas» realizam inquéritos incoerentes e aceitam como autênticos todos os relatos, mesmo os mais delirantes.

Os Marcianos têm pele escura, olhos azuis, e são muito mais evoluídos que nós, garante uma mulherzinha que com certeza nem sequer andou na escola primária... certos jornais anunciam que foram destruídas 10 000 brochuras em que se revelavam os «segredos» dos discos voadores, nos E. U. A.... em São Paulo, um plácido pescador recebe dum marciano um cartão de visita feito de metal desconhecido... no México, a qualquer hora do dia há multidões que vêm circular no céu os «plati-volitis»...

Quem pode acreditar em tais disparates?

Finalmente, nunca se fez, o que nos parece da maior importância, um inquérito junto das muitas testemunhas de aterragens de marcianos ou de «homenzinhos verdes» que consistisse em procurar conhecer a natureza dos alimentos ingeridos por essas testemunhas nas horas que precederam esses encontros.

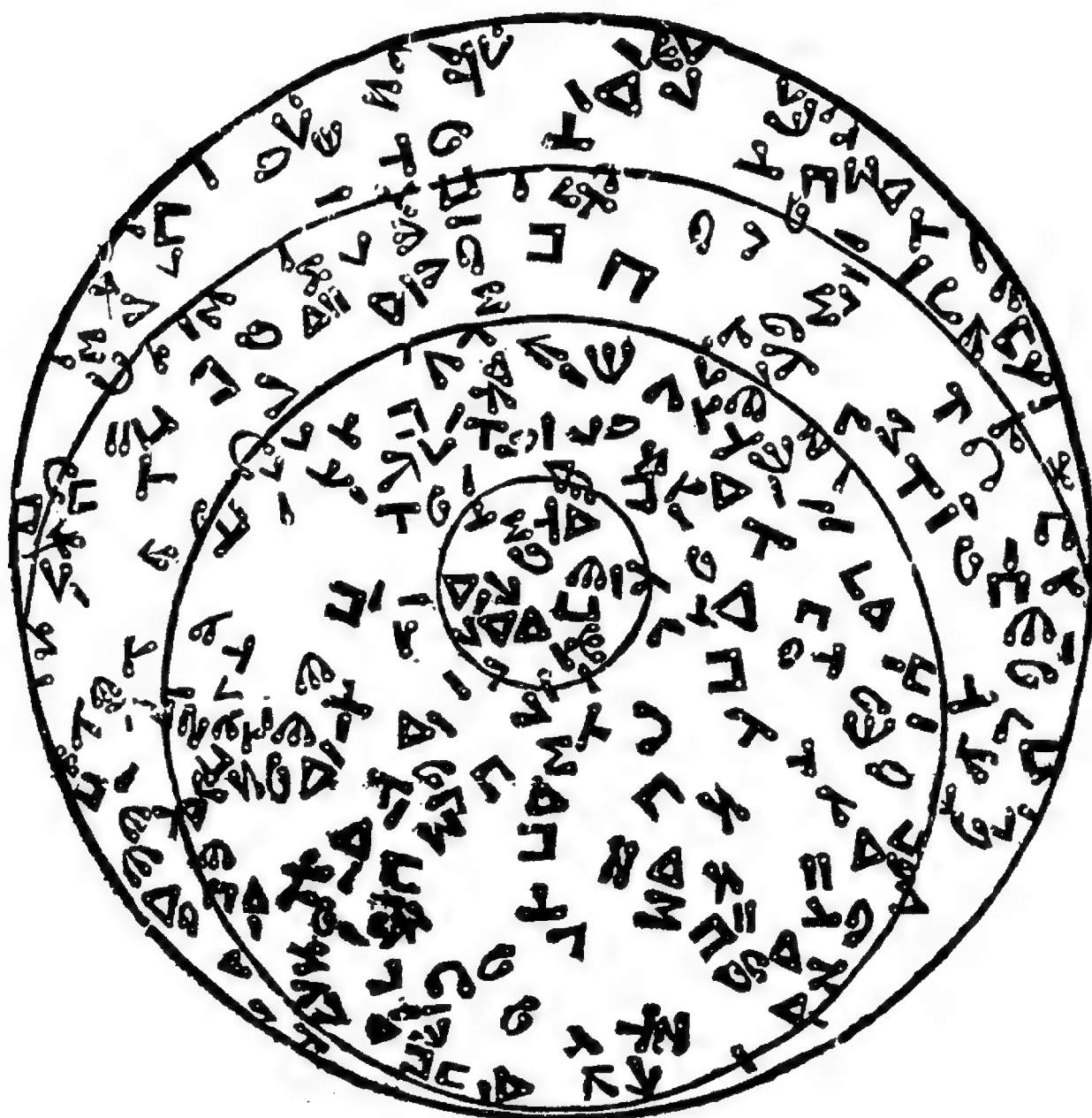
Existem tantas drogas alucinogéneas que certamente se poderiam explicar muitas das visões causadas por elas!

Além das bebidas alcoólicas, podemos garantir que muitos cogumelos, tisanas e combinações químicas insuspeitadas desempenham o papel de bebidas iniciáticas, ou seja, de alimentos próprios para provocar alucinações.

Há gente de mais a ver discos voadores, anões, a Virgem Maria, Cristo, e até Deus em pessoa!

A escrita celeste

Desde os primeiros tempos, os homens tentaram ler os sinais do céu.



ALPHABET HEBREU CELESTE

ו א ב ג ד ה ו ז ח ט י כ ל מ נ ס ע פ צ ק ר ש ת
 א ב ג ד ה ו ז ח ט י כ ל מ נ ס ע פ צ ק ר ש ת

Num livro antigo, intitulado *Lecture des estoilles e de tout ce qui est en l'air*, o cronista Jacques Gaffarel apresenta uma tese divertida:

«A saber se podemos ler qualquer coisa nas nuvens e em todos os outros meteoros.

Primeiramente, leitura pressupõe qualquer sinal visível, sejam letras, caracteres, marcas, números, traços, flâmulas, dardos, nós, redes, buracos, pontos, animais ou qualquer outra coisa sensível.

Ora todos estes sinais ou figuras podem ser representados nas nuvens, e a leitura que podemos fazer pode ser de três maneiras: por letras e caracteres conhecidos; por hieróglifos; por marcas ou sinais...»

Em resumo, o bom do Jacques Gaffarel entretinha-se a dar às estrelas formas de letras hebraicas, que depois se juntavam em palavras e em frases coerentes!

Este método empírico não tem quaisquer garantias nos nossos dias, mas tem pelo menos o mérito de sugerir uma experiência que consistiria em fotografar o trajecto mais ou menos caprichoso dos objectos celestes luminosos.

Esse trajecto poderia constituir um ensinamento, se fosse um sinal ou talvez mesmo um desenho ou uma letra qualquer.

Não podemos deixar de pensar no *zend* e no sânscrito, que derivam, segundo se diz, da língua desconhecida trazida dum outro planeta pelos nossos antepassados arianos... ou da escrita hebraica, se de facto foi inspirada pelos «anjos».

Nostradamo e os foguetões siderais

Nostradamo, que foi talvez um vidente, teve a pré-ciência das viagens espaciais, porque dá um relato sibilino num documento que contradiz as previsões da vidente americana Jeanne Dixon. Segundo Nostradamo, foi uma «surpresa nocturna» que impediu os Russos de atingir o planeta Marte.

Eis a quadra em que a Rússia é simbòlicamente representada pelo urso:

«O Grande Urso atingirá breve
Numa máquina mágica, mundos longínquos.
Onde vive o grande Marte
Surpresa de noite, o Piedoso Precenser.»

Mas Nostradamo faz também alusão à aterragem-surpresa dum invasor, vindo do céu num dia de eclipse solar, em Julho de 1999, e que provocará o medo e a consternação. Essa previsão figura na Centúria X, quadra 72.

«No ano mil novecentos e noventa e nove e sete meses

Virá do céu o Grande Rei do terror
Ressuscitar o grande Rei de Angoulmois
Antes depois de Marte reinar por felicidade.»⁹

Antes... depois... depois... antes! O planeta Marte entrará em contacto connosco antes de chegarmos a ele? Ou a viagem interplanetária realizar-se-á depois da vinda do Grande Rei do terror?

⁹ «Nostradamus et les fusées siderales», artigo de Rumélius em *Initiation et Science*, n.º 55, Natal de 1962.

O mistério dos homenzinhos verdes

O misterioso M.N.Y., que nos enviou uma interessante documentação sobre os extraterrestres de Próxima de Centauro¹⁰, mas que se recusa a revelar a identidade, pretende que os serviços secretos das grandes nações não ignoram «a existência de máquinas voadoras lenticulares, actualmente a serem ensaiadas em vários centros de estudos astronáuticos».

M. N. Y. dá também uma explicação sobre os estranhos homenzinhos verdes que centenas de pessoas afirmam ter visto descer duma máquina interplanetária, ou voltar para ela:

«A aberração das fontes luminosas provenientes duma *vaidorga* (os engenhos intergalácticos dos cosmonautas de Próxima de Centauro), que sai da contracção para aparecer no universo em expansão, produz também o seu efeito sobre os cosmonautas quando descem duma nave espacial.

O fenómeno pode ser comparado ao que é causado pela deformação num espelho côncavo... É o que se passa quando se tem o privilégio de ver seres saídos dum universo em contracção.

Os raios luminosos são então mais de dezassete vezes menos rápidos que o acontecimento, e assim o observador regista imagens já acontecidas para os experimentadores (efeito de distorção).

Na realidade, aqueles a quem chamais pequenos marcianos verdes são *baals* (habitantes do planeta Baavi

¹⁰ O Livro dos Segredos Traídos, capítulo XXI.

de Próxima do Centauro) muito bem constituídos e medindo dois a dois metros e trinta.»

Recordemos que M. N. Y. diz estar em comunicação com extraterrestres. A explicação que dá dos pequeninos homens verdes é aliciante, porque torna aceitáveis testemunhos contraditórios em aparência.

O pântano da gravidade

A história dos discos voadores acrescentaremos uma teoria que foi proposta em 1793 por um matemático francês, Lagrange.

Baseando-se em cálculos, Lagrange tinha descoberto que certos pontos do espaço interplanetário se podiam perfeitamente representar pelo valor zero, na atracção universal.

Nesses pontos ou «pântanos gravitacionais», que são cinco entre a Terra e a Lua, as atracções do nosso globo e do seu satélite compensavam-se perfeitamente, de forma que os corpos que entrassem neste campo eram sujeitos a imobilidade estática, com um verdadeiro equilíbrio, no meio do turbilhão universal.

Os sábios modernos não admitem esta tese, mas não se põe de parte, no entanto, a hipótese de existirem no cosmo esses universos fechados, que serviriam de bases, de refúgios ou de contactos aos viajantes espaciais.

Os homenzinhos do Tibete

Vivemos numa época dramática, e no entanto rica dum fantástico como nunca houve no decorrer dos séculos da História.

Chegou a época das revelações que deixarão os homens estupefactos e operarão uma revolução nas suas crenças e fés.

Por coincidência curiosa—mas sê-lo-á de facto?—, fazem-se as descobertas mais espantosas nas duas regiões em que floresceram as civilizações de antes do dilúvio: a América e a Ásia Oriental.

Foguetões espaciais no Tibete? Eis a informação, proveniente do Japão, que foi relatada pela revista alemã *Das Vegetarische Universum* e pela revista belga *Bufoi*.

Em 1965, um arqueólogo chinês, o professor Tsum-Um-Nui, publicou em Pequim um artigo intitulado «Naves Espaciais há 12 000 anos»¹¹.

Há vinte e cinco anos, nas cavernas de Baian-Kara-Ula, situadas na região montanhosa que separa o Tibete da China, os arqueólogos encontraram tábuas escritas que consistiam em discos chatos e redondos—em forma de pratos—cortados, por um processo desconhecido, em rochas de granito.

Junto das cavernas, havia túmulos alinhados em ordem perfeita.

Os historiadores identificaram esqueletos como pertencendo à raça dos Dropas e dos Khams, cujos indivíduos, que mediam cerca de 1,30 m de altura, não podiam ser classificados em qualquer das categorias existentes. Essa raça é totalmente diferente da dos Chineses, Mongóis ou Tibetanos.

Velhas lendas chinesas referem-se a homenzinhos amarelos e magros «que vinham das nuvens» e que, devido à sua fealdade extrema—tinham a cabeça ex-

¹¹ É exactamente a data que damos ao dilúvio universal.

traordinariamente grande e o corpo gracioso—, foram primeiro mantidos à margem, e depois massacrados «por homens montados em cavalos rápidos» (mongóis sem dúvida).

A análise dos esqueletos de Baian-Kara-Ula indicou que têm 12 000 anos de idade.

A este respeito, as primeiras notícias arqueológicas falaram «duma raça de macacos extinta». Esta asserção, referindo-se a seres que tinham cavado os seus túmulos e deixado uma quantidade importante de objectos de pedra, pareceu tão inverosímil que um dos autores da tese, o arqueólogo Tchi-Pu-Tei, foi violentamente criticado pela imprensa.

Tchi-Pu-Tei resolveu a questão dizendo que os discos escritos tinham sido trazidos para as cavernas por seres civilizados mais antigos que os Dropas.

Os Dropas aterraram há 12 000 anos

Em 1965, o professor Tsum-Um-Nui voltou a estudar o problema e fez descobertas espantosas.

Nas cavernas de Baian-Kara-Ula, tinham sido encontrados 716 discos de pedra que, como os nossos discos de música, tinham um orifício ao centro.

Desse orifício partia uma ranhura dupla em forma de espiral, que terminava na borda, o que acentua ainda mais a semelhança com os discos gravados.

A Academia de Pré-História de Pequim, depois de pacientes investigações, elucidou o mistério dos discos, mas as revelações que daí resultaram eram tão importantes que só muito recentemente autorizou o professor Tsum-Um-Nui a mencioná-las por alto.

Tratava-se duma escrita raiada que contava a odisseia de navegadores do espaço numa época em que, segundo os dados clássicos, era impossível que existissem foguetões siderais.

Eis a tradução publicada pelo professor Tsum-Um-Nui:

«Os Dropas desceram do céu com os seus flutuadores aéreos.

Dez vezes, até ao nascer do Sol, os homens, as mulheres e as crianças refugiaram-se nas cavernas. Finalmente, compreenderam por sinais que os visitantes vindos do céu tinham intenções pacíficas e os Dropas puderam aproximar-se...»

Outros textos em escrita raiada, atribuída desta vez aos Khams, reproduziam uma espécie de lamento onde se falava de «naves aéreas, destruídas durante a aterragem nas montanhas hostis», e da impossibilidade em que se encontravam os cosmonautas de construírem novos aparelhos, por não terem nem material nem as indicações necessárias para esta operação.

Discos que nos esclarecerão

Mas não terminam ainda as divulgações dos discos de pedra. Os sábios chineses, com precaução, raspam os preciosos objectos e fizeram analisar as partículas recolhidas. Continham uma importante percentagem de cobalto e de metal; os discos inteiros verificados pelo oscilógrafo desencadearam um ritmo impressionante de vibrações, como se estivessem carregados duma força eléctrica considerável. Pensa-se que a sua transformação num tipo de ondas ainda desconhecidas poderia consti-

tuir uma mensagem mais importante que a da escrita raiada.

Finalmente, uma outra descoberta, apoiando muito embora a tese da viagem interplanetária, complica ainda mais o problema: nas paredes das cavernas de Baian-Kara-Ula, foram encontrados desenhos gravados, representando o nascer do Sol, a Lua e as estrelas, ligadas a uma representação da Terra por uma grande quantidade de pontos que marcam o caminho seguido pelos cosmonautas do ano 12 000.

Ainda há muito para revelar sobre este mistério apaixonante.

A República Chinesa, que mantém secretas as suas titânicas pirâmides de Shansi e os documentos descobertos nos mosteiros de Lhassa, sequestra por razões políticas as pedras falantes dos cosmonautas tibetanos.

... ..

No nosso céu voam objectos enigmáticos, na nossa terra erguem-se monumentos de que desconhecemos os fins a que se destinavam e no nosso solo estão escondidas construções que não pertencem a qualquer das civilizações conhecidas.

O mistério rodeia-nos, e nem a nossa ciência nem a nossa história podem encontrar explicação para ele.

O homem, apesar de tudo, tenta satisfazer a sua necessidade e curiosidade, e, apesar da oposição, do silêncio e da reprovação daqueles que não querem que se desvende a verdade, procura conhecer por ilação o que a natureza não divulga senão fraccionariamente e faz amadurecer no decorrer dos tempos.

Os documentos falam, os iniciados quebram os selos das tábuas escondidas nos santuários... e dentro em

breve o homem conhecerá muito melhor o seu passado desconhecido.

Consultámos livros, solicitámos a ajuda de conhecedores, e estão anunciadas outras revelações. Oxalá o leitor considere com olhos bem abertos o que não passa duma tentativa honesta para o conduzir para fora dos caminhos que o conduzem à Sala dos Passos Perdidos e para o fazer tomar consciência de que, se os Senhores do Mundo vieram outrora à Terra, o tempo do seu regresso aproxima-se talvez...

SUMÁRIO

OS SENHORES DO MUNDO

INTRODUÇÃO (De pág. 11 a 14).

Capítulo I. A CENTRAL DA CONTRAVERDADE

As palavras que é proibido pronunciar. — Nós vivemos na Ásia. — Os antigos deuses dos Franceses. — Os antigos deuses dos Hebreus. — Os Hebreus são arianos puros. — No princípio Deus criou o Mundo. — Elohim em máquinas voadoras. — Até se escondia que a Terra era redonda. — Moisés não escreveu o «Génese» (De pág. 15 a 33).

Capítulo II. O MANUSCRITO MAIS ANTIGO DO MUNDO OCIDENTAL

Para eruditos e leitores curiosos.

A PREPARAÇÃO EVANGÉLICA

Eusébio queixa-se de ter sido caluniado. — Taautes era Thot. — Teologia dos Fenícios. — Nascimento dos homens mortais de raça divina. — Nascimento dos homens de raça terrestre. — Crono era um mortal. — Vinda de Astarte. — A História está deturpada. — A serpente misteriosa (De pág. 34 a 53).

COMENTÁRIOS

A serpente com hélices. — Há 5000 anos os deuses voavam. — A deusa branca voadora. — Cosmonautas em todo o globo (De pág. 54 a 59).

Capítulo III. AS CÓLERAS DO CÉU

Uma data: Vénus no ano 3000 a. C. — Luz sobre a questão das grutas de Lascaux. — Provas irrefutáveis. — As «quasars» e o dilúvio. — Os meteoritos e o dilúvio. — Pedras misteriosas e meteoritos. — Os glaciólogos: dilúvio há 12 000 anos (De pág. 60 a 73).

Capítulo IV. AS CINCO ILHAS DO GLOBO

Imaginemos o ano 10 000 a. C. — As vagas sobem a 2000 metros. — Emergem cinco ilhas. — Muito poucos sobreviventes. — O caso egípcio. — Uma mulher para repovoar o mundo (De pág. 74 a 84).

A EVOLUÇÃO HUMANA DO DILÚVIO ATÉ A NOSSA ÉPOCA

Quadro sinóptico e resumido (De pág. 85 a 87).

Capítulo V. AS VIRGENS NEGRAS

Anti-racismo cósmico. — Eva, Isis e as filhas de Loth. — A Senhora Negra das cavernas. — Os amantes insólitos. — O super-homem do geneticista J. Korke. — Os mestiços modificarão a face do mundo. — Extraterrestres para mulheres negras. — Adão e Eva eram negros. — Deus é branco. — Notre-Dame-de-Dessoubs-Terre (De pág. 88 a 104).

Capítulo VI. A INICIAÇÃO

1. A INICIAÇÃO NOS PRIMEIROS TEMPOS

Primeiros segredos guardados. — A escrita misteriosa. — Homens mascarados que só saem à noite... — A verdadeira iniciação. — Os que mataram o dragão (De pág. 105 a 116).

2. CIÊNCIA E INICIAÇÃO

O segredo da serpente que nada. — A energia atómica. — A verdade antiga é inacreditável. — Os iniciados da ilha de Havai. — A Esfinge vai falar (De pág. 116 a 125).

3. DEUS E OS INICIADOS

Proibido invocar Deus. — O deus de Moisés era celta. — Deus, infinitamente desconhecido (De pág. 125 a 131).

4. A INICIAÇÃO ANTIGA: SIGURD (De pág. 131 a 134).

5. INICIAÇÃO E AMOR

A mais bela história do mundo (De pág. 134 a 138).

6. OS VERDADEIROS INICIADOS

Os iniciados falaram. — Eles não sabiam tudo. — Os falsos iniciados (De pág. 138 a 143).

O MISTERIOSO DESCONHECIDO

Capítulo VII. O OUTRO MUNDO

O inexplicável. — Coincidências estranhas (De pág. 145 a 150).

O MISTERIOSO À PROCURA DE SOLUÇÃO

As profecias de Jeanne Dixon. — A gruta de Rosenkreutz. — Os quatro segredos R + C. — O livro todo-poderoso dos R + C. — Eram invisíveis. — Napoleão imperador R + C. — O maravilhoso desconhecido de Lola Rofocale. — Os «egregores». — A memória das coisas. — O fantasma do Sr. Lewis. — A ubiquidade de Melkom Khan. — Carlos Magno e o anel mágico (De pág. 150 a 166).

OS SEGREDOS DO *SWAMI* MATKORMANO

As estátuas de oráculos. — O espelho mágico. — O espelho de Mazda. — «Tiercé» e lotaria nacional. — O segredo das tochas eternas (De pág. 166 a 172).

CORRENTES TELÚRICAS — CORRENTES AÉREAS

Os locais mágicos onde apetece viver. — Um segredo dos Companheiros. — Equilibrar o + e o - (De pág. 173 a 177).

Capítulo VIII. A PIRÂMIDE DE FRANÇA E AS TORRES HERMÉTICAS

A fonte de Vénérand. — O campo dos ídolos. — A pirâmide de Falicon. — O primeiro templo subterrâneo. — O patriarca Gothland. — A pirâmide subterrânea. — A pirâmide de Autun. — A grande pirâmide da China. — A pirâmide de Chan-pa-Chan. — Cavernas de iniciação (De pág. 178 a 191).

AS TORRES HERMÉTICAS

Villepouge e Pierrelonge. — O bório de Charles S... — Alguém no invisível (De pág. 191 a 197).

FEITIÇARIA — MAGIA

Capítulo IX. A RAINHA DAS FEITICEIRAS DA ISLE DE MAN

Religião = Feitiçaria. — Hell Fire Caves. — A ilha mágica de Man. — A rainha das feiticeiras é francesa. — A religião da feiticeira. — O «sabbat» de Olwen. — Os poderes da feiticeira. — A magia de Paul Gregor. — Magia negra. — A maldição das focas. — Ricochetes. — A catástrofe de Fréjus (De pág. 199 a 218).

Capítulo X. DROGAS PARA VIAJAR NO TEMPO

O deus branco que insufla. — O cérebro, esse computador electrónico. — As drogas de iniciação. — O «noha» ou vinho que enlouquece. — A maçã e a parra. — As bebidas de iniciação. — A bebida perdida. — O terceiro olho (De pág. 219 a 237).

Capítulo XI. A LAJE DE PALENQUE

Os poderes fantásticos de Maria Sabina. — A vida verde. — A calta, o jade e a serpentina. — A planta extraterrestre. — Vidência para racionalistas. — O homem da máscara de jade. — O foguetão espacial de Palenque. — Arte de visionários. — O imenso medo dos Americanos (De pág. 238 a 261).

Capítulo XII. OS SENHORES INVISÍVEIS

O Metraton ou a Agarthá. — Ferecides, o iniciado. — Pitágoras: uma lição de amor. — O Senhor do Mundo de Guy Tarade. — Os Senhores de Peter Deunov. — Deus: dois braços, duas pernas... — Deus-osmose (De pág. 262 a 274).

Capítulo XIII. OS LIVROS DOS SENHORES DO MUNDO

Os manuscritos maias. — Para traduzir a escrita dos Maias (De pág. 275 a 279).

O MANUSCRITO TROANO (De pág. 279 a 290).

CÓDICE MAGLIABECCHIANO (Pág. 291).

O CÓDICE DE DRESDA (De pág. 292 a 295).

CÓDICE PEREZ (De pág. 296 a 297).

CÓDICE CORTESIANUS (De pág. 298 a 300).

DUAS REVELAÇÕES DOS MAIAS

1. Profecia de Napuctum.

2. Profecia de Ahkuil-Chel, sacerdote idólatra (De pág. 301 a 302).
AS PLACAS DO DESERTO DE GOBI (De pág. 302 a 303).
O MANUSCRITO DE TUEN HUANG (De pág. 303 a 306).

Capítulo XIV. O TESTAMENTO SECRETO DE SCHLIEMANN

Schliemann parece ter sido assassinado... — O rei Crono da Atlântida. — O rolo de papiro. — O vaso com cabeça de mocho. — O oricalco atlante. — A estrela de Baal. — Revelações proibidas. — O estranho Christos Mavrothalassitis. — Moedas de oricalco. — Helena e o foguetão espacial atlante (De pág. 307 a 328).

Capítulo XV. COISAS ESTRANHAS

Os Maias inventaram o futebol. — As lâmpadas dos «cuyos». — O mistério das pedras impressas. — A pedra de Asmodeu. — O frasco de Ba'albek. — Os poderes do invisível. — A «cavorite» anti-gravidade. — Keely aguenta dez toneladas num só braço. — Atitude estranha. — O motor Keely. — A levitação dos santos. — A agravidade e Marcel Pagès (De pág. 329 a 343).

Capítulo XVI. NÓS SOMOS EXTRATERRESTRES

Comandos-sugestão. — O papiro de Tulli. — Traves brilhantes e homens voadores. — Os nimbos estranhos. — E os «nefilim» estranhos. — Um cosmonauta chamado Azazel. — Os Filistinos e Baal. — Nós somos extraterrestres. — Os estranhos Arianos. — A ideia de André Castou. — Gwyon, o anão. — A vida é possível em Vénus. — Os extraterrestres: cérebros sem corpo... — Discos voadores em quantidade. — A escrita celeste. — Nostradamo e os foguetões siderais. — O mistério dos homenzinhos verdes. — O pântano da gravidade. — Os homenzinhos do Tibete. — Os Dropas aterraram há 12 000 anos. — Discos que nos esclarecerão (De pág. 344 a 376).

FOTOS



A Pirâmide de Falcon



A Pirâmide de Autun, estampa. Do monumento só restam
ruínas invadidas por ervas daninhas



A torre hermética de Ébéon (Charente-Maritime). Sem porta, sem janela, sem qualquer espécie de abertura



A torre hermética de Pierrelonge, junto de Saint-Romain-de-Benest (Charente-Maritime)



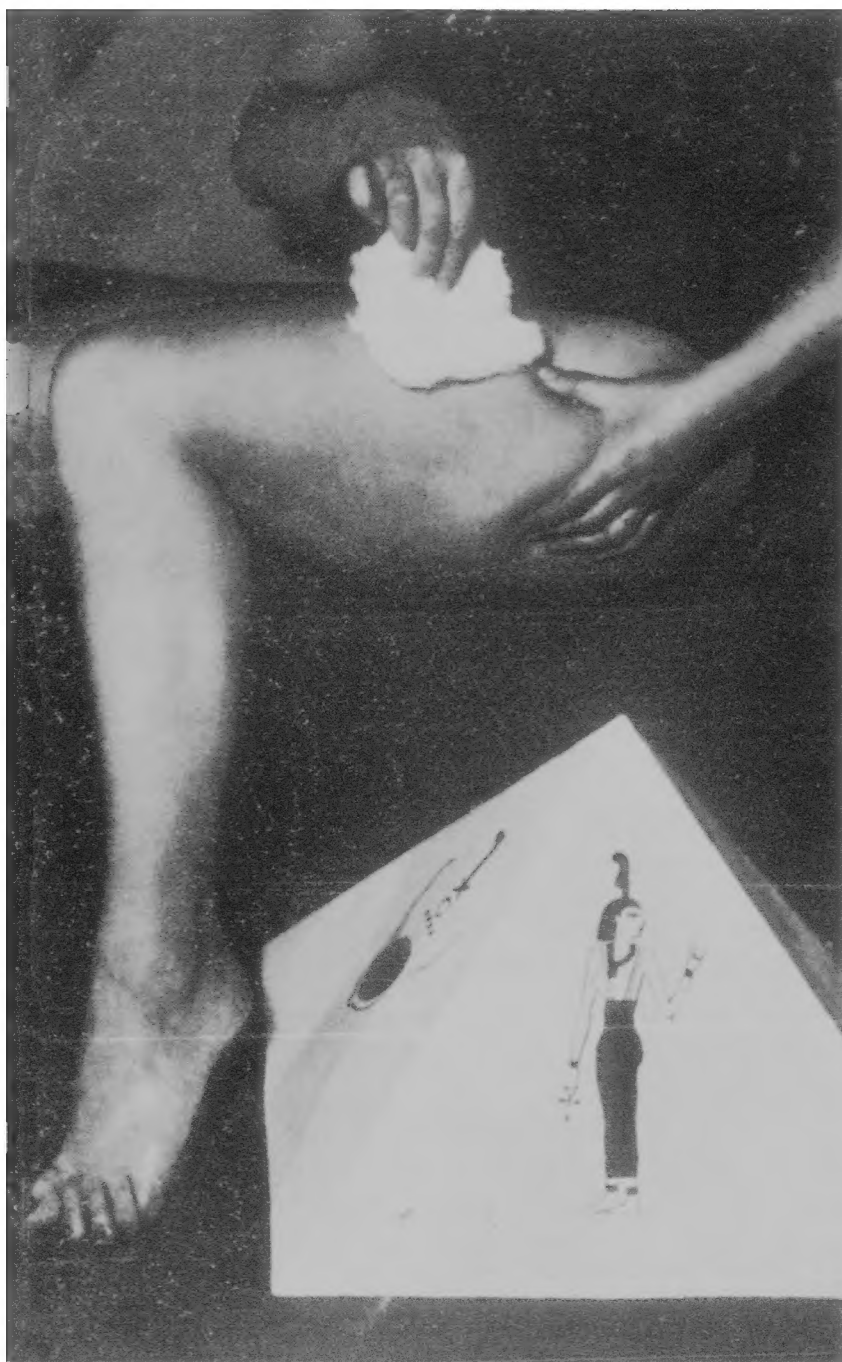
(À direita) Campo dos Ídolos em Saint-Barnabé. Serão as ruínas
duma cidade misteriosa, ou simples rochedos?

(Em cima) Esta cabeça de gigante terá por origem
o trabalho dos homens, ou foi um capricho da natureza?

A direita: pedra impressa. No museu de Cochabamba, na Bolívia, vêem-se também blocos de granito com marcas de mão ou de pé. Em baixo: pedra de Amélie-les-Bains. Uma mão enterrou-se neste grês como se fosse argila mole. Este mistério é impenetrável

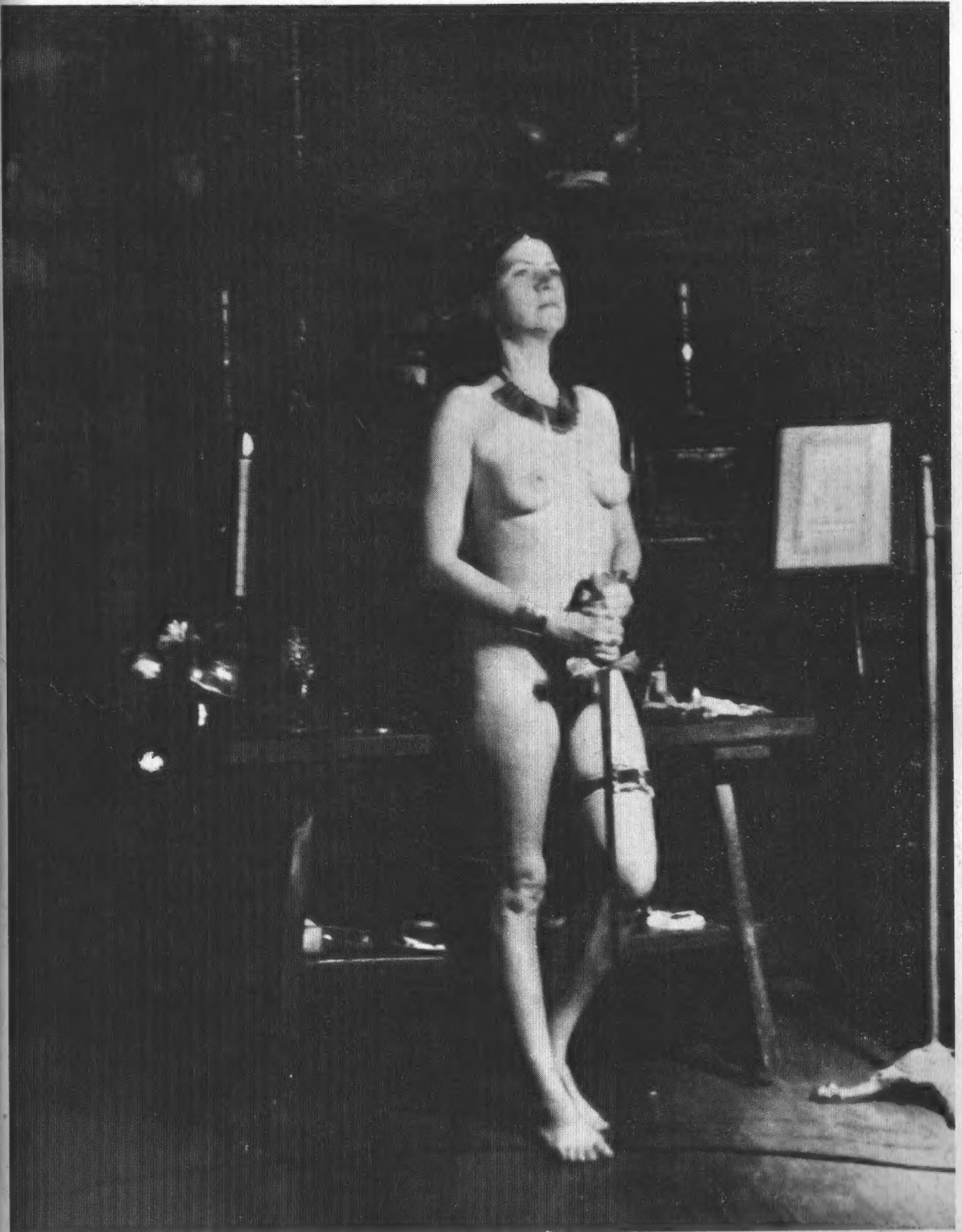


O Altar da Rainha das Feiticeiras. Chicotes, cibórios; punhais; para punir, santificar e defender-se!



(Em cima) Os ocultistas têm pequenas pirâmides de cartão com as proporções da de Quéops. Colocam objetos (algodão, água, frutos, alimentos etc.) a dois terços da altura dessa pirâmide (nível da câmara do faraó Quéops). Esses objectos adquirem, dizem eles, propriedades maravilhosas. O algodão e a água curam reumatismos e perturbações cardíacas. Os frutos e a carne secam sem apodrecer: mumificam-se. E isso é muitas vezes verdade!

(À direita) "Swami" Matkormano. Foi iniciado nos tirdós subterrâneos de Havaí.
Os documentos publicados provêm da colecção Catherine Krikorian



A feiticeira da ilha de Man (Inglaterra). É francesa e grande sacerdotisa da religião dos nossos antepassados celtas